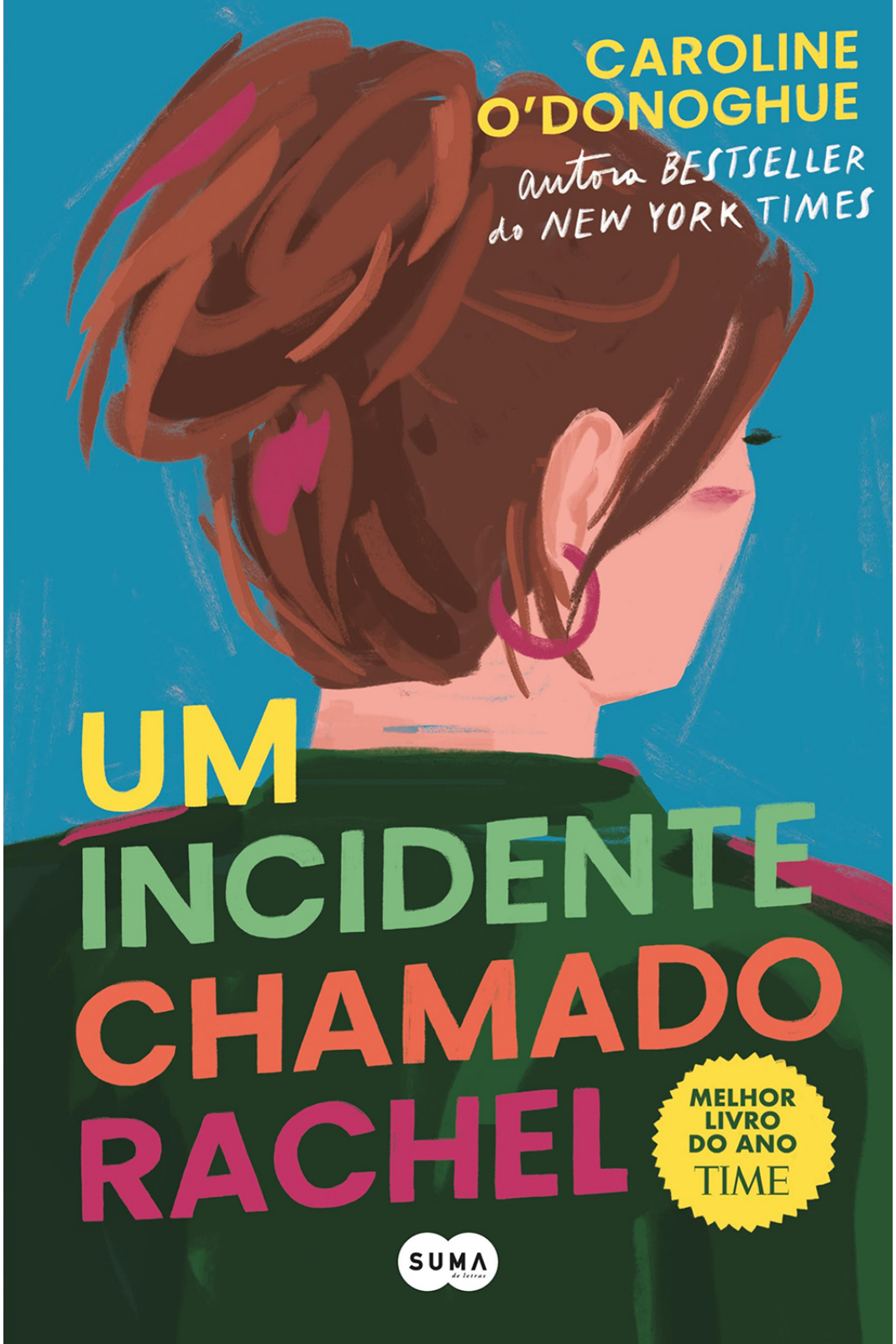




CAROLINE
O'DONOGHUE

autora BESTSELLER
do NEW YORK TIMES

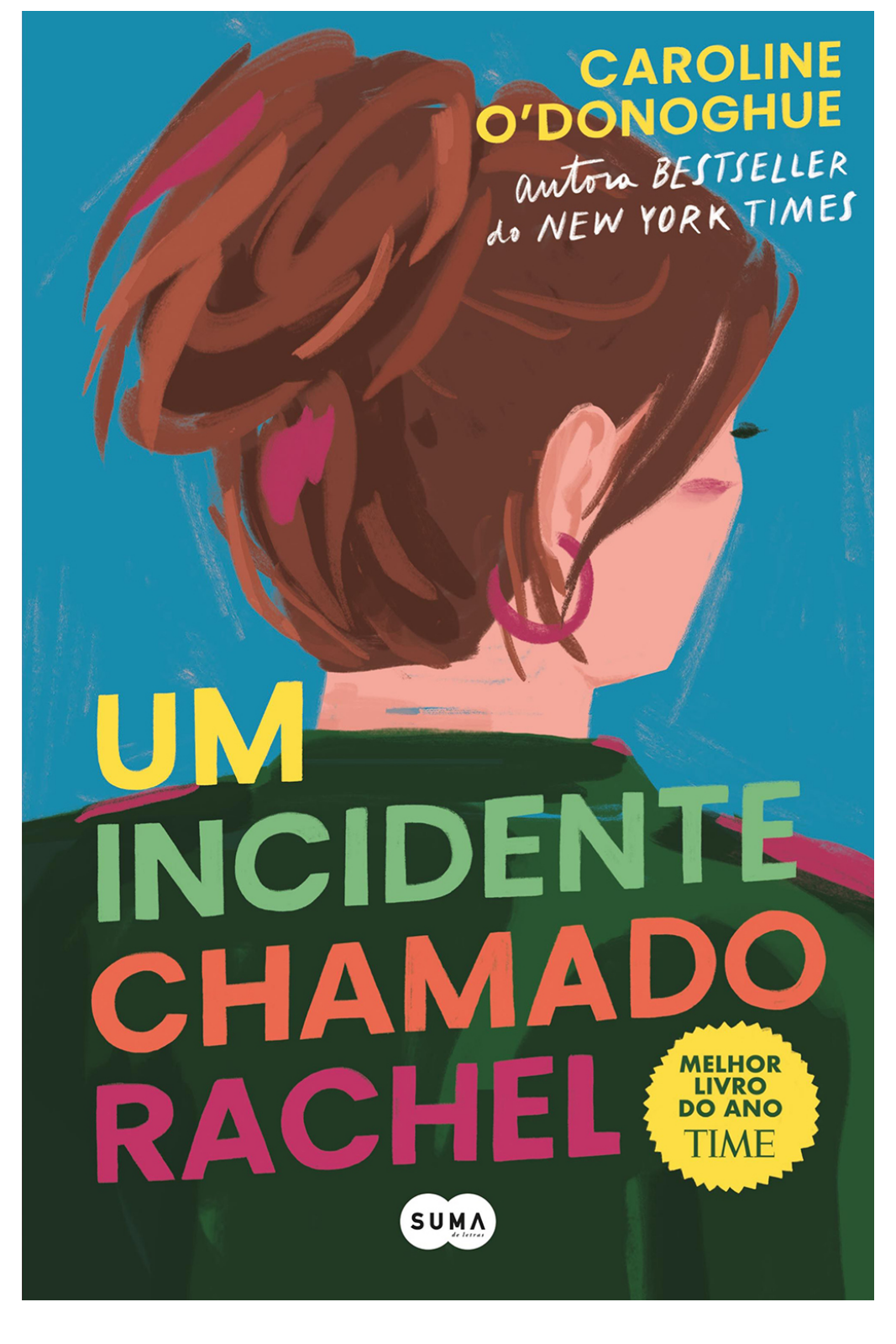
UM
INCIDENTE
CHAMADO
RACHEL

MELHOR
LIVRO
DO ANO
TIME



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



CAROLINE
O'DONOGHUE

autora BESTSELLER
do NEW YORK TIMES

UM
INCIDENTE
CHAMADO
RACHEL

MELHOR
LIVRO
DO ANO
TIME



CAROLINE O'DONOGHUE

UM INCIDENTE CHAMADO RACHEL

Tradução de
INÊS FRAGA





Edição em formato digital: maio de 2024

UM INCIDENTE CHAMADO RACHEL

Título original: *The Rachel Incident*

© 2023, Caroline O'Donoghue

Todos os direitos reservados.

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial apoia a proteção do *copyright*.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Tradução: Inês Fraga

Revisão: Maria João Fonseca

Capa: Sofia Fischer

ISBN: 978-989-583-066-4

Composição digital: leerendigital.com

Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [sumadeletrasportugal](https://www.facebook.com/sumadeletrasportugal)

Instagram: [topseller.suma](https://www.instagram.com/topseller.suma)

Índice

Um incidente chamado Rachel

Créditos

Dedicatória

Nota da Autora

Um incidente chamado Rachel

Agradecimentos

Sobre este livro

Sobre a autora

Aos homens na minha vida.
Ao Ryan Farrell, por me amar naquela altura,
ao Gavin Day, por me amar agora,
e ao meu pai, por me amar sempre.

Nunca planeei escrever sobre nada disto.

Bem sei que os jornalistas o dizem constantemente, mas, no meu caso, é verdade. A maioria de nós tem alguma grande experiência na vida que espera vir a transformar em livro um dia. Juro por Deus que essa nunca foi a minha intenção. O processo de elaboração de um livro foi-me desmistificado quando eu tinha vinte e um anos e desde então nunca acalentei qualquer vontade de me envolver fosse como fosse com livros.

1

Só costumo falar do Dr. Byrne com o James Devlin; portanto, sempre presumi que, caso o primeiro alguma vez regressasse à minha vida, seria através do segundo.

Estava enganada. Ele chegou-me através do *Toy Show*.

The Late Toy Show é um evento anual da televisão irlandesa no qual crianças fazem uma análise dos melhores brinquedos do ano e aconselham outras crianças no que respeita ao que devem pedir ao Pai Natal. É uma coisa importante para uma criança na Irlanda, e ainda mais importante se se for um adulto irlandês a viver no estrangeiro. É difícil explicá-lo a quem seja de fora. Esse facto constitui, por si, uma parte da atração. Ou se percebe ou não se percebe. Ou se é um de nós ou não se é. Talvez seja porque tanta gente se diz de origem irlandesa que vamos tornando as nossas piadas cada vez mais inacessíveis, postas em prateleiras cada vez mais altas, de modo que se tenha de pedir a um funcionário que as vá lá buscar.

Por todo o mundo, as pessoas reúnem-se para assistir ao programa, e os adultos aplaudem crianças de cinco anos a testar Polly Pockets ao vivo na televisão. Sou editora no *The Hibernian Post*, um jornal para os irlandeses na Grã-Bretanha. Cabe-me escrever acerca de movimentos de expatriados, pelo que tenho de escrever sobre o *Toy Show*.

— Tens a certeza? — pergunta a Angela. — Não quero mandar-te até ao Soho, com este frio, a três semanas do Natal.

— Não faz mal — digo, enrolando um cachecol em volta do pescoço até ao queixo, quase me estrangulando.

— Não quero parecer *aquela* colega — comenta ela. — Mas, no

teu estado atual...

— Estou ótima, a sério.

Afago a minha barriga proeminente, tendo apenas recentemente chegado a uma fase relativamente calma na gravidez. As náuseas e a incerteza de risco dos primeiros meses haviam-me feito sentir que me encontrava no estádio inicial de uma longa viagem de caça à baleia. Já tinha, bem vistas as coisas, abortado antes. Porém, no mês sete, alcancei uma espécie de loucura lamentosa em alto-mar. Não consigo imaginar terra. Tanto quanto sei, vou ficar grávida para sempre.

Lá me dirijo, então, para o bar em Soho que, por uma só noite, se tornou um porto de abrigo para todos os que sentem saudades de casa. Costumava frequentar muitas destas noites de expatriados, concertadas em volta de referendos e exigências de mudança. Preocupava-me muito. Estava investida. E andava também a fazer muito dinheiro. Os jornais ingleses publicavam inúmeras rubricas acerca da luta dos irlandeses pelo aborto, e eu fui uma das pessoas a quem pediram que as escrevesse. Entrevistei ativistas, gente desde Marie Stopes, gente que perdera filhas ou mulheres em partos complicados porque um médico se recusara a agir em prol da mãe. Tratou-se de um instante ínfimo em que ser uma jornalista irlandesa em Inglaterra significava alguma coisa. Fui a protestos e depois acabava em festas. A minha lista de contactos transbordava de pessoas a quem prometia ebriamente algo, alguma forma de cobertura que estava absolutamente fora da minha jurisdição prover.

O meu telemóvel ainda agora, quatro anos e um *upgrade* do *iPhone* depois, se agarra a eles. clara anulação, siobhan anulação, ashling anulação, donnacha anulação. Estranhos uns para os outros, mas brevemente ligados a uma árvore genealógica de gente que queria a mesma coisa e que, agora que a temos, não tem quase nada a ligá-los.

Estamos felizes por ter o aborto e o casamento homossexual, mas sentimo-nos sozinhos em noites assim.

Não há lugares livres e, no meu atual acesso de loucura de mar alto, esqueço-me de que agora tenho direito a uma cadeira. Um homem aproximadamente da minha idade, confortavelmente instalado junto de um grupo de amigos, oferece-me a sua.

— Não quero intrometer-me.

O grupo, a desfrutar tão intensamente da noite, parece-me

maioritariamente homossexual. Por cortesia para com os deuses sociais homossexuais, tenho de, pelo menos, fingir resistir a ser a mulher intrusa heterossexual. Estou, obviamente, ansiosa por me envolver.

Ele abana a cabeça e guia-me gentilmente até ao seu lugar.

— Não se preocupe, minha senhora, não se preocupe — diz, o sotaque dublinense a sobressair. — Que género de pessoas seríamos nós se deixássemos uma mulher grávida de pé no Natal?

— O que é que o Menino Jesus pensaria? — acrescenta um dos seus amigos, e, visto que agora estamos todos sentados tão próximo uns dos outros, não tenho outra alternativa senão tornar-me membro honorário do grupo. Sinto-me grata por isso. Fazem-me sentir grande e especial, como Maria a pairar perante os pastorinhos de Fátima.

O primeiro anúncio publicitário do intervalo começa e sinto um toque ao de leve na perna.

— Desculpe — diz um dos homens do outro lado do grupo, com quem ainda não falei. — Posso só perguntar...

Não consigo ouvir o que diz de seguida. O anfitrião da noite carrega no botão para silenciar o televisor e liga uma coluna de som. Começa a tocar «C'est La Vie», das B*Witched, o volume demasiado alto, fazendo com que todos deem um salto na cadeira. O anfitrião baixa rapidamente o volume, erguendo os braços, num gesto de *desculpem lá*.

Volto de novo a minha atenção para o homem.

— ... sabe, por acaso, como é que ele está? — pergunta o tipo, acabando a frase que não ouvi.

Talvez seja por estar entre homossexuais ou por me perguntarem tão frequentemente pelo meu melhor amigo. Talvez seja o cérebro de grávida. Mas achei mesmo que ele me estava a perguntar pelo James Devlin. Aquele era o cenário ideal para me perguntarem pelo James. Ele ocupa uma interseção engraçada no diagrama de Venn da fama: irlandês famoso, homossexual famoso, famoso nas redes sociais, mas não *propriamente* famoso. Famoso o suficiente para, se estivesse aqui esta noite, ser parado para fotografias, mas não autógrafos. Famoso o suficiente para, sendo um de cinco argumentistas num filme, um dos jornais no nosso país escrever a seguinte manchete: «Filme de Hollywood escrito por nativo de Cork.»

— Nova Iorque — respondo com orgulho. — Está a sair-se muito bem, e não só nos vídeos do Instagram. Escreve para um dos *talk shows*.

Ele olha-me com um ar confuso, pelo que nomeio o dito *talk show*. Outro olhar confuso. Ele franze o sobrolho.

— Estava no seminário de terceiro ano dele, não estava? — pergunta. — Do Dr. Byrne? De Literatura Vitoriana?

— O Dr. Byrne — repito, e, por um segundo, o meu cérebro desliga-se. Como se tivesse ocorrido uma falha de eletricidade. Centenas de luzes de um edifício a desligar-se de uma só vez.

— Andava na University College Cork comigo. Tenho quase a certeza — diz ele, devagar. — Estava no meu grupo com ele. Na turma do Fred Byrne na UCC.

— Sim — respondo, e, apesar do choque ao ouvir o nome, fico de imediato ciente da mensagem de pânico que o meu rosto está a enviar. Descontraio as linhas de expressão, mas tarde demais. Preciso de explicar algo a este estranho, embora não saiba por onde começar. Como é que alguém compreenderia o ano em Shandon Street a menos que estivesse lá, connosco, a vivê-lo?

— Ouça, não queria... — diz ele, apercebendo-se de que meteu a pata na poça, mas sem fazer ideia de como sair daquela situação. — Pensei que, como era uma das preferidas dele, ou, pelo menos, assim parecia, talvez soubesse.

— Soubesse o quê? — pergunto. Como é que poderei informar subtilmente a este estranho de que não andava, apesar do mito popular que corria por Cork naquela altura, enrolada com o Dr. Byrne?

— Ele está em coma — responde o tipo, largando a informação para poder fugir dela. — Teve uma doença marada qualquer na cabeça e agora está em coma.

Estar tão grávida faz-me sentir o corpo em camadas — crosta, manto e núcleo — e todo ele ressoa quando penso no Dr. Byrne. O grande e estranho Dr. Byrne, amante de vinho francês e apreciador de pequenos bolos. Os pastéis de nata tipicamente portugueses que nos trazia, ainda quentes, do English Market. Aquele sabor amarelo e profundo, os pedaços de açúcar queimado no topo.

A música derrama das colunas para nos informar de que a pausa

para publicidade acabou e o *Toy Show* regressa. Um rapazinho de Wicklow está a andar de bicicleta em círculos.

Preciso de ligar ao James.

2

É engraçado que eu e o James tenhamos acabado grandes amigos, tendo em conta que nas duas primeiras semanas da nossa amizade ele julgou que eu era uma pessoa completamente diferente.

Lembro-me da primeira vez que nos vimos como se fosse uma cena de um filme acerca de outra pessoa. Era uma quinta-feira de novembro e eu encontrava-me atrás do balcão da O'Connor Books. Estávamos em 2009. Era o meu último ano na universidade e faltavam vinte e nove dias para o Natal. O nosso gerente, o Ben, estava já preocupado com a possibilidade de aquela vir a ser uma época dececionante e andava sempre de um lado para o outro a fazer comentários sobre «a indústria». Falava da indústria livreira como se fosse um dragão acorrentado na cave que, a qualquer momento, nos desfaria, membro por membro. Mencionava a vaga de livros para oferecer no Natal — Dawn French e Julie Walters tinham lançado memórias concorrentes, creio eu — como se fossem cadáveres carbonizados que atirávamos na direção da boca do dragão para o manter saciado.

— Isto irá manter a indústria a funcionar — disse o Ben, com uma sinceridade quase comovente. Tinha mais fé nas memórias das atrizes do que imagino que as próprias Julie Walters ou Dawn French tivessem enquanto as escreviam.

Retirei mais uma pilha do armazém, a torre de livros a começar na minha cintura e a chegar-me abaixo do queixo.

O James Devlin começara a trabalhar como temporário de Natal na quinta-feira anterior, que eu tirara de folga para conseguir terminar os meus trabalhos de fim de ano para a faculdade. O James passara o

primeiro dia com a Sabrina. Mais tarde, dir-me-ia que ficara tão assoberbado com novas caras e nomes nesse primeiro turno que era tudo uma confusão. Quando lhe respondi que isso era treta, lançou as mãos ao ar e explicou que as mulheres heterossexuais lhe pareciam todas iguais.

O primeiro dia com a Sabrina deve ter sido divertido — um facto intrigante, tendo em conta que todos costumavam considerar a Sabrina pouco agradável — porque, quando o James levantou a tábua que dava acesso à zona do balcão, vinha cheio de conspirações.

— *Alguém* aqui tem sarna — disse ele — e deixou a loção no casaco.

Parece estranho agora descrever essa primeira conversa assim, porque não ajuda em nada a transmitir como o James era. Quão encantadora foi aquela frase de abertura para mim. «*Alguém* aqui tem sarna.» Proferiu-a como se fosse Poirot a investigar uma casa de campo maculada por um assassinio. Como alguém que via os preconceitos inerentes à nossa sociedade educada e estava preparado para os revelar. A segunda parte da frase era algo completamente diferente: «e deixou a loção no casaco.» Ele era do condado de Cork, de Fermoy para ser exata, o que para mim era campo, mas crescera no Reino Unido — um pouco por todo o lado, viria eu mais tarde a saber —, pelo que a sua voz tinha um sotaque peculiar, difícil de situar. Eu nascera em Douglas, uma pequena aldeia suburbana, três quilómetros a sul do centro da cidade, e ainda lá vivia.

— O quê? — perguntei, o choque da frase a estilhaçar a reserva vítrea que eu cultivara como parte da minha pessoa. A pessoa largamente conhecida como Rapariga Que Trabalha na Livraria. — E o que é sarna?

— Uma espécie de parasita.

— Como lombrigas?

— As lombrigas vivem dentro. A sarna é por fora. Já alguma vez tiveste lombrigas?

— Não.

— Nem sequer quando eras miúda?

Pensei no assunto.

— Micoze. Será o mesmo?

— Como é que a apanhaste?

Ele estava genuinamente interessado. Aquilo levou-me a desenterrar memórias de que já não me lembrava, o que me deixou com a sensação de ter descoberto uma parte nova do relevo oceânico.

— Tínhamos um gato, um animal vadio. Acho que apanhei dele.

— É engraçado que nos anos noventa todos os animais de estimação eram de rua — comentou ele. Estava a iniciar a máquina registadora, teclando um número de seis dígitos. — Naquela altura, adotava-se um cão do meio da rua.

Quando comecei a trabalhar na livraria, acalentava uma certa expectativa em relação a como se deveriam desenrolar as conversas dentro de um espaço como aquele. Seriam acerca de livros, julgava eu. No entanto, raramente falávamos sobre leituras. Os gostos literários entre o pessoal eram extremamente variados, mas, ao invés de estimular um debate animado acerca de literatura, isso significava que nos deixávamos ficar sentados em silêncio com os nossos livros na sala de pessoal. O Ben gostava do seu Joyce. A Sabrina adorava Terry Pratchett, Douglas Adams e todos aqueles outros tipos de escritores em que nunca sabíamos quando estavam a brincar ou não. Outros elementos do pessoal sentiam-se variadamente fascinados pela psicologia *pop*, *freakonomics*, história local e tudo o que tivesse que ver com *Simon's Cat*, mas eu também nunca iria encontrar nada em comum com eles.

Eu, por norma, lia... bem, romances. Acima de tudo, antigos. Livros que haviam sido detestavelmente populares em meados do século xx e, por consequência, aprovados pelo sistema cultural, mas suficientemente esquecidos pelos meus contemporâneos para me fazerem sentir especial. Gostava de mulheres mortas a falar fluentemente acerca da sociedade. Gostava de parágrafos longos sobre racionamento e despertares sexuais em França. Até ter começado a trabalhar na livraria, considerara-me bastante literata.

Estava ansiosa não para perguntar ao James acerca de leituras, porque já perdera demasiados potenciais amigos devido a essa linha de inquérito, mas para lhe perguntar algo real, ou aquilo que o meu cérebro de vinte anos considerava real. Queria algo tão bom quanto a cena da sarna.

No entanto, não houve tempo, porque nesse momento chegou uma dúzia de clientes e registámos-lhes as compras lado a lado. Por

aquela altura, já havia feito isso centenas de vezes: estar ao lado de um colega durante horas, na máquina registadora, a fazer conversa fiada entre clientes. Sempre me sentira no meu elemento. Parece tolice dizer isto, ou que estou a atribuir grandes emoções a este turno tardio, muito depois de ter acontecido, mas aquele momento pareceu-me diferente. Havia um certo calor que lembrava os silêncios ocasionais em viagens com amigos chegados.

Quando o nosso turno acabou, ele perguntou-me o que ia eu fazer a seguir.

— Vou ter com o meu namorado — respondi, imediatamente preocupada com a possibilidade de, ao ir ter com o Jonathan, estar a perder a minha única oportunidade de me tornar a melhor amiga do James.

O James estava já a acender um cigarro.

— Para que lado vais?

— Sober Lane.

— Ah! — exclamou ele, e não percebi se ele se queimara ou se lhe ocorrera alguma epifania. — Eu fico na Travers Street. Acompanho-te até lá.

Seguimos juntos e, apesar da minha vontade de abrir o James ao meio e viver dentro dele, pareceu-me que não era o momento certo para lhe fazer perguntas. O James também não as queria fazer. Apetecia-lhe fazer suposições.

— Muito bem, ora vejamos. O teu pai trabalha num banco.

Sorri.

— Errado.

— Então, é o teu avô quem trabalha num banco. Há aí um quê de banco.

— O meu avô trabalhou num banco, sim, mas o meu pai é dentista.

— Estás a ver? Eu sabia.

— Não sabias nada!

Ele abanou a mão sobre mim, como se estivesse a lançar um feitiço.

— Ah, sabes, eu apanho muito bem o tipo de classe média refinada. Dinheiro *velho*, *velha* Cork. Agora, a tua mãe é uma de duas coisas, ainda não decidi qual: uma bêbeda fantástica e magra ou uma

grandessíssima chata. Uma boca pequena e cerrada, como a de um canário. Estou perto?

Ri-me, perguntando-me como é que ele poderia saber aquilo.

— Mais ou menos. A segunda — respondi, e depois senti-me maldosa.

A minha mãe também trabalhava na clínica dentária e, visto que a área de intervenção do meu pai era maioritariamente estética, tinham ambos sofrido com a alteração das prioridades de um país com menos motivos para sorrir.

— E o namorado... o namorado, o namorado, *o namorado*. Estou outra vez dividido entre duas hipóteses. — Mexera tanto as mãos enquanto falava que a ponta acesa do cigarro caíra, e ele parou para o acender de novo. — Juntos desde o liceu, o casal do vosso ano, toda a gente pensa que se vão casar, mas tu não tens tanta certeza. Planeiam ir juntos à Tailândia. — Ele exalou. — *Ou* um homem mais velho, a fazer um doutoramento ou algo do género, com uma diferença de idade um pouco inapropriada, um pouco marrão, os teus amigos odeiam-no, mas não to dizem.

Não sei porque é que ele terá achado que não haveria problema em insultar toda a gente que eu conhecia, fosse real ou imaginada. Mas sentia-se seguro de que se safaria, pelo que eu deixei que se safasse.

— Nenhum dos dois — respondi, defendendo o Jonathan. — Ele não é nenhuma dessas coisas. Não é categorizável.

— Mas de qual dos dois tipos está mais próximo?

Pensei na questão.

— Bem, do primeiro, suponho. — Coisa que só disse por ser a opção menos má.

Estava apaixonada, ou assim o julgava. O meu problema era conseguir que as pessoas levassem esse sentimento a sério. Eu tinha vinte anos e precisava de duas coisas: estar apaixonada e ser levada a sério.

Eu e o Jonathan éramos ambos miúdos de Cork que haviam crescido nos subúrbios da cidade e sentíamos-nos ressentidos por frequentar a universidade lá. A nosso ver, havia seis bons bares e três boas discotecas, e representávamos bem o papel de estarmos fartos da cidade de Cork, enquanto, em simultâneo, não nos esforçávamos

minimamente por visitar o que quer que fosse ou fazer algo que não tivéssemos feito aos dezassete anos.

Enquanto casal, éramos obtusamente sérios e curiosamente conservadores nas nossas perspetivas. Não há muito tempo, tive de me aventurar numa antiga conta de *e-mail* para mudar a palavra-passe por um motivo qualquer. Enquanto lá estava, encontrei um dos meus trabalhos de Sociologia dessa altura, o período do Jonathan, enviado por correio eletrónico para o meu professor. Chamava-se «O Patriarcado na Irlanda Moderna». Cliquei, ansiosa por ver o que o meu jovem eu tinha a dizer sobre a subjugação das mulheres na Irlanda.

«Não está em causa se o patriarcado é ou não um elemento na Irlanda moderna», dizia a frase de abertura. «A questão é: porque é que o patriarcado tem sido tão injustamente ridicularizado enquanto princípio organizacional?»

O trabalho chocou-me. Estava a ser totalmente sincera. Eis-me ali, com dezanove anos, a mesma rapariga que usara o dinheiro do seu aniversário, apenas dois anos antes, para comprar a pílula do dia seguinte num país que a tornava propositadamente incómoda e desconfortável de obter, a defender o patriarcado. Li tudo e apaguei o *e-mail*. Depois andei por Londres durante dois dias, paranoica. Paranoica como só as pessoas da minha geração o conseguem ser com a ideia de que estava prestes a ser publicamente ridicularizada por um coletivo invisível de gente *online* por crimes ideológicos cometidos em adolescente. Julgara que sempre havia sido feminista. De certeza que *nascera* a saber que as coisas eram injustas. Mas não, tudo isso veio mais tarde, aos vinte e tal anos, quando vivia em Londres.

No entanto, foi essa rapariga que o Jonathan conheceu, e que eu e o Jonathan criámos juntos. Sentávamo-nos em bares e inventávamos opiniões, na maior parte das vezes limitando-nos a pegar em consensos alargados e invertendo-os. Para nós, um pensamento radical era detestar o filme *O Repórter: A Lenda de Ron Burgundy*.

O James deixou-me à porta do Sober Lane. Perguntei-lhe se ele queria entrar e conhecer o meu namorado. Ele disse que não.

— Não te quero arranjar problemas — disse ele. — Não quero que ele pense que lhe estou a roubar a namorada.

Ri-me, porque o James era claramente homossexual e a ideia de me roubar fosse de quem fosse me parecia ridícula. No entanto, a

minha gargalhada foi demasiado longa, e alta, e o modo como o James me olhou deixou-me a cara a arder. Estava magoado, não saía do armário e achava que era um bom esconderijo. Parei de rir.

— Ele não é ciumento — apressei-me a responder, e um raio de luz regressou ao rosto do James.

Despedi-me do meu novo amigo e entrei no bar, onde o Jonathan me esperava, recriminando-me por ter sido mal-educada.

Porém, o James roubou-me efetivamente do Jonathan. No decurso de apenas um mês, eu iria ser colonizada pelo James a um nível molecular e a minha personalidade moldar-se-ia em volta da dele sempre que havia espaço para tal. A história oficial é que o Jonathan me deixou. A verdade é que eu o deixei por outro homem.

Eis a história que o James adora contar a toda a gente: «Eu e a Rachel só nos zangámos uma vez, e aconteceu antes de nos conhecermos bem.»

E eu, por norma, digo: «Tivemos uma única discussão, e o James ainda julgava que eu era uma rapariga chamada Sabrina.»

Então, ele continua: «Portanto, na verdade, a primeira zanga foi com a Sabrina.»

É claro que desde então já nos zangámos mais vezes. Duas. Não falamos disso.

Tinham passado algumas semanas desde que o James me acompanhara ao Sober Lane, e ele não voltara a mostrar o mesmo interesse por mim. Comecei a ficar magoada com ele. Não era justo lançar sobre mim a sua luz, com tanta intensidade, e depois afastar-se, deixando-me às escuras, com frio, junto do meu grupo chato. A maior parte dos meus amigos chegados fora para uma faculdade fora. Aqueles com melhores notas para Trinity, os aspirantes a professores para Mary I. Os que me restavam ou eram raparigas com quem me dera superficialmente no secundário ou amigos do Jonathan.

O James era a primeira pessoa em anos de quem eu queria ser amiga com todas as minhas forças, mas o sentimento não me parecia recíproco. Além disso, ele encantara todos os chefes, de tal forma que lhe davam sempre os melhores turnos.

Eu ainda não sabia como me zangar com as pessoas, pelo que me limitei a imitar o comportamento a que assistira em casa: comunicar com frases curtas e concisas até a pessoa enlouquecer. Era assim que a

minha mãe se zangava comigo, era assim que eu me zangava com os meus irmãos mais novos e era assim que eles se zangavam com os amigos. Não é que não conseguíssemos ser calorosos, como família. Mas sentíamos-nos regularmente seduzidos pela ideia de que estávamos a ser injustiçados. As pessoas faziam-nos constantemente mal. O facto de a mais recente crise económica ter devastado o negócio dos meus pais e esgotado os seus investimentos constituía mais uma prova de que o mundo andava atrás dos Murrays. Naquela altura, ripostávamos ignorando esse mesmo mundo.

Ao fim de algum tempo, o James sentiu a minha frieza e flutuou na direção dela. Continuou a tentar meter conversa, fazendo piadas sobre os meus antepassados bancários. Eu ignorava-o. A questão dos turnos incomodava-me, de facto. Chegara à conclusão de que o James era uma pessoa egoísta e superficial — talvez um sociopata — e de que me iria manter afastada dele, até que ele percebesse o seu erro e deixasse de açambarcar os bons horários.

Depois de eu ter ignorado algumas das suas tentativas de meter conversa, ele passou para o lado de dentro do balcão para tratar de umas encomendas. Começou a tocar-me continuamente com uma caneta, espetando-a na parte de trás do meu joelho e acertando num nervo. O joelho fletiu e eu desequilibrei-me um pouco. Não caí, mas a perturbação na gravidade deixou-me maldisposta e irritada. Pedi-lhe que parasse. Ele soltou uma gargalhada e pôs-se a atender um cliente como se nada tivesse acontecido.

Uma hora depois, voltou a repetir a proeza. Aconteceu o mesmo. O fletir do joelho, a náusea, a ira. Gritei-lhe que parasse e ele encolheu-se de forma histriónica: o minúsculo Jerry, de olhos esbugalhados, ante o meu enorme e corpulento Tom. Ele já topara que eu me sentia insegura em relação ao meu tamanho — um metro e setenta e oito, tão próximo do metro e oitenta que eu arredondava muitas vezes para rematar a conversa.

Não estava ninguém por perto, exceto o nosso gerente, o Ben, e, no preciso momento em que me virei, o James repetiu a brincadeira. O movimento foi tão inesperado que me fui completamente abaixo. O Ben riu-se tanto que se esqueceu do dragão. Fiquei tão zangada que, por instantes, perdi as minhas boas maneiras suburbanas e empurrei o James, fazendo uso de toda a força do meu corpo, contra a parede

atrás do balcão. A prateleira de cima, repleta de livros reservados para clientes fiéis, abanou e a pilha tombou. Os pensamentos de capa dura de Dawn French atingiram o James e fizeram-lhe um golpe por cima do olho. Começou a sangrar, a franja lisa a coagular em volta da ferida como uma gaze.

— Rachel! — gritou o Ben. — O que estás a fazer?

Foi então que o James descobriu que eu não me chamava Sabrina. Sorriu para mim enquanto o Ben foi a correr buscar o estojo de primeiros socorros.

— Até que enfim — disse ele, rindo-se com uma espécie de carinho estranho e fresco. — Cá está ela.

Senti-me tão mal com o que se passara que convidei o James para irmos beber um copo depois do trabalho.

— Muito bem, assassina — respondeu ele, sorrindo e enrolando o cachecol extremamente fino em volta do pescoço fino. — Tens uma mesa reservada no clube de golfe?

O fascínio do James pelo facto de eu ser de classe média não mudou desde o dia em que nos conhecemos, e por vezes pergunto-me se toda a sua amizade por mim não se baseará num desejo de catalogar os meios de subsistência exatos dos dentistas e respetiva prole. Eis um exemplo de pergunta que pode surgir numa mensagem enviada a qualquer altura do dia ou da noite: «A Bridget serve as cenouras cortadas às rodelas ou em tiras?»

«Em tiras», respondo.

«Bem me parecia», diz ele.

Não me surpreenderia se descobrisse que ele estava a escrever um livro.

Estávamos na altura das festas de Natal e, ao fim de algumas tentativas falhadas em bares normais, encontrámos um restaurante de tapas na Washington Street que estava a tentar convencer Cork a aderir ao conceito de pratos pequenos, com a opção de trazer o seu próprio vinho. A coisa tornou-se acidentalmente romântica e fiquei nervosa perante a perspectiva de que o James pensasse que eu estava a tentar desfazer o meu anterior passo em falso forçando-o a sair comigo num encontro. Pus-me a narrar em voz alta o menu, acusando o restaurante de tentar fazer com que presunto parecesse elegante.

O James apoiou o seu pequeno rosto nos dois punhos fechados,

apreciando a conversa sobre o presunto.

— Pratos pequenos — comentou ele. — Então, se eu tivesse precisado de pontos, seriam pratos grandes?

— Ostras — respondi.

— E se tivesse partido alguma coisa?

— Não sou nenhuma instituição de caridade — retorqui, e ele riu-se.

— É assim que acontece. Eu leio os jornais. Os ricos tentam comprar-nos com um gesto grandioso para evitar que os processemos.

— Porque é que achas que sou rica? Eu não sou rica.

Ele apontou para o que nos rodeava, o menu numa ardósia onde se lia «Especialidades», os castiçais nas garrafas de vinho vazias, presumivelmente trazidas por clientes de várias casas da cidade de Cork.

— Vivo em casa dos meus pais, só isso.

— Ah. Estás a trabalhar para arranjar dinheiro para os teus botões, é isso?

Disse ao James que encomendasse o que lhe apetecesse, e, apesar das suas ideias preconcebidas acerca da minha riqueza, mandou vir a garrafa de vinho mais barata e uma taça de caju. Segundos depois, trouxeram-nos uma garrafa de água e dois copos minúsculos.

— Não — disse ele, servindo a água. — Ninguém trabalha assim como tu se não precisar.

— Bem. — Encolhi os ombros.

— Tu trabalhas quintas, sextas, sábados e domingos — enumerou, contando pelos dedos. — E acho que uma vez te vi numa segunda-feira à tarde. Mas também andas na faculdade, não é?

— Vou trabalhar sempre que o Ben me liga a pedir. — Encolhi novamente os ombros, ficando bastante ciente de quão aborrecido esse gesto é enquanto ferramenta de diálogo. — Olha — disse.

O empregado chegou com o vinho, os caju, e perguntou «Já estamos a pensar na comida, malta?», ao que o James respondeu que para já os caju seriam o suficiente.

— Continua — pediu-me, mal o empregado se afastou.

— Tive de pagar as propinas — expliquei, tentando manter um tom franco e não pesaroso. Conte-lhe o que não contara a ninguém: que os meus pais, que facilmente me haviam mandado a mim e aos

meus irmãos para escolas privadas, não puderam pagar-me a faculdade.

Nos bons tempos, quando quer as finanças da minha família quer a minha reputação de filha responsável se mantinham intactas, o meu pai dera-me um cartão de crédito. Tinha um trabalho regular de *babysitting*, mas o cartão servia para pagar despesas extra, como livros, blocos de notas e viagens de táxi para regressar a casa quando ia sair à noite. O cartão fora-me entregue, cerimoniosamente, depois de uma longa conversa acerca de como era melhor ter um cartão de crédito porque significava que se poderia construir uma classificação de crédito.

Foi algo que o Jonathan achou muito divertido. Os pais dele eram funcionários públicos, e ter uma namorada com «o cartão de crédito do papá» fazia-o sentir-se muito terra a terra. Mas, na verdade, pouco o usei. Até às primeiras semanas do primeiro semestre na UCC, quando deixou de funcionar.

— Pai — disse, na livraria do *campus*, saindo da fila para lhe ligar —, esqueceste-te de pagar o cartão?

— Não — respondeu ele. — Não me esqueci.

Senti um baque nas entranhas que se assemelhava a medo, mas que, na verdade, era a primeira dose de realidade que alguma vez tinha experimentado.

Desde o início da crise, os meus pais tinham deixado de viajar, de ir a restaurantes e de comprar coisas novas. Pensei que estariam a ser prudentes. Não me apercebera de quão falidos estávamos. Foi nessa mesma chamada que soube que, além do cancelamento do cartão de crédito, teria também de arranjar forma de pagar as propinas da faculdade.

Naquela altura, as propinas eram bastante simbólicas na Irlanda, no máximo alguns milhares por ano, e toda a gente que eu conhecia tinha quem lhes pagasse as propinas. Isto, por si só, é, de certa forma, revelador de quão estratificado o meu mundo era. O meu pai tinha vergonha e eu sentia-me embaraçada por ele.

— Vamos ter de arranjar uma solução, Rachel — disse ele, como se estivesse a acalmar um corretor de apostas zangado.

Não queria que eu pedisse um empréstimo. A sua confiança nos bancos estava demasiado abalada.

— Claro — apressei-me a responder. — Posso trabalhar.

— Certo — disse ele. — E ficaria... *entre* nós. Os rapazes não precisam de saber.

Eu mantivera o assunto entre nós. Mas agora era entre mim e o James, também. Sentia-me mal por ter traído a confiança do meu pai, mas queria laçar o meu novo amigo com confidências. Felizmente, estava a resultar. O James sentiu muito intensamente o drama da situação.

— Isto é muito... Não sei. Parece uma peça de teatro.

Desatei a rir.

— Não é nenhuma peça de teatro.

— É muito uma peça de teatro — ripostou ele asperamente.

— Não é assim tão mau — comentei, com receio de atrair piedade. — Já paguei as propinas deste ano e não vou fazer mestrado, por isso agora estou só... a amealhar. — Apontei para a mesa. — Devíamos pedir comida a sério.

— Devíamos viver juntos — propôs ele.

— O quê? — Engasguei-me com o vinho. — Tu nem sequer me conheces.

— Sei que te chamas Rachel — respondeu ele, e, na altura, pareceu-me uma piada, porque ainda não sabia da história da Sabrina. — E que gosto de ti. De qualquer forma, não me agrada o sítio onde estou. — Examinou um caju. — E acho que nos íamos divertir, não achas? Há uns sítios simpáticos perto de Shandon Street. Que sei que tecnicamente é no lado norte, mas vais ultrapassar isso, certo? A menina rica da zona sul a passar um mau bocado no lado errado da cidade? Muito teatro. Uma autêntica *peça*.

Olhei para ele de viés.

— Já encontraste a casa, não já?

— Sim.

— E a pessoa com quem te *ias* mudar desistiu.

— Sim — respondeu ele, sem arrependimento.

— E eu sou o teu último recurso.

— Não, não, Rachel! Não! — Olhou para mim, horrorizado. — Acabei de pensar nisso agora mesmo. Tu és a sorte grande que me bateu à porta *antes* de eu consultar a minha lista de últimos recursos.

— Oh.

— Bem, pensa nisso.

Seguimos em frente, conversámos sobre todo o tipo de tretas, e, quando cheguei a casa no autocarro das onze da noite, os meus pais estavam à mesa da cozinha. O dono do espaço onde o meu pai montara a clínica afogara-se no Lee. Vinha no *Evening Echo*. O meu pai nunca conhecera o senhorio, fora sempre tudo tratado através de um advogado. Os meus pais estavam preocupados com a possibilidade de a viúva aumentar a renda ou vender o edifício.

Nos anos que se seguiram, perguntei a outros irlandeses se se lembravam dos suicídios, dos suicídios de empresários que ocorreram por volta desta altura. Todos dizem que não, nem por isso. Talvez ande a perguntar às pessoas erradas, ou toda a gente se tenha esquecido. Talvez Cork tenha sido mais afetada, ou a recessão tenha sido apenas uma ideia, não algo real de que toda a gente falava diariamente.

— Vou sair de casa — anunciei, e a minha mãe olhou para mim como se eu tivesse atirado um frasco de molho ao chão e agora saltasse por cima dele, com a desculpa de que tinha um táxi à espera lá fora.

— Com quem?

— Um tipo do trabalho.

A falta de tato. Faz-me querer entrar num carro e imolar-me. Dá-me vontade de gritar ao meu próprio filho por nascer: «Não te atrevas a abandonar-me assim.»

— De qualquer forma, vocês têm andado a falar de se mudarem para uma casa mais pequena — expliquei. O que era verdade. Tínhamos cinco quartos: o deles, o meu, o do Christopher, o do Kevin e um pequeno quarto vago que usávamos como escritório. Havia uma banheira de hidromassagem no exterior, presente do meu pai para a minha mãe no seu quadragésimo aniversário.

Falavam constantemente em vender a casa. «Daqui a uns anos vão-se todos embora», dizia o meu pai. «E esta casa vai valer ainda menos.» A minha mãe interpunha-se. «Ou mais», retorquia ela. «Não sabemos o que vai acontecer.»

A minha mãe olhava-me fixamente. Odiando-me por ter colaborado na ideia de um sítio mais pequeno. Mas era tarde demais e eu já decidira.

Voltei a casa, com a roupa suja, para o Natal. Lembro-me de pensar que eles pareciam mais velhos, mas ninguém poderia ter envelhecido tanto em dez dias. A verdade é que eu fora extremamente protegida. Pensava nos meus pais como cabeças na Ilha de Páscoa e precisei de me mudar para uma casa a três quilómetros para compreender que sempre haviam sido pessoas.

— Aos vinte é tarde para perceber isso — diz o James.

Provavelmente, tem razão.

3

Uma mensagem do James.

«Como estão os cocós, boneca??»

O mês sete deixou-me obstipada, e as únicas pessoas no mundo que o sabem são o meu marido e o James Devlin. Por norma, não sou do género de mulher que fala de cocó. Mas não houve um momento desta gravidez em que eu não contasse ao James cada movimento, cada fase, cada sintoma.

Shandon Street é historicamente uma zona pobre da cidade de Cork, mas ao mesmo tempo estranhamente pitoresca. Está cheia de casas velhas, mas também de apontamentos modernos em arquitetura antiga. Um teatro em forma de panteão; um antigo mercado conhecido simplesmente como Butter Exchange; uma igreja com sinos de verdade e um grande peixe no topo do campanário.

A casa era um chalé, construído para alojar as famílias tuberculosas dos anos trinta, sendo que a única casa de banho era no andar de baixo, passando-se pela cozinha. Havia dois quartos exíguos no piso de cima, cada qual com tamanho para uma cama de casal, um roupeiro de pinho e uma cómoda. A meu ver, não havia um «melhor quarto». O James, no entanto, já tinha vivido em mais sítios — quinze casas por essa altura, e só tinha vinte e dois anos — e sabia levar a cabo um inventário imediato. Via coisas que eu não via, nomeadamente onde é que se podia apanhar a melhor luz da manhã e qual dos quartos tinha uma janela demasiado perto da cabeceira da cama.

— Queres o quarto mais perto das escadas? — perguntou, de uma maneira que me fez sentir que esse era o melhor quarto e que ele estava a ser um cavalheiro ao oferecer-mo.

— Claro — respondi, lançando uma mala cheia de roupa para cima da cama, onde explodiu qual rissol demasiado frito.

Os radiadores dos nossos quartos funcionavam, mas no andar de baixo só havia uma lareira de tijolo e uma coleção de aquecedores elétricos debaixo das escadas. A sala de estar era um espaço amplo, com dois sofás e uma mesa de jantar para seis pessoas, uma cozinha simpática e um pequeno quintal. Havia até uma horta de ervas aromáticas deixada pelo inquilino anterior.

Nem queria acreditar que estávamos a pagar apenas seiscentos euros por mês entre os dois. Hoje vejo que a casa se encontrava incrivelmente degradada, que apenas dois bicos de gás, dos quatro, a funcionar era inaceitável e que o facto de nos mudarmos para um lugar sem aquecimento em pleno inverno irlandês não era sensato. Estas coisas importar-me-iam agora, mas na altura não, e, apesar de ter passado grande parte do ano seguinte bêbeda e subnutrida, às vezes pergunto-me se não estaria melhor se não me importasse.

O James tinha um *iPod*, um daqueles grandes e com um ar ultrapassado que já era velho até nessa altura, e deixou-me escolher a música do dia da mudança. Passei o dedo pelo disco circular e manhoso, aterrorizada com a possibilidade de escolher mal, não me apercebendo de que ali só estavam as músicas do James, e que, por isso, era impossível escolher mal. Agora, ocorre-me que, se o James estivesse mesmo empenhado em que eu pensasse que ele era heterossexual, nunca me teria deixado ver o seu *iPod*. A seleção era uma estranha mistura: algures entre um heterossexual de meia-idade e um gay de meia-idade. A Cher aconchegava-se ao lado dos Creedence Clearwater Revival, os Eagles ao lado do Elton John. A única coisa ligeiramente da nossa geração era a Britney Spears.

Optei por «Cecilia», de Simon & Garfunkel. Não tinha qualquer razão para isso, exceto a palavra «jubilation», repetida inúmeras vezes e que espelhava exatamente o júbilo que eu estava a sentir, embora fosse demasiado tímida para o admitir.

Colocámos a coluna do *iPod* no corredor e fomos para os nossos quartos. De repente, senti-me extremamente constrangida, estranha

nos meus movimentos, como se estivesse a desfazer as malas na casa do *Big Brother*, ciente de como o público iria interpretar a forma como dobrava as cuecas.

A sensação durou dois minutos e cinquenta e cinco segundos, momento em que «Cecilia» terminou, recomeçando imediatamente depois.

— *Cabrões* — gritou o James, encaminhando-se para a coluna. O ecrã congelara, deixando «Cecilia» em repetição. — Às vezes faz isto — explicou, com um ligeiro rubor a subir-lhe pelo pescoço. — Merda inútil! — Odiava ter uma coisa má. Ainda bem que agora o James é rico, porque ser pobre nunca combinou com ele.

— Não tem importância — disse-lhe eu.

Portanto, ouvimos «Cecilia» outra vez. E de novo. Começámos a cantar, as vozes a fazer ricochete no reboco barato. À oitava vez, corríamos para os quartos um do outro para uma elaborada sincronização labial, com os braços e as pernas no ar, agarrando-nos ferozmente à canção. Se fosse uma lista telefónica, tê-la-íamos rasgado ao meio.

À décima sexta vez a ouvir «Cecilia», eu e o James tínhamos dado à luz a nossa relação e ela vagueava pela casa como um potro pegajoso e curioso. Pegávamos nos pertences do outro — *t-shirts* más, livros pretensiosos, bilhetes de concertos — e acompanhávamo-los com a mesma pergunta: «Que raio é isto?»

— Que raio é isto? — perguntei, descobrindo uma coleção de lenços.

— Que raio é isto? — disse ele, pegando no meu exemplar de *The Pumpkin Eater*, de Penelope Mortimer.

— Que raio é isto? — indaguei, encontrando a parte de cima de um uniforme da Subway.

— Que raio é isto? — perguntou ele, encontrando uma embalagem de toalhas íntimas *Femfresh* que viera num *kit* de estudante, que eu não usava por ser demasiado desconfiada, mas cujo forte medo que a minha vagina me provocava me impedia de deitar fora.

É claro que o que estávamos realmente a perguntar era: Quem és tu? Quem foste tu? Não te importas de viver numa casa em que eu te critico por leres? Porque é que foste despedido da Subway? És mesmo

o tipo de rapariga que lava a vulva com uma toalhita?

Estávamos tão ocupados a apaixonar-nos que me esqueci completamente do Jonathan, a quem pedira para aparecer por volta das cinco. Um dos principais motivos pelos quais eu saía de casa tinha que ver com sexo. Ambos tínhamos vivido com os pais durante grande parte da faculdade e continuávamos a depender de festas em casa, carros estacionados e dos horários dos respetivos pais para o fazer. Também se estava a tornar exaustivo fazer sexo na faculdade. Fazê-lo numa casa de banho do *campus* é excitante da primeira vez, mas há algo de deprimente em pedirmos ao nosso namorado para se encontrar connosco na «*nossa casa de banho*».

Ele tocou à campainha e entrou numa maternidade para piadas privadas. Abracei-o, zozna e a transpirar, entusiasmada por estar a arrastá-lo para o meu novo mundo, apenas para que o novo mundo tivesse uma testemunha.

— Este é o James! — anunciei.

Eles cumprimentaram-se calorosamente, mas, quando olhei de um para o outro, senti um instante de repulsa pelo namorado que tinha há dois anos. Não tinha feições. Tinha olhos, lábios e nariz, mas parecia-me que haviam sido todos feitos pela Bauhaus, obsessivamente racionalizados para desempenhar uma função e nada mais. Quem quer que tivesse montado o James pelo menos esforçara-se. Era mais ou menos corpulento, com olhos grandes e fartas sobrelanceiras pretas num rosto que ora era chupado ora inchado, dependendo da semana que estava a ter. O nariz era o de um velho, com entalhes profundos nas narinas. O James tinha uma aparência que a maioria de nós descreveria como «*emo*», mas que na verdade só significava que as roupas lhe serviam e eram da *Topman*.

Abracei novamente o Jonathan, representando o papel da namorada dedicada, para abafar os novos sentimentos que me assolavam. Ele parecia cinzento, como um cogumelo. Deu-me um beijo na testa.

— Então, faz-me uma visita guiada! — pediu, e a visita demorou trinta segundos, antes de subirmos as escadas e eu lhe mostrar o meu quarto, com os lençóis ainda por pôr na cama, e tirar a camisola. Fi-lo sobretudo porque estivera a suar e não queria que ele sentisse o cheiro.

Há qualquer coisa no sexo aos vinte anos com um parceiro de longa data que o torna o mais deprimente da nossa vida. Pelo menos na adolescência toda a gente aceita que se possa não perceber nada do assunto. Toda a gente está envergonhada, ninguém sabe o que anda a fazer, há um pouco mais de *Será que isto está bem?* e *Será que isto é bom?* De certa forma, o sexo que tive na adolescência era mais maduro do que qualquer coisa que experimentei entre os dezoito e os vinte anos, altura em que os rapazes estavam certos de que haviam encontrado uma fórmula vencedora. O Jonathan teve apenas uma namorada antes de mim e contou-me que ela desmaiava quando ele lhe fazia sexo oral. Aquilo significava que era suposto que eu também desmaiasse, ou pelo menos chegasse perto disso. Sentia-me tão irritada comigo mesma por não gostar mais. Tudo me fazia cócegas e me parecia muito solitário.

É tentador, quando estamos a falar da nossa vida sexual enquanto jovens mulheres, cair em pequenos apartes melancólicos acerca de como olhávamos para o teto de pálpebras semicerradas enquanto um bruto sem qualquer piada investia em cima de nós. Infelizmente, acho que não posso dizer nada disso e safar-me. O sexo era insatisfatório, mas eu não podia estar mais obcecada com a ideia de o ter. Ficava sempre por cima, a gemer como um porco encurralado. Se um dia alguém contasse ao Jonathan que a Rachel Murray dissera que ele era uma má queca, ele rir-se-ia e mandá-lo-ia bugiar. Acho que não ficaria a matutar sobre o assunto nem por um segundo.

— Como é que te estás a dar com o teu homem? — perguntou o Jonathan depois, enquanto nos deixávamos ficar na cama.

— Com o James? Muito bem. — E depois, com cuidado: — Acho que vamos ser amigos, sabes?

— Vais tornar-te uma Maria Purpurina? — perguntou ele. — Como o Will e a Grace?

(Tenham paciência, isto era considerado uma coisa extremamente espirituosa para se dizer em 2009.)

— Achas que ele é *gay*? — perguntei-lhe com seriedade.

O Jonathan olhou para mim, sem sequer se dar ao trabalho de argumentar. Apenas uma sobranceira levantada que dizia: *Oh, vá lá.*

— O que te faz pensar isso? — insisti.

Desde o meu passo em falso em frente ao Sober Lane, sentia-me

fascinada com aquilo que fazia uma pessoa parecer *gay*. Nessa altura, nenhum de nós tinha amigos *gay*. Havia certamente pessoas *gay*, conhecidos e gente com que nos cruzávamos, mas por alguma razão não tínhamos acabado amigos.

Estávamos completamente afastados da cultura *gay* e, no entanto, tínhamos ambos a certeza absoluta daquela suposição acerca do James.

— Tenho olhos — limitou-se o Jonathan a responder, e foi-se embora pouco depois.

Encomendámos uma *pizza* para o jantar e o James ligou a televisão e o leitor de DVD. Só tinha os DVD de três temporadas de *Frasier*.

— O teu namorado julga que eu sou *gay* — comentou ele, sem emoção.

Esperei um segundo antes de responder.

— Não.

Ele pausou o DVD na cara contorcida de Kelsey Grammer, a falar sobre membros de *spas* em Seattle.

— Ouve — disse ele, como se estivesse prestes a estabelecer uma regra importante da casa, qualquer coisa do género de nada de sapatos na alcatifa. — Sei que sou para lá de efeminado, sei disso, mas não sou *gay*.

Ri-me embaraçada.

— Não te parece que, se eu fosse mesmo *gay*, iria em frente e seria *gay*?

Anuí com a cabeça. Fazia sentido. Quem andava por aí com a Cher no *iPod* provavelmente teria pensado mais seriamente sobre se se sentia atraído por homens do que o típico macho alfa que joga rãguebi. Eu via o James como uma pessoa extremamente desenvolvida que indagara todos os recantos da sua alma. Era demasiado inteligente emocionalmente para se preocupar com que música ou comportamento pareceria *gay* ou heterossexual.

Naquele momento, ele não era só uma pessoa para mim. Era o futuro da humanidade.

A verdade é que ele se sentia aterrorizado.

— Qual era a tua jogada? — perguntei-lhe certa vez, anos mais tarde.

— Esperar até poder ir-me embora — explicou ele. — E partir para um sítio onde ninguém me conhecesse.

Coisa que fez. Coisa que ambos fizemos.

Mas estou a pôr a carroça à frente dos bois, porque, antes de qualquer dessas coisas acontecer, aconteceu o Dr. Byrne.

O Dr. Byrne era o único outro homem na minha vida cujas opiniões me interessavam. Quando não me focava nas palavras do James, agarrava-me às do Dr. Byrne. Os pensamentos do Jonathan devem ter-me interessado em algum momento. Mas, sendo as relações estudantis o que são, qualquer respeito profundo que tivesse por ele já se esgotara havia muito tempo. Já nos estávamos a comportar como se estivéssemos num casamento de vários anos, funcional, mas entediado.

O Dr. Byrne vestia-se como se quisesse parecer um professor universitário. Na minha memória, tem remendos nas mangas do casaco. É possível que eu esteja a inventar este pormenor, mas tudo nele sugeria remendos no casaco. A primeira vez que o vi, estava dez minutos atrasado e a transpirar. Parecia zangado connosco, os caloiros, por termos a ousadia de ir a uma aula às nove da manhã.

Era horrível de manhã, característica que eu atribuía ao facto de ele ser muito alto, com um metro e noventa e cinco, e extremamente largo, a constituição de um de agricultor. Desde nova que vejo o corpo de uma pessoa como uma fábrica, um grande trabalho eduardiano, em que é preciso que cada funcionário esteja confortavelmente sentado no seu posto antes que o dia de trabalho possa começar. Quanto maior for a pessoa, mais os funcionários têm de se deslocar: há que subir escadas, percorrer corredores. Esta era a minha própria explicação para o facto de eu estar de mau humor de manhã e fiquei contente por estender a gentileza ao Fred Byrne.

— Certo — começou ele. — Os vitorianos.

Passou a palma da mão pela testa, tentando travar uma gota de

suor antes que caísse no atril.

— Quem conhece Sherlock Holmes?

Sabia que a maior parte de nós iria desistir no fim do primeiro ano. É assim que as coisas se passam na área das Artes. As pessoas adoram-na pela variedade, mas não conseguem lidar com a sua inutilidade, e, quando as ressacas e as depressões começam, por volta de fevereiro, torna-se difícil justificar arrastarmo-nos para fora da cama para estudar Cronos a comer os filhos recém-nascidos. O Dr. Byrne era apaixonado pelo tema que lecionava, mas também não gostava de desperdiçar energia, pelo que passou as primeiras aulas a dar-nos tão somente a informação sobre os vitorianos que um dia pudesse ser-nos útil num concurso de bar.

Quando a sala permaneceu em silêncio, repetiu a pergunta. Isto foi antes do reinado de Benedict Cumberbatch na BBC, pelo que era uma época árida culturalmente para o Sr. Holmes, e nós pouco sabíamos sobre o assunto.

— É um detetive — disse alguém.

— De Londres — avançou outra pessoa.

Um longo silêncio.

— Drogas — disse um rapaz, por fim, e um murmúrio ressoou pela sala porque tínhamos dezoito anos e imaginávamo-nos os inventores das drogas. — Ele não consumia drogas?

Alguns dos funcionários da fábrica do Dr. Byrne sentaram-se diante das respetivas máquinas, e ele começou, de repente, a falar, uma conversa tão febril que, de início, era difícil perceber se estava zangado com o rapaz por ter dito «drogas» ou muito satisfeito. Falou de ópio, láudano, morfina e cocaína, legais na Inglaterra vitoriana da altura. Assinalou que os escritores não brancos não tendem a publicar livros acerca da descoberta das drogas com a mesma tenacidade e que isso acontece por terem coisas mais importantes a dizer sobre as drogas, como o facto de lhes destruírem as comunidades. Falou de ter passado cinco anos na América na juventude e de como a guerra às drogas constituía tão-só um tubo de alimentação para o sistema prisional privado. Discutiu sozinho, representando quer o lado a favor quer o lado contra as drogas, o rosto a corar enquanto o fazia. Tinha trinta e oito anos em 2009, o que faz com que tenha, suponho, cinquenta anos agora.

— Certo — disse no fim do seu solilóquio. Acabava sempre as aulas com a mesma fórmula com que as começava, com a palavra «certo».

Adorávamos aquilo, claro. Considerávamo-lo o Tipo das Drogas. Mais tarde viemos a saber que o Dr. Byrne não se preocupava tanto com as drogas; gostava, isso sim, de debater um assunto antigo e que pudesse ser defendido sob diversos prismas. Incesto, sodomia, aborto, prostituição: tudo o que existisse há dois mil anos e que sempre tivesse sido controverso. Suponho que lhe agradava a época vitoriana porque nessa altura se tentava regradar tudo, e ele adorava debater se essas regras deveriam ou não existir. Era o professor predileto de toda a gente, o que por vezes penso que não se devia ao seu brilhantismo, mas ao facto de o corpo docente daquela faculdade ser maioritariamente composto por mulheres. Já sabemos que eu era um pouco misógina. Tal como toda a gente que me rodeava, suspeito. Também me parece que teria um pouco que ver com o facto de a maioria dos professores de Inglês, na maioria das escolas secundárias, serem mulheres. Ter um homem alto e corpulento a ensinar-nos literatura era excitante, como *O Clube dos Poetas Mortos*.

Quando conheci o James, no final de 2009, já havia assistido a várias aulas do Dr. Byrne. Naquela fase da sua carreira, o Dr. Byrne era tão popular que lhe era permitido impor as condições que quisesse ao seu grupo de seminário e era pedido a todos os que se quisessem inscrever que escrevessem um ensaio sobre um qualquer aspeto da sensibilidade vitoriana que ainda estivesse presente na cultura atual. As aulas decorreriam de janeiro a abril, o meu último período letivo na universidade. Havia apenas quinze vagas e cerca de cento e cinquenta pessoas tentaram inscrever-se. Ficaria surpreendida se o número de pessoas que escreveram o ensaio pedido chegasse aos vinte.

Recebi um *e-mail* para me encontrar com ele no seu gabinete, que ficava num edifício que pertencia ao departamento, na rua da faculdade. Parecia um pouco sórdido. Serão todas as faculdades assim? Com os professores instalados em pequenos edifícios que cheiram a radiadores velhos? De qualquer modo, ele queria discutir o ensaio que eu escrevera. Era muito emocionante para mim. Sentada naquele gabinete minúsculo, passou-me pela cabeça o que sempre

passa quando estou numa sala pequena com um homem que mal conheço: *Vamos dar uma queca?*

Não sei porque é que tal coisa me passa pela cabeça. Nunca aconteceu. É claro que já tive encontros de uma noite, mas foram sempre o prolongamento de um encontro ou de uma saída à noite. Porém, nunca estive num elevador, numa despensa ou entre pilhas de livros com um homem que não conheço de lado nenhum e, de repente, dou por mim nos braços dele. Apesar disso, estou sempre preparada para que isso aconteça. Posso estar ao lado de um homem de setenta anos num elevador e pensar: *Espero que ele não queira fazer sexo; ainda estou com o período.*

O Dr. Byrne era obviamente diferente: eu *queria* mesmo ter sexo com ele. Não era apenas o facto de se tratar de um homem numa sala pequena. Desde o primeiro ano que nutria uma paixão discreta por ele, uma paixão que só mantinha em segredo por ser irritantemente óbvia. Não falava com as raparigas do meu ano, mas tinha a certeza de que todas sonhávamos saltar para cima do Dr. Byrne. Ele era enorme e apaixonado, e o único homem com menos de cinquenta anos no departamento de Inglês.

O mais tentador de tudo — oh, meu Deus — era o facto de ser casado. Mas não era só isso.

A mulher fora uma aluna.

Apesar de eu não viver intensamente o mundo académico, estava muito ciente da história que envolvia a mulher do Dr. Byrne. As paixonetas são assim. Não importa quão despreocupadas possamos parecer, há sempre um microfone que fica ligado e que só regista informações sobre o nosso desejo. Ele e a mulher estavam casados há quatro anos; tinham-se conhecido há seis. *Quando ela era aluna de licenciatura?* Contámos pelos dedos. Não, foi a resposta. Ela tinha sido aluna de mestrado. Já teria uns vinte e poucos anos. Não era tão bom, mas ainda assim era excitante. Provava que *podia acontecer.*

Então, sentei-me no seu pequeno gabinete e olhei para o rosto dele. Tinha aquilo a que o James chamaria mais tarde «feições de dinossauro bebé». A testa larga, o nariz achatado, os olhos de pálpebras pesadas, tudo se unia e evocava um braquiossauro a mastigar vagarosamente folhas de uma árvore.

— Certo — disse ele. — Rachel Murray.

Leu o meu nome no meu trabalho, erguendo de seguida o olhar e sorrindo, como se estivesse contente por finalmente associar um nome a uma cara. Por essa altura, já eu frequentara quatro das suas cadeiras.

— Olá — respondi, perguntando-lhe com um gesto se queria que fechasse a porta atrás de mim.

— Não, não, deixe-a aberta — disse ele. — Sente-se.

Devo ter parecido nervosa. Não gosto de estar sentada em salas com a porta aberta. Fico inquieta. Vêm-me logo à cabeça frases como: *Não tens maneiras?*

— Temos de a manter aberta — explicou ele distraidamente. — Para o caso de eu tentar saltar-lhe para cima.

Olhei para ele, chocada. Ele não se deu ao trabalho de olhar para mim.

— Infelizmente, é bastante comum no ensino superior — continuou ele, sério, e eu pensei: *Não tentes enrolar-me que eu bem sei como conheceste a tua mulher.* — Seja como for. Pijamas. Explique a sua ideia.

— Escrevi-a no trabalho — respondi.

— Eu sei que sim, mas quero ouvi-la a explicar. Quero gente que saiba conversar no meu grupo. Avance.

Eu escrevera um ensaio sobre pijamas, com base no facto de que, no período vitoriano, as jovens haviam começado a comprar *negligés* vindos de França para o enxoval. Aquilo causara um grande pânico moral sobre o que as jovens noivas faziam na cama com os maridos e se estariam a adotar comportamentos de prostitutas reais. Relacionei essa questão com as sensibilidades modernas, porque o *Daily Mail* incidia muito sobre mulheres que iam de pijama ao supermercado. Moralidade e pijamas. Senti-me bastante inteligente. Porém, ao explicar a ideia ao Fred Byrne, perguntei-me se escrever aquele ensaio não seria uma manobra da prostituta reais. Tudo aquilo, falar de cintos de ligas e rendas, era embaraçoso e íntimo.

— E, na verdade — prossegui, com a garganta seca —, o *design* da roupa interior vitoriana continuaria a fazer parte de outros movimentos culturais. Como aconteceu com as jovens dos anos vinte. Na verdade, os trajes que usavam eram apenas combinações, e isto de a roupa interior ser usada como roupa exterior era... era um

significante da crescente população feminina independente nas áreas urbanas. O privado tornado público.

Aquilo prosseguiu durante algum tempo. Signos e significantes. Ele começou a mostrar-se um pouco indiferente, como ocorre com muitos homens inteligentes quando a conversa se torna demasiado feminina, demasiado exigente e demasiado preocupada com pedaços de renda.

— Porque é que não está a estudar cinema, se se interessa tanto por tudo isto? Ou moda?

Eu deveria ter respondido alguma coisa engraçada, como *Porque adoro romances*, mas sabia que isso não o convenceria.

— Inglês parece-me uma melhor opção quando se quer manter as opções em aberto. Não há empregos no cinema ou na moda.

— Tem ouvido as notícias? — Ele sorriu. — Não há empregos em área nenhuma.

— Pois não, mas parece que o mundo inteiro está repleto de pedaços de texto, não é? — argumentei. — Brochuras, cartazes e coisas do género. Alguma coisa há de aparecer.

— Brochuras, cartazes e coisas do género. E é por isso que está a tirar uma licenciatura em Inglês?

Não sabia o que dizer. Inicialmente, escolhera o curso porque gostava de ler. Mas, já nessa altura, o que mais me agradava em ler era o facto de ser boa nisso. Afeiçoara-me a ler muito rapidamente em criança. Na ausência de qualquer outro dom discernível, parecia-me uma boa coisa a seguir, nem que fosse para ser alvo de mais elogios.

Bateram à porta aberta, e eu virei-me, vendo outra rapariga à espera para discutir o seu trabalho e ser potencialmente fodida pelo Dr. Byrne. *Esquece lá isso*, apeteceu-me dizer-lhe.

Recebi um *e-mail* no dia seguinte a informar-me de que era com muito gosto que ele me dava as boas-vindas ao seminário. Era uma carta-tipo, com o meu nome apenas no topo, sem qualquer assinatura personalizada ou *post scriptum*.

Mas imprimir a carta. Ainda a tenho algures.

5

No dia 14 de janeiro de 2010, o Jonathan acabou comigo à porta da Galeria de Arte Crawford sob o pretexto de que nos estávamos a afastar. Perguntei-lhe em que sentido. Ele murmurou algo sobre o facto de eu «parecer falsa» e piscou-se em direção à Patrick's Street antes que eu lhe conseguisse perguntar o que significava aquilo.

É claro que agora sei o que significava. Eu estava a viver com o James, a trabalhar com o James e a falar como o James. Não posso guardar rancor ao Jonathan: eu estava a ser extremamente irritante. Aquilo que o deixava mais fora de si era o facto de eu andar obcecada em descrever qualquer situação em que me encontrasse como se se tratasse de um filme ou um de programa de televisão.

Eis um exemplo de diálogo.

JONATHAN: Acho que vai chover.

RACHEL: Tens a certeza?

JONATHAN: O boletim meteorológico diz que vai chover.

(Pausa)

JONATHAN: (olhando pela janela) Acho que está a começar a chover.
Talvez devêssemos ficar em casa.

RACHEL: (tonta) Sinto-me como se estivéssemos num filme francês e fôssemos dois amantes a tentar que chova para podermos ficar enrolados nos lençóis.

(Silêncio)

RACHEL: Ah, *monsieur*, não é o próprio céu que quer que fiquemos em casa? A desfrutar dos prazeres da carne, ah-ah-ah?

JONATHAN: OK, vou-me embora.

Na verdade, não era justo para ele. Até então, havíamos tido uma relação direta e carinhosa, e as piadas serviam sobretudo para gozar com as outras pessoas. Não podia esperar que ele comesse a fazer jogos idiotas, semelhantes aos que eu e o James fazíamos agora, quando não havia razão para tal na nossa relação.

A única razão por que me recordo da data é porque estava a trabalhar nessa tarde e o Dr. Byrne entrou na livraria.

É claro que o Dr. Byrne já tinha ido à livraria antes. Todos os meus professores o haviam feito. Éramos uma grande livraria e tínhamos muita coisa das pequenas editoras irlandesas. O pessoal docente da UCC cumprimentava-me frequentemente com um aceno de cabeça, pessoas que não eram necessariamente meus professores, mas que me reconheciam e estavam dispostas a fazer conversa fiada sobre as férias. No entanto, agora era diferente. Ele escolhera-me a dedo para fazer parte da sua turma de seminário de finalistas; portanto, conhecia-me.

Era uma quinta-feira à noite, estava muito frio lá fora e a livraria preparava-se para permanecer calma até fechar, às nove. Enquanto lidava com a minha dor, comecei a marcar a baixa de preço de uma pilha de calendários com temas literários no balcão: ANTES: 9,99 / AGORA: 4,99.

— Rachel — disse o Dr. Byrne. — Não sabia que trabalhava aqui.

— Olá! — respondi com um ar jovial, tropeçando no problema típico dos jovens, o de nunca saberem como se dirigir aos professores, aos amigos dos pais ou aos pais dos amigos. — Sim!

— Alguma recomendação? — perguntou ele educadamente, algo que as pessoas perguntam sempre a quem trabalha numa livraria. Nunca consegui que me ocorresse o título de um único livro.

Olhei para a pilha que ele trazia nos braços: um livro de poesia reeditado por revolucionários irlandeses e um *thriller*. Queria desesperadamente recomendar-lhe algo tenso, estéril e masculino, para lhe mostrar que compreendia os homens.

— Hemingway? — propus, inutilmente.

— Ah — soltou ele, sem emoção. — O Batman para rapazes gordos e estudiosos. — Depois olhou para si. — Levo dois.

Desatei a rir. Ainda não me livrara do hábito das risadinhas de menina de escola. Estava sempre nervosa e a rir.

— Como a Dorothy Parker é a Mulher-Maravilha para raparigas deprimidas — disse eu.

Nem queria acreditar que me saíra com uma deixa daquelas tão depressa. Ele soltou imediatamente uma risada, olhou-me e eu pensei: *Fode-me, que eu digo mais coisas destas!*

Ele voltou os olhos para o teto, tentando lembrar-se dos versos.

— «As armas não são lícitas; As forcas cedem; O gás tem um cheiro horrível...» — Calou-se.

— Mais vale viver — dissemos em uníssono e sorrimos. Com perfeita convicção, apercebi-me de que iria ultrapassar o meu ex-namorado com o meu professor da faculdade. Que chique!

— Ela participou numa tourada com ele certa vez, sabia? — comentou o Dr. Byrne. — Para uma revista. Julgo que na redação queriam que ela ficasse chocada com ele, mas ela não poderia ter ficado mais encantada.

— Eu também não — respondi. E depois: — Refiro-me ao Hemingway, quero dizer.

Ele olhou para mim, perplexo perante o meu meio *flirt*, mas não totalmente desinteressado.

— Será que lhe posso pedir — apontou para o computador ao fundo do balcão — que verifique um livro?

— Claro — respondi, colocando-me diante do barulhento computador. — De que é que precisa?

— Bem, ah, é um pouco estranho.

Ele tossiu, e eu senti um receio doloroso de que ele estivesse prestes a iniciar o nosso caso pedindo-me, de cara ruborizada, *The Joy of Sex* ou algo do género. Pus-me a pensar se continuaria a querer a nossa relação se ele fizesse isso. Certamente que não, Rachel.

— Estava a pensar se teriam, em pré-venda, um livro chamado *A Dieta de Kensington*, de... — Remexeu nos bolsos e olhou para o sinal da saída de emergência. — De, bem, do Dr. Frederick Byrne.

— Oh — respondi, estranhamente embaraçada por ele. — Certo! OK!

Comecei a escrever.

— Está em pré-venda, disse?

— Sim — apressou-se ele a responder. — Só sai em fevereiro.

— No dia 11 de fevereiro — precisei, lendo o ecrã. Disse o nome da editora. Era uma editora famosa, e irlandesa, e famosa porque era irlandesa. Descobria muitos autores que depois a abandonavam por contratos melhores no Reino Unido.

— Queria saber quantos é que a vossa livraria encomendou — disse ele. — É um pouco patético, mas é a primeira vez que publico fora de uma editora académica e espero que seja lido por mais de quatro pessoas.

Vi que o número de encomendas era zero.

— Quinze — menti. — Quinze exemplares.

— Oh — exclamou ele, surpreendido. — Bastante, então.

— Sim — respondi, tentando disfarçar o rubor que acompanha sempre as minhas mentiras. — Estamos muito entusiasmados.

Ele arqueou uma sobrancelha, receoso de que eu pudesse estar a gozar.

— Quer dizer, é óbvio que estamos entusiasmados, se o meu gerente está a encomendar exemplares. De que trata o livro?

— Escritores irlandeses durante o período da fome, a resposta artística ao facto de Vitória nos ter obrigado a ultrapassar essa crise vivendo a carência — respondeu ele. — Coisas muito alegres, garanto-lhe.

Lembrei-me do poema de Eavan Boland que eu analisara para o exame de fim de secundário. Ela e Adrienne Rich eram as únicas poetisas de que eu gostava na escola.

— «O que é o teu corpo agora» — disse eu, citando-a. — «Senão um caminho de fome.»

— Muito bem — respondeu ele, e o ambiente entre nós ficou novamente tenso, demasiado semelhante ao que rodeia um professor e um aluno.

Ele estava cada vez mais ciente da vulnerabilidade que expusera ao perguntar sobre o seu livro daquela maneira. Além disso, aquele poema em particular tinha uma certa relevância na sua vida pessoal, mas falaremos disso mais tarde.

O James aproximou-se e começou a passar o leitor de códigos de

barras pelos livros de uma pilha que recomendara a uma idosa. Ele não lia muito, mas estava constantemente a ver filmes, motivo pelo qual vendia sempre *Diário de um Escândalo* e *O Perfume: História de um Assassino*. Tinha os melhores números de vendas da equipa, pelo que o Ben o manteve muito depois de o contrato de trabalho temporário para o Natal ter terminado.

— Como é que isso vai? — disse ele alegremente. O James nunca julgaria fosse quem fosse por estar na conversa com um amigo no trabalho, e podíamos sempre contar com ele para nos substituir se aparecesse alguém para nos ver.

— James, este é o Dr. Byrne — apresentei. — É um dos meus professores.

— Ah, como está? — cumprimentou o James. Não andou na faculdade, mas adorava conversar com gente ligada à universidade. Deixava-o algures entre a ridicularização e a admiração genuína.

— Muito bem, obrigado.

O Dr. Byrne agitou-se, como se se tivesse apercebido de que se deixara ali ficar demasiado tempo. Eu queria saltar por cima do balcão e impedi-lo de sair do nosso mundo privado, repleto de ligeiras poses e piadas sensuais sobre literatura. Mas não o podia fazer, por isso ele pagou as suas coisas e foi-se embora.

O resto do turno passou calmamente. Agora que vivíamos juntos, eu e o James adorávamos organizar os turnos de modo a estarmos ambos a fechar. Baixávamos as persianas dez minutos mais cedo e púnhamos a nossa música no altifalante enquanto arrumávamos tudo.

Eu, no entanto, estava a demorar-me mais do que o habitual.

— O que estás a fazer? — Ele pousou a cabeça no meu ombro, olhando para o monitor. — Quem é o Dr. Frederick Byrne?

— É meu professor da faculdade. Aquele que veio cá há pouco. E este é o livro dele.

— E quem é a Moira Finchley?

— É uma antiga cliente. Morreu há uns anos — expliquei. — Também é uma das pessoas que encomendou o livro dele.

— O quê? Porquê?

— Porque eu, estupidamente, disse-lhe que tínhamos encomendado em pré-venda vários exemplares do livro dele. Não encomendámos nem um, mas, se o Ben achar que os clientes estão a

pedi-lo, encomenda alguns.

— OK... — O James começou a acenar com a cabeça. — Tenho uma pergunta.

— Porque é que estou a fazer isto?

— Sim.

— Porque... não quero que ele fique desiludido. Está tão entusiasmado com o livro.

O James quase deu um salto.

— Sua *cabra nojenta*!

— Cala-te.

— Então, o quê? Estás a cobrar a uma velha morta um livro que ela não vai ler porque andas com a pita aos saltos?

— Não! Não lhe vai ser cobrado nada. Ninguém virá levantar o livro e eu depois ponho-o na prateleira.

— A quem mais vais tu impingir a encomenda? Quem mais está morto?

— Estou a inventar os outros clientes — confessei, timidamente.

— Estou a criar perfis de clientes no sistema.

Ele mostrou-se chocado com o que lhe pareceu ser o primeiro comportamento verdadeiramente louco da minha parte.

— O Jonathan acabou comigo hoje — expliquei, esperando que ele interpretasse o meu comportamento louco como uma espécie de mágoa nobre.

— *Ele* acabou contigo? — disse o James, repugnado. — Pensei que seria mais provável acontecer o contrário.

— Porquê? Eu amava-o!

— Vá lá, Rachel.

— Namorámos durante dois anos.

— Bem, estou contente por ele ter saído da tua vida.

Ainda hoje me choca o facto de o James conseguir falar comigo daquela maneira quando só nos conhecíamos há um mês e meio. Há pessoas na minha vida que conheço há anos e a quem hesitaria em dizer que têm a etiqueta da roupa à mostra.

— Bem, o Ben vai perceber que se passa alguma coisa se não mudares as datas das encomendas — avisou ele, apontando para o ecrã. — Serão todas de 14 de janeiro.

Então, ficámos ali uma hora depois do fecho para inventar pré-

encomendas do livro do Dr. Fred Byrne sobre a Irlanda vitoriana durante a crise da fome. Apercebi-me de que, afinal de contas, nunca estivera apaixonada pelo Jonathan. Tinha conhecido o amor dos meus pais e o estranho afeto de uma relação universitária que, de alguma forma, era simultaneamente insípida e ingénua. Mas eu, o James e as encomendas em pré-venda: isso, sim, era amor.

Funcionou melhor do que poderíamos ter imaginado. No final da semana seguinte, o Ben estava a olhar para as suas impressões em folhas A4 e perguntou:

— Mas que raio é *A Dieta de Kensington*? É como a Atkins?

Eu podia ser jovem, mas já trabalhava numa livraria há quase três anos. Ainda assim, acalentava sérias dúvidas em relação à editora do Dr. Byrne, que tivera a ousadia de lançar um livro com a palavra «dieta» no título tão perto do Ano Novo.

O James pegou logo na deixa.

— Meu Deus, Ben, não ouviste falar disso no programa do Fergal O’Riordan? Aquele doutor brilhante foi ao programa. — Estalou os dedos, como se tentasse lembrar-se do nome. — Rachel, conheces o tipo, não conheces?

— Sim, o Dr. Byrne — avancei, tentando não parecer comprometida.

O Ben voltou a olhar para as folhas.

— Há muito burburinho em volta dele, pelo que percebi.

— Dá aulas na UCC — expliquei. E, depois, num acesso de genialidade: — Podíamos pedir-lhe para fazer uma sessão de autógrafos aqui.

— Ou um lançamento — acrescentou o James. — Um lançamento em Cork, na sua digressão pelo país.

— Seria muito bom para a livraria — comentei, acenando com a cabeça em direção ao Ben, como se tivesse sido ele a sugerir.

O Ben bateu com a caneta nos dentes.

— A indústria está em maus lençóis — disse ele. Além da recessão, havia muita ansiedade em torno do *Kindle* e do que este iria fazer às livrarias. A visita de um autor à livraria poderia ajudar a metê-la no mapa.

Os seminários que eu tinha com o Dr. Byrne eram às quartas-feiras

de manhã, com uma duração de noventa minutos. Eram intensivos. Ele avançava velozmente pela matéria. Nada do que nos ensinava era particularmente alucinante. Tratava-se de uma série de irlandeses mortos vistos pelos olhos de ingleses mortos, e depois reinterpretados por académicos irlandeses que, como o próprio Fred Byrne, precisavam de escrever um livro sobre algo.

Todas as semanas, quinze jovens desgrehados sentavam-se num quase mutismo, enquanto o odor que exalavam sugeria que estavam intoxicados. Eu não era melhor. Desistira de me tornar iluminada e andava sempre ébria. Eu e o James saíamos três noites por semana, regra geral com os outros temporários de Natal da livraria, outras vezes só nós os dois.

O Dr. Byrne não se importava que estivéssemos de ressaca, mas queria que essas ressacas nos alimentassem, e não que nos silenciassem. Acho que gostava da ideia de uma multidão de bêbedos fedorentos a debater Trollope. O que não tolerava era o silêncio. Naquele dia em particular, discutia com um rapaz de Kerry chamado Elliot sobre *The Playboy of the Western World*.

— Elliot, na sua opinião, a controvérsia em torno de *Playboy* foi uma reação inadequada?

O Elliot pestanejou.

— Sim.

— Sr. O'Donovan, o seu próprio pai é agricultor — disse o Dr. Byrne. — Está a dizer-me que não tem qualquer problema com uma visão global da Irlanda como um país em que as pessoas matam os pais espancando-os com uma pá?

— Não, isso é mau — respondeu o Elliot. — Isso é como... Isso são estereótipos.

O Dr. Byrne avançou, desagradado. Havia sempre algumas pessoas que tinham feito as leituras pedidas e estavam dispostas a discutir, sendo que a maioria da turma contava com elas para se chegarem à frente. Eu estava a tornar-me um desses jovens alunos argumentativos, convencida da minha capacidade de plagiar uma opinião. Peguei na deixa e pus-me a citar Yeats, chacinando uma citação que tinha lido no arquivo académico digital JSTOR sobre o facto de, quando um país cria um génio, ficar sempre zangado por este não refletir a ideia correta do próprio país.

(O que, por estranho que pareça, foi uma frase que repeti ao James anos mais tarde quando um *tweet* que ele escreveu se tornou negativamente viral.)

O Dr. Byrne ficou agradado com a citação de Yeats. É óbvio que a conhecia, mas ficou satisfeito por eu também a conhecer.

Depois da aula, deixei-me ficar à espera dele e disse-lhe que o meu chefe queria saber se ele gostaria de lançar o seu livro na O'Connor Books.

Eu e o James havíamos planeado cuidadosamente aquela conversa e, em todas as versões, o Fred Byrne ficaria encantado. Nalguns cenários hipotéticos, levava-me a tomar uma bebida a seguir.

Porém, ele limitou-se a ficar confuso.

— Não percebo, Rachel — disse ele. — Não vai propriamente atrair uma grande multidão. É sobretudo um texto académico, mesmo que tenha algum aspeto atrativo transversal.

Aquela não era uma conversa que ele estivesse a ter comigo, mas uma repetição de uma conversa que alguém tivera recentemente com ele. Um agente ou um editor, ou talvez a mulher, tentando moderar-lhe as expectativas.

— Não, não — respondi. — Estamos muito entusiasmados com o livro.

— Recebem muitos autores?

— A toda a hora!

O que era verdade, mas tratava-se maioritariamente de escritores de ficção. No último domingo de cada mês, convidávamos um autor de literatura infantil, dos quais parecia haver um número infindo, para ler para os miúdos.

O Dr. Byrne acabou por concordar com o lançamento. Eu disse-lhe que lhe enviaria um *e-mail* sobre o assunto e que o apresentaria ao Ben.

— Espere — disse ele, arrancando um pedaço de papel de um bloco de notas. Por um breve e brilhante segundo, julguei que estivesse a anotar o seu número de telefone. — Inclua, por favor, a Deenie no *e-mail*.

Olhei para o endereço de correio eletrónico que ele escrevera. Aideen.Harrington80@hotmail.com.

— E quem é?

— A minha mulher — respondeu ele. — E, bem, a minha editora.
Fiquei ruborizada.

— Ah, claro — rematei.

6

Certa vez, numa viagem de imprensa à Islândia, fiquei presa num autocarro avariado a uma hora de Reiquiavique. Estávamos a regressar dos géiseres. O géiser era lindo, salpicou toda a gente e o salpico foi recebido com tanta alegria que parecia uma versão do Sea World para pessoas que leem o *The New York Times* no telemóvel. Porém, no regresso, a água colou-se-nos à pele e congelou, enquanto esperávamos e esperávamos pela assistência na estrada. Durante todo esse tempo, bati os pés, comi o almoço gelado que levava e pensei: *Mas será isto tão frio como janeiro em Shandon Street? Não.*

Estava tanto frio que já não conseguíamos ficar no piso de baixo. Descíamos para comer e ir à casa de banho, mas vivíamos no quarto do James, com os dois edredões empilhados na cama, o radiador ligado, os aquecedores a sufocar-nos com ar rançoso. Levámos a televisão para cima e víamos os *packs* de séries que encontrávamos em lojas de caridade.

O James era muito mais cuidadoso com a casa do que eu. Lavava os lençóis todas as semanas, passava-os a ferro e tinha uma palavra a dizer sobre amaciadores. Eu nunca lavara a minha roupa. Não tinha a noção de que poderia ficar bafienta na máquina de lavar se a deixássemos lá demasiado tempo.

— Cheiras a trol — comentou ele, certo dia.

Farejei debaixo dos braços, surpreendida por o meu corpo estar suficientemente quente para transpirar.

— Não, não é isso. Parece que vives debaixo de uma ponte. A tua roupa cheira a água suja.

E coube-lhe a ele mostrar-me como se tratava da roupa.

Eu era invulgarmente lerda no que tocava a tarefas domésticas; a minha mãe tinha-nos mimado a todos sem que nenhum de nós se apercebesse disso. Pensava que, por ter tirado a louça da máquina, em casa, sabia como funcionava um lar. Em minha defesa, o James era um perito. Tivera de cuidar de si desde cedo e tinha muitas regras sobre a limpeza da casa. Também nutria uma obsessão por revistas, pegando na *GQ* ou na *Take a Break* ou na *Hello!* sempre que ia às compras, tal como eu pegaria numa barra de chocolate.

Certa vez perguntei-lhe porquê e ele respondeu:

— Eram os meus brinquedos.

— O quê?

— Por vezes, a minha mãe entrava nos nossos quartos e dizia «Vamos embora amanhã», e tínhamos de pôr as nossas coisas em dois sacos de compras. Cabem muitas revistas num saco de compras.

Nada no seu tom procurava organizar a informação como se fosse uma história trágica. Por vezes, ele deixava escapar estas coisas na conversa e eu tinha de o obrigar a voltar atrás, fazer-lhe todas as perguntas que ele me fazia sobre o meu pai dentista, só que o James ficava cansado de responder e mudava de assunto.

Durante o primeiro mês em que vivi com ele, fiquei a saber o seguinte: que o James nascera em Manchester, que o pai era toxicodependente e que, volta e meia, estava preso. Tinha duas irmãs mais velhas e uma mãe de quem gostava muito. Quando o pai saía da prisão, procurava muitas vezes encontrar a família na tentativa de a ela se reunir, mas a mãe do James mudava-os de casa. Não o fazia por odiar o pai do James. Fazia-o porque o amava, porque sabia que não lhe conseguiria dizer que não e que, se dissesse que sim, a vida dos filhos iria tornar-se pior. Estava, ela própria, a tentar manter-se limpa. Quando o James tinha nove anos, ela mudou-se com eles para a Irlanda, onde em pouco tempo conheceu o padrasto dele. Desde então, o James tinha-se mantido em Cork.

O sotaque britânico desaparecera quase por completo, mas ele continuava a salpicar o discurso com palavras tipicamente inglesas. Referia-se à faculdade como «uni», o que me agradava porque «A Rachel vai para a uni» me fazia sentir irritantemente alegre com a minha educação.

Falei-lhe da conversa que tivera com o Dr. Byrne enquanto

estávamos os dois debaixo dos edredões a comer um *chow mein* da secção de congelados do Tesco, cujas castanhas-d'água nunca descongelavam devidamente. Os dentes deslizavam por elas, fazendo-nos cair partículas de gelo crocante na língua.

— Oh, meu Deus! — exclamou ele. — Temos de o tornar mesmo glamoroso.

— O quê? Como?

— Vamos fazer do evento algo de cerimónia.

— James! Não! É o lançamento de um livro, não é uma gala.

— Está bem, mas usa uma saia. Oh! E tens de preparar uma apresentação.

— Uma apresentação? Para quê?

— No início do lançamento diriges-te ao atril e anuncias: «Tenho a grande honra de apresentar...», blá-blá-blá.

— Isso é habitual?

— Muito habitual, sim.

Já estive em lançamentos de livros suficientes para saber que, por vezes, o livreiro pode fazer uma breve apresentação, e, por isso, de certa forma, é um pouco normal. Mas, sinceramente, se o James me tivesse dito que era normal tirar a camisola enquanto se trabalhava na caixa registadora, eu provavelmente teria acreditado nele.

Passámos o resto da noite a investigar a Deenie Harrington, que tinha trinta anos e era editora sénior na editora do Dr. Byrne. Não havia muito mais para «pesquisar», exceto algumas fotografias com grão dela em eventos editoriais.

— Meu Deus — exclamou o James, ampliando o rosto dela. — Dá para ver que ele gosta de vitorianas.

Era fácil perceber o que ele queria dizer. A Deenie tinha cabelo preto brilhante e o tipo de olhos esbugalhados que se veem nos retratos da época. Ostentava um nariz pontiagudo, um queixo arredondado e o aspeto bonito de alguém académico, mas ligeiramente inculto.

Ainda assim, eu conseguia perceber que ela era boa pessoa. Estava sempre a sorrir nas fotografias, um sorriso caloroso e nervoso, e tinha um fraco por fitas de cabelo de seda ao estilo dos anos setenta, com uma variedade de padrões jazzísticos.

— Parece uma cabra estúpida — comentou o James, usando mais

um termo que guardara da infância.

O James não tinha vida amorosa, pelo que estava preparado para investir muita energia na minha. Julgo que eu teria posto de lado a paixoneta pelo Dr. Byrne se o James não estivesse por perto, a acicatar-me. Ele queria que eu tivesse um caso glamoroso e excitante depois do Jonathan, mas também estava interessado no drama. Queria organizar tudo como se fosse um trabalho fotográfico para a revista *Heat*.

— Estive a pensar — anunciou ele, alguns dias antes do lançamento. — Quando o beberete acabar e toda a gente sair, obrigamo-lo a ficar.

— Como?

— Pedimos-lhe para assinar todos os exemplares do seu livro. Metemo-lo no armazém. Depois, podes seduzi-lo.

Tratava-se de uma técnica de sedução roubada de *Negócios e Guitarradas*, um filme que víamos muito porque era sobre jovens a trabalhar em atendimento ao público.

— No *armazém*?

— Nunca tiveste a fantasia de foder alguém no armazém?

Claro que sim. O James também o sabia; portanto, não sei bem porque é que ele estava a perguntar. Já nos encontrávamos numa fase em que eu lhe falara da minha obsessão por desconhecidos em espaços fechados.

Na manhã do lançamento, recebi um *e-mail* da Deenie Harrington a perguntar se podia passar pela livraria uma hora antes para deixar o vinho. Disse-lhe que sim, claro.

Senti-me como uma criança cujo amigo imaginário se pusera de súbito a morder toda a gente. A brincadeira já fora longe demais. Não passara disso mesmo, de uma brincadeira. Algo para me manter a mim e ao James entretidos enquanto esperávamos que o nosso janeiro com frieiras acabasse.

Na verdade, não me apetecia começar um caso com o meu professor. Era uma ideia ridícula. Havia também o facto inevitável de o Dr. Byrne não ter revelado o menor interesse sexual por mim.

Quando fui trabalhar nessa tarde, o Ben encontrava-se atrás do balcão com duas caixas de *A Dieta de Kensington*.

— Rachel — disse ele —, isto é sobre... história?

— História e literatura — respondi. — A história da literatura.

— Certo — respondeu ele. — Não tem nada que ver com dietas.

A capa mostrava uma imagem da jovem rainha Vitória, bem como um *cartoon* político de gente esfaimada. Não parecia empolgante.

— Eu nunca disse que tinha que ver com dietas.

— Disseste que tinha sido escrito por um nutricionista.

— Disse que tinha sido escrito pelo meu professor de literatura. O Dr. Fred Byrne. Onde é que foste buscar a ideia do nutricionista?

— Não sei. Pensei que fosse como, bem, como a Dra. Gillian McKeith. Porque... porque é que estamos a fazer o lançamento disto?

— O livro está a provocar muito burburinho — expliquei, afastando-me rapidamente.

Porém, não consegui deixar de fazer a mim própria essa mesma pergunta todo o dia. Como é que aquilo saía tão desesperadamente de controlo? Eu e o James não percebíamos patavina de lançamentos de livros. Havíamos imprimido uns quantos panfletos e afixáramo-los pela loja, panfletos que nem estipulavam nem esclareciam se *A Dieta de Kensington* era, de facto, uma dieta. Escrevêramos «gratuito» no panfleto e agora eu começava a ficar preocupada com a possibilidade de o meu professor adorado estar prestes a ser humilhado por uma multidão de pessoas em busca de conselhos acerca de carboidratos.

A Deenie chegou às quatro da tarde. Pediu que me chamassem. Olhos esbugalhados à parte, era uma pessoa muito atraente. Eu tinha nas mãos uma pilha de *As Serviçais*, de Kathryn Stockett.

— Olá — cumprimentou ela. A sua abordagem, sob todos os prismas, era uma estranha mistura de timidez e autoconfiança. Era como se se sentisse autoconfiante por ser tímida. — Só queria dizer olá. Sou a mulher do Fred.

«Sou a mulher do Fred.» Porque não dissera antes que era a editora dele? Não adotara o apelido do marido, pelo que a importância que dava ao facto de ser visivelmente casada era insignificante.

— Esperava que tivessem uma espécie de cozinha onde pudéssemos manter o vinho fresco — prosseguiu. — Também trouxe alguns refrescos, porque certamente aparecerá alguma grávida.

— Acha? — perguntei.

— Oh, no meio editorial, sempre. — Sorriu. Tinha dentes muito

pequenos. — Além disso, queria agradecer-lhe por ter organizado isto.

— Ah, bem... — Encolhi os ombros, pousando *As Serviçais* no chão. — A livraria já tinha ouvido falar muito do livro. Eu limitei-me a somar um mais um.

— Certo — respondeu a Deenie. — E quando é que ouviu falar dele pela primeira vez?

Ela não tentou parecer convencida. Eu conseguira justificar o lançamento do livro ao Dr. Byrne apelando-lhe à vaidade, mas nunca seria capaz de enganar a Deenie. Na qualidade de sua mulher, ela podia até considerá-lo o melhor autor da sua geração, mas, como sua editora, tinha provavelmente uma pilha de dados de vendas a provar-lhe que não o era.

— Bem, na verdade, eu não tinha ouvido falar do livro — expliquei, tentando manter-me descontraída, as entranhas num nó górdio. — Só quando o Dr. Byrne veio perguntar por ele é que vi que tínhamos muitas encomendas em pré-venda. Tudo pedidos de clientes.

— Encomendas de clientes — repetiu ela. — Mas que interessante.

— Toda a gente adora as aulas dele na faculdade. Tem muitos fãs.

A Deenie Harrington fixou-me os olhos esbugalhados e tentou decifrar o meu interesse pelo marido. Há demasiados *clichés* sobre professores de Inglês e as suas adoradas alunas para que não estivesse alerta. Ela própria frequentara as aulas dele, embora como aluna de mestrado.

É assim que é amar um homem pouco fiável, ou ter um emprego insustentável, ou um pai instável, ou um filho doente. É a roupa que se veste e despe constantemente, acrescentando-lhe os acessórios, de acordo com as inseguranças que ficam bem, com os alertas que nos fazem parecer mais magras. Mas tínhamos idades próximas; mas eu ainda era aluna dele; mas estamos apaixonados; mas quem poderá garantir que ele não se volta a apaixonar?

— Deve ser giro trabalharem juntos — disse-lhe, de forma pouco convincente.

— É, sim — concordou ela. — Nos dias em que ele suporta ser editado. — Revirou ligeiramente os olhos, sorrindo de seguida para confirmar que estava a brincar. — Bem, vemo-nos mais tarde — acrescentou. — Foi um prazer conhecê-la finalmente.

O «finalmente» pairou entre nós, pequenas réplicas mortais de um

desastre natural. Dei um passo atrás e ela saiu da livraria. Eram quatro horas. O lançamento começaria às seis e meia. Eu assumiria o papel de anfitriã enquanto o James ficaria na caixa registradora a atender os clientes noturnos.

A Deenie queria perceber se eu era o tipo de rapariga que tem paixonetas insensatas, mas não correspondidas, pelos professores, ou o tipo de rapariga que orquestrava lançamentos em livrarias para os seduzir. Não me parece que tenha encontrado uma resposta. Eu era estranha, alta e não era magra. Não me parecia minimamente com ela. Mas talvez, deve ela ter imaginado, ele estivesse a aproximar-se da crise de meia-idade e, quem sabe, parte disso passasse por querer uma rapariga ingénua que o fizesse lembrar principalmente de si próprio.

Se ela encontrou efetivamente uma resposta nesse dia, não sei qual seria o seu plano. Não me parece que me pudesse ter ameaçado. Ela era, acima de tudo, uma pessoa extremamente bondosa.

Quando se é jovem, tende-se a viver em absolutos. Na minha cabeça, o lançamento do livro só podia correr de duas maneiras. Ou ia ser catastrófico e uma humilhação profunda, ou seria o melhor lançamento de um livro na história dos eventos de pequena escala e sem *catering*.

A verdade, como sempre, situou-se algures no meio. Choveu muito durante toda a tarde, o que me fez cortar mentalmente pelo menos dez pessoas da lista de convidados. Vendemos alguns exemplares, a mesa que dedicámos ao livro conferiu-lhe um sentido de importância, e fizemos questão de dizer a todos os que compraram um exemplar que o autor iria fazer uma apresentação nessa noite. O Ben, depois de ter ultrapassado a sua desilusão por o livro não ser da autoria da Dra. Gillian McKeith, começara a falar da noite como um «teste» para outros lançamentos, mencionando com entusiasmo a possibilidade de desenvolver uma «relação» com a Deenie e a sua editora. Numa tentativa de cimentar essa relação, saiu para comprar batatas fritas no grande armazém Tesco. Recusou-se a chamar-lhes batatas fritas; referia-se-lhes apenas como «aperitivos».

Não falei muito com o James nesse dia, algo por que me senti grata. Sabia que ele iria fazer muitas piadas sobre o facto de esta ser «a grande noite» e não lhe queria dizer que o plano nunca esteve realmente de pé. Queria que todos fingíssemos que se tratava de um evento normal para um autor local e que a vida seria retomada calmamente depois.

O Dr. Byrne chegou pouco depois das seis. Trazia um *blazer* cinzento-escuro e sapatos clássicos, ambos salpicados de chuva. Estava

bonito, mas encolhido como uma flor resistente que sobrevivera corajosamente a uma rega excessiva. Apercebi-me então de até que ponto a minha paixoneta se havia desenvolvido, apesar de ter decidido não fazer nada a esse respeito. Admirava o Dr. Byrne quando ele era o meu grande e ardente professor. Fazia-me sentir melhor por estudar literatura inglesa num período de recessão, porque era um professor que agia como os professores dos filmes. Acrescentava valor à inutilidade que era ficar a remoer textos estabelecidos. Porém, no decurso das últimas semanas, a minha adoração pelo herói transformara-se em algo mais protuberante, mais texturado. Ele ficara tão feliz ao acreditar em mim no que respeitava às encomendas em pré-venda, e eu queria protegê-lo das muitas decepções do mundo, guardá-lo com o meu corpo como faria com um bebé ou um cachorrinho.

Além de tudo isso, ele era o único homem que eu conhecia que me fazia sentir pequena, e sentirmo-nos protetores em relação a alguém que é fisicamente maior do que nós é uma droga dos diabos.

— Oh, meu Deus! — exclamou o James quando o viu do outro lado da livraria. — Aposto que o tem do tamanho de um candelabro.

— Cala-te.

— Vestiste cuecas lavadas? — quis ele saber. — Não tens as tuas cuecas de trol de quem vive debaixo da ponte, pois não?

— Não vou discutir isso aqui.

— Ninguém passa férias num pântano.

— James!

— Quem te avisa teu amigo é.

Era o tipo de coisa que achávamos hilariante em casa, mas que o James por vezes arrastava para a vida pública, onde eu ainda estava a tentar ser a Rapariga da Livraria. Queria ser apanhada num raio de sol, com um ar elegante e melancólico, possivelmente a escrever um poema nesse preciso momento. Tentei-o durante muito tempo e foi preciso esperar pelos meus vinte e poucos anos para perceber que isso só acontece a mulheres baixas.

Ainda assim, *estava* a usar um par de cuecas bonitas.

Aproximei-me do Dr. Byrne de lado, como quem não quer assustar um cavalo, e ele ofereceu-me um sorriso largo e nervoso. Cheirava a chuva e a cigarros.

— Olá — cumprimentei-o. — Acabou de se desencontrar da sua mulher.

— Quando? — perguntou ele.

— Oh... há duas horas — balbuciei. — Ela parece-me simpática.

Ele limitou-se a anuir com a cabeça e eu pensei: *Que direito tenho de dizer a este homem adulto que a mulher dele é simpática?*

— Estamos muito entusiasmados com esta noite — continuei. — Todos nós aqui na livraria.

O James aproximou-se, provando que havia outras pessoas a trabalharem ali.

— Olá — cumprimentou. — Queria só dizer-lhe que o seu livro é fantástico. Comecei a lê-lo na minha hora de almoço. Já estou no segundo capítulo. Surreal.

O Fred Byrne sorriu com gratidão.

— A sério?

— Sim. E eu sou um leitor inútil. Mas, tipo, cresci em Inglaterra, e lá não se ensina nada disto. É tudo o Império isto, o Império aquilo, ninguém seria capaz de segurar bem numa faca e num garfo se o Império não lhes tivesse ensinado.

— Tem toda a razão — concordou o Dr. Byrne, a sua confiança de professor a começar a regressar. — E quando é que se mudou para cá?

— Em 1997. A minha mãe casou-se com um agricultor.

— Em que sítio?

— Fermoy.

— Ah.

— Eu sei. Não se preocupe. Eu também não tenho nada de bom a dizer sobre Fermoy.

— Não é assim tão mau.

— Nenhum sítio é assim tão mau se tivermos um leitor de DVD no quarto.

— Céus, se ao menos tivéssemos um quando a minha família se mudou para o Canadá...

A cada palavra proferida, eu sentia que me estava a tornar cada vez mais invisível.

— Viveu no Canadá? — perguntei, a voz estranhamente estrangulada.

— Sim, durante alguns anos — respondeu ele, e, nesse momento,

o Ben aproximou-se com uma taça de aperitivos.

Acabaram por vir cerca de trinta pessoas. Vinte e duas eram amigos, familiares ou colegas de trabalho dos Harrington-Byrnes. Os restantes eram vagabundos ou pessoas que se estavam a abrigar da chuva. Fiz uma breve apresentação, adaptada do comunicado de imprensa escrito pela mulher do Dr. Byrne. Depois, ele leu a introdução do livro, e lembro-me de ter sentido que a sua escrita não era nem de perto nem de longe tão empolgante como a sua pessoa. O livro oscilava entre grandes afirmações elaboradas para dar azo a uma manchete na secção de cultura do *The Irish Times* («em toda a arte irlandesa, seja em Yeats ou The Corrs, a longa sombra da fome ainda perdura») e longos apartes sobre a forma como os irlandeses não só passaram literalmente fome como continuam a ser privados de alimento pelos britânicos ao nível da alma. O Dr. Byrne quase parecia pensar que a fome era uma coisa boa. Parecia julgar que a maioria dos livros e pinturas de valor surgira da praga da batata, e perguntei-me se a Deenie alguma vez lhe pedira para se acalmar um pouco.

Tenho-me questionado sobre como é que o *The Hibernian Post* poderia ter coberto o lançamento de um livro assim, ou se o teríamos sequer mencionado. Desde que fui nomeada editora, dou comigo a pensar se o Dr. Byrne nos contactaria com livros posteriores e no que eu diria se o fizesse. Penso que teria publicado uma revisão, que a teria enfiado na edição de fim de semana, um texto de quinhentas palavras e escrito por mim. Julgo que teria sido generosa, usando expressões como «*tour de force*», e justificado de mim para comigo a necessidade do texto, dizendo que havia agora um mercado muito maior para reflexões culturais sobre a opressão irlandesa. Nos últimos anos, sentimo-nos confiantes e abertos a ouvir falar dos moldes em que fomos injustiçados.

Na altura, não havia tanta sede disso. Tínhamo-nos em muito má conta. Lembro-me de, num domingo, me ter posto a papaguear as teorias do Dr. Byrne sobre a fome enquanto tentativa de genocídio e de o meu pai ter dobrado o jornal e me ter olhado nos olhos. «O que é que era suposto que eles fizessem?», perguntou ele, referindo-se aos ingleses. «Nós éramos demasiado estúpidos para cultivar outra coisa.»

Depois da apresentação propriamente dita, o Dr. Byrne foi instalado a uma mesa que habitualmente usávamos para empilhar os

livros de literatura de casa de banho. Os amigos e colegas fizeram fila para falar com ele. Um fotógrafo do *Evening Echo* estava lá para tirar fotografias. Foi conduzido pela Deenie, que parecia conhecê-lo, e o Dr. Byrne posou, segurando o livro em diferentes posições. O fotógrafo desempenhava o mesmo papel que um palhaço numa festa de anos de uma criança. Dava a entender que, sem ele, aquele momento mais não seria do que um grupo de adultos que se conheciam e estavam dispostos a participar na encenação de que um deles era famoso por um dia. Parecia um ato revolucionário de bondade, como a Fundação Make-A-Wish, mas para homens prezados a acercar-se dos quarenta anos.

Às nove da noite já tudo terminara. Os amigos saíram dali para um bar e o Dr. Byrne, sem qualquer incentivo da nossa parte, anunciou que iria ficar na livraria para assinar os exemplares que sobraram. A Deenie beijou-o, pondo-se em bicos dos pés para o conseguir fazer, e disse que o veria no bar. Senti-me incomodada com toda a questão dos bicos dos pés, com a expressão inconveniente da sua pequenez. *Vai-te lixar*, pensei. *Só por causa disso, vou comer o teu marido.*

Como sempre, estava a pôr a carroça à frente dos bois. Antes, o Ben queria que eu limpassem as prateleiras, que haviam sido desarrumadas por todos os amigos curiosos do autor. A zona dos livros de ficção de capa dura estava uma bagunça. O James pôs música, ligando o seu velho *iPod* ao cabo auxiliar. Mais Paul Simon. «You Can Call Me Al» era a nossa canção de limpeza. Cantávamo-la por entre as pilhas de livros. Parecia estranho que o Dr. Byrne ali estivesse enquanto a ouvíamos. Mas ele pareceu gostar, assinando os livros ao balcão e cantarolando connosco.

O Ben obrigou-me a colocar a mesa novamente no lugar original e empilhámos a literatura de casa de banho em cima dela. Discutimos se *Orgulho e Preconceito* e *Guerra* pertenceria à secção de humor ou à de ficção. De seguida, ele levou as caixas registadoras para cima para começar a contar as receitas do dia.

«Under African Skies» começou a tocar e apercebi-me de que estava sozinha. O chão encontrava-se desimpedido, cada livro no devido lugar, bem arrumado. As luzes da livraria, que funcionavam por sensor de movimento, haviam-se apagado no resto do piso.

Encontrava-me numa semiobscuridade, apenas com uma lâmpada fluorescente acesa por cima de mim.

Vagueei por ali, confusa, qual rapariga perdida num mundo paralelo, cujas diferenças ainda não me eram claras. Por fim, acabei por concluir que o Dr. Byrne e os restantes funcionários haviam ido para o bar sem me avisar. Ou talvez mo tivessem dito, gritado pelos altifalantes, e eu não tivesse ouvido.

Meia caixa de *A Dieta de Kensington* não cabia nas prateleiras, por isso peguei nos livros e dirigi-me para o armazém. Onde estava o Dr. Byrne, e onde o James parecia tão pequeno nos seus braços que precisei de um segundo para me aperceber de que ele não estava sozinho.

Se quiserem saber quanto tempo fiquei a observar o meu professor a beijar apaixonadamente o meu melhor amigo, diria que foi um pouco mais do que o «vislumbre» e um pouco menos do que o «olhar fixamente». O tempo abrandou e permitiu-me interiorizar pormenores em que, de outra forma, nunca teria reparado. O facto de as mãos do Dr. Byrne repousarem no cabelo castanho e desgrenhado do James, e de serem tão grandes que lhe cobriam por completo a orelha esquerda. O facto de ele parecer estar a agarrar o James de modo tão decidido que dava a sensação de a cabeça do James ser um melão em risco de rolar colina abaixo.

Mesmo que o beijo não tivesse sido uma traição, ainda assim ter-me-ia deixado fascinada. Se estivesse a acontecer na rua, eu teria abrandado para o observar. Não era apenas o facto de serem homens. É que estavam ambos tão embrenhados no beijo que tentavam mutuamente impedir que o outro fugisse. O Fred Byrne, com as mãos firmemente vincadas no pescoço e no crânio do James, e o James a encostar-se tanto ao Dr. Byrne que parecia que este teria de arrancar o James de si, caso quisesse parar de o beijar.

Coisa que não parecia querer.

Devem ter ouvido a porta do armazém a bater atrás de mim. Ninguém me seguiu ou gritou para que esperasse. Fiquei especada na livraria durante alguns segundos, após o que peguei na mala e corri para casa.

Da livraria a nossa casa, em Shandon Street, eram dezasseis minutos a pé. Pelo caminho, disse a mim própria o que faria mal entrasse: iria pôr a chaleira ao lume, vestir o pijama e enfiar-me

debaixo das cobertas a chorar. Por essa altura, já parara de chover, mas as ruas estavam repletas de poças. Sentia-me tão atordoada que continuei a pisá-las e, quando cheguei a casa, estava molhada até aos joelhos.

Mas tudo o que consegui fazer foi ficar na cozinha a tremer, enquanto comia punhados de cereais diretamente da caixa. Quando comecei a sentir a boca seca, abri uma das latas de *Coca-Cola Light* que o James tinha sempre no frigorífico e bebi-a em três grandes goles. Desejei, desesperadamente, ter alguém com quem falar. Não havia ninguém. Eu criara um mar de problemas para os quais o James era o único navegador, porque era a única pessoa a par da minha paixoneta pelo Dr. Byrne. E não havia ninguém a quem contar a traição do James sem trair o James ao mesmo tempo. Apesar de tudo, em pleno estado de fúria, estava ciente de que o James poderia encontrar um companheiro de casa igualmente interessante no dia seguinte, mas para mim só havia um James.

Perguntei-me se aquela seria a sua primeira experiência homossexual. Preocupou-me a possibilidade de os meus sentimentos de mágoa serem, na verdade, homofobia reprimida; depois pensei que, se o James fosse uma rapariga, teria ficado muito mais furiosa.

Quando ele chegou finalmente a casa, eu ainda estava a tremer na cozinha como um caniche assustado. O James pousou as chaves na mesa da entrada. Fiquei à espera de mais um par de passos. Não ouvi mais nada.

— Rache — chamou ele. Repetiu-o, subindo as escadas. — Rache!

Não havia porta da cozinha para a sala de estar. Aquele espaço era mais um beco que conduzia à casa de banho do que uma verdadeira divisão. Ele parou quando me viu.

— Ah, bom — disse ele.

— Então? — respondi, sem o olhar nos olhos. — Já te assumiste?

— Como assim?

— É que não vejo qual é o sentido de não te assumires e de eu dizer às pessoas que és heterossexual se vais foder o meu professor — ripostei.

— O que é que o facto de tu dizeres às pessoas que eu sou heterossexual tem que ver com o que quer que seja?

Encontrei um filão de raiva, algo para lá da minha vergonha por

ter perdido o Dr. Byrne.

— *Dei a minha palavra por ti* — disse eu. — As pessoas perguntavam-me se eras *gay* e eu respondia que *não*.

— E acreditavas nisso? — inquiriu ele calmamente.

— Não! — explodi. — Mas tu eras meu amigo. Eu estava a *ser* uma boa amiga.

Ele olhou para as minhas meias encharcadas.

— Estás gelada — observou. — Anda, vamos lá para cima.

Subimos as escadas como um velho casal, as mãos no corrimão. O James vestiu o pijama. Deu-me um dos seus, sabendo que todos os meus estavam pendurados no estendal lá em baixo. Eram macios e cheiravam bem, como tudo o que lhe pertencia, algo que nunca consegui reproduzir, não obstante os truques de lavandaria que tentei desde então.

Vesti a *t-shirt* e as calças cinzentas dele no meu quarto. Como sempre, parecia um lugar onde um porteiro noturno dormiria durante o turno. As roupas caíam quando eu me levantava, e a colcha estava constantemente amarrotada. Havia um estabelecimento de *fish and chips* ao fundo da rua, e, certa noite, enquanto esperávamos pelo peixe, reparei num balde de maionese vazio, de tamanho industrial, atrás do balcão. «Posso ficar com esse balde?», perguntei. O James não queria acreditar. Levei o balde para casa e usei-o como cesto da roupa suja. Até hoje, ele refere-se a esse período da nossa vida como os Dias do Balde de Maionese.

— Vens? — chamou ele, e eu entrei no quarto dele, quente e limpo, e deitei-me na cama.

— Desculpa — disse-lhe, mal a luz se apagou.

— Não, eu é que peço desculpa — respondeu-me. Sentia-lhe o hálito na minha cara. — Ele era teu.

— Não, não — retorqui. — Nunca foi meu.

Nos anos que se seguiram, ouvi falar tantas vezes da noite em que o James foi beijado pela primeira vez pelo Fred Byrne que tenho a sensação de que estava lá, a viver cada momento. Sinto isso em relação a muita coisa da vida do James. Passo por determinadas estações em longas viagens de comboio e penso: *Sandhurst. Quando é que estive em Sandhurst?* E depois percebo que nunca lá estive, mas que o James viveu lá durante um ano, nos anos noventa.

A dada altura, enquanto eu discutia com o Ben acerca de *Orgulho e Preconceito e Guerra*, o Dr. Byrne lançou ironicamente para o ar, enquanto falava com o James, que não tinha qualquer ilusão de que os muitos exemplares autografados dos seus livros fossem ser vendidos. Perguntou se a livraria iria ficar desfalcada; questionou-se se deveria sentir-se culpado, tendo em conta os tempos que vivíamos.

— Não se sinta mal — replicou o James. Depois, deu como exemplo um livro de memórias de um político caído em desgraça que estava a ocupar metade do armazém. O fulano era um daqueles tipos corruptos aparentemente responsáveis pela ruína do país. — Ele assinou todos os exemplares, pelo que não os podemos devolver. Agora só os usamos para impedir que a água entre nos dias de chuva. É como uma barragem.

Sendo aquele um dia chuvoso, o Fred Byrne perguntou-lhe se poderia ver a barragem da traição política. A dada altura, o James sentiu uma mão no fundo das costas. Apenas um roçar, a palma quente de uma negação plausível. Virou a cara e lá estava ele. Alto, bonito e provavelmente a sentir que merecia um tratamento glamoroso na sua grande noite. Enquanto eu tentava desesperadamente ser a Rapariga da Livraria, o James estava a ser, sem qualquer esforço da sua parte, aquela coisa mais rara e mais bonita: o Jeitoso da Livraria.

Perguntei-lhe frequentemente porque é que ele não se assumiu mais cedo. Vergonha e terror à parte, o James pura e simplesmente não sentia que *precisasse* de o fazer. Assumir-se, lembra-me ele, é uma decisão política e não uma decisão prática. Pelo menos, para os homens homossexuais. Ele fazia parte de uma cultura que fora simultaneamente muitíssimo sexual e profundamente clandestina durante centenas de anos. As pessoas só se começaram a assumir realmente depois da sida. Sempre houve homens que *o percebiam* sem que tivessem de lho dizer. O Fred Byrne era um desses homens, mas houvera outros. Já tinha acontecido em casas de banho, cozinhas de restaurante e, sim, armazéns.

Fiquei espantada com aquilo. Eu, Rachel Murray, passara a minha curta vida de adulta desiludida com o facto de desconhecidos não quererem fazer sexo comigo em sítios aleatórios, ao passo que o James andava a fazê-lo constantemente.

— Não constantemente — corrigiu ele. — Nem sequer frequentemente.

Aos vinte e dois anos, tinha vivido menos de dez dessas experiências. Mas eram sensuais, duradouras e nunca se sabia ao certo quando é que a próxima iria acontecer. Só uma coisa era certa: quando se proporcionavam, não se dizia que não.

— Podes sempre dizer não — retorqui, pensando que era uma questão de consentimento.

— Não. — Ele abanou a cabeça. — Não estás a perceber. Refiro-me a mim. O James Devlin. Eu *não consigo* dizer não. — Ele parecia genuinamente arrependido. — Bem sei que ele era teu, Rachel, mas, sejamos honestos, tu nunca irias fazer fosse o que fosse, e ambos sabíamos disso.

— Sim. — Suspirei. — É verdade.

O James era demasiado simpático para dizer: *E, de qualquer forma, ele nunca teria feito nada contigo.*

Estava desesperada por saber mais informações sobre o Fred Byrne. Pensei que o facto de os dois terem fodido durante vinte e cinco minutos no armazém da O'Connor depois de a livraria fechar significava que o James havia descarregado toda a autobiografia do Dr. Byrne.

— Então, ele faz isto muitas vezes?

— Não sei.

— Será que é secretamente *gay*? Ou apenas, sabes, abertamente bissexual?

— Não faço ideia.

— A mulher dele sabe?

— Não sei.

— Não falaram nada sobre a mulher dele?

— Curiosamente, ela nunca veio à baila.

Nessa primeira noite, só fiquei a saber alguns factos sobre o Dr. Byrne, e foram os seguintes: que ele era, de facto, bem-dotado. Que usava *boxers*. E que, depois de terem tido sexo, não estava coberto de vergonha nem se distanciou, como muitos homens casados. De facto, ao sair do armazém, beijara o James, muito suavemente, na zona da nuca.

Na Irlanda, a primavera começa a 1 de fevereiro. É uma coisa pagã, julgo eu, porque não tem decerto que ver com o clima. O mês de fevereiro é habitualmente nublado, gelado e com apenas alguns rebentos verdes visíveis através dos portões do Bishop Lucey Park.

Aquela primavera, porém, foi diferente, porque eu e o James éramos os rebentos verdes esperançosos, a nascer na terra gelada a uma velocidade totalmente nova.

O James assumira-se oficialmente a uma pessoa, e essa pessoa era eu. Aquilo abriu-nos mundos. Há uma fotografia nossa algures numa página do Facebook numa festa burlesca numa discoteca *gay*. Eu, com um espartilho vermelho e calças de ganga pretas, os seios quase a tocar-me nas orelhas, gordura branca a transbordar do cós da cintura. Ele, vestido como o mestre de cerimónias do *Cabaret*, se o mestre de cerimónias do *Cabaret* tivesse de se vestir para o frio invernal. Se olhássemos para a fotografia agora, diríamos que ele estava vestido de mimo — a maquilhagem branca era espessa a esse ponto.

Quando comecei a maquilhar-lhe a cara, ele estava sentado numa cadeira de jantar de madeira na nossa sala de estar, e cada um de nós bebia da sua garrafa de um vinho de quatro euros chamado *Marqués de León*. Só se conseguia comprar no Tesco; quando estava quente, sabia a mijo e, quando estava muito frio, não sabia a nada. Bebemo-lo com muito gelo e muito depressa.

Passei-lhe *rouge* na cara, desenhei-lhe linhas pretas nos olhos. Aumentei-lhe o lábio superior com delineador líquido.

Ele olhou para o espelho do meu estojo de maquilhagem.

— Rachel, não — disse-me. — Continuo a parecer eu.

— Não sei o que queres que eu faça. Não sou maquilhadora.

— Mais branco — pediu-me. — Como uma máscara.

Comecei a pintá-lo com um pincel de cozinha que já estava na casa quando nos mudáramos e que cheirava a óleo de girassol.

Nessa noite, dançámos ao som de «Coin-Operated Boy», dos Dresden Dolls, de «Babooshka», de Kate Bush, e, sim, de canções do próprio *Cabaret*. A bailarina burlesca tinha um *hula hoop* e, durante alguns minutos, aquilo esteve no auge. A dada altura, o James começou a transpirar, o suor a dissolver a tinta de palhaço, e acabou colado a um rapaz num canto. Não sei o que fiz. Não me lembro de me sentir aborrecida, ou sozinha, ou como se fosse cúmplice da sua vida sexual. Também estava a começar a assumir-me.

Que diabo: *eu estava a usar um espartilho em público*.

Grande parte das vezes, deixava-me ficar na zona de fumadores com outro tipo *gay* ou com um grupo deles. Comecei a aperceber-me de que tudo aquilo de que tanto gostara em criança — *A Morte Fica-Vos Tão Bem*; o conceito de Bette Midler; puxar a gola da *t-shirt* sobre o ombro e depois posar ao espelho, dando um ligeiro beijo na pele descoberta — era imensamente *gay*. Eu tinha uma forma de pensar afetada. Escolhia certas citações, certas mulheres, certos micromomentos na cultura *pop*. As minhas citações haviam sido pouco apreciadas pelo Dr. Byrne («o que é o teu corpo agora senão um caminho de fome?»), mas acolhidas com entusiasmo pelos homens que ia conhecendo por acaso. «Ele não parece maior do que o *Mauretania*», dissera uma vez a um rapaz, apontando para um homem enorme na pista de dança com quem ele queria ir para a cama. Ele agarrou-me na mão, riu-se e pusemo-nos a debitar excertos do *Titanic* durante boa parte de uma hora. Este «boa parte» significa que foi durante quase uma hora e que essa parte foi mesmo boa. Para mim, pelo menos.

Olho muitas vezes para a fotografia da noite burlesca. Associo-lhe inúmeras memórias, recordações de outras noites em que saímos juntos, mas das quais não tenho fotografias. Noites temáticas *queer*, com sugestões de trajes específicos, bares *gay* que pagavam para que os Vengaboys aparecessem como convidados, festas organizadas pelos estudantes de teatro da UCC a fim de angariar fundos para os adereços da sua próxima peça. Volta e meia, via um fotógrafo da discoteca de roda do James e do rapaz que ele estivesse a beijar; dava-lhe uma

pancadinha no ombro e pedia-lhe educadamente para ir à merda.

— Assume-te de uma vez — disse-lhe eu, certo dia, a caminho de casa. Estávamos a comer batatas fritas, queijo e molho de alho. — Porque é que te preocupas com isso? A maioria das pessoas parte do princípio de que és gay de qualquer das formas.

— A minha mãe — explicou ele. — Ia ficar muito perturbada com a notícia. Acho que já tem preocupações suficientes comigo.

Aquilo pareceu-me uma resposta pouco convincente. Afinal de contas, a mãe dele casara com um toxicodependente, um criminoso. Sabia como era o mundo.

— Já te passou pela cabeça que talvez ela já saiba?

Ele esboçou uma careta.

— Só não quero que as coisas mudem.

— Mas estão a mudar — insisti. — Já *mudaram*.

Não nos limitávamos a frequentar as noites *queer*. Continuávamos a sair com os nossos amigos da livraria, que, sabe-se lá como, tinham conseguido expandir-se e transformar-se nos nossos amigos da loja de música, amigos da Topshop, amigos da HMV. Sem me aperceber, reuni os nomes de uma centena de pessoas com idades compreendidas entre os dezoito e os trinta anos que trabalhavam em *part-time* na cidade de Cork, cada uma delas com namorados ou namoradas em bandas, na rádio do *campus* ou a contratar gente para atuar em locais de música ao vivo.

Havia muitos bilhetes para concertos a circular. Bandas do Reino Unido que tinham pendurado datas em Cork, no final da digressão, como meias tresmalhadas num estendal. Glasvegas, Dirty Pretty Things, The Pigeon Detectives. E outras de que ninguém se lembraria. Bandas que hoje são uma espécie de piada, uma abreviatura de fama efémera e de franjas esticadas. Mas desempenharam um papel delicioso para nós, um espaço mágico e doce entre a celebridade e a acessibilidade. Apesar de eu ter vivido em Londres durante quase dez anos, que é supostamente a terra dos aspirantes desesperados, nunca conheci quem se agarrasse à fama como as pessoas que conheci em Cork em 2010. De certeza que todas as pequenas cidades são iguais. Estamos tão longe de tudo que até uma centelha de notoriedade nos pode deixar eufóricos.

O James envolveu-se com alguém de uma dessas bandas. Não

estou a ser discreta. Não me lembro mesmo de que banda era. Estávamos no concerto, e ele desapareceu; depois, mandou-me uma mensagem uma hora mais tarde a pedir-me que fosse ter com ele lá fora. Eu e o James tínhamos acordado que poderíamos ir à nossa vida, mas nunca nos prejudicando um ao outro. Ele nunca iria para casa com alguém se isso significasse que eu iria para casa sozinha, e vice-versa. Ou metíamos o outro num táxi ou nos certificávamos de que estava a caminho de uma festa algures.

Fui ter com o James em frente ao Savoy; estava gelado diante de uma carrinha com a porta aberta.

— Vens? — perguntou ele, batendo com os pés.

Não fazia ideia de para onde iríamos. Lá dentro, vi quatro rapazes ingleses magricelas, a abanar a cabeça como aqueles cães que se colocam nos painéis de instrumentos.

— Claro — respondi.

Na longa e escura viagem de táxi até ao Vienna Woods, em Glanmire — ridiculamente fora de mão, a pelo menos trinta minutos de carro do centro da cidade —, foi-me permitido escolher com qual dos elementos da banda, se é que com algum, eu me iria envolver. Na carrinha, já se encontrava uma rapariga. Como é óbvio, sentada no joelho do vocalista. O James estava com o guitarrista. O baixista e o baterista ficavam para mim, um facto que me teria feito sentir mais poderosa se eles não estivessem constantemente perguntar-me: «Tens amigos, querida?»

Fui com o baterista.

Nessa altura, já andava a estudar Literatura há quase três anos. Lera sobre o Grupo de Bloomsbury e sobre Paris nos anos vinte. Porém, ainda assim, era cega no que tocava à emergência de uma cena quando ela estava a acontecer mesmo diante do meu nariz. Nunca pensei que as bandas que eu ia ver, as coisas que usava ou as pessoas com quem ia para a cama fossem as orlas de uma circunferência maior, os componentes de um círculo. Talvez assim seja porque nenhuma delas ficou famosa. Ou se manteve famosa. Talvez a fama seja aquilo que confere importância, e não o contrário, como os meus trabalhos da faculdade sugeriam.

O baterista tinha uma daquelas caras em que a pele cobre diretamente o osso. Um ano de digressão talvez o tivesse de alguma

forma emagrecido, não em peso, mas em essência. Beijámo-nos, as testas a tocar-se, numa das camas de casal no quarto que partilhámos com o baixista. O James estava no quarto ao lado.

— É verdade o que ouvi dizer das raparigas irlandesas? — perguntou ele. Era do Norte. De Leeds, creio.

— O que é que ouviste dizer?

— Que todas vocês engolem?

Beijei-o para o calar, mas fui-me embora pouco depois. O James veio comigo.

Quanto ao Dr. Byrne, tudo aquilo se estava a dissolver no passado. Foi o catalisador para a nossa nova vida juntos, uma revelação de franqueza sexual, mas não falávamos muito dele. Por diversos motivos, eu estava feliz que tivesse acontecido. Nas primeiras semanas com o James, sentia-me sempre ligeiramente confusa no que respeitava ao motivo pelo qual ele quisera ser meu amigo. Agora que era a sua confidente, sentia que tinha um papel na vida dele. Certa vez, expus-lhe isto mesmo, bêbeda e anos depois do ocorrido. Ele mostrou-se ligeiramente horrorizado. Disse-me que sempre gostara de mim. E que continuava a gostar, apesar de eu dizer loucuras como aquela.

A única altura em que tinha tempo para pensar nisso era nos meus seminários de quarta-feira, em que o Dr. Byrne fingiu não dar por mim durante semanas.

Lera muitos livros acerca do trauma duradouro de jovens mulheres e dos seus ignóbeis e corruptos professores de Inglês e o que acontece quando têm sexo connosco. Não lera nem uma palavra acerca do trauma relacionado com o facto de um professor de Inglês decidir *não* ir para a cama connosco. O Fred Byrne, que por uns tempos me considerara uma companheira de diálogo, preferia agora nem me dar voz nas discussões académicas, limitando-se a anuir quando eu falava. Eu compreendia que ele estivesse envergonhado e ciente da fina fronteira de sigilo que eu representava — tinha o endereço eletrónico da mulher dele! —, mas sentia, ainda assim, que era extremamente injusto. Eu não fizera nada de mal. Nem sequer *tentara* dormir com ele, exceto na minha cabeça. Por vezes, durante esses longos seminários, no decurso dos quais ele gritava com toda a gente, exceto comigo, perguntava-me se o Dr. Byrne compreendera, na

verdade, o plano. Talvez tivesse pena de não se sentir atraído por mim e de fantasiar, ao invés, com o meu companheiro de casa.

Ainda assim, pensava, fungosa. Isso não significava que tivesse de me privar de uma educação.

Tentei não pensar no assunto. Em abril, terminaria as aulas de vez e em maio faria os exames finais. A janela temporal para conhecer o Dr. Byrne estava a fechar-se. A faculdade era cada vez menos importante para mim, se é que alguma vez o havia sido.

Porém, a lei das cidades pequenas significava que esbarrávamos no Dr. Byrne de qualquer das formas. Não é que ele andasse no engate. Era demasiado casado para isso. Mas havia uma outra classe mais velha de gente artística de Cork a que ele pertencia, e essas pessoas por vezes tocavam as orlas exteriores dos nossos grupos. Ele ainda estava nos trintas, sem filhos, pelo que ele e a Deenie socializavam muito. Encontrámo-los num concerto dos Goldfrapp. Foram como eu vou hoje a concertos com o meu marido — diversão, jantar antes, em casa às onze, alguma coisa para fazer. Só existe um curto período na vida em que se pode ir a concertos com um compromisso espiritual.

— Olá — cumprimentei-os, demasiado alto, acima da música.

— Rachel — disseram ambos em uníssono, com um aceno de cabeça ao James. A Deenie sem se lembrar do nome dele, o Dr. Byrne a tentar fingir o mesmo.

Eu não queria que a interação durasse mais do que um cumprimento. Ainda estava zangada com o Dr. Byrne por me ignorar nas aulas. O James não se sentia tão tímido.

— Vocês estão tão elegantes — disse ele, sem rodeios.

A Deenie sorriu, tão genuinamente encantada que eu soube que ela não fazia a menor ideia da vida secreta do marido.

— Ah, até parece! — replicou. — Ainda estou a recuperar de uma constipação; nem sequer queria vir esta noite. Foi um amigo da Red FM que me deu os bilhetes.

Será que naquela altura haveria alguém que comprasse mesmo bilhetes para os concertos? Será que era por isso que a economia estava em frangalhos?

Ela ergueu um lenço de papel enrodilhado na mão para provar a veracidade das suas palavras, parecendo uma bandeira branca de

rendição. Estremeceu.

— Sinto a cabeça a latejar.

— A Rachel tem paracetamol — disse o James. Todos se puseram a olhar para mim.

— Sim — assenti —, tenho. Quer um?

— A Rachel é a rapariga dos comprimidos — prosseguiu o James.
— Paracetamol, *Solpadeine*, ibuprofeno. É uma farmácia ambulante.

Era verdade. As minhas malas estavam cheias de caixas de comprimidos semivazias, compradas numa farmácia de serviço, a caminho de casa, depois de uma noite, e isto porque temia muito a ressaca, mas o desejo de me embriagar era maior.

— *Solpadeine* — disse a Deenie, os olhos a iluminarem-se. — Meu Deus, dá-me um?

— Só tenho em saquetas — expliquei, agitando uma no ar. No escuro, parecia um invólucro de um preservativo.

— Não me importo, vou buscar um copo de água ao bar. — Riu-se e abanou a cabeça. — Sou tão *rock 'n' roll*.

— Rache, é a tua vez — anunciou o James, erguendo o seu copo de plástico com gelo a derreter. — *Bacardi* cola?

— Claro — respondi, percebendo o que ele pretendia. Estava a conduzir-me para o bar com a Deenie Harrington, amarrando-nos ao nó da fila de espera sedenta.

— Como está a livraria? — perguntou a Deenie num tom alegre.

Respondi-lhe que estava ótima. Ela contou-me que se arrependia de nunca ter trabalhado numa livraria, que a maior parte das pessoas no setor editorial o havia feito e que, por vezes, se sentia excluída.

— É engraçado, a maioria das pessoas na indústria da música não trabalhou numa HMV, mas toda a gente nos livros trabalhou numa Waterstones.

— Como é que se *entra* nos livros? — perguntei. Estava particularmente ciente de que, dali a alguns meses, seria mais uma licenciada desempregada com um diploma de Inglês, e ninguém na faculdade me dera qualquer pista no que respeitava ao que poderia vir a fazer com ele. Não havia anúncios de emprego para brochuras, cartazes e coisas do género. Eu já andara à procura. Os livros pareciam ser o passo seguinte natural, mas, pelos vistos, tão natural que ninguém estava disposto a fornecer indicações.

— Oh — disse ela —, tem que ver com conhecimentos.

Avançámos na fila das bebidas.

— Desculpe — acrescentou ela, depois de uma pausa. — Acabei de perceber que o que eu disse não tem utilidade nenhuma enquanto conselho.

— Ah! Não, de todo.

— O meu pai — continuou ela. — O meu pai estava no setor.

— Como autor?

— Um poeta — explicou ela. — Não era famoso, mas era conhecido, de certa forma. Alistair Harrington? — Ergueu as sobrancelhas por instantes, procurando reconhecimento. Abanei a cabeça. — Não faz mal — disse ela. — É o tipo de poeta de que uma pessoa normal nunca ouviu falar, mas que o Seamus Heaney conhece.

— O poeta de um poeta — respondi.

— Sim — concordou ela. — O poeta de um poeta. Isso deu-me uma vantagem na entrevista, julgo eu.

O empregado do bar estava a colocar uma série de copos de água no balcão. Alcancei um para a Deenie.

— Tenho a certeza de que foi ótima na sua entrevista.

Gostava de saber na altura o que hoje sei: que é cada vez mais raro uma pessoa que trabalha no setor das artes admitir que foi um parente que lhe assegurou o cargo. Sobretudo tão pouco tempo depois de conhecer alguém. A confissão da Deenie, que na altura considerei uma conversa educada, hoje ter-me-ia deixado imediatamente rendida.

— Não me parece. Dou uma péssima primeira impressão.

Pensei nela na livraria duas horas antes do lançamento do livro do marido e em como desconfiara de mim. Talvez se sentisse mal por isso. Mais: se calhar estava arrependida. Observara-me nessa noite, em toda a minha imensa patetice, e pensara: *Meu Deus, porque é que tive tanto medo desta pobre tola?*

Estava tão perplexa com o facto de eu não constituir uma ameaça que não viu o James a atuar debaixo do seu nariz.

O James via o Dr. Byrne como as outras pessoas veem as fábricas de cachorros. Era mau, mas os cachorrinhos já ali estavam, e alguma família simpática tinha de os levar. Não lhe agradava a ideia de que o Fred Byrne traísse a mulher, mas não havia dúvida de que o faria. Assim sendo, porque não consigo?

Nessa noite, não passámos mais tempo com os Harrington-Byrnes. Afastámo-nos, estivemos a falar com os nossos amigos, entretivemo-nos com as nossas coisas. Mas o coração do James já não estava ali. E, como ele não conseguia entrar no espírito, eu também não.

— Acho que me vou embora — disse eu, por volta das onze. — Tenho uma aula de manhã.

— Eu também — disse ele, e dirigimo-nos para a porta.

Assim que saímos do recinto, o James contou-me tudo.

— Dei-lhe a nossa morada — anunciou.

— A nossa *o quê?* Porquê?

— Rachel, é estranho falar disto, mas o homem foi a melhor queca da minha vida.

— Pára com isso — repliquei. — Não, não foi.

De repente, era como se ele estivesse a falar do meu pai.

— Foi, sim. Sinto-me como se... Não sei. — Cuspiu para o chão. Fiquei tão chocada que me deixei a contemplar o escarro a voar. Aquele gesto era tão estranho nele. — É como se andasse só a petiscar, a ingerir calorias vazias, mas que não sabem a nada porque não são o que eu quero. Aquilo de que preciso.

— E o guitarrista da semana passada? Foram *calorias vazias*?

— Eu só... — O rosto dele estava contorcido num esgar, as mãos

no cabelo. — Tu viste o beijo, Rachel. Tu sabes.

Sim. Eu sabia. Era um beijo de me deixar louca até a mim. Nunca havia sido beijada como o James fora no armazém, e agora que tinha visto o James a beijar várias pessoas sabia que aquilo também nunca lhe acontecera antes.

— Então ele vai...? O quê? Vem a nossa casa? Abandona a mulher doente?

Não foi a nossa casa nessa noite. Apareceu na noite seguinte.

Eu estava na cama com o James quando a campainha tocou. Estávamos a ver a primeira temporada de *Absolutamente Fabulosas*. A janela do quarto dele dava para a rua. Ele espetou a cabeça para fora e empalideceu.

— Sai — pediu-me. — Desculpa! Mas... tens de sair!

— Para o meu quarto? — perguntei, como se, na verdade, estivesse a dizer «Para a prisão?»

— Leva o meu portátil! E os meus auscultadores!

Nunca o vira assim, tão perturbado. Finalmente percebi quem estava lá fora.

— O Dr. Byrne? — murmurei. Tinha nas mãos um gelado, que começara a escorrer para os lençóis. — Aqui? Agora?

— Por amor de Deus, vai para o teu quarto, está bem?

Fui, levando comigo um aquecedor.

Deitei-me na cama e estremeci ao ouvir o meu professor a deslocar-se pela minha casinha minúscula. Escutei os murmúrios de uma conversa educada.

Não parava de pensar nos diversos objetos incriminatórios que povoavam o andar de baixo: o triturador de erva, a lata de *Coca-Cola Light* por acabar, o estendal que eu nunca desmontava, limitando-me a tirar as cuecas quando necessário. Mais embaraçoso ainda era a ideia de ele olhar para as minhas estantes. Os livros que eu arrumara com tanto orgulho — os Haruki Murakamis, os Mary Weseleys, o muitíssimo sublinhado *Brother of the More Famous Jack* — estavam agora a ser alvo de uma inspeção minuciosa por parte de alguém cujo trabalho era ler e criticar livros. Que conclusões estaria ele a tirar sobre mim lá em baixo? Será que reparou que nenhum dos livros que eu lia nos meus tempos livres era vitoriano?

A voz do Dr. Byrne dirigiu-se para a cozinha. Ouvi um barulho,

duas chávenas a baterem uma na outra e depois o som do peso do James na bancada da cozinha.

Quem é que eu estava a enganar?

Por que raio viria o Dr. Byrne a minha casa a meio da noite para me criticar as estantes? Provavelmente, já se esquecera de que eu também vivia ali. Eu ainda pensava que era o centro da história, a personagem principal, só porque a narrativa começara assim.

Implorei a mim própria para adormecer antes que começasse o barulho a sério. O James trouxera uma ou outra pessoa para casa nas últimas semanas, mas sempre após uma noitada. Quando estava bêbeda, caía a dormir como uma pedra. Adormecia antes sequer de alguém chegar ao primeiro andar e, de manhã, já ali não estava ninguém.

Ouvi-os a falar de novo, as palavras indistintas, mas o seu significado muito claro. O Dr. Byrne falava num tom que parecia uma carícia, um timbre persuasivo e sedutor que eu nunca o ouvira usar. Como o zumbido de uma abelha, como Yeats disse. Percebi que o James estava a tentar manter-se calmo. Não queria trazer o Dr. Byrne para o piso de cima enquanto eu estivesse acordada.

Enfiei-me debaixo dos lençóis com o portátil dele, os auscultadores tão enfiados nos ouvidos que me faziam cócegas no cérebro. Eram apenas onze horas. Eu e o James normalmente não adormecíamos antes da uma da manhã, mesmo nas noites em que não saíamos.

Desde o Jonathan, eu não fora para a cama com ninguém. Bem sei... Estão desapontados? Houvera beijos; houvera corpos pressionados contra as várias paredes dos clubes noturnos da cidade de Cork; houvera mãos nas minhas cuecas. Houvera rapazes — bonitos, simpáticos — que me tinham acompanhado a casa depois de a discoteca fechar, os casacos em volta dos meus ombros, as mãos entrelaçadas nas minhas. Mas, sempre que insinuavam que me tinham acompanhado a casa para terem sexo, que tinham julgado que eu também queria fazer sexo, eu agia como se tivesse sido desonrada. «Achavas que eu era assim tão fácil, hem?», dizia-lhes eu, fingindo-me chocada por um rapaz de vinte e um anos sem casaco em fevereiro às duas da manhã poder ter segundas intenções. Mandava-os embora, triunfante, e depois entrava em casa e sentia-me deprimida, estúpida e

excitada.

Não sei quem é que eu estava a tentar impressionar. Não queria um namorado; mas queria romance. Queria paixão; não queria que me vissem como fácil. Estava desesperada por ser tocada; tinha pavor de estar estragada.

Tudo o que posso dizer em minha defesa é que me estava a desenvolver numa espécie de encruzilhada de mensagens femininas. Agora penso muito nisso. A puberdade nos anos 2000 era a cassete de sexo da Paris Hilton, as fotografias das virilhas da Britney Spears e a Amy Winehouse bêbeda em *Never Mind the Buzzcocks*. Se tudo isto acontecesse agora, teríamos arranjado maneira de o celebrar, mas naquela altura era nojento. Pensávamos muito nos abortos que não nos era permitido fazer e nas raparigas presas nos asilos de Madalena. Jurámos umas às outras, na minha escola para raparigas, que nunca nos tínhamos masturbado e acusávamo-nos umas às outras de o fazer às escondidas. Além disso, toda a gente se conhecia. Cork era bonita e anárquica, mas minúscula.

Talvez por isso a fantasia do Fred Byrne tenha sido tão sedutora para mim enquanto opção de ressaca emocional. Algo que *teria* de ser mantido em segredo e que garantisse o toque, o estímulo, a novidade.

Ainda estava um DVD no leitor. Mais *Absolutamente Fabulosas*. Vesti uma camisola por cima do pijama e fiquei a ver a série até adormecer. Sentia-me uma Eddie, desejosa de ser uma Patsy.

Na manhã seguinte, acordei com o pequeno-almoço embrulhado em película aderente. Aterrou-me na cabeça, a baguete francesa bateu-me na têmpora. O James estava à porta.

— Aí tens — anunciou com alegria. — Obrigado por teres sido espetacular ontem à noite.

— Ele já se foi embora?

— Sim — respondeu. — Acompanhei-o à estação.

— À estação de *comboios*?

A estação ficava a pelo menos um quilómetro de distância, e, naquela altura, nunca íamos a pé para lá da faculdade ou da livraria. Sentei-me e abri as cortinas ao lado da cama. O céu ainda estava tingido de um azul matinal; as árvores, escuras.

— Que horas são?

— São sete e meia.

— *Sete?*

O Dr. Byrne ia para Dublin nessa manhã, a uma espécie de conferência relacionada com o seu livro. Dissera à Deenie que ia apanhar o último comboio na noite anterior e aproveitara a oportunidade para estar com o James.

— Vens? — perguntou ele.

Eu hesitei.

— Mudaste os lençóis?

— Bem visto. Dá-me dez minutos.

Desci as escadas descalça, como se o Pai Natal tivesse estado lá em casa. Estava acordada demasiado cedo, tinham-me levado o pequeno-almoço à cama e alguém familiar e ao mesmo tempo misterioso estivera de visita enquanto eu dormia. O James limpara a sala de estar; a um canto encontrava-se uma nova garrafa de *Tropicana* de laranja e algumas bolachinhas de chocolate.

Lancei-lhe um olhar longo e confuso. A comida era a linguagem de amor do James e tudo aquilo indicava que se estava a sentir, pelo menos, um pouco culpado. Eu nem sabia se ele deveria sentir-se assim. Ainda era demasiado cedo para pensar bem no assunto.

Mas, de modo geral, curiosamente, não estava incomodada. Não é que fosse uma rapariga de vinte anos divinalmente liberal e altruísta. Era bastante autocentrada, mas também estava habituada a ser preterida. Aprendera a não o levar a peito. Tinha quase um metro e oitenta de altura desde os catorze anos. Viver com o meu amigo gay não totalmente assumido enquanto ele namorava com o meu adorado professor era uma novidade para mim; uma amiga foder com a minha paixoneta, bom, isso, já não era.

O James lançou os lençóis usados escada abaixo e o odor do Dr. Byrne vogou em ondas em meu redor. O James só cheirava a desodorizante e algodão limpo; o Dr. Byrne tinha uma mistura mais densa de odores masculinos. Havia algo nele que nos irritava a base das narinas, como noz-moscada ou canela.

O James espreitou do cimo das escadas, já a vestir as calças de fato de treino.

— Eu sei — concordou, vendo-me a farejar o ar. — *Old Spice*. Tão típico.

Enfiámo-nos na cama.

— Como é que foi? — perguntei.

— Escaldante — disse ele, dando uma dentada no seu pão. — Ouviste alguma coisa?

— Não. Nem por isso.

Ele engoliu, e um pedaço de *hash brown* ficou-lhe preso na garganta. Bebericou um gole de *Coca-Cola Light* e tossiu.

— Esta foi a minha primeira vez — comentou, por fim. — A minha primeira vez em que não é a primeira vez.

— Queres dizer que foi a tua primeira vez a montar alguém pela segunda vez?

— Sim.

Aquilo era uma loucura para mim. Eu era uma rapariga de namorado. O sexo casual ainda me parecia coisa de gente famosa e de raparigas por quem eu sentia inveja.

— De que é que falaram?

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Vá lá, devem ter dito alguma coisa um ao outro — insisti. — Ele esteve cá horas.

O James parecia sonhador e tímido.

— Ele disse que não conseguia parar de pensar em mim. Desde o lançamento.

Uma pontada de ciúmes. Acalmei-a.

— E que mais?

— Fizeram-lhe o primeiro broche no Canadá, um rapaz da quinta do lado.

— Uau! OK.

— E depois viveu algum tempo na América e por vezes ia a discotecas *gay*.

— Então porque é que não se limita a *ser gay*? — O James lançou-me um olhar dardejante. — Está bem, desculpa.

— Ele também gosta de mulheres, disse-o várias vezes. Perguntei-lhe pela mulher dele.

— A Deenie.

— Sim. — Ele deu mais uma dentada no pão, com o *ketchup* a manchar-lhe o queixo. — Ele ama-a mesmo. Ela não faz ideia.

Senti-me protetora em relação à pobre Deenie.

— Não a pode amar assim tanto se lhe anda a esconder coisas. Se

a anda a *trair*.

O James começou a remexer no saco de plástico da Centra à procura de guardanapos. Limpou a cara.

— Esta foi a primeira vez que ele foi a casa de um gajo. Na Irlanda, pelo menos.

— *O quê?*

— Sim. — O James parecia atordoado, como se o peso da responsabilidade fosse demasiado grande. Depois, repeliu o pensamento, abanando a cabeça. — O que provavelmente é mentira.

Revi mentalmente a conversa que os vira a ter na O'Connor. Fiquei perplexa. Depois de toda a atitude que eu encenara, a Dorothy Parker e o resto. Todo aquele esforço, e o homem estava disposto a quebrar anos de heterossexualidade ao fim de uma conversa de circunstância com o James.

— Estás a dizer — proferi lentamente — que o Dr. Byrne estaria disposto a pôr o casamento em risco por uma conversa de circunstância numa livraria sobre leitores de DVD e Fermoy?

— Luxúria à primeira vista, acho eu. — Era uma declaração muito pouco típica do James.

— Foi ele que te disse isso, não foi?

— Vamos ver televisão — respondeu-me, e pusemos o *Ab Fab* até voltarmos a adormecer.

O homem no *Toy Show* não tinha mais nada a dizer sobre o Dr. Byrne; só pretendia saber se eu sabia, e fui para casa mal a emissão terminou.

Chego a casa e cumprimento o meu marido, que tem estado a dormir no quarto de hóspedes enquanto a minha loucura em alto-mar se desenrola. Insiste, porém, em que eu o acorde para lhe desejar as boas-noites quando venho tarde.

— Pareces um pouco estranha — comenta ele, acariciando-me sonolentemente o corpo. Aconcheguei-me debaixo do braço dele, uma conchinha muito grande. — Assustada.

— Desnorteada seria o termo mais correto.

Depois de Shandon Street, não voltei a viver com um homem durante oito anos. Mas estava tudo lá. O James treinou-me bem. Não se encetam conversas importantes à uma da manhã. Os homens não se entusiasmam com a conversa como as mulheres. Espero que ele adormeça e levanto-me para comer e para pensar.

Conheci o James Carey em abril de 2010 e, quando me disse o seu nome, respondi-lhe: «Desculpa, já tenho um desses.» Porque tinha. Nessa altura, o caso com o Dr. Byrne estava a todo o gás, embora eu mal desse por ele. Ainda era o espetáculo do James e da Rachel. Eu passava o dia na biblioteca, a estudar para os exames, e o Dr. Byrne só ia à faculdade tratar de coisas administrativas. Costumava passar por nossa casa à tarde, normalmente entre as duas e as quatro, normalmente duas vezes por semana. Quando eu chegava a casa, sabia sempre que ele lá havia estado: lençóis numa pilha ao fundo das escadas e uma relíquia da sua vida de luxo, nos seus quase quarenta

anos de existência à face da Terra, deixada para trás como um tributo à nossa pobreza. Uma garrafa de bom vinho, uns pastéis de nata, algumas carnes frias e queijos caros comprados no English Market. Era como se soubesse que não podia pagar ao James para o foder, mas quisesse, ainda assim, ajudá-lo financeiramente. Para ser educado.

As minhas aulas com o Dr. Byrne tinham acabado, sem que nunca nenhum de nós desse sinal de que ele usara a minha toalha depois de um duche, o odor do seu *Old Spice* entranhado no tecido quando depois a usei.

O James Devlin continuava a ser a minha pessoa favorita. O James Carey não teve direito a sonhar com ser tratado pelo nome próprio, pelo que foi Carey desde o início.

Conheci-o à porta do The Brog depois da hora do encerramento, quando as pessoas costumavam ficar por ali, a fumar e a comer batatas fritas no passeio. Ele era mais baixo do que eu, pelo que o excluí logo de uma possível futura relação. Não tenho qualquer problema com tipos mais baixos, mas eles parecem importar-se com a minha altura. Estão sempre a gozar comigo, fazem toda a cena de eu ser «um deles» e saem-se com coisas como: «Não quereria ter a Rachel como adversária numa luta!»

O Carey era da Irlanda do Norte, e se há coisa que se pode dizer sobre os homens dessa região é que sabem quando devem calar a boca.

Aproximei-me dele para lhe cravar um cigarro. Nunca comprava tabaco, mas tinha sempre vontade de fumar. Ele disse que me enrolava um se eu tivesse paciência para esperar. E eu esperei. Ele segurou o filtro no espaço entre os dentes da frente, o cabelo de um ruivo-aloirado.

— Como te chamas?

— James.

— Oh, não. Desculpa — respondi —, já tenho um desses.

— O teu namorado?

— O meu *melhor amigo*. — Apontei para o local onde ele estava, a conversar com umas raparigas que conhecíamos da Topshop. — O meu colega de casa.

— Onde é que vives? Com o teu colega de casa...

— Em Shandon Street.

— Perto do peixe grande?

— Perto do peixe grande.

— Se já tens um James, como é que me vais chamar?

— Tens apelido?

— Tenho, mas não posso dizer-to assim sem mais nem menos.

— Porque não?

— Vais pôr-te a escrevê-lo no teu estojo. O teu nome e o meu apelido. O teu apelido e o meu hifenizados. E como é que te chamas?

Soltei uma gargalhada.

— Rachel.

— Rachel Carey — disse ele. — Estás a ver? Fica demasiado bem. Agora, vais deixar a tua mãe louca a escrevê-lo por todo o lado.

Lambeu a mortalha e fechou o cigarro, estendendo-mo. Esperei pelo lume, que ele me deu sem que lho pedisse. Dei uma longa passa.

— Se te estiver a chatear, podes ir. Agora é a altura ideal. Já tens o cigarro.

Exalei-lhe uma longa nuvem de fumo por cima do ombro direito.

— E se eu não me quiser ir embora?

— Se *não* quiseses ir embora? — perguntou ele, perplexo. — Não sei, acho que podíamos ir dar uma volta, falar mais um bocado.

— Sim, podia falar mais um bocado — respondi.

Ele ofereceu-me o braço, como um conhecido de longa data.

— Não estou em Cork há muito tempo — disse ele. — Ainda não vi o peixe grande. Ao vivo, quero dizer.

O James olhou para mim.

— Vais-te embora, Murray? — perguntou.

— Sim! — respondi. — Vemo-nos em casa!

— Rachel Murray — exclamou o Carey. E depois, com tristeza: — Murray-Carey nunca vai resultar.

Trinta minutos depois, estava encostada à parede de pedra do antigo Butter Exchange, enquanto o Carey me fazia sexo oral a coberto do meu casaco. Puxara-me os *collants* tão para baixo que se enrodilharam em volta dos meus tornozelos, restringindo-me tanto os movimentos que eu precisava de lhe pousar as mãos na cabeça para me equilibrar.

Apoiava-me nos calcanhares, o frio a chicotear-me o rosto, um prazer excruciante. As minhas mãos percorreram-lhe a base do

pescoço, sentindo cada entalhe da sua coluna vertebral. Deveria estar a fazer uma figura ridícula — os joelhos a cederem, curvada sobre um homem como se quisesse desenhar com o corpo um «n» minúsculo.

Como já sabem, não era a primeira vez que um homem me fazia sexo oral. Mas aquilo não era nada como estar deitada na cama enquanto um rapaz ali brincava, os meus seios a ficarem frios ao mesmo tempo que a minha mente se punha a pensar em tarefas. Durante anos, as mulheres heterossexuais queixaram-se do facto de os homens nunca lhes fazerem sexo oral, e, agora que eles o fazem constantemente, nenhuma de nós quer admitir que a maioria deles é má nisso. Sugam-nos o clítoris como um peixe no vidro de um aquário, ou enfiam a língua ao acaso. Com o Carey, sentia-me como um santuário. Ele estava a fazer aquilo não como alguém com um plano, mas como alguém com uma vocação.

— A minha casa — arfei, quando ele finalmente veio à tona apanhar ar. — A minha casa fica a três minutos daqui.

— Então porque é que não estamos lá?

— Não sei — respondi, encostando os lábios ao pescoço dele. — Não sei.

A atração por ele chegou-me como uma intoxicação alimentar. Estávamos a subir a Shandon Street de braço dado, a conversar acerca de Derry («o Carey de Derry») e do que ele estava aqui a fazer (a trabalhar na Apple) e do que estava a achar da experiência (estava a gostar). Mostrei-lhe os Sinos de Shandon e ele perguntou-me se me acordavam de manhã. Respondi-lhe que por vezes sim.

Ficámos a olhar para o peixe, aquele estranho marco do norte de Cork, sem nada para dizer. Ele pousou-me a mão no fundo das costas, olhou-me com intenção. Os seus olhos azul-acinzentados. Maliciosos.

De repente, estava a beijá-lo, segurando-lhe a cabeça como um melão, as suas mãos a assaltar-me de surpresa, sem saber como acompanhar.

Fomos para minha casa, o primeiro homem que lá levava desde que eu e o Jonathan tínhamos acabado. O James não estava, e fiz tudo o que o ouvira fazer semanas antes: ligar a chaleira, tirar duas chávenas, fazer conversa fiada sobre há quanto tempo vivíamos ali, quanto era a renda. Depois, o Carey acercou-me por trás, as mãos nas minhas ancas, a boca na minha orelha.

— És um espanto. Sabias?

O barulho dos copos a serem arrastados, o meu rabo na bancada, sem *collants*. A bancada tinha uma altura ótima para aquele tipo de alvoroço. Foi, de longe, o melhor sexo que tive. No entanto, não conseguia parar de pensar no James e no Dr. Byrne. No facto de terem estado naquela divisão — provavelmente, naquela posição — e de eu me encontrar lá em cima a tentar não os ouvir. Pergunto-me se tê-los na minha cabeça não terá ajudado a tornar o sexo um pouco mais extraordinário. Era uma orgia e ao mesmo tempo extraordinariamente íntimo, só eu e o Carey.

Ele ainda estava de casaco, um casaco de lã preto que cheirava a tabaco, e eu encolhi-me na gola, os dedos cravados nas lapelas. Lembrei-me do que o James dissera sobre aquela ser *a sua primeira segunda vez*. Esta era uma primeira vez também para mim. A minha primeira vez a ter sexo com um estranho, e foi o primeiro orgasmo que tive com outra pessoa. A vida parecia-me muito preenchida e muito divertida. Havia uma vida inteira de primeiras vezes a ter, primeiras vezes em que eu nem sequer pensara!

— Céus — exclamou o Carey, e eu fiquei aliviada. Parecia encantado. Era mais velho do que eu, e obviamente mais experiente, mas também não fora uma coisa normal para ele. — Caramba. Que diabo, Rachel. O que foi aquilo tudo?

Exclamou-o como se fôssemos velhos amigos, e eu ri-me, e arrastei-o escadas acima. Havia pastéis de nata da última visita do Dr. Byrne, e levei-os para a cama connosco.

Com migalhas no cabelo e creme doce a cobrir a boca do Carey, decidi que nunca mais julgaria o Fred Byrne pelo que precisava de fazer, apesar de ser casado. Era fácil, agora que compreendia bem a paixão, perceber porque é que faríamos tudo ao nosso alcance para a manter.

A questão entre mim e o Carey é que éramos ambos porcos. Com isto quero dizer: éramos ambos pervertidos e ambos pouco asseados. Sujei os lençóis dele com sangue e a mancha permaneceu durante o tempo que durou a nossa relação. Certo dia, veio buscar-me ao autocarro de calças de fato de treino e camisola de alças de rede, a bebericar de uma garrafa de leite gordo. Cheirava a suor e a alguém que tivesse estado a cavar a terra, embora não tivesse jardim. Eu adorava aquilo. Quando tínhamos sexo, conseguia saborear o dia nele. Depois, enfiava o nariz na gola da minha camisola, apanhando vestígios do aroma dele em mim.

As coisas ficaram estranhas rapidamente. Não propriamente perversas: não tínhamos dinheiro para isso. Perverso para mim eram suspensórios e vibradores pequenos e que pudessem ir à máquina de lavar. Mas intensas. Tínhamos uma forma muito delicada de pedir coisas obscenas um ao outro.

— Deixa-me passar esta faca pelo interior da tua coxa, deixas, Rache? — pediu ele certa vez, quando estávamos deitados no sofá.

A faca de cozinha repousava na mesa de apoio, tendo sido usada para esmagar o sabonete de haxixe na véspera. Ele beijou-me com ternura. A mão esquerda a afagar-me o cabelo, a direita a encostar a lâmina fria de encontro à minha pele, enquanto ele se movia dentro de mim.

— *Sh, shh* — dizia ele. — Não tenhas medo.

Era pura e simplesmente fantástico.

O Carey vivia com dois outros tipos perto do hospital Mercy. A minha experiência com eles resumia-se a chegarem a casa enquanto eu

e o Carey estávamos armados em degenerados. Se não andássemos a comer *mousse* de chocolate de uma vasilha destinada a *catering*, estaríamos a ter sexo audível e estranho. Deveria sentir-me mais envergonhada. Havia versões da minha personalidade que assim se teriam sentido. Porém, o Carey descobrira novas profundezas de ausência de vergonha, e eu gostava disso. Não precisávamos de refeições regulares, de dormir ou de sair à noite. O nosso amor era arrebatador, malicioso e colava-nos um ao outro. Não me conseguia distanciar dele, pelo que me espantava quando ele o fazia.

Era esse o problema. Eu era capaz de ficar com o Carey o tempo que me apetecesse, mas, mal me ia embora, era difícil voltar a entrar. Como num conto de Grimm ou num Hotel California ao contrário. Certa vez, passei três noites em casa dele e, quando finalmente fiquei sem roupa interior, acabei por ir para casa.

— Não vás — pedinchou ele, envolvendo-me a cintura, a cabeça na minha barriga. — Com quem é que vou conversar?

— Tens dois colegas de casa perfeitamente bons para isso.

— São uns *nerds*.

— Olha, vou a casa buscar roupa lavada e volto logo a seguir. Está bem?

— Prometes?

— Prometo.

Fui para casa, fiz uma mala, tagarelei com o James e, por volta da hora do jantar, já estava de volta. De caminho, fui comprar batatas fritas e gelado. Toquei à campainha e esperei. Não houve resposta. Voltei a tocar, ouvindo o som a ecoar pela casa. Pressionei o botão uma e outra vez, até que a vizinha do lado saiu para me dizer que eu lhe estava a acordar o bebé. Sentei-me à entrada, comi as batatas fritas e acabei por ir para casa.

Quando consegui falar com ele, dois dias depois, disse-me que adormecera. O que não era surpreendente, tendo em conta as horas tardias a que nos andávamos a deitar e a quantidade de erva que andávamos a fumar.

— Bem, tu disseste que vinhas logo a seguir — explicou ele, na defensiva. — Como é que eu podia imaginar que isso significava duas horas?

Pareceu-me rude que alguém que nem sabia se era quarta ou

quinta-feira pudesse cair para o lado ao fim de sessenta minutos. Mas ele agarrou-se com firmeza ao aspeto literal e não à ideia da minha declaração, e, quanto mais eu discutia com ele, mais ele se afastava.

Abril é uma altura perigosa para se ficar obcecada por um homem que é mais difícil de agarrar do que a clara de um ovo. Era suposto aquele ser o meu mês de estudo e eu devia estar a dedicar-me aos trabalhos de fim de curso. Ao invés, ora estava deslumbrada com uma noite com o Carey ou certa de que ele morrerá. Ele passava dias a fio sem falar comigo e, quando aparecia, mostrava-se sempre preocupado com o facto de eu ter ficado tão inquieta com o seu desaparecimento. Mas preocupava-se como um amigo se preocuparia se lhe contássemos que o SNS só consegue marcar a nossa mamografia para dali a oito semanas: *Oh, não! Que sistema tão mal gerido! É pena que não tenhamos outro, hem!*

O James, que estava a passar por uma situação similar com o Dr. Byrne, perguntou-me se eu achava que o Carey andava a dormir com outras pessoas. Onze anos depois, e com o benefício da retrospectiva, do questionamento e de um maior conhecimento dos homens, continuo a pensar que não. Acho que ele pura e simplesmente não conseguia organizar-se. E refiro-me à vida em geral. Ligava para o trabalho a dizer que estava doente porque perdera o autocarro. Não comprava sal («Não preciso da *embalagem* toda»), pelo que roubava pequenas quantidades quando estava na Tesco, vertendo-o para um envelope vazio. Era o tipo de pessoa que fazia o que lhe apetecia, e, caso não estivéssemos na sua linha de visão, tornávamo-nos parte do éter difuso.

— O problema do Carey — comentou o James certa vez quando estávamos a pé noite dentro a queixar-nos dos nossos homens — é que caminhará descalço sobre brasas por ti, mas é incapaz de se comprometer com planos para um almoço.

Acreditei naquilo. Ainda hoje acredito. Ele conheceu os nossos amigos. Quando estávamos juntos, quer fosse a dois ou na companhia de terceiros, eu sentia os seus olhos a seguir-me para todo o lado. Encurralava-me em cozinhas em festas em casa de alguém, a mão a trepar-me pelo vestido acima, e contava constantemente a toda a gente algo de engraçado que eu dissera dias antes. Lia os meus trabalhos para a faculdade enquanto eu estava no duche e, quando eu

saía, punha-se a ler-mos em voz alta, a fumar na cama.

— Parece que estou a ler Noam Chomsky — comentava. — Isto é ótimo.

Quando ele estava bem, era tudo ótimo, e, quando desaparecia, desaparecia mesmo. Apercebo-me agora de que grande parte disto tinha que ver com as SMS. Eu e o Carey tínhamos uma diferença de idade de seis anos, que eu raramente sentia a não ser no que dizia respeito ao uso do telemóvel. Para mim, um namoro tinha que ver com mensagens de texto. Tinha que ver com enviar uma mensagem de bons-dias e uma de boas-noites. Tinha que ver com terminar uma mensagem com «bj» ou «bjs», ou uma forma prolongada quando se estava mesmo contente: «bjssssssssss». Tinha que ver com omiti-los quando se estava de mau humor. Nesse caso, o outro notaria e perguntaria o que se passava. Eram essas as regras do amor que eu aprendera com as minhas amigas da escola, e ficava confusa quando alguém não as usava.

Fazia um grande esforço para não lhe enviar mensagens de manhã, mas acabava por ceder por volta da hora do almoço. Certificava-me de que eram perguntas, coisas a que ele tivesse de responder, como: «Sempre vens na terça?» E: «Relembra-me, quando é que fazes anos?» Quando ele não respondia, enviava-lhe uma série de mensagens engraçadas, que era suposto ele ler como Nancy Mitford, mas que, ao invés, me faziam soar deprimida, rabugenta e com oitenta anos.

«Pura e simplesmente, não suporto o cheiro das sandes da Subway.»

«Conheço o cheiro de pão fresco, e sinceramente não é a isso que o pão cheira.»

«“Artistas da sanduíche.” Por amor de Deus!»

Enviava-lhe tantas mensagens que aquilo que eu realmente queria receber como resposta se perdia no meio das minhas tolices sem sentido, obrigando-me a lidar com as suas respostas misteriosas e raras.

«como a almôndega»

E depois mais nada, durante dias.

Fiz vinte e um anos a 30 de abril, durante um dos seus períodos de silêncio. O James, que na altura andava com o carro da mãe, levou-me a casa dos meus pais para jantar. Eles gostaram muito dele. Esperava que ficassem chocados por eu ter ido viver com um *gay* que mal conhecia. Na verdade, queria que ficassem chocados. Queria ser a primogénita problemática a rejeitar os valores conservadores da família em prol de uma vida numa cidade grande e *queer*.

Mas os meus pais eram especialistas de estética dentária e há anos que dependiam de *gays* endinheirados de meia-idade. São eles que pagam para ter facetas. Nessa noite, não podiam ter ficado mais agradados com o James, que comeu e bebeu tudo com gratidão e com um à-vontade encantador na conversa.

— Meu Deus, não ficariam malucos sem patê? — perguntou ele, satisfeito, espalhando-o numa tosta. — E sabe que mais descobri, Bridget? Na verdade, adoro queijo azul.

Ele era uma centelha brilhante naquilo que hoje sei que foi uma altura infeliz para os meus pais. O Chris e o Kevin estavam ambos em anos de exames, a fazer os exames nacionais do décimo segundo e do décimo primeiro, respetivamente, e a engolir *stress* como comprimidos sem água. Entrava muito pouco dinheiro. A viúva do senhorio anunciara um aumento da renda e os meus pais estavam a ponderar mudar o consultório para outra zona da cidade, mais barata, onde não tinham uma rede de clientes. Tinham apenas cinquenta e poucos anos, mas estavam a abanar a cabeça mais lentamente, a suspirar mais e a agir como se o olhar do infortúnio se baseasse no movimento, pelo que era melhor não se mexerem.

O facto de eu estar obviamente infeliz não ajudava. Tinha a mente obcecada com o Carey, que não dizia uma palavra há dias, e eu continuava à espera de uma aparição de última hora. A minha mãe andava preocupada comigo. Nunca tinha notícias minhas, a não ser quando lhe fazia um telefonema tresloucado à meia-noite a perguntar como é que ela soubera que o meu pai era «o tal».

— Já pensaste no que vais fazer depois dos exames, Rachel? — perguntou o meu pai.

Era uma boa pergunta. Infelizmente, eu não estava com cabeça para boas perguntas.

— Não — respondi, irritada. — Não há empregos.

— O Brian Hegarty diz que há empregos em Bishopstown. Empresas de tecnologia.

O Brian Hegarty era o melhor amigo do meu pai e era sempre mencionado pelo seu primeiro e último nome.

— *Call centers* — corrigi. — Não me ando a matar na faculdade para trabalhar num *call center*.

Mas eu não me andava a matar na faculdade, o problema era esse. Andava a torturar-me por causa de um rapaz da Irlanda do Norte, seis anos mais velho do que eu e que roubava sal no supermercado. Não conseguia ter forças para me preocupar com a faculdade. As aulas tinham acabado, mas ainda faltavam os trabalhos finais, e eu nem sabia por onde começar.

— Então, o que é que vais fazer?

— Edição — respondi. — Acho que devia trabalhar numa editora.

Cruzara-me recentemente com a Deenie Harrington, na companhia do Carey. Estávamos a tomar um café perto do *campus* e a Deenie encontrava-se lá, com uma pilha de páginas à sua frente. Passava a ponta da caneta vermelha por cada frase, fazendo círculos e anotações à medida que avançava. Viu-me, a falar ruidosamente num banco alto junto à janela. Cumprimentou-me com um aceno de mão. O seu sorriso era rasgado e, sobretudo, real.

Desci do banco e aproximei-me.

— Olá — disse-lhe. — Prazer em vê-la.

Agora, com trinta e um anos, sentir-me-ia muito mais constrangida em cumprimentar a mulher cujo marido passava tardes aleatórias em minha casa. Porém, nessa altura, aceitara que aquele era um acordo que funcionava para todos: o Dr. Byrne estava feliz, o James estava mais ou menos feliz, a Deenie parecia bem, o frigorífico estava cheio de queijo.

— Rachel! — exclamou ela, alegremente. — Como está? Céus... quer sentar-se?

— Não posso — respondi. Apontei para o Carey, a deitar açúcar no café. — Estou com o meu...

Ainda não tínhamos falado sobre se ele seria meu namorado. O

mais perto que estivemos de tocar no assunto foi na segunda vez que fizemos sexo, quando ele perguntou: «Rachel, por que raio não tens um namorado?»

— Estou com ele — anunciei.

— Ah — disse ela, parecendo divertida com aquele problema típico dos vinte e poucos anos de ter um homem na nossa vida cujo papel não sabemos nomear. — Bem, que sorte a sua. Eu estou agarrada a um trabalho de edição literária.

— Em que consiste a edição literária?

— É a última edição antes de ir para o revisor de texto.

— E o que é um revisor de texto?

— A pessoa que procura erros gramaticais, erros factuais, esse tipo de coisas.

— E a Deenie não faz isso?

— Não, eu policio mais a história em geral, se o enredo funciona, o tom...

— Eu gostava de policiar um tom — rematei.

A conversa ficara-me na cabeça. Parecia-me um ótimo trabalho. Eu adorava ler, ou melhor, pelo menos antes de o meu passatempo principal passar a ser embebedar-me. E a Deenie dissera que o meio editorial tinha tudo que ver com quem conhecíamos. Ora, eu conhecia-a. Conhecia-a de uma forma estranha, mas conhecia-a.

A minha mãe pousou-me um prato de linguíni de caranguejo à frente, polvilhando a massa com parmesão.

— Não sei se há empregos na área editorial em Cork — comentou ela.

— Não há empregos em área nenhuma em Cork — respondeu o meu pai.

— Há empregos — contrapôs o James. — Só que não são bons.

Em maio, tornou-se claro que eu me tinha francamente lixado.

Fizemos uma festa lá em casa na noite do meu vigésimo primeiro aniversário. Os meus pais ofereceram-nos gentilmente duas garrafas de vodka *Smirnoff* à saída. O nosso chalé estava apinhado de gente, trinta e cinco corpos a saltitar como pulgas. Não me lembro de nenhum vizinho dessa altura. Devem ter existido, mas nunca os vimos. O Carey sabia da festa, fora convidado e, claro, não apareceu. Quando estava distante, estava muito distante.

O meu coração ficou destróçado. Deixei-lhe uma longa mensagem de voz à uma e meia da manhã, a dizer-lhe que eu merecia melhor do que um namorado que se esquecia do meu aniversário. Deixei uma outra mensagem de voz a dizer que sabia que ele não era meu namorado. Depois, deixei uma terceira a pedir desculpa.

Às três da madrugada, agarrei num rapaz que trabalhava no Opera House e arrastei-o pelo colarinho para a banheira. Os quartos estavam cheios de gente. O James abriu a torneira e saiu a correr, a rir à gargalhada. Eu escorreguei e o meu calcanhar bateu na parede, soltando três azulejos. Nunca os arranjámos.

Dormi o resto do fim de semana. Não fui à faculdade na segunda-feira. Na terça, recebi *e-mails* de três dos meus professores a relembrar-me de que os meus trabalhos finais estavam atrasados e que, de acordo com as regras da faculdade, me iriam reduzir as minhas notas: em dez por cento se entregasse o trabalho naquela semana; em vinte por cento, na semana seguinte; e, depois disso, não aceitariam o trabalho de todo.

Um dos *e-mails* era do Dr. Byrne. Tratava-se de outra carta-tipo. Pedia-me que, *por favor, submetesse* o trabalho antes do novo prazo, para *não me serem retirados mais pontos*.

Saí da biblioteca, sabendo exatamente onde se encontrava o Dr. Byrne nesse preciso momento.

Por favor!

Submeter!

Não me consegui acalmar a caminho de casa. A dor por ter perdido o Carey tão pouco tempo depois de o ter encontrado, o facto de a faculdade ter acabado com tão pouco para mostrar, a perspectiva de um *call center* no horizonte. A livraria não estava bem de contas. O Ben costumava telefonar-me pelo menos uma vez por semana para ficar com um turno extra; agora, nunca telefonava a pedir dias a mais, e o meu saldo bancário começava a ser prova disso.

E depois havia o Dr. Byrne. Há quase dois meses que andava naquela coisa com o James e estava a dar com o meu pobre amigo em doido. A vaidade indesmentível do Fred Byrne metamorfoseara-se numa profunda ansiedade relacionada com o facto de o James poder andar a sair com outras pessoas, algo que o Dr. Byrne não teria o direito de proibir, mas sobre o qual estava desesperado quer por saber

tudo quer por nada descobrir.

O esquema, segundo o James, era o seguinte: o Dr. Byrne chegava a nossa casa à hora do almoço com guloseimas e poesia. Ficavam algum tempo no sofá («primeira ronda», chamava-lhe o James, «o aperitivo»), após o que passavam para o quarto («prato principal»). Depois disso, o Dr. Byrne fazia perguntas concisas e pesadas sobre as nossas saídas à noite, o que fazíamos juntos, o que eu pensava dele, por onde andavam os gays. Achava tudo aquilo muito difícil. Não apenas a ideia de ver o James com outras pessoas, mas também a de os clubes *gay* e as noites *queer* continuarem sem ele. Zangava-se com o James por uma resposta que não ia ao encontro das suas necessidades e depois obrigava-o a descobrir o que o irritara. Muitas vezes ia-se embora sob uma nuvem de silêncio, o que deixava o James louco.

Que se lixe este gajo, pensava eu. Quem é que ele pensa que é?

Meti a chave na fechadura, sem me preocupar se estariam no prato principal ou no aperitivo. Antes de se chegar à sala de estar, tinha de se passar por um corredor, por isso eles teriam tempo de vestir as calças ou cobrir a pila com um cobertor.

Ainda assim, fiquei aliviada por os encontrar vestidos.

— Olá — rosnei, olhando para o Fred Byrne. — Quero falar consigo.

— Rachel — disse ele. Parecia pegajoso, como se tivesse acabado de correr.

O James esboçou-me uma careta.

— Rache, o que estás a fazer em casa?

— Não me pode ameaçar assim! — exclamei, começando a chorar. — Não pode ignorar-me nas aulas, usar a minha casa como quarto de fudas e depois tratar-me como se eu fosse uma aluna normal.

Era a primeira vez que falava com o Dr. Byrne em meses. Provavelmente, desde o lançamento do livro.

— OK... — disse o James, levantando-se. Também estava a suar. — Vou pôr a chaleira ao lume, está bem?

O Fred Byrne parecia querer que o chão o engolissem. Sentei-me pesadamente na poltrona virada para o sofá.

— Não é justo — exclamei, soluçando por entre as lágrimas. — Já fechei os olhos a muita coisa; o mínimo que pode fazer é dar-me algum espaço de manobra.

Ele tossiu e endireitou-se.

— Certo — respondeu. — Certo. Isto é por causa do seu trabalho?

Anuí com a cabeça, passando a palma da mão por baixo dos olhos húmidos.

— Não é que queira um tratamento especial — declarei, embora quisesse. — É que acho que deveria haver um pouco de tolerância, sabe? Dadas as circunstâncias atenuantes.

Quando proferi a expressão «circunstâncias atenuantes», comecei a chorar mais, porque estava a pensar não só nas circunstâncias que lhe referira, mas em todas as restantes. Sentia-me apaixonada pela primeira vez, e o tipo não me queria, o que me estava a consumir por dentro.

— Se — começou o Fred Byrne — tiver havido uma morte na família, ou qualquer coisa do género... Percebe o que quero dizer? Podemos alegar que houve uma morte. Posso dispensar o...

— Só quero que reconheçam o que aconteceu — prossegui, e não estava a falar tanto com ele, mas com o Carey. Eu e o James falávamos tanto sobre aqueles dois homens, comparando-os e tal, que um era uma espécie de fac-símile do outro. — Agora é tudo diferente. Eu estou diferente agora.

O Fred Byrne olhou para lá da poltrona, para o James, que regressava da cozinha com as canecas de chá.

— Não tens sido muito simpático com a Rachel, Fred — declarou o James, como se estivesse a mediar um divórcio. — Não sei se te comportaste de forma sensível.

Eis uma coisa que adoro no James: deixa que as pessoas tenham as suas próprias relações. Nunca tentará convencer-nos a ter uma opinião diferente sobre alguém. Não será o estafeta da bagagem de uma relação de uma pessoa para outra. No entanto, quando se trata de zangas entre amigos e amantes, coloca o amigo em primeiro lugar.

— Certo — disse novamente o Dr. Byrne. — Não, tens toda a razão, James. Pensei que tinha compartimentado uma coisa que julgo que não pode ser compartimentada. Lamento, Rachel.

A sua voz era suave e masculina, fazendo com que os olhos do James se enchessem de afeto pela humildade que ele estava a demonstrar. Ele, um homem de quase quarenta anos, a pedir desculpa a uma rapariga de vinte e um. Apertou a perna do Dr. Byrne, e este

deu-lhe uma palmadinha na mão.

Uma nova torrente invadiu-me, ao ver os dois tão claramente apaixonados. Tinham tudo contra a sua relação: orientação, casamento, idade. Mas estavam a fazer com que funcionasse. Haviam encontrado um espaço para florescer. Eu, entretanto, não conseguia fazer com que o amor funcionasse com alguém solteiro e heterossexual, pura e simplesmente porque ele não se preocupava comigo.

O James sentou-se no braço da poltrona, a massajar-me as costas.

— Lamento, Rache.

— Ela está bem?

— Namorado — explicou o James.

— Ele não é meu...

— Ficava cá em casa três noites por semana. Conheceu todos os teus amigos. Parece-me que era teu namorado.

— O que é que lhe aconteceu? — O Dr. Byrne parecia genuinamente interessado.

— O Homem Invisível — respondeu o James.

O Dr. Byrne estalou a língua.

— É duro — comentou. Inclinou-se e pousou a sua mão grande no meu joelho. — Certo, Rachel, vamos resolver isto, está bem?

Disse que ia resolver as coisas. Iria explicar, na faculdade, que eu estava muito doente e que lhe mostrara um atestado médico. Algo grave, mas não fatal ou visível. («Sopro no coração?», sugeriu o James.) Isso safar-me-ia dos prazos de entrega dos trabalhos por algum tempo, sem que me fossem aplicadas quaisquer sanções. Dava-me uma boa margem para me concentrar nos exames, que começavam na semana seguinte.

Anunciou tudo aquilo de forma gentil, não como se estivesse a ser condescendente comigo, mas como se se preocupasse.

— Não tem de se dar a todo esse trabalho. — Funguei. — Não devia ter gritado consigo. A culpa de não ter feito os trabalhos foi minha.

— Não se preocupe com isso.

— Mas é uma espécie de favoritismo.

— É um tratamento especial, mas há alunos que se esforçam muito menos e que o recebem a toda a hora, pelo que não nos vamos

preocupar.

— Tem a *certeza*?

— Rachel, venha cá — disse ele, sério. Levantei-me da poltrona e sentei-me no sofá. Ele pousou o seu grande braço em volta de mim, numa atitude algures entre a de um pai e a de um amigo. — Todos nós já tivemos o coração partido e todos nós já tivemos alguém que nos deu uma folga por causa disso.

Abriu a mala e tirou o portátil. Lembro-me de ter ficado surpreendida por ele já estar ligado à rede *wi-fi*. Será que o Dr. Byrne andava a trabalhar ali? Eu e o James sentámo-nos um de cada lado dele enquanto ele escrevia um *e-mail* para o chefe do departamento. Decidimos que eu não estava doente, mas de luto, porque era verdade. Ele explicou que eu temia abordar todo o departamento porque estava ciente do facto de não ter uma ligação de sangue com o falecido. Estipulou que, tendo em conta a dedicação anterior de Rachel Murray aos estudos, deveria ser-lhe concedida uma prorrogação até ao final de maio.

— Agora — anunciou, abrindo outro separador no motor de busca — *pizza*.

O Dr. Byrne fez o pedido e dirigiu-se para a casa de banho. Aconcheguei-me ao lado do James, a cabeça no seu ombro.

— É simpático, apesar de tudo — comentei, exausta de tanto chorar. — É mesmo.

E agora estou a chorar mais uma vez, porque ele era um homem simpático, um homem muito simpático mesmo. *É* um homem simpático? É tão difícil saber quando tudo o que se sabe de uma pessoa é que está em coma.

Pensava que o Dr. Byrne iria ficar, pelo menos para comer a *pizza* que pagara, mas saiu mal esta chegou.

— Não, não, fiquem os dois a fazer a vossa cena — disse ele, o que me agradou. Apreciava quando um adulto reconhecia a validade da minha «cena» com o James. — Rachel, minha querida — acrescentou ele, voltando a enfiar o portátil na pasta. — Só queria pedir-lhe desculpa outra vez. Gosto muito de si, sabia? Não a queria envergonhar. Na aula, quero dizer.

— Não faz mal. — Encolhi os ombros. — Já passou.

Aquilo não lhe caiu bem. Ele sabia que ainda não fizera o suficiente.

— Há mais alguma coisa que eu possa fazer? Junto do departamento, quero dizer. Basta que mo diga.

Aquela era a minha única hipótese, pelo que não hesitei.

— Quero um emprego.

— Tu tens um emprego — replicou o James, horrorizado.

— Não posso... — começou o Dr. Byrne, igualmente atormentado. Ele não podia favorecer as circunstâncias de entrega dos meus trabalhos e dar-me um emprego. Era demasiado suspeito. Já era um homem que tinha casado com uma aluna.

— Não, não — disse eu. — Quero trabalhar em livros. Em edição.

Ele ficou um pouco alarmado.

— Com a Deenie?

— Um estágio ou algo do género. Quero trabalhar com livros, e dizem que tem tudo que ver com quem se conhece. E, bem, ela é a única pessoa que eu conheço.

— É justo — disse ele. — Vou falar-lhe disso.

A palavra «chantagem» nunca me passou pela cabeça. Embora possa ter passado pela dele.

— Eu nunca lhe diria... — anunciei, tateando o indizível.

Ele ergueu a mão.

— Eu sei. Primeiro, organize os seus trabalhos. Faça os exames. Vou falar com a Dee para combinarmos um encontro em junho.

Há uma coisa entre as pessoas da classe média na Irlanda a que se chama «contactos». É claro que existem contactos em todo o lado, e em Inglaterra acima de tudo, mas na Irlanda funcionam de forma diferente. Em Inglaterra, o fenómeno é suave, filtrado, insidioso. Em Inglaterra, os favores são trocados através de uma vasta teia de privilégios, desviando raparigas e rapazes simpáticos para corredores cada vez mais estreitos de escolas caras e capital cultural. Na Irlanda, é manifesto. Referimo-nos às pessoas como os nossos «contactos»; perguntamos aos nossos interlocutores pelos seus. Ainda hoje o meu pai me telefona e me pergunta pelos meus «contactos» na imprensa irlandesa, porque quer que saia uma história sobre negócios duvidosos na área dentária na Turquia e os efeitos a longo prazo de um implante dentário barato. Julgo que isto vem de uma cultura de imigração em

massa, a prática de se chegar a uma rua do outro lado do mundo com a morada de alguém que não se conhece, mas que andou na escola com a nossa florista.

Por isso, a conversa com o Dr. Byrne sobre um emprego não me pareceu manhosa ou dissimulada. É apenas a forma como a Irlanda funciona. Ou como eu julgava que funcionava.

Fiz os trabalhos e os exames. A situação com o Carey continuava a torturar-me, mas engolia-a todas as manhãs e seguia em frente com o meu dia. Mantive-me quase sempre sóbria durante esse mês e senti a sensatez a regressar lentamente. Ouvia muito Joni Mitchell.

Pensei na faca na minha perna, na cabeça no meu casaco, no leite na paragem do autocarro. Sentia que nunca mais conseguiria ter nada com outro homem.

Estávamos a passar por dificuldades financeiras. O Ben cortara-nos o turno das quintas e sextas-feiras à noite, e ligava ora a um ora a outro às três da tarde a informar se precisaria de nós ou não. Tentou ser justo com ambos, alternando as chamadas telefónicas. Começámos a levar mais a sério as suas declarações sobre o setor.

— Porque não pedes ao Fred? — propus certo dia, quando estávamos a contar os trocos caídos no sofá. — Ele pode dar-te umas centenas.

— Quanto é que achas que os professores ganham?

— Mais do que nós!

— Não. Não vou ser prostituto.

— Há ali uma garrafa de vinho de vinte euros que atesta o contrário.

— Não tem nada a ver.

— Só acho que é uma estupidez estarmos a beber *Côtes du Rhône* e a comer douradinhos.

Eu andava demasiado ocupada com os exames para procurar trabalho extra, mas o James arranjou um emprego num bengaleiro. Aquilo parecia-lhe profundamente solitário e ele era sempre o último a sair. O pessoal do bar nem sequer o convidava para ir beber um copo depois do turno, não que ele tivesse dinheiro para isso.

Certo dia, estava eu em casa, a estudar no sofá, quando ele desceu do quarto com o portátil.

— Estou farto! — exclamou. — Basta!

— Farto de quê?

— De esperar que a minha vida comece. Vamos escrever um programa de televisão.

Abriu o Microsoft Word para mostrar que já começara. Surgiam duas personagens a falar, uma chamada Alice e outra chamada Michael.

— É sobre dois jovens de vinte e poucos anos que trabalham uma livraria em dificuldades — anunciou. — Ele é gay e ela é a única que sabe.

Olhei-o de viés.

— Estás a falar a sério?

— Como nunca.

Mudara o tipo de letra para Courier New, a letra da máquina de escrever, e alinhara o texto para que parecesse um guião a sério. Escrevera duas páginas.

INT. LIVRARIA. DIA

MICHAEL, de vinte e dois anos e metrossesexual, está atrás do balcão de uma livraria. Fala com ALICE, de vinte anos, bonita e estudiosa.

— Metrossesexual! — guinchei. — Bonita! Estudiosa!

— Limita-te a ler — pediu ele, num tom defensivo.

Lemos em voz alta, juntos. Não me lembro de grande coisa do que estava no guião, mas era engraçado e caloroso, ou talvez assim me parecesse porque eu estava com o meu melhor amigo, os dois a divertirmo-nos.

— O que é que acontece a seguir? — perguntei.

— Bem, dizem que é preciso um grande acontecimento perto do final do episódio-piloto, algo que dê o tom para toda a série — respondeu ele, franzindo o sobrolho.

Fiquei espantada. Eu e o James trabalhávamos ambos em *part-time* na O'Connor, mas nunca me ocorrera que, enquanto eu ia para a faculdade todos os dias, ele estivesse a aprender a escrever argumentos.

— Onde é que aprendeste tudo isto? — perguntei. — Desde quando é que dizes palavras como «piloto»?

— Nos extras de *Frasier* — respondeu ele. — O comentário.

O James era amiúde tímido em relação à sua falta de estudos. Conseguira terminar o décimo segundo ano por uma nesga e fora diretamente trabalhar para o atendimento ao público.

— Podia ser sobre ti e o Fred — propus. Andava a tentar referir-me ao Dr. Byrne como Fred ao pé dele, para mostrar que não me importava, apesar de ele ser sempre Dr. Byrne ou Fred Byrne para mim.

— Não, não. — O James abanou a cabeça. — Quero que seja uma comédia. Não, tipo, um drama.

— Mas as *sitcoms* precisam de algum drama, não é?

— Drama como a Alice a pôr gente morta a encomendar exemplares do livro escrito pela sua paixoneta. É o mais dramático que estou disposto a ser.

Ri-me.

— Mas porque é que alguém se interessaria por isso?

Ele revirou os olhos para me mostrar que eu não percebia nada de comédia. Olhei para o topo da página e vi o título da série. *Michael & Alice*.

— Acho que as pessoas vão pensar logo em *Will & Grace* — aventei. — Especialmente se for o nome de um homem e de uma mulher, separados por um «e» comercial.

— Eles não são donos do «e» comercial — retorquiu o James.

Tínhamos uma relação muito complicada com *Will & Grace*. As pessoas puxavam muito o assunto connosco, pelo que o James lhes lembrava que não era *gay*, embora, quanto mais longa se tornava a relação com o Fred Byrne, menos ele se defendesse.

Ficámos pedrados e paranoicos com a possibilidade de os nossos colegas de trabalho nos processarem quando nos tornássemos famosos, pelo que mudámos o cenário para uma loja de vídeos. Como o dinheiro escasseava, deixámos de sair três ou quatro noites por semana. Passámos a fazê-lo umas míseras — e, aos nossos olhos, quase no limite do antissocial — duas noites por semana. Compensávamo-lo com idas à loja de droga legal, onde um saco de canábis sintética custava dez libras e durava uma semana. Os meus trabalhos finais haviam sido finalmente entregues e a faculdade acabara. Tínhamos horas intermináveis para fumar a densa e risonha mistura de ervas.

O Dr. Byrne, que deveria estar a trabalhar no seu próximo livro,

aparecia de quando em vez para declarar a sua desaprovação. Agora sentia-se menos nervoso na minha presença e tratava-me como uma irmã mais nova.

— Deviam fumar erva normal — dizia ele.

— O que é que achas que somos? Milionários?! — exclamei, e o James mandou-me calar, receoso de que o Dr. Byrne tivesse pena dele.

— Sobre o que é o teu livro, Fred? — Só conseguia tratá-lo por Fred quando estava pedrada.

— O romance da casa de campo^[1] na ficção irlandesa do início do século xx — explicou ele. — Tensões góticas, fantasmas metafóricos *versus* fantasmas reais do...

— *Período da grande fome*? — disse eu, soltando uma gargalhada.

O Dr. Byrne, e há que lhe dar crédito eterno por isso, viu o lado cómico.

— Eu sei, eu sei, eu e a fome.

— E porquê? — perguntei, rindo-me. — O que te faz sentires-te tão atraído pela fome?

Ele suspirou e fez algo extraordinário. Pegou no charro horrível de erva sintética do James e deu uma passa.

— Sinceramente, Rachel? Acho que começou porque queria ser magro.

O James endireitou-se, o afeto pelo Fred Byrne a inundá-lo de súbito, limpando a neblina em que se encontrava.

— Oh, não — exclamou. — Oh, querido.

Pouco depois, foram para o quarto. Eu adormeci no sofá, a cara enfiada num exemplar de *Take a Break*. Acordei duas horas depois, com o Dr. Byrne a abanar-me. Ainda nem sequer era hora de jantar.

— Rachel — disse ele —, vou-me embora, mas esqueci-me de te dizer uma coisa: a Deenie tem um trabalho para ti.

Babara-me tanto que tinha a cara colada às páginas da revista.

— A fazer o quê?

— Só Deus sabe, mas ela acha que tem algo para ti. Cinquenta libras por semana.

— Por quantos dias?

— Os que forem necessários, suponho.

Fiquei confusa.

— Quer dizer que posso trabalhar um dia ou cinco dias e ainda

assim receber cinquenta libras?

— É um estágio, Rachel Murray, e tens sorte por ainda receberes alguma coisa. Ela diz para lhe enviarestes um *e-mail*. — Deu-me uma palmadinha na perna. — Não vás pedrada no primeiro dia.

Enviei um *e-mail* à Deenie, e ela pediu-me para ir na segunda-feira. Dali a quatro dias. Deu-me uma morada. Uma rua residencial calma, perto da faculdade.

As minhas entranhas rangeram. Quando pedira ao Dr. Byrne para ver se a mulher me arranjava emprego, imaginei-me num grande escritório, onde a Deenie me deixaria na sala do correio no primeiro dia, sendo que me caberia a mim fazer pela vida. Não me imaginava a ir a casa dela: a casa *deles*. Como é que iria trabalhar com a Deenie, o dia inteiro, todos os dias, voltar para casa e ver os lençóis encharcados de suor ao fundo das escadas?

Estava tão nervosa com tudo aquilo que, no dia seguinte, fui até à cidade e procurei em todas as lojas da baixa a melhor indumentária possível. Precisava de algo que dissesse que levava aquela oportunidade a sério, mas também que estava disposta a ficar coberta de tinta de impressora se a ocasião o exigisse. Acabei por ir à Barnardo's na Prince's Street. Comprei uma camisola de malha preta por quatro euros e uma camisa branca para vestir por baixo.

Decidi passar pelo English Market a caminho de casa, sem outra razão que não o facto de me alegrar. Os tetos altos, as paredes de pedra, o cheiro a carne crua e azeitonas em salmoura. A nobreza que advinha do facto de ser o único local no distrito onde se podia comprar um pastel de nata e as quatro patas de um porco sem se ter de dar uma volta completa.

Deambulei por ali, sentindo-me nostálgica, deprimida e encurralada. Pela primeira vez na vida, não havia nada para que me preparar em setembro. Estava habituada a entrar no verão sabendo que a época era um período estabelecido para me divertir. Dentro de alguns meses, chegariam os meus resultados, e eu já sabia quais seriam: uma média de treze ou catorze, não particularmente elevada, numa universidade vulgar, num curso inútil.

O que seria de mim? Regra geral, trabalhava a tempo inteiro na O'Connor durante o verão. Agora, nem sequer valia a pena perguntar. Não havia clientes.

— Rache — ouvi alguém chamar. — Ei! Rachel!

Lá estava ele. Diante de uma banca de pão. O Carey.

Sorriu como se nunca tivéssemos proferido um insulto um ao outro. O que, suponho, não tenha acontecido. Ele limitara-se a desaparecer, como era seu hábito, e depois eu mandara-lhe todas aquelas mensagens de voz.

Não conseguia fingir que estava feliz por vê-lo. Também não tinha a confiança necessária para o repreender. Fiquei ali, quase a arfar, as narinas quentes como as de um dragão.

— Dois minutos — pediu ele. — Dá-me dois minutos.

Estava a trabalhar na banca do pão. Colocou duas baguetes num saco de papel, as mãos cobertas de farinha, sorrindo a uma mulher que lhe pagava. O seu cabelo ruivo-alourado crescera demais, não para baixo, mas *para os lados*, as pontas espetadas em todas as direções.

O sangue acorria-me ao rosto. Não podia esperar por ele, nem sequer dois minutos. Qualquer tempo seria um insulto. Afastei-me e ouvi a voz dele a chamar-me.

Na rua, o sol brilhava intensamente e o suor escorria-me pelas axilas. A erva sintética tinha esse efeito em mim. Era divertida quando a fumava, mas experienciava todo o tipo de efeitos secundários estranhos no dia seguinte. Sentei-me no muro de pedra da igreja e esperei por ele. Rezei para que não me conseguisse encontrar e pensei em avançar sem cuidado para o meio da rua se isso acontecesse. Enfiei a cara nas mãos, uma respiração superficial e o pânico a aumentar.

— Querida, o que estás a fazer aqui? — perguntou ele, passando-me o braço em volta dos ombros. — Vamos lá. O que é que a Rachel Murray tem para estar chateada?

O sotaque ainda dava cabo de mim. A curiosa e divertida insipidez do sotaque de Derry. Odiava-me por ser irlandesa e por ter sido enganada por um sotaque irlandês.

— Vai-te lixar — exclamei, a cara ainda coberta pelas mãos. — Não faças isso. Não depois de tudo.

— Eu sei — disse ele, naquele tom que usava quando sabia que agira mal. A sua *maldita voz de SNS*.

— Não te limites a dizer «Eu sei»! — repliquei, levantando tanto a voz que os pombos se afastaram. — Pelo menos, pede desculpa.

— Peço desculpa, sim.

— Não acho que estejas arrependido.

— Deixa-me pagar-te um café.

— Não.

— Na verdade, tens toda a razão, não te posso pagar um café, estou a trabalhar. — Ficou pensativo por um segundo. — Mas fechamos daqui a uma hora. Queres ficar por perto enquanto eu arrumo?

— Não, *não* quero — repliquei, embora quisesse.

— Ouve — disse ele, chocalhando as moedas no bolso —, tenho ali *pains au chocolat* para vários dias. Vai até ao Gloria Jeans e compra-nos um café. Depois, volta e podes ficar a comer bolos e a beber o café enquanto eu acabo. Se a dado momento decidires que sou demasiado merdoso para ficares, vais-te embora, e sempre terás conseguido um café e um bolo de graça.

— Tudo bem.

Deu-me cinco libras em moedas. Fui ao Gloria Jeans e comprei um café simples para ambos. Quando voltei, ele encontrara um banco algures e arrastara-o para junto da banca.

— Sente-se aí, menina — disse-me. Deu-me o *pain au chocolat*, como prometido, e deixou-me sozinha.

Bebi o café e fiquei a vê-lo a atender os clientes. Da última vez que estivera com o Carey ele era representante do serviço de apoio ao cliente da Apple. Não ganhava muito, mas era um emprego respeitável e falava-se de uma promoção. Quem, não sei. Ele era obviamente um péssimo empregado. Estava sempre a faltar para ficar comigo, e eu nem sequer era suficientemente importante para que ele me desejasse um feliz aniversário.

Agarrei-me com unhas e dentes àquela raiva; precisava de recordar a mim mesma por que motivo odiava o Carey, e isto porque vê-lo a fechar a banca era demasiado fascinante. O aroma da pastelaria, o chocolate a derreter-se na minha língua, o café amargo. Precisava de me lembrar da minha raiva para não confundir inadvertidamente um bom petisco com um bom homem.

O James diz que há três tipos de corpos masculinos irlandeses: o de jogador de ténis, o de jogador de râguebi e o de jogador de hóquei. O James era o de ténis: corpo esguio, ossos longos. O do Dr. Byrne era o de jogador de râguebi: corpo largo, com tendência para o

rechonchudo e que pareceria sempre grande, independentemente do peso que ganhasse ou perdesse. O do Carey era tipicamente o do jogador de hóquei. Era magro e pequeno, mas compacto, quadrado e musculado. «Com a estrutura de um *Jack Russell*», dizia ele de si próprio. «E igualmente vulgar.»

Pegou num pau comprido e esticou o braço para fechar as persianas da banca do pão. Pôs-se em bicos dos pés, enfiado nas suas calças de fato de treino cinzentas mais do que gastas, do tipo que a maior parte dos homens hoje nem usaria para ir ao ginásio. E eu fiquei a contemplar-lhe a barriga.

Outra coisa sobre o Carey.

Tinha a barriga mais bonita de todos os homens com quem estive. Antes ou depois dele.

Sem sequer tentar, tinha um daqueles torsos para os quais as calças de ganga foram inventadas. Ossos da anca a lembrar marfim. Músculos abdominais que formavam um «V» em direção à virilha. Uma penugem dourada por baixo do umbigo. E não estava ciente de nada daquilo, penso eu. Não fazia a menor ideia até que ponto eu o estava a objetificar, enquanto ali permanecia, muda, no banco.

— Obrigado por teres ficado — disse ele.

A banca estava fechada. Eu encontrava-me de novo num espaço exíguo na companhia de um homem.

Desta vez, parecia genuinamente arrependido.

— O problema contigo, Rachel — continuou ele, baixinho —, é que me deixas louco.

— Vai-te lixar! — exclamei sem rodeios. — É isso que tens para me dizer?

— É verdade! E eu deixo-te louca a ti! — Pegou no telemóvel. Ainda tinha um *Nokia*, não o 3210, mas também não muito mais avançado do que isso. — Tenho as gravações.

Tentei reprimir a vergonha que sentia em relação às mensagens de voz e continuar zangada.

— Oh, por amor de Deus, Carey!

— Amor, ouve-me. Tenho vinte e sete anos.

— E então?

— Aos vinte e sete anos já se é muito velho para andar a faltar ao emprego para passar o dia na cama com uma miúda adolescente.

— Tenho vinte e *um*, Carey — balbuciei. — Coisa que *saberias* se tivesses ido à minha *festa de anos*.

Ele permaneceu calado.

Homens da Irlanda do Norte.

Sabem quando ficar calados.

— Desculpa não te ter desejado um feliz aniversário — disse ele cuidadosamente. — Mas, não sei... As coisas ficaram muito sérias entre nós.

— Não, não ficaram! — Quase gritei. — Nós literalmente nem sequer estávamos a considerar-nos namorados.

Por alguma razão, tudo o que me saía da boca fazia-me soar como uma miúda de quatro anos ressentida.

— Bom, julgo que o que eu queria dizer é que estávamos muito pouco sérios — esclareceu ele. Semicerrei os olhos. — Ouve, Rache. Eu sou um vagabundo. Um vagabundo nato. Tenho andado a vagabundear toda a minha vida. Andei na vadiagem em Derry. Andei na vadiagem em Belfast. E, quando me mudei para Cork, pensei: *OK, trabalho a sério, vida a sério, apartamento a sério. Conseguiu-te, James*.

Olhei em volta, como se o James tivesse acabado de aparecer, e depois lembrei-me de que eu era a única pessoa que o tratava por Carey.

— A seguir conheci-te, e, Jesus Cristo, rapariga, estraguei logo a pintura.

Não conseguia acreditar na volta que ele estava a dar à questão. Em todas as conversas que me imaginara a ter com o Carey, nunca pensara em algo assim.

— Nunca te pedi para faltares ao trabalho — disse eu. — Ou para usares a mesma roupa quatro dias seguidos.

— Eu sei que não pediste, querida — respondeu ele. Tocou-me na cara ao de leve, com os nós dos dedos. A minha raiva esvaiu-se e pressionei o rosto de encontro àquela mão. — Mas tu és muito jovem — continuou. — Ainda andas a fazer vida de estudante. E porque não? É o máximo! Mas eu preciso de tão pouco para voltar a isso. Dormir até ao meio-dia e tudo o mais. Não tenho autocontrolo nenhum.

Nem eu. Queria que ele me agarrasse, ali mesmo, e me fodesse ao lado da *focaccia*.

— Quando é que perdeste o emprego? — perguntei-lhe.

— Cerca de dois dias antes do teu aniversário — respondeu ele, parecendo envergonhado. — E foi um abre-olhos. Disse para comigo: *Olha, é isto que acontece quando andas por aí com miúdas mais novas.*

A questão da diferença de idades nunca surgira, e fiquei logo desconfiada.

— De repente, sou um rapaz de vinte e sete anos que não pode comprar um presente de aniversário à namorada que anda na faculdade — disse ele com um ar sombrio. — Tive de parar para pensar. Fui para casa.

— Mesmo para *casa*? Para Derry?

— Sabia que, se ficasse aqui, a minha pila me arrastaria de volta para Shandon Street.

Suspirou, como se a pila fizesse constantemente aquilo.

— Podias ter ligado — disse eu.

— Eu sei — admitiu. — Desculpa.

— Odeio-te mesmo por isso.

— Tens razão em odiar-me. Mas eu sabia que, se ouvisse a tua voz... — Contemplou o vazio, com um ar triste.

— Oh, tem dó! — exclamei. — Pára de agir assim.

— Assim, como?

Agarrei o ar com as mãos.

— Sou só uma rapariga que trabalha numa livraria, Carey. Podias ter ligado e acabado comigo sem que isso se tornasse a dança dos sete véus.

Ele mostrou-se furioso.

— Rachel, tens o corpo da Mulher-Maravilha; não me venhas com essa merda.

Beije-o. Não por causa do comentário da Mulher-Maravilha, que continuo a achar que é uma treta, mas porque perdera a vontade de *não* o beijar. Ele abraçou-me, beijou-me intensamente, e o aroma a suor e a pão varreu-me por completo.

Passados uns terríveis e bonitos minutos, peguei-lhe na fivela do cinto.

— Ora, ora — disse ele, pegando-me na mão com cuidado. — Aqui não.

— Sim — retorqui. — Aqui.

— Isso são coisas da minha antiga vida, Rachel — explicou ele. — Agora, *preciso* de ser adulto.

Parecia esperançado e triste, como o Peter Pan. Beijei-o na testa e tentei esconder a minha desilusão.

— Então, também eu vou ser adulta.

-
- [1] O termo «Big House», traduzido por «casa de campo», é uma expressão ambivalentemente trocista na Irlanda e refere-se a uma mansão de campo com uma área agrícola substancial, tipicamente propriedade de uma família anglo-irlandesa protestante e arrendada a inquilinos católicos, que trabalham a terra. Como centros rurais de poder político e riqueza na Irlanda, a maioria destas casas ocupava propriedades confiscadas nos séculos XVI e XVII às famílias católicas nativas. (*N. da T.*)

Hoje, há variadas formas de designar o que o Carey me fez em abril de 2010. As mulheres de quem sou amiga descrevê-lo-iam como *ghosting*, como manipulação psicológica a vários níveis. O único crédito que lhe dariam seria o facto de ter avaliado corretamente a situação. O facto de ser demasiado velho para mim, de a relação estar condenada, de ele ser demasiado infantil e de precisar de crescer e arranjar uma namorada com uma idade adequada à sua. Precisava *mesmo* de levar a vida a sério. E, se isso implicasse afastar-se de mim, então que assim fosse.

Mas nada desta lógica muda os factos concretos do caso. Éramos loucos um pelo outro. E, em nome dessa loucura, tentámos mesmo, e durante algum tempo fomos bem-sucedidos, a ser adultos em conjunto.

A nossa versão da responsabilidade adulta era a seguinte: comprávamos *bagels* à noite. «Já compraste *bagels* para amanhã de manhã?», perguntava-lhe eu, ligando-lhe a caminho de casa, vinda da livraria, orgulhosa de mim. Estava a trabalhar quatro dias na livraria e dois com a Deenie. Aqueles sacos de *bagels* de sésamo à americana eram, aparentemente, a única coisa que nos fazia levantar antes das oito da manhã. Nos dias em que o Carey não estava a trabalhar, ia para a biblioteca preencher candidaturas para empregos a sério.

Começou a tomar banho todos os dias. Eu comecei a arrumar a minha roupa no armário. Dizíamos as palavras «namorada» e «namorado» fanaticamente, acrescentando-as de forma estranha às frases que proferíamos, como a palavra «Pai» numa oração. Ouvia-o a dizer ao telefone: «Eu e a Rachel, a minha namorada, vamos lá

estar...» «Eu fui lá na quinta-feira, com a minha namorada.» «Queres ir a Douglas? A Rachel, a minha namorada, é de lá.»

Soube mais sobre ele e o doloroso intervalo de tempo em que fingiu que eu não existia. Obrigávamo-nos a deitar-nos antes da meia-noite nos dias de semana, mas, mesmo assim, nunca adormecíamos antes das duas da manhã. Eu enroscava-me no seu corpo de *terrier* e recolhia factos.

— Eu era muito débil em miúdo — contou ele, e eu guinchei de amor perante o facto de ele usar aquele termo, quando toda a gente que eu conhecia se limitava a dizer «doente». — Extremamente débil.

Ele era o mais novo de cinco, com quatro irmãs mais velhas, e manifestava uma série de sintomas misteriosos que acabaram por ser diagnosticados como lúpus. Eu já ouvira falar dessa doença. Uma concorrente do *America's Next Top Model* tinha lúpus.

— Sim — disse ele. — A Mercedes.

Ele era uma pessoa surpreendente nesse aspeto. Eu não sabia se ele estava a par da Mercedes porque via o *Top Model* ou porque conhecia toda a gente famosa com lúpus.

— Agora está tudo bem, mas, não sei, acho que fui muito mimado. — Suspirou. — Entre a minha mãe e as minhas irmãs, eu nunca fazia nada de errado.

Frequentara dois cursos universitários, desistira de ambos, pedira empréstimos para viajar, vagueara sem destino. Fora desculpado de inúmeras confusões em que se envolvera com o pretexto de que perdera muita coisa durante a infância. Havia sempre compaixão, e ele aproveitava-se disso. O primeiro abre-olhos ocorrera no ano anterior, quando o pai lhe arranjava o emprego na Apple, em Cork, e lhe dissera que seria a última coisa que a família faria por ele.

Anuí com a cabeça, na escuridão, e tentei pôr de lado a rejeição de que eu própria fora alvo em nome de uma visão mais alargada. Tentei não ver as ações do Carey como boas ou más, mas sim em consonância com quem ele era.

Se não me interessei pela minha família durante o primeiro mandato do Carey como meu namorado, já quase a esquecera no segundo. Ciente de que eu não iria a casa por vontade própria, a minha mãe perseguia-me para irmos tomar um café na cidade.

Lembrar-me desses cafés ainda hoje me queima as entranhas. Eu queria redefinir por completo os parâmetros da nossa relação e não tinha qualquer interesse em dar-lhe tempo para se poder adaptar. Tentei apressar a passagem da relação mãe-filha para uma relação adulta-adulta, e fi-lo bebendo café simples, enrolando cigarros à mesa e depois — o mais embaraçoso de tudo — prendendo-os atrás da orelha.

Aquilo deixava-a louca. É um conjunto de memórias a que assisto sempre do exterior, como se fosse um realizador de cinema: o meu cabelo demasiado comprido, os meus vestidos baratos, os meus seios demasiado levantados. Tinha um *Wonderbra* preto e usei-o até se desfazer, até as alças pretas me caírem praticamente nos cotovelos. A minha mãe olhava-me incrédula e chegava inclusivamente a enterrar a testa na palma da mão. «Rachel», exclamava com um esgar, «Rachel, por amor de Deus!» Tinham trabalhado tanto para me mandar para uma escola feminina privada, para clubes de ténis e campos de póneis, e tudo para acabarem — com o quê? Com uma filha que enfia cigarros atrás da orelha. Eu chegava a casa, depois daqueles cafés, e atirava-me para o sofá, à espera da atenção do James.

— A minha mãe — dizia eu — não *suporta* o facto de eu ser autossuficiente.

Esqueci-me por completo dos meus irmãos e presumi que eles se tivessem esquecido de mim. Não havia uma hierarquia firme em nossa casa. Eu e o Chris brincávamos juntos em pequenos, mas, quando o Kevin nasceu e eu entrei para a escola, eles tornaram-se uma entidade separada de mim. Eles eram os *rapazes* e eu, a Rachel. Era uma criança que gostava de ler, de escrever para as casas de leilões a pedir-lhes que me enviassem os seus catálogos e de ser tratada com um respeito severo. Era uma criança que pusera «broche de camafeu» na sua lista de Natal. Os rapazes viviam na Ilha dos Rapazes. Julgo que ver essa precocidade perdida fez parte da tristeza que a minha mãe sentia por eu me estar a tornar uma adulta tão estúpida e sexualmente provocadora. Poucas eram as vezes em que ainda me sentia como a irmã mais velha, e o Carey esteve presente numa delas.

Estávamos na cama e ouvimos um estrondo vindo do pátio. A princípio, parecia um gato a derrubar vasos de plantas. Depois, o gato soltou um som humano, como um gemido.

— Fica aqui — disse o Carey. — Eu vou ver.

Segui-o, é claro. Estava demasiado excitada com a ideia de um homem a proteger-me para *não* o seguir. Lembro-me tão nitidamente dele, à meia-luz da lâmpada por cima do forno: *boxers* axadrezados, sem camisa e uns óculos para ler com aros dourados completamente incongruentes, que ele guardava ao lado da cama.

— Quem é? — gritei. — Um ladrão?

— Um *ladrão*. Por amor de Deus. Como se tivesses alguma coisa que valesse a pena roubar.

— Nós temos uma televisão!

— É um miúdo bêbedo.

— O que se passa? — perguntou o James, de olhos sonolentos, do cimo das escadas. — Estamos a ser assaltados?

— *Se calhar* estamos — disse eu. — *Se calhar* estamos.

— É só um vadio — corrigiu o Carey. — Rachel, passa-me uma *sweat* que eu vou ter com ele.

— E se ele te bater?

O Carey lançou-me um olhar desdenhoso. Tinha aquela característica estranha, típica dos rapazes heterossexuais, de não ter medo de confrontos físicos.

Vestiu um *hoodie* meu, roxo, demasiado justo para fechar até acima. Saiu para a rua, e eu e o James olhámos um para o outro como se o Carey tivesse acabado de se atirar para o espaço. Ouvi o Carey a falar, gentil, mas firmemente.

— Estás bem, amigo? Bebeste um pouco demais, não foi? Precisas de uma chávena de chá?

— Uma chávena de *chá*? — sibilou o James. — Será que lhe vai oferecer o meu quarto também?

Ouvi uma voz murmurada e cambaleante, mas o seu tom grave ainda era reconhecível. Corri para o pátio.

— *Chris!* — Era o meu irmão. Um metro e oitenta e cinco, dezassete anos e as calças de ganga ensopadas de sangue. — O que é que *aconteceu*?

Sentei-o numa das cadeiras da cozinha. Ele não cheirava somente a bebida e a sangue, mas também a algo forte e medicinal.

— É a minha irmã — disse ele com um ar zangado, ao Carey, agitando-se no lugar. — É a minha irmã mais velha. Quem são vocês?

Vocês andam a foder? Andam a comer a minha irmã? Rachel, o que é que aconteceu ao último gajo? De cara comprida. Uma cara de cavalo comprida e triste.

— Caramba — disse o James, já enfadado. — Tomou miau-miau.

— Ele não pode andar a tomar mefedrona — ripostei. — É um adolescente.

— Eu só preciso de ficar aqui um bocado — disse o Chris. — Até o efeito passar e eu poder dormir. Vou-me embora logo de manhã. Por favor, Rachel, por favor, não me mandes para casa. Vá lá. Sê porreira.

— A mãe está à tua espera? — perguntei, endireitando-me. — E porque é que estás a *sangrar*?

— Não sejas parva, Rachel. — O Chris virou-se para o Carey. — Meu, tens um cigarro?

Mostrou ao Carey o corte na perna. Fizera-o a trepar por uma janela partida numa casa devoluta para onde todos estavam a levar o material. Preocupei-me com a possibilidade de aquilo significar que o meu irmão era toxicodependente, mas, quanto mais ele falava, mais eu me apercebia de que ele andava a brincar com aquilo da mesma forma que eu andava a brincar com o café simples. Apercebera-se das dificuldades financeiras que estavam a assolar a nossa família e andava a experimentar novos estilos de vida. O verão anterior fora passado no barco de um amigo da família, no oeste de Cork, e neste verão primavam as ocupações ilegais.

O Carey encontrou pinças, uma fronha velha e uma garrafa de vodca. O Chris recusou-se a despir as calças de ganga, pelo que o Carey cortou com todo o cuidado um buraco com uma tesoura de cozinha em volta da ferida, o que agradou muito ao Chris.

— As pessoas *compram* calças de ganga com buracos — não parava de dizer. — Mas eu consegui isto *de uma forma justa*. Através de meios *nobres*.

Ainda me parecia tão bebé. A sua carantonha macia e o cabelo cor de areia a lembrar uma versão infantil de James Dean. O Carey tirou os vidros da perna do Chris, caco a caco, com a pinça. Conversou o tempo todo com ele, ambos a fumar, o Carey com os seus óculos de aros dourados. O James foi para a cama. Eu sentei-me no sofá, como figurante, enquanto o Carey limpava a ferida com vodca e a envolvia em tiras de fronha rasgadas. Eu não tinha nada a acrescentar, mas não

conseguia desviar o olhar da cena. Senti-me nos anos trinta. Nunca acontecera nada tão masculino em minha casa, a não ser que contasse com o elevado número de homens a foder outros homens.

A certa altura, a moca do Chris abrandou e a conversa tornou-se mais normal. Nós, como todos os irmãos fazem com os forasteiros, tentámos fazer da nossa infância um circo ambulante. Histórias sobre antigas casas de férias e quedas de árvores. O Carey era um público generoso, fazia-nos perguntas, ria-se na altura certa. Acabámos por ir para a cama por volta das cinco, deixando o meu irmão a dormir no sofá.

— Obrigada — agradei ao Carey, estendendo a mão para lhe tocar no braço. — Foste tão bom com ele.

— É um bom rapaz.

— Não achas que é um drogado, ou algo do género?

— Não. Um irmão teu? Nunca.

— Não sei o que teríamos feito sem ti.

Ele soltou um suspiro estranho e cansado.

— Podes fazer tudo sem mim.

Então, adormeceu. Deixando-me a saborear a estranheza daquele comentário, e a desejar que ele tivesse parado na palavra «tudo».

Naquele ponto da nossa relação, eu andava tão obcecada com o Carey que tinha de me impedir de o comparar constantemente com estrelas de cinema famosas. Elogiava-o intensamente, implorava-lhe por sexo, agarrava-me a todas as suas declarações evasivas. E, no entanto, ele continuava a fazer declarações como aquelas. Comentários melancólicos e noturnos que sugeriam que eu iria deixar de o amar ou, a dado momento, iria vê-lo como ele realmente era. O Carey era maravilhoso, mas não tinha uma grande autoestima. Afinal de contas, era um vagabundo. Um vagabundo nato.

Os meus pais sempre me ensinaram que o mais importante numa pessoa eram os seus objetivos. O que é uma outra forma de dizer: não importa se a pessoa tem dinheiro agora, desde que planeie tê-lo mais tarde. Tornou-se-me claro que o Carey não tinha grandes objetivos, mas não me importava. Era bondoso, adorava-me e, embora provavelmente devesse ter pensado mais na sua carreira aos vinte e sete anos, eu sentia-me secretamente feliz por ele não o fazer. Isso dava-lhe mais tempo para se concentrar em coisas mais importantes.

Nomeadamente em mim.

O ano em Shandon Street foi muito bom para mim, mas, acima de tudo, fez o seguinte: libertou-me de qualquer tipo de sistema moral herdado. Deixei de avaliar os outros de acordo com os valores que me haviam sido ensinados: quem era um falhado, quem não se assumia, quem andava a trair a mulher. Aprendi o valor do contexto e das pessoas. Mais tarde, quando me tornei jornalista, isso deu-me jeito.

Às oito da manhã, desci as escadas. Os olhos do Chris abriram-se imediatamente.

— Desculpa — disse ele.

— Não faz mal. Chá?

— Sim. Chá.

Ele levantou-se, alto e adolescente, como se tivesse mais um par de mãos e pés. Seguiu-me até à cozinha.

— Acho que o pai está deprimido — comentou ele. — Mesmo deprimido.

Eu passara muito tempo a preocupar-me com os nossos pais, nos anos em que vivi em casa deles durante a faculdade. Achava que agora era a vez de o Chris carregar o fardo. A minha função passava por não lhes dar trabalho. É espantoso para mim, agora, quão convencida eu estava de que a minha dívida emocional para com as pessoas que me haviam criado estava paga, pura e simplesmente porque já não vivia com elas.

— Se alguma vez se tornar demasiado difícil, vem cá — disse-lhe. — És sempre bem-vindo.

Mas eram frases como esta — *és sempre bem-vindo* — que erguiam um muro invisível de formalidade entre nós. Eu precisava de que o Carey descesse, que tratasse o Chris como um tipo qualquer, para me ajudar a construir uma ponte entre a Ilha dos Rapazes, onde os meus irmãos estavam, e o *glamour* sujo da minha vida com o James. Mas o Carey só acordou quatro horas depois e, nessa altura, já o Chris se tinha ido embora. Nunca mais voltou à casa de Shandon Street.

Assim como foi o verão do Carey, foi também o verão da Deenie.

A casa dos Harrington-Byrnes era um apartamento no rés do chão de um edifício antigo em Sunday's Well, de frente para o Fitzgerald's Park, o único espaço verde decente da cidade de Cork. A casa era

eduardiana, com grandes janelas de sacada, onde nos podíamos sentar, e estantes e tapetes estranhos em todas as divisões. Era a casa mais bonita em que eu estivera. Nessa idade, só se esteve em casas de família ou em casas de estudantes. A casa de dois profissionais das artes nos trintas é uma coisa magnífica de se contemplar, mais encantadora do que um antigo palácio russo.

Tinha três quartos. Aquele onde eles dormiam, outro onde a Deenie trabalhava e um outro que o Dr. Byrne usava para trabalhar. A sala de estar era uma divisão vermelha minúscula e acolhedora, com um pequeno televisor e um sofá verde e macio. A cozinha era enorme e luminosa.

Foi-me difícil não odiar a Deenie durante a primeira hora que estive em sua casa. Ela parecia ter tudo como garantido. Abriu a porta com um vestido sem mangas e uma camisola de gola alta preta por baixo, a bandolete da cor do vestido. Eu sabia que ela se vestia num estilo entre a professora primária e a Daphne do *Scooby Doo*, mas o facto de ter aquele aspeto na sua própria casa já era demais. Conduziu-me até à cozinha, descalça e com *collants* pretos. Senti-me enorme ao lado dela.

— Como estás? — perguntou, como se eu a tivesse ido visitar. — Ainda andas com aquele rapaz bonito com quem te vi naquele dia?

Não sei se ela achava mesmo o Carey bonito. Nem toda a gente achava. O James costumava dizer uma série de coisas manhosas do tipo «a beleza está nos olhos de quem a vê» sempre que vinha à baila o tópico do aspeto físico do Carey. O que eu percebi, no entanto, foi que ela queria saber se eu tinha namorado.

— O Carey — confirmei. — Sim, ele voltou a aparecer.

— Esteve fora de cena?

— Oh, sim. — Encolhi os ombros. — Perdemos o contacto durante uns tempos.

— Céus, quem me dera ter tido tanta sorte como tu com homens quando tinha a tua idade. Eu era tão tímida, parecia uma minhoca. Só tive um primeiro namorado a sério aos vinte e três anos.

Aquilo era surpreendente sob vários prismas. Se a Deenie ia ser minha chefe, então era muita informação pessoal vinda dela. Além disso, sorte, eu? Com homens?

Devo ter parecido confusa, pelo que ela esclareceu:

— Estava apenas a pensar naquela noite em que te vimos nos Goldfrapp, com aquele outro tipo bonito.

Fazia sentido que a Deenie não tivesse nenhum radar *gay*, tendo em conta com quem se casara.

— O James — esclareci.

— Não era nada de sério, então?

— Só um amigo — respondi, tentando dar a ilusão de que estava a ser discreta.

Ela serviu o café.

— Desculpa — pediu, abanando a cabeça como se se estivesse a repreender —, é que todas as minhas amigas ou estão casadas ou grávidas ou algo do género. Sempre que alguém tem, bom, uma vida romântica excitante, quero saber tudo.

Vida romântica excitante! Quando eu nem sequer conseguia que o Carey me comesse numa banca do pão.

Bebemos o café e lá começámos a falar sobre o trabalho. Fiquei a saber que a editora da Deenie a deixava trabalhar dois dias em casa, porque era difícil fazer a edição num escritório cheio de gente, e ela trabalhava muitas vezes noite fora. O seu trabalho envolvia um certo número de almoços glamorosos, mas não tantos como se poderia pensar. Nomeou alguns dos livros em que trabalhara, e fiquei surpreendida por eu os conhecer quase todos. Não os lera, mas tinham subido na tabela dos mais vendidos na livraria, e eu deitara uma vista de olhos às sinopses.

— Recebe uma percentagem? — perguntei. — Por todos os livros em que trabalhou e que tiveram sucesso?

Ela riu-se secamente.

— Não — respondeu. — Quem me dera.

Acrescentou, como quem está a participar numa conspiração, que ter editado livros que haviam vendido muito bem poderia conceder outros benefícios, permitindo que se subisse na hierarquia em certas coisas. Os seus olhos esvoaçaram para a estante mais próxima, onde repousavam cinco exemplares de *A Dieta de Kensington*.

— Ah — exclamei. — Estou a perceber.

Ambas nos rimos, um riso inteiramente feito de carinho, porque ambas gostávamos do Dr. Byrne e apoiávamos o seu direito a escrever livros inúteis.

Ela explicou-me o que pretendia que eu fizesse. Queria que eu lesse uma pilha de manuscritos, a maioria enviada por autores não publicados, e que preenchesse uma folha de cálculo com as minhas notas sobre eles. Mostrou-me a folha de Excel que usava desde que começara a trabalhar em livros. Nela constavam centenas de linhas, por ordem alfabética, e com um código de cores. Verde significava excelente. Tentava adquirir todos os livros verdes. Amarelo significava promissor. Vermelho significava «nem pensar». A folha de cálculo era maioritariamente amarela. Dentro do amarelo, havia mais códigos: livros que ainda não estavam no ponto, autores que não estavam prontos, temas ligeiramente fora de moda. Cada entrada tinha uma nota a resumir o livro e o seu autor. «Epopéia da guerra civil, divaga um pouco, sabe muito sobre as zonas rochosas.»

Algumas das entradas amarelas tinham anos e alguns desses autores haviam-se tornado *bestsellers*. Um deles, que vencera um prémio nacional de contos nesse ano, fora resumido como «Um homenzinho estranho: adora cães, odeia mulheres».

Enquanto ela me explicava tudo aquilo, eu sentia-me a ficar nervosa de excitação. Era a primeira vez que tinha acesso ao outro lado do mundo que eu andara a comentar diligentemente durante anos. Imaginei os meus autores preferidos a aparecerem numa das folhas de cálculo da Deenie, ou em folhas de cálculo idênticas em todo o mundo. Donna Tartt, Toni Morrison, Richard Yates, Barbara Trapido, Haruki Murakami, Edna O'Brien. Racionalmente, sabia que todos eles deveriam ter sido rejeitados por editoras, e lera entrevistas nesse sentido. Mas a ideia de que eles pudessem ter vivido em tempos na mediocridade da lista amarela era demasiado reconfortante para mim.

Eu iria ter um certo número de manuscritos para ler por semana. Poderia ler alguns em casa e outros em casa dela. Ficaria também a cargo da sua caixa de correio eletrónico de trabalho, de enviar um dos seus *e-mails* modelo de rejeição a todos os escritores esperançosos que queriam desesperadamente ser publicados, mas, pelos vistos, não tão desesperadamente a ponto de tentarem saber o nome da Deenie. «Excelentíssimos senhores» era a forma mais comum de a tratarem.

De modo geral, passámos bons momentos juntas. Lembro-me de pensar, várias manhãs, enquanto líamos em silêncio e bebíamos café

em canecas de barro: *Se isto é trabalho, então quero.*

Nos primeiros dias do estágio, o James estava à minha espera quando eu chegava a casa, desesperado por informações sobre o funcionamento interno da vida doméstica do seu amante. Eu não sabia o que lhe dizer.

— A Deenie é muito simpática — comentei, num tom de desculpa.

— Suspeita de alguma coisa?

— Bem — respondi com alguma lentidão —, acha que tu és heterossexual.

— Oh.

Ele parecia atônito, como quem tivesse visto um desejo a tornar-se realidade, mas de forma completamente errada.

Descrevi-lhe a casa deles, os tapetes de cores vivas e as namoradeiras, e ele odiou.

— Diz-me como é o casamento deles — pediu desesperadamente.

— Parecem felizes?

— Ele nunca lá está!

E não estava. A faculdade acabara e os festivais literários de verão haviam chegado em força, pelo que o Dr. Byrne ainda estava a fazer os possíveis para vender exemplares de *A Dieta de Kensington*. Encontrara algum ímpeto com o novo livro, pelo que as suas visitas a meio da tarde tinham começado a diminuir.

O James andava a tentar convencer o Dr. Byrne a deixá-lo ir a um dos festivais literários, dizendo que era um assistente. O Dr. Byrne foi firme: de maneira alguma. As pessoas nos festivais eram conhecidas da Deenie. O risco era demasiado grande.

Hoje, sinto uma pontada de culpa ao recordar esses meses. Ora estava a trabalhar, junto de uma pilha de manuscritos, ora com o Carey. Desistira de fumar erva sintética, mas o James continuava a fumá-la na cama, infelicíssimo em frente a *Frasier*.

— Sou o teu melhor amigo — disse ele certa vez, quando me viu a fazer círculos e a sublinhar um manuscrito, como a Deenie me ensinara. Terminara a pilha de manuscritos rejeitados e estava agora a fazer uma edição ligeira. — É suposto que gastes mais de mim do que de qualquer outra pessoa.

A franqueza daquele comentário. Era algo que nenhum de nós diria a um namorado, aterrorizados com a ideia de admitir uma

necessidade crua e aberta. Mas podíamos dizê-lo um ao outro.

— Eu *gosto* mais de ti do que de qualquer outra pessoa — disse eu, abraçando-o. — Mas preciso de separar as coisas. Não posso ser uma espia para ti. Ela é, tipo... minha amiga.

Senti uma nova vaga de compaixão pelo Dr. Byrne, que conseguira lidar com as suas próprias lealdades conflitantes ignorando-me. Compreendi a tentação.

— Como está a correr o guião para o programa de televisão? — perguntei. Tínhamos desistido de dizer que eu o estava a escrever com ele. Há um mês que eu não abria o documento nem escrevia uma palavra.

Ele não me respondeu e foi tomar banho. O seu segundo duche do dia.

Alguns dias depois, o James apanhou três autocarros para Dingle, oito horas no total, e entrou de rompante num festival onde o Dr. Byrne iria fazer uma apresentação. Foi um ato profundamente estúpido. O Dr. Byrne ignorou-o e esquivou-se dele no local, enviou-lhe uma mensagem de texto tensa a pedir-lhe que se encontrasse com ele no hotel e depois discutiram a noite toda. Não creio que o James quisesse efetivamente que o Dr. Byrne deixasse a mulher. Sentia apenas que merecia mais respeito, mais tempo, um pequeno *pied-à-terre* e um roupão de marabu. Queria que o caso fosse mais francês, se possível.

O James sabia que tudo isso era impossível, mas estava a chegar ao ponto que eu atingira em maio. Começava também a perguntar-se o que iria ser dele, só que o seu caso parecia mais drástico do que o meu. Ele nem sequer tinha um diploma medíocre de uma universidade medíocre.

Certa manhã de julho, entrou na cozinha, onde eu estava a torrar *bagels*. O Carey estava a tomar banho.

— O que estás a fazer acordado? — perguntei.

Tinham-se passado três dias desde a viagem a Dingle, e o James isolara-se no quarto desde então. Pegou na tábua de engomar e estava a separar umas peças da minha roupa e da sua.

— Decidi controlar-me — explicou ele. — Vou desistir do Fred.

— Uau! — exclamei. — Muito bem.

Tal como estivera disposta a aceitar que o James era homossexual

quando nos mudámos, estava preparada para permitir aquela ficção também. A minha suspeita era que o Fred Byrne acabara tudo com ele em Dingle.

— Vou arranjar outro emprego. Estou farto de ser pobre. E vou acabar o programa de televisão.

Acenei com a cabeça.

— Fico muito contente, amigo. Isso é ótimo.

Fiquei aliviada por não termos de discutir oficialmente o facto de eu já não andar a escrever o programa de televisão com ele. Naquela altura, já perdera todo o interesse, mas parecia indelicado dizê-lo.

— Vou fazer vinte e três anos em novembro, Rache.

— Eu sei.

— Quero ter um plano até lá. Não apenas um plano. Mas, tipo, perspectivas.

Abracei-o. O Carey saiu do duche com a minha toalha em volta da cintura e a sua famosa barriga à mostra.

— Carey, posso ir contigo à biblioteca hoje? — perguntou o James.

— Claro, amigo — respondeu o Carey, pegando num prato. — Em que é que andas interessado?

— Vou ser argumentista.

— Porreiro — respondeu o Carey, saindo da cozinha com o seu *bagel*.

Ele não fazia ideia do James e do Fred Byrne, e só pensava no Fred Byrne como meu ex-professor e marido da minha chefe. É espantoso para mim, agora, quantos segredos escondia eu dele, mas o assunto nunca parecia vir à baila. Ele nunca fazia perguntas sobre a sexualidade do James, embora eu tenha a certeza de que presumia coisas. Também sei que não se importava. Não que estivesse a fazer uma escolha consciente de aceitação; a verdade é que o tema nem lhe passava pela cabeça.

Havia muitas, muitas coisas que não passavam pela cabeça do Carey. Quanto mais tempo passávamos juntos, mais eu conseguia perceber que toda a gente que o conhecia se sentia frustrada com a forma como ele vivia. A sua irmã mais velha, a Cate, começara a telefonar-me quando queria saber dele. Eu nunca a conhecera, mas ela percebeu que estávamos presas ao mesmo destino e tínhamos de

arranjar maneira de trabalhar em conjunto.

— Rachel, como estás? — começava ela a cada chamada. Não esperava por uma resposta. — Ouve, o James precisa de carregar o telemóvel e ligar à mãe. Ela não está bem outra vez. E o pai faz anos no sábado. Podes dizer-lhe?

As nossas conversas, por muito curtas que fossem, pareciam sempre as de duas pessoas a tratar de um filho depois de um divórcio amigável. Por vezes, era por causa do lúpus. O Carey nunca o diria, mas havia dias em que só queria dormir, ou ficar quieto, e recusava-se a ligar-me nesses dias. Era a única coisa que o envergonhava.

Porém, na maior parte das vezes, era apenas o facto de ele não ser fiável.

— Porque não carregas o telemóvel? — perguntava-lhe eu. — Porque é que não podes...?

— Não sei — respondia, igualmente perplexo. — Pura e simplesmente, não sei.

Por mais coisas de que ele não estivesse ciente, havia muitas outras, maravilhosas, de que estava. Certa vez, ligou-me de uma cabina telefónica no exterior da biblioteca por, mais uma vez, se ter esquecido de carregar o telemóvel.

— Rache — disse ele —, ouve isto. Nos tempos da caça à baleia, no século XIX ou coisa do género, descobriram que o melhor óleo estava no cérebro do cachalote. Chamavam-lhe a porcaria. Baixavam alguém, com uma manivela ou algo do género, até ao crânio da baleia, e a pessoa teria de, bem, lhe retirar o cérebro. Sabias disso?

— Não, não sabia.

— A que é que achas que cheirava? — perguntou ele. — Estamos a falar de um cérebro do tamanho da tua casa.

Ouvi um batucar ténue no seu lado da linha.

— O quê? — perguntou o Carey.

— O senhor não pode levar livros da biblioteca sem os requisitar.

— Só estou a ler isto à minha namorada. Rachel, ainda estás aí? O óleo chamava-se espermacete. Porque *parecia* sperma.

— Tem de levar o livro para dentro, por favor.

Ri-me às gargalhadas, arfando tanto que tive de o explicar à Deenie. Naqueles momentos, não me importava com a falta de fiabilidade fundamental do Carey, ou com o facto de ele dever estar

na biblioteca a preencher candidaturas a empregos. Mas o medo voltava sempre. Tinha noites longas e paranoicas em que me perguntava se ele teria morrido. Havia dias em que não tinha notícias dele. Mas estava a aprender que isso fazia parte do amor, ou de o amar de qualquer forma.

— Se ele fosse qualquer outra pessoa no mundo — disse eu ao James uma noite, depois de olhar para o telemóvel pela quinquagésima vez —, mandava-o dar uma volta.

— Mas ele não é uma pessoa qualquer — respondeu o James, com uma tristeza quente a subir-lhe à garganta.

Entrelacei os seus dedos nos meus. Ele não via o Dr. Byrne há semanas.

Em julho, o Ben convocou uma reunião e disse que tinha de nos reduzir o salário. Até essa altura, eu recebia nove euros e meio por hora e o James, nove. Os cinquenta cêntimos de diferença refletiam os dois anos que eu trabalhara a mais do que ele na livraria, bem como o facto de eu ter as chaves da caixa registadora e poder fazer reembolsos em dinheiro. Recebíamos mais aos domingos e nos feriados. A única maneira de nos manter a trabalhar, explicou o Ben, era reduzir-nos a todos o pagamento para oito euros à hora e não pagar mais pelos domingos e feriados, até notícia em contrário.

Não queria despedir ninguém, disse, porque éramos como família. Mas aconselhou-nos a procurar emprego. «Posso ser flexível, se tiverem entrevistas», acrescentou, pesaroso.

As pessoas perceberam a dica. A Sabrina, que eu ainda via discretamente como rival, entregou a carta de demissão no dia seguinte. Ia mudar-se para Nova Iorque no final do verão. Alguns outros começaram a trabalhar para o grande *call center* em Bishopstown. Eu, o Carey e o James estávamos aterrorizados com a ideia de irmos para esse grande *call center* em Bishopstown. Fazia-nos sentir como cavalos velhos, prestes a serem transformados em cola. O Carey não ajudava nada. Tivera um emprego de atendimento telefónico quando trabalhava na Apple. «A Apple é a melhor das melhores, cestos de fruta e tudo o mais, e ainda assim eu só pensava em matar-me», comentava, com um esgar. «Nem quero imaginar como deve ser esse outro sítio.»

Eu e o James éramos como aquelas velhotas falidas em Londres que dizem «É claro que eu nunca poderia viver a sul do rio» e

preferem passar fome nos seus apartamentos de Kensington, construídos antes da guerra. Nós tínhamos padrões. Éramos pessoas da cidade. Preferíamos estar de pé o dia todo a trabalhar na GAP, a ficar amarrados a um telefone de secretária.

Os funcionários foram deixando a O'Connor, o que significava que havia mais horas para mim e para o James, mas, agora que os nossos salários tinham sido reduzidos, continuávamos a ganhar o mesmo dinheiro. Tornámo-nos muito malcriados e péssimos no nosso trabalho. Fechávamos cada vez mais cedo todos os dias, púnhamos a nossa música aos altos berros durante as horas de trabalho, não atualizávamos as tabelas de *bestsellers* todas as quintas-feiras à noite. Alimentámos um ódio profundo pelas mulheres que compravam *As Serviçais* para ler nas férias. «Elas é que deviam ser nossas *Serviçais*», dizia o James. «Os maridos delas deveriam ter sido *Serviçais* para com o país e não terem sido *Serviçais* de si próprios.»

Não percebíamos o que se estava a passar com a economia. Apenas que estava mal; não só mal, mas corrupta. Apanhávamos alguns chavões dos clientes, que reciclavam informação que haviam ouvido na rádio. «Os malditos bancos», dizíamos. «O Bertie Ahern e os seus malditos subornos.»

Eu sentia falta do Fred Byrne. Tinha a sensação de que ele poderia ter-nos explicado o que se estava a passar.

Nunca cheguei a saber o que acontecera em Dingle. O James ocultou o assunto por detrás de um manto de vergonha e de um *spray* para engomar. As únicas pistas que me foram dadas chegaram-me através do seu guião, de novo em pleno andamento, e que até já tinha um título: *Discos*.

O James decidiu que, se ia trabalhar mais horas pelo mesmo dinheiro, mais valia retirar alguma coisa disso. Passava todos os minutos livres na secção de Cinema e Televisão, a analisar formatos de escrita para argumentos e a ler Robert McKee. Também aproveitava plenamente a impressora do trabalho, que utilizava para imprimir páginas do seu guião.

— Acho que sei qual vai ser o grande acontecimento no final do episódio-piloto — disse ele, certo dia, enquanto estávamos a fechar. — Acho que o Michael deixa o namorado e tem de ir viver com a Alice.

— O Michael agora tem um namorado?

— Sim — apressou-se ele a responder. — Nunca o vemos.

— Como a Maris? No *Frasier*?

— Como a Maris.

— Então, a premissa é que o Michael e a Alice têm de viver e trabalhar juntos?

— Sim! E como é que gerem o equilíbrio entre o trabalho e a vida.

— Como é que nós o *fazemos*?

— Eles não são como nós — replicou o James na defensiva. Temia que eu interpretasse as ações da Alice como sendo demasiado paródicas. — Nós somos muito evoluídos.

INT: A Livraria

Michael irrompe pela porta, com uma expressão perturbada.

Alice já está atrás do balcão.

ALICE

Michael, que horas achas que são?

MICHAEL

Desculpa, desculpa!

ALICE

Perdeste o carregamento do Horror! Sabes quanto triste é descarregar um camião carregado de violência pervertida às nove da manhã de uma terça-feira?

MICHAEL

Acabei com o Craig.

ALICE

Oh... Então... acho que sabes!

Alice!

ALICE

Oh, desculpa, está bem! Estou em choque! Mas tens de admitir que a tua relação com o Craig não era propriamente... saudável.

Ainda tenho páginas desse primeiro rascunho numa caixa de sapatos. Sempre que mudo de casa, dedico um dia a ficar sentada no chão a ler todas as vozes que o James experimentou antes de encontrar a sua. Fotografo cada página, envio-lhas, e ele responde imediatamente ou sete horas depois com um *emoji* de vômito.

Uma noite, estávamos a jantar em casa. Já só nos restava uma última garrafa de vinho do Fred Byrne e decidimos cozinhar um esparguete à bolonhesa de raiz para o honrar. A refeição estava horrível: a carne picada cozeu tanto que ficou granulosa, o molho de tomate demasiado líquido e morno.

— Gosto assim — disse eu, várias vezes. — Gosto da carne quando está estaladiça.

— Acho que devíamos falar sobre o nosso plano— propôs ele, vertendo o que restava do vinho no meu copo. — Acho que devíamos mudar-nos para Londres.

— Oh — exclamei, mastigando a carne. Tinha a consistência de cascas. — A sério?

— Não podemos ficar por aqui. Cork está a morrer.

Assenti com a cabeça.

— Cork está *morta*.

— Estou quase a acabar o *Discos*. Quando acabar, vou enviá-lo para produtoras em Londres. E para agências também. Para poder arranjar um agente.

— Caramba. — Engoli. — Tens tudo pensado.

— Só tenho pensado nisto. Tenho andado a pesquisar *online*. Acho que podíamos arranjar um apartamento em Londres. Não perto do centro, claro, mas algures num sítio mais afastado.

Eu ouvira histórias de pessoas dos subúrbios que, para chegarem todos os dias ao centro de Londres, levavam o tempo de um voo da

Ryanair. Parecia-me horrível.

— Não sei — repliquei, pensando no Carey, na Deenie, nos rastos de vida que eu tinha em Cork, frágeis, mas que também não significariam nada sem o James.

— Ela escreveria uma recomendação para uma das editoras inglesas — disse ele; «ela» referia-se à Deenie. — E tu podias dizer ao Carey.

Esfreguei a orelha.

— Dizer o quê ao Carey?

— Para vir connosco.

Deixei cair o garfo.

— O quê?

— Porque não?

— Querias viver com ele?

Ele encolheu os ombros.

— Basicamente já vivo com ele.

— Ele não passa cá assim tanto tempo.

— Não. — O James lançou-me um olhar astuto. — Não estás a perceber. Eu basicamente já *vivo com ele*.

— Oh, vá lá. Eu não sou tão má como ele. Já fui domesticada! — Agora, até já lavava os lençóis. Será que o James não reparara?

— Sim, claro.

— James!

— A questão mantém-se. Diz-lhe para vir connosco. Se arranjarmos um T2 e dividirmos a renda pelos três, estamos safos.

MICHAEL

O que é que queres dizer com isso? A nossa relação era muito saudável.

ALICE

Bem, para começar, nunca ficavam em casa dele.

MICHAEL

Ele vive com a mulher!

ALICE

E ele vive com a mulher!

MICHAEL

Ele está a poupar na renda!

Eu não fazia ideia de quando é que o James se tornara tão virado para o negócio. Se tivesse de dar um palpite, diria que foi fruto da linguagem frontal e seca dos argumentistas de Hollywood que ele lia em todos aqueles livros. Os que diziam constantemente coisas como: «Uma página por um minuto de tempo de ecrã.» «Descubra o que os espectadores querem e não lhes dê isso.» «Mostre, não conte.» «Nenhuma personagem deve ter cinco linhas de diálogo ininterrupto, em momento algum.»

— Não sei. Não sei se eu e o Carey estamos... nesse ponto. Emigrar com alguém é algo muito importante.

— Caramba, não te estou a pedir para entrares num navio de imigrantes com ele. Se não der certo, acabas e ele volta para Cork. O que é que tens a perder? Estás louca por ele, não estás?

— Sim — respondi. — Claro que sim.

Ele também estava louco por mim, nos momentos em que se lembrava de que eu existia. E não era esse o objetivo do nosso esforço conjunto para sermos adultos? Não era para aí que tudo se encaminhava? Comecei a imaginá-lo a imaginar-se a si próprio. O quanto gostaria de dizer aos pais que se ia mudar para Londres com a namorada. Como todos ficariam contentes. Imaginei a irmã dele, a Cate, a telefonar-me para o apartamento que partilhávamos, a pedir-me para lhe passar o telefone. Imaginei-me a conhecer a Cate.

Conhecíamos gente que se tinha mudado para Londres, claro. Todos mencionavam como era difícil, cansativo e competitivo. Como era difuso, com toda a gente a quilómetros de distância uns dos outros. Todos referiam quão frios os britânicos podiam ser, cheios de sinais contraditórios em relação à amizade, o que poderia significar

que levaria anos até sermos convidados para ir a casa de alguém. Mas mudar-me para Londres com o meu melhor amigo e o meu namorado... Pouca importância teria quão frios seriam todos os outros que me rodeassem, não era?

Pensei em mim e no Carey juntos no metro, ele a fazer as palavras cruzadas nos jornais gratuitos.

Eu e o James conversámos até tarde sobre como seria uma mudança para Londres. Precisaríamos de poupar dinheiro. Como o conseguir era um mistério, tendo em conta que já mal nos sustentávamos.

— Será que a Deenie te poderia dar um aumento? — perguntou ele.

Ela continuava a dar-me cinquenta euros por três manhãs por semana, mas também tinha mencionado um trabalho extra, uma antologia de poesia para a qual poderia precisar de ajuda. Perguntei-me se isso não seria considerado fora do âmbito do meu estágio.

— Talvez — respondi. — E posso sempre procurar trabalho num bar.

— Não vale a pena — disse o James. — Não há, e estão a dar todos os trabalhos de recolha de copos a raparigas polacas boazonas.

Tentei não parecer demasiado ofendida.

— Porque elas cobram menos — esclareceu ele. — Não é por...

Levantei a mão, um pedido silencioso para que ele não fosse condescendente.

— Havemos de arranjar dinheiro — rematou. — Tu hás de pensar em algo e eu hei de pensar em algo.

MICHAEL

Olha, sei que o Craig não era perfeito, mas mesmo assim é difícil acabar!

ALICE

Claro que é! Então, o que é que disseste?

Michael fica a pensar

Disse... que as coisas não podem continuar assim, sabes? Disse que continuo a tentar e que ele continua a não tentar, e que, a certa altura, temos de chegar a acordo sobre alguma coisa. E... ele não vai tentar. Sei que não. E parte-me o coração, porque... eu amo-o. Amo-o, e queria mesmo que isto resultasse, mas não consigo se estiver a tentar e a tentar e a tentar sozinho.

Ultrapassava as cinco linhas de diálogo ininterrupto, mas, ainda assim, acho que funciona.

Decidimos que, para nos mudarmos para Londres, precisaríamos de pelo menos quatro mil libras. Isso permitir-nos-ia pagar a caução e o primeiro mês de renda, dando-nos cerca de dez dias de margem de manobra para arranjar novos empregos.

— Conseguimos juntar essa quantia até ao Ano Novo — declarou ele, com grande certeza. — E vamos receber a caução desta casa quando o contrato de arrendamento terminar.

— Precisamos de arranjar a casa de banho — lembrei, pois ainda tínhamos um caixote do lixo preto a tapar o sítio onde eu abrira um buraco nos azulejos.

— São só cem libras por semana. A cada um. Pede à Deenie para te dar um aumento.

— Achas que a Deenie me vai *duplicar* o salário de repente? — repliquei. — Se é que se pode chamar salário a cinquenta euros por semana...

— Bem — continuou ele, sem se deixar intimidar —, se o Carey também entrar, pode começar a contribuir para o fundo, não pode?

— Não vamos complicar as coisas — retorqui.

Eu ainda não falara com o Carey. Estava aterrorizada com a forma como ele poderia reagir. Na altura, havia muita conversa acerca de «compromisso», não só na minha cabeça, mas a nível cultural. O compromisso era contextualizado como algo que as mulheres queriam, mas que matava os homens. As palavras «compromisso», «problemas de compromisso» e a expressão decididamente médica «fobia de compromisso» eram constantemente utilizadas, tanto que me esqueci do que o termo significava, o que, por norma, estava simplesmente

relacionado com alguém dormir em nossa casa muitas vezes e, ocasionalmente, ir a casamentos connosco.

Por isso, continuei a não falar sobre Londres ao Carey. Quanto mais tempo adiasse a conversa, mais poderia viver numa fantasia em que ele diria que sim e começaríamos a planear a nossa nova vida em conjunto. Se ele respondesse que não, seria a primeira de uma longa série de conversas que conduziriam inevitavelmente à separação. Eu já passara por esse tipo de desgosto uma vez nesse ano. Não tinha estômago para o fazer de novo.

Certa manhã, ele trouxe-me uma torrada à cama. Foi muito romântico, apesar de o pão ser meu. Eram tão raras as vezes em que ele se levantava antes mim.

— Senta-te; vais ficar cheia de migalhas.

Assim fiz, adorando a preocupação. Ele beijou um pedaço de manteiga de amendoim que me ficara no queixo.

— Estás bem, Rache? — perguntou-me, parecendo de repente muito tímido.

— Claro que sim! Porquê?

— É que... — Quando ele estava nervoso, agarrava-se às palavras com uma energia semelhante à de quem mergulha a mão num saco cheio de prémios para retirar um. — Tens andado muito *lúgubre*, ultimamente.

— *Lúgubre*! — exclamei com alegria. — Nem sequer sei o que significa *lúgubre*. Olha para que serve o meu diploma.

— Triste, um pouco mórbida — respondeu ele. — E nunca queres sair. Andas um pouco presa a casa. Quando não estás a trabalhar, quero dizer.

— Ah, bem. Isso é por causa do dinheiro.

— Tu ganhas bem. Ainda tens a livraria e a Deenie. Podemos dar-nos ao luxo de ir ao The Brog, por exemplo.

Chegara a altura de lhe dizer. Ele andava curioso, preocupado, atento, concentrado. Eu tinha os seios descobertos. Teria sido tão fácil. «Eu e o James estamos a planear ir viver para Londres. Vem connosco.»

— É que nós estamos a tentar poupar dinheiro — respondi honestamente.

— Nós?

— Eu e o James — respondi.

— Para quê?

Não queria mentir-lhe, por isso não o fiz. Não tecnicamente.

— Queremos mudar-nos para um lugar melhor — expliquei, e gesticulei com a mão em redor, indicando a linha húmida que subia pela parede, a rua do lado de lá da janela. Insinuei que esse sítio melhor poderia ser ali perto, e não num país diferente.

— Oh — disse ele. — Certo.

Senti uma pontada de medo, como se lhe andasse a esconder um caso com outro homem e estivesse a momentos de ser apanhada. Pensei em contar-lhe. Imaginei-o a afastar-se, a sentir a pressão do meu pedido, a proximidade do fim do prazo para a minha emigração. O pânico de o perder dominou-me. Pousei o prato no chão e puxei-o para junto de mim. Foi a primeira vez que me senti consciente de o querer impressionar ao fazermos sexo, para o manter comigo. De querer fazer um espetáculo. Senti-me a ficar mais ruidosa, mais performativa. Lembro-me de olhar para o ato, como se pairasse acima de nós, e de pensar que o Carey parecia confuso.

Depois, ele fez-me festas na cabeça, como se eu fosse um cavalo.

— Que regalo para uma manhã de terça-feira — comentou, e não o voltei a ver nos dois dias seguintes.

Intimamente, não acreditava que me fosse mudar para Londres. Alguns planos são feitos e caem-nos na mão como um ovo quente. O lançamento do livro do Dr. Byrne, por exemplo. Outros são vagos desde o momento da conceção e continuam a sê-lo, por mais pormenores que se lhes dê.

Não era assim que o plano funcionava para o James. Ele via-se em Londres e passava horas a pesquisar diferentes bairros onde achava que poderíamos viver.

— Olha para este apartamento que encontrei em Mile End — disse-me. — Dois quartos. Mil por mês.

Olhei para as fotografias. Tinha um ar sombrio e parecia estar muito acima do chão. Da porta de correr, via-se o topo dos edifícios.

— Mil *libras*?

— Dividido por três. Não é muito mais do que aquilo que pagamos atualmente. Claro que no Reino Unido há o imposto municipal e tudo isso.

— Ainda não sabemos se o Carey vem.

— E não saberemos se não lhe *perguntares*.

— Eu *hei de* perguntar-lhe.

Não perguntei.

Uma semana depois, o James desceu as escadas a correr, com o portátil na mão.

— Rachel! — gritou. — Rachel!

Eu estava a ler uma revista da semana anterior e a sentir-me deprimida com a questão do dinheiro.

— Recebi um *e-mail*! Um *e-mail* acerca do *Discos*!

Olá, James.

Muito obrigado por nos ter enviado o seu guião *Discos*. Infelizmente, não podemos dar seguimento a este assunto, uma vez que não podemos produzir guionistas que não estejam agenciados. No entanto, queria dizer que gostei muito do que escreveu e que estou muito curiosa sobre o que vai acontecer a seguir com o Michael e a Alice.

Parece-me expectável que se depare com muitos dos mesmos problemas com outras empresas de produção. Posso recomendar-lhe que tente submetê-lo à BBC Writersroom, ou talvez à Sky?

Muito obrigada,

Jennifer Romley

Assistente de Projetos

Elephant Feet Productions

Tratava-se de um *e-mail* de rejeição, mas era tudo aquilo de que o James precisava. Os factos daquele *e-mail* rapidamente se distorceram a fim de se adaptarem a uma nova mitologia, segundo a qual o James *quase* conseguira um contrato de televisão, e só não o obtivera porque não tinha um idiota de um agente. Seguiu o conselho da Jennifer Romley, submetendo o guião à Sky e à BBC, e incluindo em todas as cartas de apresentação a frase «A Jennifer Romley, da Elephant Feet, revelou grande interesse».

— É tudo uma questão de quem se conhece — repetia ele.

A Jennifer Romley seria provavelmente pouco mais velha do que nós e teria a função de analisar a pilha de manuscritos enviados, tal como eu tivera de analisar a da Deenie. No entanto, na fantasia de

2010, ela era uma pessoa importante no setor, alguém cujo nome seria reconhecido em qualquer lugar. Imaginámo-la no Groucho Club, a falar sobre «um fabuloso novo escritor irlandês», e a ser ouvida por acaso por alguém da BBC. Alguém que, por coincidência, recebera o *Discos* nessa tarde.

A questão do agente estava a revelar-se mais preocupante. Ninguém lhe respondia aos *e-mails*. O James fez telefonemas e telefonemas, e acabou por receber um conselho breve de uma rececionista. «Ouça, amigo», dissera ela, «ninguém sabe quem raio é o senhor.»

De cada vez que contávamos a história, a mulher ia-se tornando gradualmente mais britânica. Tornou-se uma deixa que gritávamos um ao outro, ao subir as escadas, ao atravessar a rua. «Ninguém sabe quem raio é o senhor!»

— Porque é que estão sempre a dizer isso? — perguntou o Carey certa vez. — E com sotaque britânico?

— Por piada — respondi com alegria. Era uma desculpa suficientemente boa. Era essa a razão por detrás de tudo o que fazíamos.

— É por isso que eu nunca iria viver para Inglaterra — comentou ele, enrolando um cigarro. — Esse sotaque. Parecem unhas numa ardósia.

— Nunca? — perguntei, com as entranhas a tremer.

— Deus, consegues imaginar-me? — Riu-se. — Andaria a cantar «Come Out, Ye Black and Tans» no metro.

Estava a brincar. Ou talvez não. É difícil saber. A sua família mais alargada fora alvo de muita perseguição durante o conflito na Irlanda do Norte, assim como muitas famílias católicas em Derry. Era difícil analisar até que ponto o seu rancor contra Inglaterra era realmente sério. Deveria ter importância? Muitas pessoas mudavam-se para Inglaterra apesar de odiarem o país.

Em todo o caso, levei-o a sério. O que, no final de contas, era o que realmente importava.

— Preciso que venhas comigo a Fermoy no domingo — pediu o James. — Vou assumir-me à minha mãe.

Eu estava no duche quando ele me disse aquilo. Achei que ouvira mal.

— O quê?

Ele levantou a voz.

— Eu disse que tens de ir a Fermoy comigo no domingo porque eu preciso de me assumir à minha mãe.

Desliguei a água e enrolei-me na toalha. Na cozinha, a porta estava aberta e o James fumava um cigarro sob um raio de sol que entrava vindo do pátio.

— Porque é que te vais assumir à Nicola?

Há amigos de uma certa espécie que se confortam demasiado com o nome de uma mãe. Eu e o James éramos dessa espécie. Éramos melhores amigos, apesar de não nos conhecermos há muito tempo, e estávamos determinados a compensar o tempo em que não havíamos sido amigos com intimidades que envolvessem a família. Eu perguntava constantemente pela Nicola e pelo Frank, e ele perguntava pela Bridget e pelo Paul.

— Ela precisa de saber, não precisa?

Ele recebera um outro *e-mail*, idêntico ao da Jennifer Romley da Elephant Feet. Era de uma outra empresa de produção com um nome bizarro, outra pessoa provavelmente bastante jovem. Diziam que a sua escrita era «animada» e que era refrescante ver «personagens homossexuais redondas» num guião. Também sugeriram a BBC Writersroom.

Uma carta de rejeição atenciosa era bom. Duas era ainda melhor. Duas era um «burburinho».

— Se me vou tornar conhecido pelas minhas personagens homossexuais redondas — disse ele —, é melhor ter uma vida homossexual complexa.

Apanhámos o autocarro até à cidade e, de lá, tivemos de percorrer um quilómetro e meio a pé. Perguntei-lhe porque é que não podíamos pedir à mãe ou ao padrasto dele para nos virem buscar, mas o James explicou-me que precisava de caminhar para pensar no que ia dizer.

Pensei que ele talvez quisesse experimentar as diferentes abordagens ao tema comigo. Mas não o fez. Permanecemos em silêncio o tempo todo, o James a andar um pouco à frente.

Quando finalmente chegámos, havia muitas distrações. A Nicola tinha uma gata birmanesa que acabara de dar à luz, e ficámos a dar festas aos gatinhos, numa caixa, na garagem, enquanto ela nos falava

do processo de criação. Era uma mulher amorosa, de cabelo loiro e joias douradas, constantemente surpreendida por ter ido parar a uma quinta na Irlanda. O padrasto do James andava sempre fora, a tratar de alguma coisa, algures. Eu nunca soube o suficiente de agricultura para perceber o quê.

Ela era muito física com o filho. A mão na nuca do pescoço magro do James, o polegar a roçar-lhe a linha do cabelo. Eu peguei em dois dos gatinhos, um em cada mão, as garras dos bichanos a engancharem-se-me no vestido.

— Esperamos conseguir quatrocentos pelos machos — disse a Nicola. — Quinhentos pelas fêmeas.

— Mãe, eu sou gay.

A Nicola olhou para o filho e depois para mim. Eu presumira que a conversa sobre a homossexualidade aconteceria enquanto eu estivesse na casa de banho. Voltei toda a atenção para os gatos.

— Está bem — respondeu ela, por fim. Depois, enfiou a mão no cabelo do James e puxou o filho para junto de si. Abraçou-o durante um longo minuto, após o que começou a chorar.

Tive amigos gay em número suficiente nos anos seguintes para saber o seguinte: as mães choram sempre. Não importa até que ponto estivessem já cientes. Por mais óbvio que fosse. É o tipo de choro que nos assola quando estamos a ver um filme num avião. Intenso e irreal, com muito terror silenciado e ar reciclado.

A Nicola continuava a chorar, e eu pousei os gatinhos na caixa e saí lentamente da garagem.

Não havia para onde ir, pelo que me sentei num muro e olhei para o campo vazio. Alguém, possivelmente o padrasto do James, estava a cortar a relva.

Só passado algum tempo o James e a mãe saíram da garagem.

— Não tem nada que ver com isso — ouvi-o a dizer-lhe. — Esteve sempre lá.

Não me voltei para trás. Não queria que ficassem atrapalhados com a minha presença.

— Rachel! — gritou a Nicola, com a garganta seca. — Queres entrar para comer uma sanduíche?

Comemos sandes de fiambre à mesa da cozinha e depois ela levou-nos de carro até à paragem do autocarro. Agimos como pessoas depois

de um funeral, com a noção de que, mesmo nas piores situações, todo o ser humano continua a precisar de ser alimentado e de se deslocar. Eu sabia que havia algo mais ali, e que o resultado da misteriosa equação que rodeava o James e a sua sexualidade me estava a ser revelado. Estavam a ser-me dadas provas, mas de quê, não sabia.

Não falámos muito no autocarro. Aliás, nem trocámos palavra até estarmos em segurança na casa de Shandon Street. Deitámo-nos na cama dele sem dizer nada.

— Não tem nada que ver com o quê? — perguntei.

Ele suspirou.

— Fui molestado.

Soa estranho, assim, mas foi como o James mo disse. Não queria dar-me muitos detalhes, muitos ângulos de câmara e depois deixar-me chegar à minha própria conclusão. Ele tinha muito carisma, mas não o queria usar para isto.

Acabei por conseguir os ângulos de câmara. Num processo longo de conta-gotas, no decurso de anos. O amigo da irmã da faculdade. O quarto de hóspedes com a pequena televisão, onde o James ia ver desenhos animados e onde o amigo estava hospedado. As conversas leves e divertidas que se transformaram numa realidade dura e, por fim, numa sensação embotada e oleosa de distância.

— Oh, meu Deus. Lamento tanto.

— Não faz mal. — Ele olhou para mim pela primeira vez desde que tínhamos saído de casa naquela manhã. — Foi depois de nos mudarmos para a Irlanda. Só aconteceu uma vez. Conteí-lhes logo. — Disse-o como se estivesse a ler um telegrama. — Ela passou tanto tempo a tentar manter-nos a salvo do meu pai. Acho que ficou destroçada por se ter esquecido de nos manter a salvo das outras pessoas.

— Oh, James. — Não me ocorria mais nada para dizer. Só «Oh, James».

— Sabes, costumavam acontecer coisas más com tanta frequência em Inglaterra, a pessoas que conhecíamos, a pessoas da nossa família. Eu pensava sempre: *Algo me vai acontecer, mais cedo ou mais tarde*. Por isso, quando aconteceu, quase pensei: *Ah, aqui está*.

Pousei a cabeça no ombro dele.

— Mas ela... tinha a certeza de que aquilo me ia deixar todo

lixado. Deu cabo dela. Eu não queria que ela tivesse razão.

— Tu não estás todo lixado.

— Certo. — Ele não parecia acreditar nisso. — Não sei, já tinha maneirismos de miúdo gay antes de saber andar. O que não ajuda. Acho que os homens reparam nesse tipo de coisas. — Calou-se. — Obrigado por teres ido comigo.

— Obrigada por me teres levado — respondi. — E por me contares isto.

Ele pousou o braço em meu redor e eu encostei a cabeça ao peito dele. Ficámos deitados assim durante algum tempo. Eu e o James dormíamos muitas vezes na mesma cama, mas nunca nos aninhámos, exceto nessa noite. Adormecemos como amantes.

Acordei umas horas mais tarde, o *soutien* ainda posto, a caixa torácica a retesar o elástico. Os olhos dele abriram-se e fitámo-nos, conscientes de que tínhamos acordado num mundo novo. Ele acariciou-me o rosto, sussurrou o meu nome e beijou-me suavemente na boca.

O beijo durou dez segundos. Quinze, no máximo. Não me lembro de como parou, nem porquê, mas voltámos a adormecer, tranquilos como bebés.

Nunca falámos sobre o beijo. Eu pensei nele várias vezes, claro. Agora que o James se assumira, será que beijar uma mulher seria o último tabu? Estaria ele a despedir-se das mulheres e da noção de heterossexualidade? Seria uma forma estranha de me agradecer ter ido com ele a Fermoy? A resposta mais aborrecida será provavelmente a mais verdadeira: a de que ele queria pura e simplesmente marcar o último dia em que viveu com segredos.

Agosto foi um mês tão louco que hoje só nos referimos a ele da seguinte forma: a Gaynascença.

Quem tiver sido um homem *gay* ou bissexual a viver em Cork em agosto de 2010, acredite em mim, o meu amigo James fodeu-vos.

De forma nada surpreendente, o facto de o James ter saído do armário pouco veio alterar. A maioria das pessoas foi muito simpática e limitou-se a anuir com a cabeça e a dar-lhe os parabéns. Outras não se comportaram tão bem e acabaram na nossa lista negra por causa disso.

Há um certo tipo de personalidade viciada na ideia da sua própria inteligência. São aqueles que teimam que previram a reviravolta no filme; que sempre acharam que o casal que se divorciou era infeliz; que a celebridade feminina parecia louca. São também aqueles que sempre souberam que determinada pessoa era *gay* e não conseguem resistir a mencioná-lo.

— Eu *sabia* — disse o Ben.

— Bem, agora é oficial. — O James não se mostrou nada incomodado.

— Eu *sempre* soube — repetiu o Ben, sugerindo que sabia antes de o próprio James o descobrir.

— Foste ver as filmagens de segurança, foi? — disse o James, suavemente, e a expressão presumida no rosto do Ben transfigurou-se em choque.

— Não foste capaz — exclamou ele, pálido. — Na livraria?

— Oh, desculpa — respondeu o James. — Pensei que *sabias*.

O James já não se limitava às poucas noites *queer* que a cidade

tinha para oferecer. Agora tinha liberdade de movimento e pressionava-se de encontro a corpos em todas as zonas de fumadores de Cork, levando alguns deles para casa. Eu dormia com muito mais frequência no meu quarto, o que já não era a sentença de morte que costumava ser. Ter um namorado fora uma boa influência na domesticidade. Agora, tinha lençóis limpos, flores num frasco de compota, quadros na parede. Sentia que me estava a sair muito bem, para uma jovem de vinte e um anos.

Nunca discutíamos, oficialmente, acerca dos rapazes que ele trazia para casa. A maior parte eram rapazes sérios e meigos, muitos faziam conversa de circunstância comigo de manhã, perguntavam-me coisas sobre os livros nas estantes. Mas havia uns quantos, e um em particular, que irradiavam uma certa aversão por mim, e pelas mulheres em geral. Pensavam no James como a Julieta e em mim como a sua fiel ama, a chamá-lo da varanda.

Tentavam, por vezes, intimidar-me um pouco. Piadas sobre bichonas e as coisas tolas que as raparigas heterossexuais faziam. Comentários velados acerca da minha altura, sobre como devia ser bom o facto de eu e o James podermos partilhar roupa.

O James nunca veio em minha defesa, mas também não alimentava semelhantes comentários. Não precisava de o fazer. Invariavelmente, a Lady Gaga surgia na coluna do *iPod* e nós entrávamos num mundo nosso, deixando quem quer que estivesse connosco à margem. Em vez de «*bad romance*», cantávamos «*bedroom ants*» porque era verão e toda a casa estava repleta de formigas.

A antologia de poesia que a Deenie andava a preparar acabou por se revelar mais trabalhosa do que ela esperava, pelo que eu passava muito tempo em casa dos Harrington-Byrnes. A antologia não tinha nada que ver com o seu emprego, antes, sim, com o espólio literário do pai. Era o vigésimo aniversário da sua coletânea mais famosa, e ela encomendara aos «poetas mais interessantes da Irlanda» que escrevessem um poema em resposta à sua obra. «Os poetas mais interessantes da Irlanda que o aceitassem por duzentas libras», explicara ela.

Envolvia muito trabalho. Enviar *e-mails* aos agentes, estabelecer prazos, pressioná-los, enviar atualizações à editora. Ela estava contente por me ter, e dizia-o frequentemente. «Acho que nunca teria

aceitado, se não te tivesse», confessou. «Organizar poetas é como pastorear gatos.»

Sentia-se grata pela minha ajuda, comprava bolos para os dias em que eu lá ia, mas não parecia ter qualquer vontade de me pagar mais. Senti-me constrangida com isso. Certamente o estágio já teria terminado.

Procurei saber o que fazia um assistente editorial e verifiquei que aquilo que eu andava a fazer batia certo com todas as vertentes do trabalho. Geria a correspondência. Encaminhava faturas para os contabilistas. Manuseava folhas de cálculo. Aprendera todos os truques do Excel para verificar o cumprimento dos prazos, e isso valia certamente mais de cinquenta euros por semana.

Era o verão das queixas silenciadas. Eu andava demasiado ansiosa para ser capaz de contar ao Carey sobre a ida para Londres, demasiado assustada para pedir um aumento de salário à Deenie. O James não era o único a escrever guiões. Eu escrevi inúmeros longos guiões mentalmente, todos eles conversas que faziam de mim uma rapariga justa e sofredora, e das outras pessoas, seres insensíveis e cruéis.

RACHEL

Estás aqui sentada na tua casa grande, com o teu marido adorável e a tua cozinha de vidro, mas não vês o que está à tua frente! Eu, a pessoa que vem a pé, porque não tem dinheiro para apanhar o autocarro todos os dias!

DEENIE

(Chocada) Rachel... Não fazia ideia. Por favor. (Abre a mala)
Leva o meu dinheiro.

Tinha pavor de parecer ingrata, pelo que nada disse e limitei-me a ficar ressentida. Da primeira vez em que ela saiu e me deixou sozinha em sua casa, achei que era um gesto magnânimo e de grande confiança: a Deenie foi almoçar com um autor e não teve qualquer problema em deixar-me sozinha com as suas coisas.

Ela deveria ter ficado apreensiva. Permaneci imóvel durante vinte minutos para ter a certeza de que se fora mesmo embora, após o que me pus a bisbilhotar. De início, só queria examinar as coisas. Revirar as bugigangas da sua vida, perguntando-me como é que alguém podia ter em simultâneo um grelhador *George Foreman* e um tapete nepalês tecido à mão. Era uma vida que eu desejava para mim, e permanece ainda como o padrão pelo qual julgo as minhas escolhas estéticas: *Será que a Deenie teria isto em sua casa?*

Encontrei formas pequenas e estúpidas de me vingar. Fui ao quarto dela para usar o creme das mãos. Espreitei as gavetas das cuecas. Dei *Cheerios* ao gato, apesar de ele estar gordíssimo e supostamente de dieta.

Sentia-me zangada com a Deenie por ela não reconhecer que eu já não era uma mera estagiária, mas sei que não era só isso. Havia algo mais espinhoso, mais cruel, por detrás de tudo. Gostava da Deenie Harrington, mas normalizara que não havia problema em fazer-lhe maldades. As relações que nascem tortas tarde ou nunca se endireitam. A verdade é que a minha relação com a Deenie nascera de ela ser a mulher do amante do meu melhor amigo. Havia uma parte de mim que seria sempre condescendente para com ela, por mais doce, inteligente ou simpática que ela fosse.

Encontrei tiras de ovulação na casa de banho. Usei uma, por curiosidade. Não estava a ovular. Eu tomava a pílula. Ainda assim, os testes eram interessantes.

Da vez seguinte em que fui espreitar o armário da casa de banho, as tiras de ovulação tinham desaparecido. Ou a Deenie reparara que eu usara uma ou usara-as todas. Por vezes, falava-me das amigas com filhos, mas nunca mencionou nada sobre querer começar uma família.

— O Fred Byrne e a Deenie fazem sexo? — perguntei ao James nessa noite.

Ele encolheu os ombros.

— Devem fazer. *São* casados.

— Pensei que talvez...

— Que eram duas pessoas nos anos cinquenta com «um acordo»? E que dormiam em camas separadas?

— Bem, sim, mais ou menos. Vocês nunca falaram sobre isso? Sobre a vida sexual deles?

— Não — respondeu o James, sem tirar os olhos da televisão. — Por estranho que pareça, os homens casados tendem a não querer falar das mulheres.

Era a primeira conversa que tínhamos sobre o Dr. Byrne em semanas, mas referir o seu nome pareceu convocá-lo. Telefonou ao James na semana seguinte e convidou-o para ir tomar um café.

— Café? — exclamei eu. — No... mundo? Em público?

— Café no mundo — respondeu o James, igualmente atordado.

Quando voltou, atirou-se para a minha cama, satisfeitíssimo consigo próprio.

— Oh, meu Deus, Rachel! Ele está *caidinho* por mim.

— Ele disse isso?

— Basicamente. Não parava de dizer que tinha saudades minhas, que o que tínhamos era especial, e depois perguntou-me se eu tinha saudades dele.

— Ele perguntou-te se *tu* tinhas saudades *dele*? — Eu tinha tão pouco jeito para fazer perguntas diretas que me espantava quando os outros o conseguiam. — O que é que respondeste?

— Disse que sim, às vezes, mas que, agora que me assumi, a minha vida é só olhar para a frente e não para trás. — Parecia sentir-se orgulhoso daquela escolha, e com razão. Eu também estava orgulhosa dele.

De todas as pessoas que esperávamos que levassem a mal que o James se tivesse assumido, nunca tínhamos pensado no Dr. Byrne. Ele podia não se ter assumido, mas não deixava de ser uma pessoa *queer*. Julgámos que ficaria encantado. No momento, ficou. Mas aquilo plantou nele uma semente maligna, e essa semente germinou descontroladamente ao longo das semanas seguintes. O Dr. Byrne começou a telefonar constantemente ao James, primeiro a dizer-lhe que ele era maravilhoso, mas depois a confessar-lhe que estava «muito preocupado» com ele e que ele se devia «reprimir».

— Disse-me que não queria que eu me tornasse um daqueles *gays* que vivem para a festa — contou-me o James, perplexo. — Estava a ser tão pudico. Acusei-o de tentar estigmatizar-me acusando-me de promíscuo.

— Era isso mesmo que ele estava a fazer — concordei. — Diz-lhe que vá bugiar.

— Ele só está com ciúmes. E sente-se sozinho. Agora, está sozinho no armário.

O James sentia tanta empatia pelo Dr. Byrne que me fez perceber, finalmente, o que se passara entre eles naquele primeiro dia na livraria. Toda aquela conversa de circunstância sobre o Canadá, Fermoy e leitores de DVD, a conversa fiada que, de alguma forma, se tornou a paixão definidora da juventude do meu amigo. Apercebi-me de que era solidão. Viram-na um no outro instantaneamente. Ambos eram carismáticos, ambos eram amados e, no entanto, ambos eram companheiros de solidão.

A Gaynascença trouxe uma atmosfera estival que acolhemos de bom grado na nossa casa escaldante e cheia de formigas. Era também proibitivamente cara.

Havia um pedaço de relva atrás dos sinos de Shandon onde batia um bom sol. Começámos a beber mais cedo, a sair mais tarde e a terminar as noites na alvorada fria e azul, empoleirados no telhado do nosso chalé, com vista para uma cidade moribunda.

— Depois de tudo, somos só nós os dois, Rache — disse o James. — Ninguém vai cuidar de mim como tu cuidas.

— O mesmo vale para mim — disse eu, frouxamente, com o queixo apoiado nos joelhos. Pensei no Carey, que me adorava, mas que não conseguia planear nada para lá da semana seguinte sem parecer angustiado pelas circunstâncias. — Às vezes sinto que estava num coma ou assim antes de nos conhecermos.

— Percebo perfeitamente o que queres dizer — respondeu ele, e eu não sabia se ele queria dizer que reconhecia o meu coma, ou se sentia que ele próprio estivera num. Encostei a cabeça no seu ombro e ele enrolou-me um cigarro com os restos do seu maço de *Amber Leaf*. Os fiapos eram tão finos que quase pareciam folhas de chá.

Poupávamos e gastávamos como quem faz uma dieta radical. Sempre que conseguíamos pôr de lado algumas centenas de euros, declarávamos que merecíamos uma celebração. O James corria para a loja de conveniência e comprava-nos um bom vinho. «Bom» era um *Rioja* ou um *Pinot Grigio*, que normalmente custava perto de dez euros e parecia mais europeu. Bebíamo-lo no telhado e comentávamos que era muito mais saudável desfrutar de um prazer decadente uma vez por semana, ou qualquer coisa do género, do que desfazer as entranhas com um decapante de duas em duas noites.

Por volta das dez da noite, íamos à procura de decapante.

Se alguém encontrasse uma nota de cinco alures, uma nota de cinco que ainda não tivesse sido contabilizada como parte das poupanças, porque andava perdida no bolso de um casaco, lá havia mais uma ida à loja de conveniência. À meia-noite, decidíamos ir roubar umas bebidas no The Brog, tarefa fácil porque quem quisesse ir fumar lá fora tinha de deixar a bebida em cima da máquina de tabaco. A dada altura, ficávamos paranoicos com a possibilidade de o segurança nos ter topado e comprávamos uns vodcas com sumo de limão. Duplos, para poupar dinheiro. Acordávamos na manhã seguinte e percebíamos que, de alguma forma, tínhamos gastado quarenta euros.

Numa dessas noites, em plena Gaynascença, encontrei o meu namorado.

Estávamos na pista de dança quando senti os braços do Carey em volta da minha cintura, a sua barba loira e áspera no meu pescoço. Saíra com os colegas de casa, que estavam habituados a ver-me de

boxers e camisola larga, a preguiçar por casa e a comer-lhes os cereais.

— Vieste sair, Rache? — perguntou ele. — Não estavas falida?

— Oh, e estou — respondi, abraçando-o. Trazia um vestido muito curto e queria que os amigos dele vissem que eu não era uma cretina, mas uma rapariga muito *sexy*. — Ando a poupar dinheiro.

— *Como?*

— Oh, os cavalheiros, os cavalheiros — respondi. Eu e o James interpretávamos por vezes umas personagens, duas beldades do Sul, desesperadas por dinheiro, mas igualmente desesperadas por *glamour*. — Contamos sempre com a bondade de desconhecidos.

Peguei na minha *Bulmers* roubada e pisquei-lhe o olho, o que deve ter parecido mais um movimento de olhos assimétrico, algures entre a Scarlett O'Hara e a Blanche DuBois. O Carey afastou-se e começou a falar com os amigos.

Vacilei, à espera de que me contemplassem de novo. Não via o James em lado nenhum e o Carey estava de costas para mim. Porque é que estava de costas para mim?

Bati-lhe no ombro, o dedo rígido.

— Permito que me pagues uma bebida — anunciei, o que supostamente deveria ser uma deixa engraçada, mas apenas soou petulante e mimada.

O Carey esboçou uma expressão estranha, como se estivesse a reordenar os dentes.

— Não sei, Rachel — respondeu, continuando a falar com os amigos. Fiquei mortificada. Os amigos pareciam desconfortáveis e com pena de mim. Estava tudo acabado, então? Será que o Carey se tinha fartado de mim outra vez?

Fiz a única coisa que uma mulher pode fazer numa situação daquelas. Saí de rompante.

O ar frio atingiu-me imediatamente e apercebi-me de que, quanto mais depressa e mais me afastasse do The Brog, menor seria a probabilidade de o Carey mudar subitamente de ideias e vir a correr atrás de mim. Ainda faltava meia hora para o fecho, pelo que o passeio se encontrava repleto de grupos de raparigas a chorar ou maldispostas. Recusei-me a ser qualquer uma delas. Sentei-me sozinha, gelada e sem casaco, e pedi um cigarro a um homem que passava. Fiquei ali, à espera de que o Carey viesse, a tremer de frio e a

olhar em frente com um olhar vidrado.

Ele veio, claro. Era um *terrier*, e igualmente vulgar.

— Rache — disse ele. — O que estás a fazer aqui fora? Vais congelar.

Agora apercebo-me de que em Cork nunca ninguém se preocupou com a segurança fosse de quem fosse. Apenas com a nossa temperatura corporal.

— O que é que isso te interessa? — repliquei, desanimada. Estava muito bêbeda, mas nunca fui de gritar. A minha versão de uma má bebedeira era, de repente, ficar carrancuda e imóvel. — Vais acabar comigo seja como for, não vais?

— Podia dizer o mesmo de ti — ripostou ele, com uma raiva genuína na voz. — O que é que se passa? Tu é que querias que fosse tudo oficial. Agora, andas por aí vestida assim, sem me dizer nada, sem queres ir beber uns copos comigo durante a semana. A falar de cavalheiros.

De vez em quando, um argumento feminista chega à consciência pública e até as jovens que mais se odeiam a si próprias o adotam. Naquela altura, falava-se muito de homens que policiavam a forma como as mulheres se vestiam, falava-se do que significava realmente a expressão «estar a pedi-las». Tínhamos identificado uma tendência para a acusação de promiscuidade no Fred Byrnes apenas duas semanas antes. A ideia ainda me pairava na cabeça e, por isso, aproveitei aquela pequena parte do que o Carey estava a dizer — «vestida assim» — e ignorei o contexto do que ele estava, de facto, a falar. O que ele referia era o secretismo e a possibilidade de eu o estar a trair. O que eu ouvira fora uma crítica à minha roupa.

— Vai-te lixar, Carey — disse, num tom baixo e sério. — Posso vestir-me como quiser.

Aquilo foi o gatilho. De repente, estávamos naquele tipo de discussão em que as duas pessoas agem como se estivessem num filme, com reações exageradas perante uma câmara que não existe. Não parávamos de proferir coisas estridentes, apaixonadas e, em larga medida, falsas. Eu acusei-o de ser ciumento, coisa que ele não era. Ele acusou-me de ser indiferente, quando isso não poderia estar mais longe da verdade. Queria tanto preservar o *statu quo* com o Carey que estava sempre a esconder-lhe factos sobre mim. Não apenas acerca de

Londres, mas também das coisas com o James: a sua relação com o Dr. Byrne, os encontros à tarde em nossa casa, o modo como eu conseguira o emprego com a Deenie. Andava a esconder tanta coisa do Carey que às vezes me pergunto sobre o que é que falávamos.

— Podes fazer o que quiseres, Rachel, mas não tens de me fazer sentir como um idiota. — Exalou pesadamente, como se estivesse a tentar controlar-se para não me bater. — Os rapazes andaram a noite toda a pedir-me para te ligar, vamos sair todos, diziam, ela já quase nunca cá vem. E eu respondi, ah, ela está falida, anda a poupar dinheiro, está preocupada com o emprego. Depois saímos e tu já cá estavas, bêbeda que nem um cacho.

A minha raiva começou a desvanecer-se. Percebi perfeitamente o seu ponto de vista, mas, em vez de mostrar empatia, fui atingida pela ideia romântica de uma Rachel que existia quando eu não estava por perto. Misteriosa, desejada, incapaz de ser mantida com rédea curta. Capaz de enlouquecer um homem.

— Quero dizer — continuou ele —, o que é que se passa aqui? Não queres ser vista comigo? É esse o problema?

Uma mulher sóbria teria explicado o que se estava a passar. Uma mulher sóbria teria falado sobre a questão de Londres e a necessidade de poupar dinheiro, teria confessado a sua incapacidade de dizer não ao James e à efervescência da sua Gaynascença. Uma mulher sóbria teria perguntado ao Carey se ele queria ir viver com ela.

Mas eu não era uma mulher sóbria. Nem sequer era uma mulher. Era uma rapariga, uma rapariga bêbeda, num vestido ínfimo. E tinha frio.

Por isso, beijei-o. Agarrei-o e confiei que a força da nossa ligação física diria todas as coisas que eu de momento não era capaz de pôr em palavras. A princípio, ele afastou-se, os lábios numa linha fina, o maxilar cerrado.

— Vem para casa comigo — pedi-lhe, o dedo na gola da camisola dele. — Vem para casa e vamos conversar.

Ele foi. Não conversámos.

As cortinas do meu quarto eram finas. O candeeiro de rua lançava sobre a cama uma perpétua tira de luz branca, que por pouco não apanhava a zona das almofadas, mas que desenhava uma faixa na diagonal sobre o colchão. A pele dele parecia lunar naquela noite,

como algo que o céu tivesse dado à luz.

— Amo-te — disse eu, os polegares sobre a famosa barriga. — Amo-te como nunca amei ninguém.

— Rachel — respondeu ele, um pouco triste —, tu amas toda a gente.

Não era verdade. Mas deve ter-lho parecido. Eu amava-o e amava o James, e, como esse era o único grupo de amostra com que o Carey podia contar, não fazia ideia de como eu me sentia indiferente em relação ao resto do planeta. Todos os outros podiam ir para o inferno.

— Não — afiancei, começando a ficar aborrecida. — Tens de acreditar em mim, Carey. Nunca foi assim com mais ninguém.

Eu queria que aquela conversa contivesse tanto significado e amor como a que tivera no telhado com o James, mas isso só funcionava se ambas as pessoas entrassem no jogo.

— Tenho de ir a Derry amanhã — contou-me ele. — A minha mãe está doente.

— O quê? Porque é que não me disseste? O que se passa?

— Tem de ser hospitalizada durante uns dias. Preciso de tomar conta do meu pai. Ele é um bocado indefeso, sabes? Vai andar a fazer sandes de tomate para todas as refeições.

— Mas tu vais voltar? Não vais?

— Sim. Sim, claro.

Adormeceu pouco depois, e eu pus-me a contemplá-lo. Não com o olhar afetuoso de uma amante, mas com o olhar frenético e ansioso de quem tenta dobrar colheres com a mente.

Ele ia partir outra vez. Não voltaria. O medo do desgosto era quase pior do que o desgosto real. Tinha a sensação de ter engolido um tapete de casa de banho molhado.

A preocupação e a vodka vergaram-me, e rastejei de joelhos até à casa de banho. Vomitei até ficar demasiado cansada para me manter acordada.

Estava completamente preparada para que o segundo êxodo do Carey fosse a pior coisa que me aconteceria naquele verão. Sentia-me pronta para o cozinhar em lume brando, para fazer um banquete da minha devastação. O James chorou o Dr. Byrne no início do verão; agora, no fim do verão, eu choraria o Carey.

Foi então que o Ben me despediu.

— Não é que sejas má funcionária — explicou ele com tristeza, embora eu fosse. — Detesto ter de fazer isto. É que tenho de pensar em toda a gente aqui.

— Vais despedir o James?

— Não.

— O quê? — guinchei, toda a lealdade temporariamente atirada pela janela. — Ele é pior do que eu.

— Eu sei. Mas, bem, tu tens um diploma, Rachel. Consegues arranjar um trabalho de escritório.

Eu não podia acreditar. Desde quando é que o Ben se preocupava connosco, ou com qualquer coisa que não fosse a «indústria» fantasma de que ele gostava de pensar que fazia parte?

— Não sei se consigo, Ben — repliquei. Sentei-me, desanimada, na sua cadeira de escritório, a observar cada azulejo rachado do teto.

Trabalhava na livraria havia três anos e meio. Aquela seria mesmo a última vez que entrava naquele escritório, onde já tantas vezes tinha contado amargamente o dinheiro da manhã?

Não conseguia olhar para ele. Ele sentia demasiada pena de mim. Olhei para lá dele, para a impressora com o letreiro a encimá-la: «Só para questões de trabalho, James.»

— Qual é a minha indemnização por despedimento? — perguntei por fim.

— Bem, tens dez dias de férias não gozadas.

— Só isso?

— Receio bem que sim.

— Foda-se, Ben! Isso é sequer legal?

Ele pestanejou.

— Receio bem que sim — repetiu.

Olhei-o fixamente. A culpa não era dele. Afinal de contas, ele não era o dono da loja. Mas o dono vivia em Tipperary e nunca o víamos, pelo que bem que podia ser o Ben.

— Acho que não vales nada — disse-lhe.

— Podes trabalhar o resto do dia. Despedir-te de toda a gente, e isso.

— Recebo por ele na mesma, quer trabalhe quer não?

— Sim.

— Bem, então acho que me vou embora. Parece-me que é o melhor para toda a gente, não achas?

Saí rapidamente, a mala a tiracolo a bater-me furiosamente na coxa despida, a raiva a soltar-se num suor profundo. Hoje arrependo-me. Nos anos que se seguiram, foram feitos inúmeros estudos sobre a vida profissional nómada dos *millennials*, e, por vezes, tenho a sensação de que a minha vida adulta se limitou a ser um caso de estudo para um artigo do *Guardian Weekend*. Nunca estive empregada num *website*, numa revista ou num jornal por mais de dois anos. Depois disso, normalmente sou despedida ou o *site* vai à falência. Agora, à beira da licença de maternidade e ainda indecisa sobre se regressarei ao escritório a tempo inteiro, começo a perguntar-me se alguma vez voltarei a ser um verdadeiro membro da equipa de alguém.

E se eu soubesse, naquela altura, que a O'Connor Books seria o lugar onde eu trabalharia durante mais tempo?

Telefonei ao Carey enquanto descia a rua, o seu sotaque já mais nortenho, a maresia a fustigá-lo.

— Caramba, Rache, isso é horrível! O que é que vais fazer?

— Não sei.

— O que é que queres fazer?

— Quero ver-te — respondi eu, sentindo as lágrimas a inundarem-me. — Posso ir ver-te?

— Com que dinheiro? — perguntou ele. — Iria custar-te uma nota preta vires cá. E queres mesmo passar a semana com o meu pai de oitenta anos?

Pareceu-me perverso que alguém com quem eu andava a dormir pudesse ter um pai tão velho. Mas o pai dele começara tarde e o Carey era o mais novo. Conversámos durante algum tempo. A mãe ainda precisava de fazer mais exames. Ia ficar internada mais uma semana. O meu telemóvel apitou, sedento de mais crédito.

— Não voltes a desaparecer — pedi-lhe, e não consegui evitar o tom de súplica desabrida na voz. — Mantém o teu telemóvel carregado, está bem? Amo-te.

E a chamada caiu antes de ele poder responder.

Fiz todo o caminho até casa dos Harrington-Byrnes a pé. Era sábado e estavam ambos em casa. Nunca me ocorreu o que é que poderiam fazer quando estavam os dois em casa, mas ali estava a resposta: almoçar.

A Deenie abriu a porta. Trazia um vestido de seda azul-petróleo. Tinha uma pele branca e perlada que jogava lindamente com a paleta de cores do início dos anos 2010: esmeralda, framboesa, azul-petróleo, safira. Cores que lhe davam o ar de uma pequena joia e me faziam, com o meu cabelo loiro-escuro e sobrancelhas invisivelmente claras, parecer a mãe da noiva.

— Rachel! O que estás a fazer aqui? Oh, céus, passa-se alguma coisa?

O gato da Deenie, cujo nome acabei de me lembrar — *Júpiter*! — veio até à soleira da porta e enroscou-se em volta de mim, batendo com o focinho na barriga das minhas pernas.

— Fui *despedida*.

— Da livraria?

Anuí com a cabeça, e o *Júpiter* começou a brincar com um fio solto que me pendia da bainha da saia.

— Oh, céus, lamento imenso. Entra, entra, entra.

Na minha cabeça, eu fora a casa dos Harrington-Byrnes exigir um aumento à Deenie. No meu coração, fora porque sentira que eles eram

as únicas pessoas em quem podia confiar. O Carey estava fora; o James ainda tinha emprego e sentir-se-ia culpado; os meus pais preocupar-se-iam e sugeririam que eu voltasse para casa.

Além disso, naquela altura, já não era muito próxima dos meus pais. A Deenie e o Dr. Byrne haviam-nos substituído na qualidade de adultos influentes na minha vida. Os paralelismos não eram perfeitos, mas estavam próximos. A Deenie e a minha mãe eram ambas delicadas, carinhosas e de temperamento suficientemente brando para me permitirem ser obcecada por mim própria. Tal como o meu pai, o Dr. Byrne era muitas vezes distante, mas, de quando em vez, falava diretamente comigo e revelava-me a verdade do mundo brutal. Além disso, eram ambos doutores, mas não o tipo de doutor que se quer numa emergência.

A cozinha estava quente devido ao sol que ali batia, e havia uma espécie de chá na mesa. Uma pequena *quiche* do tamanho de um punho. Um prato de pastéis de nata. Duas sanduíches, uma de *prosciutto* e *brie*, outra de pimento vermelho e queijo de cabra, cada qual cortada em pedaços do tamanho de um dedo. É óbvio que haviam ido ao English Market naquela manhã. Tudo tinha uma camada grosseira de farinha de sêmola amarela e estava ligeiramente maltratado dos sacos de papel.

— Senta-te, Rachel, senta-te. Bebe um copo de vinho.

O Dr. Byrne serviu-me um copo de *Sauvignon Blanc* frio, que reconheci das suas visitas de primavera a Shandon Street. Bebi-o de um trago, qual maratonista que alcança água.

— Fui *despedida* — repeti, não fosse o Dr. Byrne não me ter ouvido a gritar à porta. — Não tenho emprego.

A frase ficou ali suspensa, como uma bola à espera de ser apanhada. Eu queria que a Deenie me dissesse que eu tinha um emprego, que era assistente dela, e que me iria começar a pagar trezentos euros por semana *tout de suite*. Ou, então, que me iria apresentar a toda a gente da sua editora e me arranjar uma entrevista para um emprego pago. Iria repetir aos colegas o que me dissera muitas vezes: que eu era indispensável, uma salva-vidas, que ela não estaria a fazer a antologia de poesia para o espólio do pai se eu não a estivesse a ajudar.

A bola caiu. Ninguém propôs nada.

— Coitadinha — disse, ao invés, a Deenie, calmamente. Passou-me a mão pelas costas. — Meu Deus, é tão difícil, não é?

— Que coisa horrível — concordou o Dr. Byrne, abanando a cabeça. — E não é um bom sinal para os livros.

— Não — anuiu ela com tristeza. — Não é bom para os livros, de todo.

Uma semente de raiva brotou em mim. Acabara de perder o meu emprego, fora criminosamente mal paga pelos Harrington-Byrnes durante meses, e ali estava eu, um caso de estudo para a indústria como um todo. Terminei o copo de vinho e servi-me de outro.

— O mercado editorial está um caco — comentou a Deenie. — E toda a gente ainda se anda a passar com o *Kindle*.

Ele tocou-lhe na mão.

— Mas todos os estudos atestam que as pessoas que compram *e-books* continuam a comprar livros físicos.

Proferiu-o como se o tivesse dito muitas vezes. Como se fosse uma história para adormecer com que ele às vezes a aconchegava.

— Posso ir à casa de banho? — perguntei, sem esperar por uma resposta, levantando-me e dirigindo-me para lá.

Pensando bem, vejo que a Deenie e o Dr. Byrne não estavam a tentar voltar a questão do meu despedimento para si próprios. Estavam, sim, a tentar enviar um sinal adulto a alguém que ainda não tinha a linguagem necessária para o traduzir. Quando a Deenie disse «o mercado editorial está um caco», o que pretendia transmitir-me era: *Adoraria ajudar-te, Rachel, mas a verdade é que eu própria mal consigo manter o emprego.*

Porém, eu ainda não via em retrospectiva. Tudo o que tinha era a casa de banho deles, a minha raiva e as manchas ténues de pasta de dentes no armário espelhado por cima do lavatório.

Abri-o. A Deenie guardava todos os seus produtos de beleza no quarto, mas também tinha ali alguns brindes. Havia algumas amostras de perfume e uma bisnaga de algo da *L'Occitane*. As tiras de ovulação estavam de volta. Enfiei algumas coisas na mala de mão, sem me importar se ela iria reparar ou não.

Senti uma calma ondulante a percorrer-me. Não precisava de sair dali nem de assistir à graciosa hospitalidade deles odiando-os. Podia beber outro copo de vinho e sentir-me tranquila quanto ao facto de

nos termos enganado uns aos outros.

Quando saí da casa de banho, os Harrington-Byrnes estavam ambos mais barulhentos, mais divertidos e ligeiramente menos paternais.

— Bom, menina Murray — disse o Dr. Byrne, pegando numa garrafa de *gin* enquanto a mulher cortava pepinos —, por vezes, na vida, as pessoas são despedidas.

— É preocupante — disse a Deenie. — E uma chatice. Mas as coisas resolvem-se sempre.

O Dr. Byrne rodopiou, sempre ágil, apesar da sua estrutura volumosa. Tirou um saco de plástico com gelo do congelador, lançou-o de encontro aos ladrilhos do chão e pegou nos pedaços que se libertaram com as suas manábulas.

— E, entretanto — cantarolou ele —, há bebida.

Lançou o gelo para dentro dos copos e depois cobriu-o com *gin*.

A Deenie afastou-se dos pepinos e acercou-se do leitor de vinis. Pôs a agulha no sítio e «Bad Moon Rising», dos Creedence Clearwater Revival, começou a tocar.

Pousei a mala, certificando-me de que a aba estava fechada. O Fred Byrne entregou-me o *gin*. Levei-o aos lábios, os grandes cubos de gelo a fazerem-me cócegas na ponta do nariz, o quinino amargo a cobrir-me a língua.

Julgo que se sentiram culpados por não me poderem ajudar nos moldes em que eu queria ser ajudada. Mas ultrapassaríamos a situação como os irlandeses tradicionalmente ultrapassam as coisas: com uma bela bebedeira.

Todo o nervosismo que eu deveria ter sentido perante a ideia de me embebedar com a minha patroa e o meu ex-professor evaporou-se. Os Harrington-Byrnes atiraram-se de cabeça naquele que deve ter sido um papel frequente para eles: o de casal encantador e sem filhos, cujas lacunas têm de ser disfarçadas para evitar que alguém sinta pena deles.

O Dr. Byrne contava histórias sobre os diretores do departamento de Inglês, histórias que podia partilhar confortavelmente, agora que a minha vida na UCC terminara. O professor que usava *collants* de mulher por baixo das calças. O aluno de doutoramento que não parava de enviar cartas de amor à orientadora, uma mulher casada de

sessenta anos. O autor *muito* famoso que se licenciara na UCC em 2003, mas que dissera aos jornais que frequentara a Trinity. Rimos, fomos ficando cada vez mais bêbedos e, volta e meia, dava por mim a olhar para o Dr. Byrne: *E o professor de Inglês que ainda está obcecado pelo seu ex-namorado de vinte e dois anos.*

A Deenie, apesar de toda a sua brandura, também era capaz de uma boa história. Chegavam-lhe através do seu falecido pai, que convivera com pessoas como Patrick Kavanagh e John Berger.

— Aparentemente, o Kavanagh era apenas um bêbedo — disse ela, rindo-se. — Costumava andar por aí a comer bicarbonato de sódio diretamente do pacote.

Eu tinha as minhas histórias, claro. Histórias de paixão jovem e de infelicidade que as pessoas na casa dos trinta acham tão refrescante ouvir. Histórias divertidas que nos lembram que não se perde grande coisa quando a juventude se vai.

Estava um dia quente e fomos para o jardim, a beber e a tagarelar uns com os outros.

— O que é que se passa com o teu namorado? — perguntou a Deenie. — O Casey?

— Carey — corriji, com tristeza. — «Carey, get out your cane.»^[2] — Tomei outro gole de *gin*. — Carey, estou a embebedar-me.

— Não acho que ele seja bom para ti, Rachel — comentou o Fred Byrne. — Mereces mais do que um homem invisível.

— O que é que sabes sobre isso? — perguntou a Deenie, perplexa.

Uma onda de pânico. O Dr. Byrne esquecera-se de que não era suposto conhecer-me muito bem, apenas como aluna, apenas como funcionária de uma livraria.

— Oh, céus, eu andava sempre no gabinete do Dr. Byrne. — Ri-me, tentando suavizar as coisas. — A contar-lhe as minhas histórias de infortúnio.

— A sério? — perguntou a Deenie. Não se mostrou propriamente desconfortável, mas esforçava-se por fazer a quadratura do círculo. — Tu nunca foste assim no meu tempo, Fred. Não tinhas paciência para os problemas dos alunos.

— Amoleci com a velhice — replicou o Dr. Byrne, numa voz cantarolada.

A Deenie fechou os olhos perante o sol.

— Preciso de protetor solar. Acho que estou a começar a escaldar.

— Eu vou buscá-lo. — O Dr. Byrne entrou apressadamente em casa, a ansiedade a colar-se-lhe às passadas.

Houve um breve silêncio entre mim e a Deenie, mas pareceu suficientemente acolhedor. Tínhamos passado demasiado tempo em silêncio juntas, no decurso das nossas longas tardes à mesa da cozinha.

— O meu pai também foi professor, sabias? — disse ela. — Durante alguns anos.

— Ah, sim? Em Cork?

— Não. Em Dublin. Na UCD.

— Mas cresceste aqui?

— Hum — disse ela, com o sol a dançar-lhe nas pálpebras. — Ele vivia lá durante o período letivo.

— Deve ter sido difícil.

— Hum — disse ela novamente. — Nem dei por isso, a sério. Era uma adolescente. Mas acho que a minha mãe o sentiu mais. Sozinha, sabes como é. Não fazia ideia do que ele andava a fazer, do que andava a tramar.

— Sim — concordei, sentindo-me desconfortável com aquela linha de conversa. — Sim, deve ter sido difícil.

— Ela dizia sempre: «Os homens devem poder ter a sua vida privada, Aileen.» — A Deenie riu-se suavemente com a recordação. — Sempre me perguntei se acharia que as mulheres também poderiam ter vidas privadas.

O James ligou-me. Estava na pausa do almoço do seu turno, que começara uma hora depois do meu, e soubera do meu despedimento.

— Rache, estás bem? Onde estás? Porque é que não me ligaste?

— Estou ótima — respondi com desenvoltura, alongando os sons das vogais. — Estou em casa dos Harrington-Byrnes.

— O quê? *Porquê?*

— Para me embebedar.

— O quê? Com o Fred?

Não sabia ao certo até que ponto a Deenie conseguia ouvir. Continuava de olhos fechados.

— Rachel, estás a ser irritantemente evasiva — disse o James. — O que se passa?

— Estou ótima! Falamos mais tarde! — Desliguei antes que ele

tivesse tempo para discutir.

O Dr. Byrne voltou, a correr pelo relvado com o protetor solar. A Deenie abriu os olhos.

— O meu colega de casa — expliquei. — Queria saber se eu estava bem.

— Chamas-nos Harrington-Byrnes? — perguntou-me a Deenie, parecendo divertida. Espalhou o creme pelos braços sardentos. — Porquê?

— O que é que o teu colega de casa faz? — perguntou o Fred. Demasiado animado, demasiado curioso, demasiado teatral.

— Trabalha na livraria — expliquei, ressentida com o teatro. — Mas, afinal de contas, como é que vocês ficaram juntos?

Foi uma lição de vida importante que aprendi e que tenho usado frequentemente desde então: se quisermos distrair um casal, perguntemos-lhes como se conheceram.

Ela fora aluna dele, claro. Isso já eu sabia. Ele era ligeiramente jovem para professor; ela, ligeiramente velha para estar a fazer um mestrado. Aproximaram-se por causa de Thackeray. O seu amor teve a emoção de ser algo controverso, mas não propriamente escandaloso. Era uma história repleta de «bastantes» e «ligeiramentes».

A tarde arrefeceu e voltámos para dentro. Aquela deveria ter sido a deixa para eu me ir embora, mas estava demasiado bêbeda para pensar nisso. Dançámos nos ladrilhos da cozinha enquanto ia escurecendo, e eu disse muitas coisas. Sobre os meus pais, os meus irmãos e, a dado momento, sobre o Carey. Chorei enroscada na Deenie, aninhada no seu braço, enquanto nos sentávamos no sofá verde e mole.

— Só me apetece fixá-lo ao chão, sabes? Tipo, pregar-lhe os sapatos — expliquei, as lágrimas a escorrerem-me do queixo para cima dela. — Sinto que podíamos amar-nos como deve ser, se ele me deixasse.

Não sei porque é que eu estava tão chateada. Eu e o Carey, tecnicamente, ainda estávamos juntos. Mas não se podia contar com ele, e eu precisava tanto de ter algo com que pudesse contar. A incerteza angustiava-me.

— Oh, querida. — Ela acariciou-me o cabelo. — Os homens são horríveis. É um *cliché*, mas é verdade. Lamento muito.

— Ele nem sequer é horrível. É muito querido.

— Como é que ele é, ao certo? Nunca me disseste.

— É muito bondoso — expliquei, limpando o nariz com a mão. —

E muito estranho. Posso ligar-lhe?

— Do nosso telefone?

— O meu está sem crédito.

— Claro.

Recostei-me no sofá, enquanto ela me passava o telefone de casa. Liguei para o telemóvel do Carey e ele atendeu, desconfiado do número. Quando soube que era eu, relaxou e pareceu feliz por eu estar bêbeda e a ser bem tratada.

— Sei que achas que sou demasiado jovem — disse-lhe. — Mas acho que podíamos fazer desta história algo sério.

— Sim — respondeu ele, num tom sombrio. — Sim, eu sei.

— O que é que se passa?

— A minha mãe tem cancro.

— *O quê?* — exclamei. — Pensei que ela estava a fazer *exames*?

— E estava. Exames para o cancro. Ela tem cancro. No pâncreas.

— Oh, Care. Lamento imenso. Estás bem?

— Eu... Não sei. O meu pai está um caco.

— Claro, claro.

— As minhas irmãs chegam amanhã. Mas têm família, Rache. Todas têm os seus próprios filhos. Eu sou o único... — Deixou o final em suspenso. Lembrei-me da nossa conversa na banca do pão. O James Carey era um vagabundo, um vagabundo nato. As suas tentativas de ter uma vida adulta haviam-se assemelhado às do Peter Pan a tentar apanhar a sua sombra. Naquela frase inacabada, ele estava a aperceber-se de que algumas pessoas criam a sua própria vida adulta e outras veem-na a ser-lhes imposta. Ele, ao que parecia, pertencia a este último tipo. — Preciso de cuidar das coisas aqui, Rachel. Não... não sei o que te posso dizer, a sério.

— Eu compreendo — respondi, num gemido, as lágrimas a caírem de novo.

— Amo-te, acredita — disse ele. — E talvez, quando as coisas acalmarem, possas vir cá por alguns dias. Ou encontramo-nos em Dublin. Mas...

— Eu percebo — respondi. — Tens de estar presente para a tua

família. Para a tua mãe.

— Sim. — Ele suspirou. — Não sei se serei muito útil.

— Vais ser. Posso ligar-te, ainda assim?

— Rachel, vou enlouquecer se não me ligares. Uma vez por semana, com as novidades, ou assim. Por favor, por favor. Por favor, não desapareças.

Eu não conseguia acreditar naquela reviravolta. De repente, era ele que queria pregar-me ao chão.

— Claro — respondi.

Dava a sensação de que ele estaria prestes a chorar.

— Tenho de desligar.

— Não precisas.

— Preciso, sim.

A Deenie fora para a cozinha para me dar privacidade. Estava a tocar outro disco, uma cantora de *jazz*, Dinah Washington ou alguém do género. A Deenie estava descalça, a dançar com o marido. Parecia tão pequena que, por uma vez, nem sequer tive ciúmes. Dava a sensação de que se iria desfazer em bocados.

Saí por volta da uma da manhã, o meu saco cheio de bens roubados. Lembro-me de pensar que, o que quer que acontecesse a seguir com o Carey ou com a minha situação profissional, não seria assim tão mau se pudesse ter aquele cantinho de fabulosidade adulta, aquela amizade com os Harrington-Byrnes.

Quando algo de bom nos acontece nessa idade, não conseguimos aceitar a noção de que é um acontecimento único. Queremos que seja o início de uma tradição. Foi assim que me senti em relação a essa noite: queria que fosse já uma recordação, uma noite fundamental, uma primeira noite de muitas semelhantes. Queria uma nostalgia futura, uma visão retrospectiva, um carinho de longa data por algo que acabara literalmente de acontecer.

Isso foi há mais de dez anos, o que faz com que seja uma memória genuína, e não a memória a fingir com que fantasiei na viagem de táxi para casa. O problema das memórias genuínas é sabermos demasiado. Estraga tudo. Posso adorar aquela noite pelo que ela foi, mas também sei isto: que só entraria naquela casa mais duas vezes e que, por altura do inverno, nunca mais veria a Deenie Harrington.

-
- [2] Música de Joan Mitchell. Perde-se o trocadilho do original, que joga com a palavra «*cane*» (bengala) e «*caned*» (bêbedo). (*N. da T.*)

Abrira um *call center* em Monkstown, perto de onde cresci, e um dos contactos do meu pai arranjou-me emprego lá. Nessa altura, já não estava em posição de traçar linhas arbitrárias entre o trabalho na cidade e qualquer outro tipo de trabalho. Ofereciam-me treze euros à hora para telefonar a indivíduos que faziam doações de caridade e convencê-los a aumentar os seus donativos mensais.

— Numa semana, podes estar a trabalhar na causa dos cães-guia irlandeses — explicou-me o meu novo supervisor — e na seguinte na da fenda palatina.

Aquilo foi-me vendido como uma das vantagens do trabalho.

— Variedade — disseram-me. — Nunca te irás aborrecer. Há sempre muito para aprender, caso queiras aprender.

O *call center* era um grande edifício pré-fabricado do tamanho do auditório da minha escola secundária. Cheirava a novo e a barato. Havia duas máquinas de venda automática, uma de *snacks* e outra de bebidas energéticas. A máquina de *snacks* funcionava a moedas, mas a de bebidas era gratuita. No meu primeiro dia, quem me fez a visita guiada foi uma rapariga da minha idade que já era supervisora, tendo começado a trabalhar lá em maio. Estávamos agora no final de agosto.

— O bom disto é que é muito flexível — explicou ela. — Por exemplo, ninguém te vai chamar à atenção se não estiveres na tua secretária às nove e dez, ou algo do género. Basta cumprires os objetivos e podes fazer o que quiseres.

Ela fazia-me lembrar as minhas colegas da escola. Douradas, com madeixas e praticamente sem sobranceiras, vestidas em tons de azul-bebé e rosa-claro. Provavelmente, seria muito simpática, mas dei

comigo a resistir-lhe. Passara uma parte demasiado grande do último ano num mundo diferente, um mundo de espetáculos musicais, *piercings* no septo nasal e provas tipográficas, e estava ressentida com o facto de ser puxada de volta para o mundo das raparigas de que nunca gostei verdadeiramente.

Mostraram-me a minha secretária. Havia um telefone, um computador e tinha divisórias de cada lado. Na minha cadeira, fora agrafado um folheto, que presumi tratar-se de uma apresentação da empresa, mas que, na verdade, era um guião acerca da investigação sobre a leucemia.

— Há grandes oportunidades de progressão — explicou ela. — Agora, estou a receber dezasseis à hora.

— *Dezasseis?*

— Bem, não me limito a atender telefones. Sou supervisora.

— Sim, claro.

— O importante é manteres as pessoas em linha. Se tiverem falado contigo durante muito tempo, vão sentir-se culpadas. Faz-lhes perguntas sobre os seus animais de estimação, os netos. Eventualmente, elas irão ceder e doar.

— Certo.

— Mas também não percas demasiado tempo com isso. Algumas avozinhas não vão querer largar o telefone. Tu tens objetivos.

— Certo.

Mal me pus ao telefone, comecei a sentir-me zangada, e com toda a justiça, com o James. Eu tinha tão nitidamente o perfil errado para aquilo, e ele estaria tão obviamente bem ali. Quem melhor do que o James para convencer fosse quem fosse do que quer que fosse? Entretanto, ele continuava a trabalhar na O'Connor Books, apesar do facto — e este último argumento era mentalmente proferido com a voz mais maldosa de sempre — de nem sequer ler livros a sério. Apenas manuais sobre escrita de guiões.

Liguei ao Carey na minha hora de almoço. Não havia sítio para se almoçar, pelo que encontrei um bocado de relva junto a uma estrada e encostei-me à vedação.

— É horrível?

— Pavoroso. Ninguém quer falar comigo.

— Eu quero falar contigo.

— Podes pagar-me treze euros à hora? Enfim. Como estão as coisas por aí?

— A minha mãe, por enquanto, está no hospital, e a anca do meu pai anda outra vez mal, por isso tenho de o levar à fisioterapia dia sim, dia não. Só que ele não quer fazer os alongamentos nem nada. Portanto, tenho de os fazer com ele.

Eu desejara que o Carey ficasse agafado ao chão, e agora lá estava ele bem pregado. A sua vida encontrava-se mergulhada em consultas de quimioterapia, idas e vindas, sobrinhas, sobrinhos, preparar almoços, jantares, gerir as lutas intestinas das irmãs, as depressões da mãe, a recusa obstinada do pai em mover a perna no sentido dos ponteiros relógio e em contrarrelógio, em movimentos circulares repetidos. O meu desejo de que o Carey se tornasse fiável germinara no facto de ele se ter tornado absolutamente fiável para toda a gente na cidade de Derry, que ficava a cerca de trezentos quilómetros de distância de mim.

— És um filho fantástico — disse-lhe eu. — E irmão. E tio. — Estava prestes a acrescentar «e namorado», mas andávamos conscientemente a evitar rótulos. Sabíamos que nos amávamos, mas não sabíamos o que fazer com isso, dadas as circunstâncias atuais, ou o que isso significava. Nenhum de nós sabia por quanto tempo isto se iria prolongar e não queríamos prender o outro.

— Não, não sou — respondeu ele. — Estou só a pagar dívidas.

Monkstown fica mais perto de Douglas do que o centro da cidade, por isso, nas noites em que me sentia demasiado cansada dos telefonemas, saía do autocarro umas paragens antes e ficava em casa da minha família, onde tudo era aborrecido, quente e repleto de comida. Andava sempre com fome. Tirava o empadão da minha mãe do forno e ia comê-lo para a cama com o meu portátil. O Chris quase nunca lá estava. Tínhamos um acordo tácito de não falar sobre a noite em que ele aparecera no meu jardim, embora ele ainda usasse as calças de ganga com o buraco que o Carey lhes fizera. Via um pouco o Kevin, que ainda não atingira o pico de crescimento que eu e o Chris tivemos na sua idade. Era magro, pequeno e calado, e o meu pai parecia constantemente irritado com ele. Em contrapartida, eu e o meu pai havíamos descoberto um novo e estranho equilíbrio. Sentíamos-nos ambos incrivelmente tristes, e não queríamos que nos

convencessem a sair desse estado, pelo que nos sentávamos juntos a ver filmes em silêncio.

O James ligou-me numa dessas nossas noites de cinema piegas, preocupado com quando é que eu voltaria para casa.

— Onde estás? — choramingou ele ao telefone. — É a segunda noite seguida que ficas em casa dos teus pais.

— É que é mais fácil. Estou tão cansada.

— Ultimamente, andas sempre *cansada* — comentou ele, mal-humorado. — Eu é que estou de pé o dia todo.

Senti os meus olhos a prostrarem-se enquanto falávamos.

— É diferente ao telefone. É cansativo de uma forma diferente. É cansativo para a *alma*.

O meu pai anuiu com a cabeça, ao meu lado no sofá, como se concordasse. Também sentia esse cansaço de alma.

Certa sexta-feira, saí às seis horas do trabalho, tendo de alguma forma atingido os meus objetivos impossíveis para a semana, e dei por mim entusiasmada com o fim de semana, como não me sentia há anos. Saí do escritório a dizer «Graças a Deus que é *sexta-feira*», com um entusiasmo que me pareceu demasiado exagerado, de uma forma estranha, a roçar o excêntrico. E pensei: *Quem é que diz isto na vida real?* Apanhei o autocarro para Shandon Street, agarrada ao globo de ouro do fim de semana, quase me sentindo a engasgar com a alegria de não ter de regressar a Monkstown até ao meio-dia de segunda-feira.

Abri a porta da frente e ouvi corpos. O meu primeiro pensamento foi que estávamos a ser assaltados. Ouvi uma queda contra a mesa, o som de algo a ser empurrado.

Não sabia se tinha energia para um assalto. *E se desse meia-volta e me fosse embora?*

— Rachel? — ouvi o James a dizer. — És tu?

— Quem mais poderia ser? — repliquei.

— Dá-nos um segundo.

Era invulgar o James ter um convidado àquela hora, mas também justo. Só me esperava em casa dali a algumas horas.

— Pronto — disse ele. — Podes entrar.

O James estava com o rosto afogueado, ainda a apertar a fivela do cinto. Um fiapo de fumo de cigarro chegava-nos da porta das traseiras, na cozinha.

— Como estás, Rachel? — perguntou o Dr. Byrne.

— Olá... Dr. Byrne.

Olhei para o James, horrorizada.

— Vocês estavam a foder em cima da mesa?

O James esfregou o queixo.

— Sim.

— Há quanto tempo é que andam nisto de novo?

— Hum... Há umas semanas?

O Dr. Byrne veio do pátio, o rosto vermelho e a cheirar a fumo. Eu sentia-me demasiado cansada para aguentar com aquela merda. Demasiado cansada, demasiado esfomeada, demasiado triste.

— Ela vai acabar por descobrir — lancei, mostrando-me irritada.

— Por que raio faz isto? Porque é que não tem respeito pela sua mulher, que o ama?

— Eu amo-a — respondeu ele.

— E acha que isto está bem?

— Porque é que estás tão *irritada*? — perguntou o James. — Aceitavas bem tudo isto quando te trazia emprego.

— Emprego! — gritei. — *Emprego! Eu tinha um estágio!* E esfalfei-me a trabalhar. Com muito poucos resultados.

— Rachel... — O Fred Byrne pousou a sua manápula no meu ombro.

— Estive em sua casa *há menos de três semanas*. Vi-o dançar com a Deenie na cozinha. Agora sou amiga dela. E preocupo-me com ela. Não é justo.

— Não — concordou ele. Foi sentar-se no sofá. — Não é.

Uma onda de sonolência apoderou-se novamente de mim. Ele parecia tão confortável, sentado no nosso sofá. Sentei-me ao lado dele.

— Desculpe — disse-lhe, embora não tivesse a certeza de estar arrependida, apenas não com disposição para um confronto, apesar de o ter começado. — Estou só cansada.

Eu e o Dr. Byrne olhámos um para o outro. Era impossível acreditar que ele fora o meu misterioso e amado professor. Igualmente estranho era pensar que ele era o deus benevolente que me oferecera *gin* quando eu fora despedida. Sentia-me agora como se fôssemos dois palhaços tristes num quadro para um quarto de crianças.

— Bem, vocês os dois são hilariantes — comentou o James,

fulminando-nos com o olhar. — Vamos abrir uma garrafa de vinho, ou algo do gênero?

Ele remexeu nos armários da cozinha.

— Estão a tentar ter um bebé, não estão? — perguntei ao Fred Byrne. — O senhor e a Deenie. Porquê, quando está a tentar começar um...

Ele esfregou as têmporas.

— O que está *a fazer*? — Proferi-o como se fosse a minha única hipótese de descobrir como funcionava, ao certo, o mundo dos adultos.

— Rachel — disse o James, irritado, da cozinha —, isso não é da tua conta.

— Acho que é, quando tenho de...

O Dr. Byrne levantou a mão.

— Ela tem razão, James. A Rachel faz parte disto, à sua maneira, e não é justo. Eu e a Deenie... andamos a tentar há alguns anos. Nunca conseguimos. Ela quer muito ter um filho, mas não consegue engravidar.

— Porquê? Sexo? Não podem...?

Ele pareceu ofendido.

— Não, é claro que fazemos sexo, Rachel. Meu Deus! A Deenie é linda. Sinto-me muito atraído por ela. Gosto de homens e de mulheres. Não faz mal. Sempre fui muito ambidestro.

— Diz apenas bissexual — intrometeu-se o James, revirando os olhos. Dava a sensação de que já haviam tido aquela conversa antes. — Como uma pessoa *normal*.

O Dr. Byrne fez uma careta.

— Mas... nunca pensei nos homens como... como *viáveis* para uma relação. De certeza que vais achar isto muito antiquado, mas, sabes, tenho quase quarenta anos.

Reparei, nos anos seguintes, que alguns homens homossexuais por vezes fazem isto. Dizem quantos anos têm e esperam. Deixam-nos chegar a conclusões. Olham para nós com uma expressão que diz: *Eu nasci em 1972. Eu era um adolescente nos anos oitenta. Pensem nas coisas que vi, nas notícias que me aterrorizaram, no corpo mortal em que me disseram que me poderia tornar*. Mais tarde, perguntei-me se a obsessão do Dr. Byrne com o período da grande fome não teria que ver não só

com o seu desejo de ser magro, mas também com a sida, e a liberdade de pensar no definhamento.

— Durante os primeiros anos da nossa relação, nunca estive com nenhum homem. Juro. Isso tinha acabado para mim. Uma coisa da juventude, sabes como é. Eu amava-a. Amo-a.

O James sentou-se no braço do sofá, a expressão no rosto mais suave agora. Beijou o cimo da cabeça do Dr. Byrne, passando-lhe um cigarro. Era espantoso para mim como ele conseguia ser tão terno, apesar daquele sentimento: a ideia de que os homens eram um deleite de juventude, mas não para amar a sério.

— Mas quanto mais... quanto mais a situação do bebé não funcionava, quanto mais tentávamos, mais eu sentia que estava... a desiludir, suponho, e mais precisava de... É difícil de explicar. O sexo com ela, o sexo com mulheres, tornou-se um pouco...

— Pesado — terminou o James.

— Sim — concordou o Fred Byrne. — Pesado.

Olhei para o James. Não conseguia acreditar que ouvira tão pouco acerca de tudo aquilo, quando o James sabia tanto, mas não partilhara.

— O James não foi o meu primeiro deslize — confessou o Dr. Byrne cuidadosamente. — Mas foi... é... o meu primeiro amante.

— Oh, céus! — exclamou o James. — Diz só *namorado*, como uma pessoa normal.

— Então, quando me perguntas o que estou a fazer, Rachel, a resposta é... — Olhou para as mãos. — Não sei. Sei que ando infelicíssimo há meses. Que amo a minha mulher. Mas também...

Pegou na mão do James.

— Amo este jovem aqui.

Por uma vez, o James não tinha nada a dizer. Os seus olhos pareciam enormes.

— Cristo — exclamou ele por fim. — Nunca pensei que alguma vez o dissesse à frente de... bem, de alguém.

— Querem que saia daqui? — perguntei, sentindo-me desconfortável.

Estava mais uma vez a fazer de vela. Foi como na noite em casa do Dr. Byrne, mas num universo paralelo, onde o orçamento era muito mais baixo. Bebemos todo o vinho do English Market e depois fomos à

loja de conveniência comprar cerveja e *Monster Munch*. Falámos e fumámos muito, embora houvesse um cansaço lento e irritadiço em tudo o que eu fazia. Comecei a fantasiar com a cama e acabei por me ir deitar.

Horas depois, o James postou-se ao meu lado, os seus pés frios a acordar-me.

— *Foda-se* — guinchei. — O que é que estás a fazer? Estiveste na rua? *Porque é que estás tão frio?*

Ele aconchegou-se, puxando o edredão até ao nariz.

— O Fred acabou de sair. Eu acompanhei-o. Como é que te parecemos?

— Ele acabou de sair? Que horas são?

— Duas — respondeu o James. — Mas, então, como é que te parecemos? Comparado com eles?

Eu estava desperta, agora, e ressentida com isso.

— Não sei. Ele obviamente adora-te.

— Tudo parece tão diferente agora, Rachel — disse o James, entusiasmado. — Ele costumava ser tão reservado. Mas agora quer falar sobre coisas. Sobre o que sente por mim.

Enfiei a cabeça debaixo dos cobertores.

— Ele não vai deixá-la.

— Nunca se sabe. Talvez quando nos mudarmos para Londres ele sinta tanto a minha falta que queira começar uma vida nova.

— Estás louco.

— Pode acontecer! Ele não tem nada a prendê-lo. Não tem filhos.

— Estás a esquecer-te de que ele a ama — disse eu. — E de que ela é muito simpática.

— Oh, sabes lá tu...

Mas as coisas mudaram mesmo depois disso. O Dr. Byrne compreendeu finalmente que o James não poderia viver só de vinho e queijo caro, e, de tempos a tempos, o homem das entregas da Tesco batia-nos à porta.

— Rache — gritava o James das escadas —, o Fred fez-nos uma GRANDE COMPRA!

A grande compra era um grande lote de coisas boas. Latas de feijões, ervilhas e esparguete. *Bacon*. Peitos de frango. Pão integral, embalagens de salmão fumado. Café a sério. Os recibos vinham

sempre com a entrega, e ele nunca gastava menos de cento e cinquenta euros. Eu via aquilo como presentes não só para o James, mas para nós, para a casa. Por vezes, ele dizia-me que eu lhe parecia cansada, ou demasiado magra, e eu revirava os olhos e respondia-lhe que nunca estivera tão gorda.

Finalmente, era possível poupar dinheiro. Eu estava a ganhar mais, mas sentia-me demasiado exausta para o gastar. O James andava a concentrar a sua fé no Dr. Byrne, pelo que também não saía tanto. A nossa poupança tornou-se tão boa que abrimos uma conta conjunta. Cada um de nós tinha um cartão e, por vezes, íamos juntos ao multibanco para consultar o saldo. Antes do meu emprego no *call center*, as nossas poupanças nunca ultrapassavam os duzentos euros. Agora tínhamos quase o triplo disso. Uma emigração em janeiro parecia viável.

Na nossa fantasia, era assim: em janeiro, mudar-nos-íamos para Londres. O James arranjaría imediatamente um agente e eu, um emprego na Penguin Books. Passaríamos três a seis meses a levar uma vida boémia e a descobrir a cidade, após o que a mãe do Carey morreria e o Dr. Byrne deixaria a Deenie. Mudar-se-iam ambos para Londres e viveríamos numa casa incrivelmente moderna, todos nós artistas e escritores (o Carey iria descobrir um grande talento, decidimos), e, quando morrêssemos, os nossos biógrafos fariam de nós como um grande coletivo de génios do século XXI. As nossas cartas seriam reunidas numa antologia, assim que tivéssemos tempo para nos escrevermos uns aos outros.

Era uma fantasia agradável, e talvez pudesse ter acontecido — parte dela, pelo menos — se eu não estivesse grávida.

Depois de ter começado o meu novo emprego, não vi a Deenie durante algum tempo, e, por isso, quando ela me telefonou numa quinta-feira, no início de outubro, deixei imediatamente a minha secretária e dirigi-me até ao parque de estacionamento para podermos conversar.

— Rachel — disse ela, num tom alegre e como se tivesse tido saudades minhas. — Como estás? Ouve, vou dar um jantar na próxima sexta-feira em honra do livro do meu pai. No dia 15. Queres vir?

— A sério? — perguntei. — Quer que eu vá?

— Claro — gritou ela. — Trabalhaste muito nisto. Fazes parte da equipa.

Eu ainda não sabia que estava grávida. As minhas pausas de sete dias da pílula eram decoradas por manchas castanhas e nada mais. Pensei que estava tudo bem.

Na verdade, pensava que, a passar-se algo de errado comigo, seria o facto de estar deprimida. Cheguei inclusivamente a pesquisar na Internet. Andava cansada, mole, irritadiça. Odiava o meu novo emprego, odiava telefonar às pessoas para as convencer a fazer donativos para obras de caridade quando muitas delas estavam à beira da pobreza. Ouvia-o muitas vezes. Os suicídios de empresários recomçaram, e acabei por falar com algumas mulheres de meia-idade cujos maridos saudáveis haviam morrido subitamente. Tudo aquilo me parecia uma razão válida para andar deprimida.

— Adoraria — disse eu. — E mal posso esperar para ler o livro!

— Porque é que não apareces por cá no sábado? Ou seja, depois de amanhã. Tenho um caixote de exemplares. Dou-te um e podemos

beber um copo de qualquer coisa.

Parecia-me maravilhoso. Aceitei imediatamente.

Fui a casa dela no sábado e encontrei um jornalista do *The Irish Times* a falar com ela e um fotógrafo a fotografá-la ao lado de uma pilha de edições antigas do pai. Sendo uma filha jovem e fotogénica do falecido poeta, o pessoal das relações-públicas tinha-lhe conseguido variadíssimas entrevistas na imprensa irlandesa.

Esteve radiante durante a hora em que a equipa ali permaneceu, mas, mal o pessoal do *The Irish Times* saiu, foi à casa de banho lavar a cara.

— Peço imensa desculpa por isto. Esqueci-me completamente de que eles vinham. Isto não é bem a minha cena — disse ela com um ar sombrio. — Mas tem de ser feito.

Julguei que ela estivesse a mostrar uma falsa modéstia.

— Oh, vá lá. Ver a sua fotografia no jornal, ter quem a penteie e a maquilhe.

Ela olhou-me de relance.

— Céus, nem me lembres. A sério, preferia não ter de o fazer, mas esperamos mesmo que isto dê algum dinheiro. A poesia do meu pai não rende patavina. Sinceramente, não faço ideia do que vai ser da minha mãe. O dinheiro não vai durar outros cinco anos. Nunca te cases com um poeta, Rachel.

Não conseguia perceber até que ponto estaria ela a exagerar. Na minha cabeça, a Deenie era rica. Estava nos trintas e tinha roupas bonitas e uma bela casa. De certeza que, se a mãe estivesse falida, a Deenie não viveria tão bem. Nessa altura, não compreendia que ter um extra no fim do mês para comprar bolos e vinho não era o mesmo que ter uma mãe na reforma. A primeira situação era uma questão de centenas de euros e a outra, de milhares.

— Como está o Carey?

— Oh... não sei — respondi, sem querer falar do assunto. — Para ser sincera, acho que acabou de vez. As nossas vidas estão em pontos muito diferentes.

— Isso é terrível — disse ela, e pareceu-me genuinamente solidária. — Sei que eras louca por ele. Mas estás bem? Pareces-me um bocadinho... Será que destroçada é demasiado presunçoso?

— Não é *não* exato.

Havia uma caixa de livros em cima da mesa da cozinha. *Pequenos Fogos: Uma Resposta à Poesia de Alistair Harrington*.

(Anos mais tarde, quando saiu *Pequenos Fogos em Todo o Lado*, perguntei-me se as vendas da antologia de poesia teriam aumentado. Verifiquei na Amazon; já não se encontra em circulação.)

O livro era belíssimo, verde-azeitona com chamuscas em papel de alumínio vermelho. Tinha classe. Algo que se compraria para oferecer. Havia um prefácio escrito pela Deenie, uma dedicatória à mãe, e continha cerca de trinta poemas.

— É lindo — exclamei, com admiração.

— Vê os agradecimentos.

Havia elogios efusivos aos poetas, às pessoas que geriam a propriedade, à editora, à família Harrington. E depois, a algumas linhas do fim:

À Rachel Murray, que ajudou a policiar o tom.

Sorri para ela.

— Obrigada. Eu, *de facto*, políciei o tom, não foi?

Ela assentiu com a cabeça.

— Vais ter uma grande carreira no mundo editorial, querida. Dá para ver.

A última linha dos agradecimentos era diferente de todas as outras.

Ao Fred, o Bill do meu Grover: obrigada. Por tudo.

— Quem são o Bill e o Grover?

— Oh, Deus. — A Deenie parecia envergonhada. — Bill Withers e Grover Washington?

— Ah, certo.

— É uma coisa parva. Eles cantaram «Just the Two of Us» juntos. É uma piada privada um bocadinho foleira.

O meu coração acelerou e as axilas começaram a suar. O rosto abatido do Fred Byrne veio-me à memória, a sua voz suave a dizer-me que estava sempre a desiludir a mulher. O peso psicológico do sexo com ela, que se sucedia às muitas tentativas de engravidar.

Fiquei extremamente enjoada, um sintoma quer dos meus nervos

quer do facto de estar — sem o saber — grávida de oito semanas. Sentei-me na cadeira da cozinha.

— Posso beber um copo de água, por favor?

— Claro. — A Deenie esboçou uma expressão preocupada e foi buscar um jarro de água filtrada ao frigorífico. Pousou um copo à minha frente. Parecia caro. — Há mais algum problema, Rachel?

Bebi um longo gole de água.

— Não me tenho sentido muito bem ultimamente. Desde que comecei no novo emprego.

— É assim tão mau?

— É um *call center*. Preciso de encontrar uma forma de sair de lá.

— Gostava muito de poder fazer alguma coisa por ti, mas não há absolutamente ninguém a contratar. Ouvi dizer que a minha editora está a contratar estagiários não remunerados que, na verdade, têm mestrados. É uma altura terrível para se começar uma carreira.

A Deenie disse-o como se eu tivesse escolhido 2010 para encetar uma busca de emprego, desprezando todos os melhores conselhos de negócios dos meus contabilistas.

— E quanto a... outros editores, como a Deenie? Para leitura de manuscritos...

— Não sei. Ninguém gosta de admitir que precisa de ajuda, e não é... não é um setor muito bem pago. Não creio que as pessoas se possam dar ao luxo de empregar alguém como eu fiz contigo.

Irritei-me com aquelas palavras, com aquela nota de caridade na voz dela. «Como eu fiz contigo.» A Deenie tinha-me pagado muito mal. Explorara-me, na verdade.

— Talvez no jantar da próxima semana possas fazer alguns contactos. Ser vista. Vão estar presentes muitos editores.

— Como está o Fred? — perguntei, já a sentir vômitos, e ainda mais perante a ideia de ir bicar os contactos da Deenie como um corvo sobre um cadáver.

— Oh, está bem. — Ela franziu o sobrolho por um instante. — Não sei. Por vezes, ele é um agente misterioso. Acho que está um pouco desiludido com o *Kensington*. Saiu um artigo no jornal sobre o livro do meu pai e... Oh, não sei.

— O que é que dizia?

— Oh... — Ela esboçou um movimento com a mão, como que a

desvalorizar o assunto. — Era sobre o facto de eu ser filha de um poeta e de ter casado com um escritor.

— E?

— E, bem... — Revirou os olhos, dando a entender que o artigo era definitivamente uma treta. — O tipo de escritor que o Fred é. Era um aparte qualquer sobre o facto de ele ser... ah... medíocre, julgo que era esse o termo.

Olhou para mim, um pouco desesperada, à espera de que eu a contradissesse.

— Que idiotice — exclamei, obedientemente.

Mesmo nauseada, achava curioso que o James nunca tivesse falado no assunto. Se calhar, nem sequer sabia. Estaria o Dr. Byrne assim tão apaixonado pelo James, ou funcionaria ele apenas como um bálsamo para o seu ego? Será que ter um amante jovem e ser odiado pela imprensa o fazia sentir-se como Oscar Wilde, ou algo do género?

— As vendas têm estado um pouco... Bem, as vendas de livros, em geral, têm estado em baixo. Como sabes.

Outra onda de enjoo apoderou-se de mim. Sentia-me como se tivesse andado num carro de alta cilindrada durante demasiado tempo sobre cimento esburacado e em estradas sinuosas.

— Pode abrir a janela ou isso? — pedi-lhe, tapando os olhos com as mãos. — Desculpe, isto é embaraçoso. Sinto-me...

A Deenie abriu a porta de correr da cozinha. O ar estava abafado e não oferecia grande alívio.

— Acho que vou vomitar — disse, por fim, e aquelas palavras surpreenderam-me. Não era pessoa de vomitar. Era uma pessoa de dores de cabeça e diarreia. A última vez que vomitara fora na noite anterior à partida do Carey, e a vez anterior tinha sido numa festa de aniversário, quando tinha doze anos.

Fui para a casa de banho e ajoelhei-me diante da sanita. Mas fiquei terrivelmente autoconsciente. Não conseguia parar de pensar na Deenie na cozinha, a ouvir-me a abusar da sua linda casa de banho. Mantive-me ali durante dez minutos e depois ouvi-a a sair para o jardim, obviamente numa tentativa de me dar privacidade.

Por esta altura, já era hábito remexer no armário da casa de banho da Deenie. Era tão instintivo como lavar as mãos. *Sudocrem*, mais tiras de ovulação, uma embalagem de tinta de cabelo para cobrir

os brancos. Aquilo era bastante empolgante. Já a vira, mas nunca a inspecionara bem. Eu era bastante branca, pelo que nunca ponderara as desvantagens das dramáticas madeixas castanho-escuras da Deenie. Peguei na embalagem e surgiu uma outra, retangular, escondida atrás dela.

Ali, com uma fina película de pó a cobrir o cartão, encontrava-se um teste de gravidez *Clear Blue*.

Era óbvio que ali estava há muito tempo. Quando peguei nele, o pó em volta deixou uma marca fina, como o contorno a giz de um corpo.

Resultados digitais — cinco dias antes!

Era o primeiro teste de gravidez que eu via fora da prateleira de uma farmácia. Nunca fizera um, nunca uma amiga me pedira para lhe comprar um, nunca dera a mão a uma rapariga enquanto ela esperava pelos resultados. Eu sabia que era preciso urinar sobre eles, e era tudo. Passamos sempre à pressa diante destas coisas, nunca querendo parecer demasiado interessados na secção de saúde sexual.

Não sei quando é que me apercebi, só que senti uma gota de suor frio a escorrer-me pelo pescoço abaixo do rabo de cavalo. O meu coração começou a bater, veloz e pesado nos meus ouvidos. Era como se o meu corpo soubesse antes de mim. Comecei a contar as semanas. A náusea invadiu-me de novo.

— Rachel! Estás bem? Queres um pouco de água?

— Estou ótima! — respondi. — Dois minutos!

Abri a embalagem e tirei o pacote e as instruções. Enfieei-os mala e voltei a arrumar a embalagem vazia e, à frente, a tinta para o cabelo, fechando o armário espelhado o mais suavemente possível.

Saí da casa de banho afogueada.

— Coitadinha — disse a Deenie. — Sabes, acho que anda por aí uma virose qualquer. Queres deitar-te?

— Não, não me parece — balbuciei. — Deenie, importa-se de me levar a casa?

— Não, claro.

O Dr. Byrne e a Deenie partilhavam um carro, um *Golf* prateado, e surpreendeu-me constatar quão desarrumado estava. Havia migalhas nos cantos dos bancos. Ela parecia reparar naquilo, apesar de toda a sua preocupação comigo.

— Ele come sempre no carro — explicou, como quem está farta.
— Uma vez encontrei aqui uma bolacha *Wagon Wheels* aqui dentro.

Encostei a cabeça à janela aberta e fingi dormir. O meu cérebro não poderia estar mais desperto, em busca da minha última memória relacionada com o período. Não me estava a ocorrer nada. Tendo a esquecer as coisas quando não envolvem outras pessoas: pessoas com quem falei, pessoas com quem bebi, pessoas a quem me queixei. Não só não me lembrava do meu período, como também não me lembrava de falar sobre ele com ninguém. Na secundária, estávamos sempre a falar das cólicas e dos desejos que sentíamos, e até na livraria dava um toque subtil à Sabrina para lhe pedir um tampão. Mas agora a minha vida estava repleta de homens e nunca falei do meu período a nenhum deles.

Finalmente, descobri uma memória. Estava a apanhar banhos de sol no adro da igreja, junto aos sinos de Shandon, e senti a humidade inconfundível de um tampão, concluindo que já teria vivido o suficiente. «Tenho de ir», lembro-me de ter murmurado com desagrado ao James. Levantei-me aos tropeções, chateada por ter de andar cinco minutos até casa só para trocar o *Tampax*.

Isso acontecera no início de agosto, ou talvez mesmo no final de julho. Agora, estávamos em outubro.

Eu tomava a pílula e, embora normalmente não falhasse, não era exatamente irrepreensível. Podia tomá-la às nove da manhã num dia e não me lembrar até à meia-noite do dia seguinte. Será que esse tipo de pormenor tinha realmente importância? Depois, lembrei-me da noite com o Carey. Da noite em que eu estava tão bêbeda e ansiosa que devo ter vomitado o comprimido que provavelmente só tomara instantes antes.

Acalma-te, Rachel. Estás a diagnosticar um problema que pode não existir.

— Onde é que vives, Rache? Sei que estás na zona norte, mas...

— Perto da Shandon Street — murmurei. — Perto do antigo Butter Exchange.

Não registei o silêncio dela como algo particularmente estranho.

— Qual é a casa? — perguntou, cinco minutos depois. O tom pareceu-me peculiar, mas distante. Distante e interrogativo, como um polícia na sala ao lado.

— Oh, deixe lá — repliquei secamente. — Saio aqui.

Agradei-lhe e saí do carro. Caminhei lentamente, arrastando os pés. Enjoada e cheia de medo, sabendo que, mal chegasse a casa, teria de fazer o teste de gravidez, e que este confirmaria algo extremamente óbvio.

Não olhei para trás, mas, se o tivesse feito, sei o que teria visto: o mundo da Deenie Harrington a desmoronar-se quando enfiei a chave na porta.

21

Londres tem uma diferença horária de cinco horas para Nova Iorque. Nos últimos meses, o James começou a enviar-me mensagens de texto quando o programa termina, sabendo que o meu sono tem sido muito irregular.

Na manhã seguinte ao *Toy Show*, às seis da manhã, o James está a sair do trabalho. Escreve-me:

«Como está a minha melhor miúda?»

Olho para a mensagem, pestanejando. Como é que se diz a alguém que o seu ex-amante está em coma?

«Como é que está o bebé? James Júnior??? Bjs»

Respondo-lhe.

«Não lhe vou chamar James.»

«Mas devias.»

«Como foi o programa?»

«Espetacular. Exceto que o segundo convidado não apareceu e tivemos de chamar uma mulher qualquer e o seu *pug*.»

«O seu *pug*?????»

«O pug é importante!»

Começo a escrever: «Saí esta noite e conheci uma pessoa que ouviu dizer que o Dr. Byrne estava doente e em coma.»

Apago tudo rapidamente. «Continua», envio em vez disso. «Qual é o Instagram do pug?»

É um exagero dizer que eu e o James nunca falamos sobre o Dr. Byrne. Mas a conversa restringe-se a um determinado tempo e lugar. Esse tempo e esse lugar são a minha sala de estar, por volta das três da manhã, na segunda noite de uma visita de três noites. Depois de termos revisitado toda a nostalgia, contado um ao outro tudo o que há de novo a partilhar, acumulado algumas memórias recentes para que as velhas não fiquem gastas. Depois de cuidarmos da nossa amizade como a orquídea rara que é, ele dá-me um toque com o pé, serve-me outra bebida e diz: «Como é que achas que anda o Fred Byrne? Onde achas que estará agora?»

Remoemos hipóteses e, por fim, acabamos por abrir o portátil. Aileen Harrington, Deenie Harrington, Deenie Harrington-Byrne, Fred Byrne, Frederick Byrne, Dr. Frederick Harrington-Byrne.

A única rede social que qualquer um deles tem é a página privada do Facebook da Deenie. A única fotografia a que temos acesso é a dela, de óculos de sol, diante de uma parede branca num país quente. A fotografia é a mesma há quatro anos.

O Dr. Byrne ainda dá aulas na UCC. Não publicou nenhum livro desde *A Dieta de Kensington*, e, quando nos sentimos egocêntricos, eu e o James perguntamo-nos se isso se deverá a nós.

Fiz o teste de gravidez mal cheguei a casa, e deitei-me na cama com ele a meu lado. O resultado deu positivo e liguei ao James.

— Onde estás?

— No trabalho — disse ele, consternado. Chateava-o o facto de eu já não ter de trabalhar aos fins de semana.

— Estou grávida.

— Foda-se.

— Eu sei.

— Aguenta aí. Vou já para casa.

Não sei o que terá dito ao Ben, mas chegou a casa em cinco minutos e passou o resto do dia comigo.

— O que vais dizer ao Carey? — perguntou. — É do Carey, não é?

— Claro! De quem mais poderia ser?

— Bem, não sei! Nem sequer desconfiava que não te tinha vindo o período. Vá-se lá imaginar que segredos andas a esconder.

Ele não sabia o que fazer comigo. Eu também não sabia o que fazer comigo. Nunca fui boa a entrar em pânico total na altura certa. Há uns anos, quando a minha mãe estava doente, permaneci glacialmente calma. Agi sem esforço, como uma boa filha. Parecia que estava a lidar magnificamente com a situação, motivo pelo qual os meus amigos deixaram de me ir visitar tão frequentemente, e, quando o verdadeiro colapso ocorreu, um mês depois, dei por mim não só a chorar copiosamente, mas curiosamente sozinha.

Essa reserva, que o James descreve como a minha «qualidade ancestral de elemento da classe média», havia-se assenhoreado da minha psique. Eu estava completamente imóvel, incapaz de considerar a ideia de uma criança a crescer dentro de mim.

— O que queres fazer, Rache? — perguntou ele, dando-me um abraço.

— Ainda tens o carro da tua mãe?

A Nicola estava de férias e deixara o James ficar com o carro durante duas semanas.

— Sim.

— Podemos ir a um *drive-thru*?

— Claro — respondeu ele. — A qual?

— Qualquer um. Eu... só... quero... — Não sabia o que estava a pedir, nem porque o queria. Havia um *drive-thru* do McDonald's perto da casa dos meus pais, e era lá que a minha mãe nos levava quando tínhamos um dia mau na escola.

Entrámos no carro.

— Há alguma hipótese de ser um falso positivo? — perguntou o James, tentando educadamente quebrar o meu silêncio. — Será que deveríamos comprar outro teste?

— Não, não vale a pena — respondi. — Da forma como me tenho sentido... bate certo.

Entrámos na fila do McDonald's. O carro à nossa frente tinha duas crianças, dois gémeos, que nos faziam caretas pelo vidro de trás, fingindo ser peixes-balão. Abanavam as mãos junto às bochechas, a

imitar guelras.

— Que idade achas que eles têm? — perguntei.

— Seis? — arriscou o James. — Sete?

— Preciso de fazer um aborto — declarei. — Não... Como é que se faz um aborto, mesmo?

— Hum... em Inglaterra.

— Bem, obviamente em Inglaterra — disse. — Mas... a quem é que se liga?

Não conseguia acreditar no pouco que sabia sobre aquele processo, apesar de ter estado mergulhada no debate sobre a interrupção voluntária da gravidez desde a adolescência. Em 2002, ano em que tive o meu primeiro período, houve um referendo, derrotado, para permitir a interrupção voluntária da gravidez a mulheres cuja saúde estivesse seriamente em risco. Tratava-se da notícia mais antiga a que me lembro de ter prestado atenção. É impossível pensarmos no período sem pensarmos em sexo, e a longa sombra de um potencial aborto pairava sobre todos os pensamentos que o envolvessem. Pensei muito em violação, em ter um filho de um violador e se seria ou não suficientemente suicida para convencer o Estado de que precisava de um aborto. Criei narrativas telenovelas de mim para comigo, simulações aterrorizantes que se iniciavam como um questionário em fluxograma na parte de trás da revista *Mizz*.

Lia sem parar, discutia incessantemente, zangava-me muito com o meu pai por causa disso. O meu pai, apesar de ter votado a favor da revogação da Oitava Emenda em 2018, não estava tão convencido no início dos anos noventa. Falava de «falácias», do aborto como «a nova pílula do dia seguinte» e de mulheres que se arrependeram da sua decisão de ir a Inglaterra, muitas das quais dizia conhecer. Era médico e era suposto que eu levasse o que ele dizia a sério; mas era dentista e meu pai, pelo que não o fiz.

Mas, em todos aqueles debates à mesa de jantar, alguns dos quais acabaram em dias sem nos falarmos, nunca me debrucei sobre os aspetos práticos de uma interrupção voluntária da gravidez. A quem telefonar, quanto é que custava, tudo isso.

— Há comprimidos — disse o James. — Podes fazer uma encomenda por correio. — São ilegais, mas consegues comprá-los.

Eu lera sobre os comprimidos, principalmente em situações em

que a utilizadora tivera uma hemorragia ou morrera.

Estávamos então na janela do *drive-thru*. Pedi batatas fritas e um batido. O James comprou uns *nuggets*. Sentámo-nos no parque de estacionamento e comemo-los tão devagar que ficou tudo frio.

— Não quero mesmo ir a Inglaterra — desabafei. — Não quero fazer isto.

Os olhos do James arregalaram-se. Fazia lembrar um dos gatos da mãe.

— Queres *tê-lo*?

— Não — ripostei, irritada.

— Queres... dá-lo para adoção?

— Meu Deus, não! Não estou nos anos cinquenta.

A adoção era, de alguma forma, a opção mais aterradora de todas. A ideia de ter um filho do Carey e de me separar dele, de haver mais uma parte daquele rapaz por aí, e que eu nunca conheceria.

Foi então que me caiu a ficha. O filho do Carey. O primeiro homem que eu amara de verdade, que me fascinara de verdade, e eis que agora ele estava preso em Derry por tempo indeterminado e eu trazia um filho seu no ventre.

Imaginei um mundo em que tinha o bebé. Havia algo de romântico nisso, que valia a pena alimentar. De qualquer forma, não havia empregos na Irlanda. Eu podia dedicar-me à maternidade e encará-la como uma hibernação, metendo a cabeça de fora dali a cinco anos, quando o miúdo comesse a ir para a escola e eu pudesse atirar-me de verdade ao mercado de trabalho. Podia contar ao Carey. Imaginei-me grávida de seis meses e a parecer a Tess dos d'Urbervilles, à espera na estação de comboios em Derry. Ele ficaria chocado, e, a seguir, quando o choque passasse, diria algo delicioso e inesperado, como sempre fazia. Ele, que sempre gostara da voluptuosidade do meu corpo, gostaria ainda mais de mim grávida. Acariciar-me-ia as curvas, os seios inchados, a barriga grande e firme.

Haveria algo de belo nisso. A mãe dele a esmorecer, a nossa gravidez a prosperar. Ela conheceria o neto e iria gostar de mim. Já havia tantas crianças na família do Carey que outro miúdo ruivo-aloirado a correr por ali não faria quase qualquer diferença. Podíamos viver em casa dos pais dele durante uns tempos. Era grande, pelo menos fora o que ele dissera, e estava quase vazia agora.

Quase que o conseguia ver. Via-o da mesma forma que via Londres, um universo paralelo, acessível com apenas um passo definitivo da minha parte.

— O que achas? — perguntei ao James.

Ele levantou as mãos.

— Não vou dizer nada.

— Porque não?

— Porque a decisão tem de ser tua. Não quero convencer-te acidentalmente a fazeres uma coisa ou outra. Mas... fazas o que fizeres, Rache, eu estou aqui. Vou para Inglaterra contigo, ou ajudo-te com o bebé, como quiseres. Vamos fazer com que resulte.

Abriu-se um terceiro mundo. Um em que eu e o James Devlin criávamos um bebé juntos em Cork, e esse mundo, apesar de potencialmente interessante para uma série de televisão, era o mais horrível de todos. Eu tinha ideias e imaginava cenários, mas o James acalentava um sonho real. O James tinha de se tornar argumentista de televisão, e essa fantasia era suficientemente rebuscada para um irlandês homossexual sem uma relação amorosa. Tornar-se-ia impossível se ele estivesse a ajudar a criar um bebé.

Apercebi-me de que o mundo em que me mudava para Derry, que era o mais atrativo para mim naquele *buffet* de más opções para ficar com o bebé, era também o mundo em que eu já não vivia com o James. Quase não o veria. E, embora isso pareça infantil e dependente, eu era, naquela altura, muito infantil e dependente. Não conseguia suportar a ideia de não o ver, de não viver com ele.

— Acho que devíamos começar a telefonar para sítios em Inglaterra.

Já eram seis horas e fim de semana, pelo que telefonar para Inglaterra estava fora de questão até segunda-feira.

— Vais ligar a dizer que estás doente? — perguntou ele. — Ao *call center*.

Eu passara vinte minutos a viver em vários universos paralelos imaginários, e o facto de o *call center* ainda existir, apesar de todos eles, foi chocante para mim.

— Não — respondi. — Vai custar dinheiro, não vai? Os voos e tudo isso. Vou precisar de dinheiro.

Não sei como conseguimos sobreviver àquele fim de semana.

Apesar do facto de eu ter decidido fazer uma interrupção voluntária da gravidez, a qualidade que herdara de membro da classe média dizia-me que não devia beber. Não queria fazer mal ao bebé que tencionava matar.

O James também não bebeu. Voltámos à nossa rotina de janeiro, mês durante o qual vivíamos no quarto dele. Pareciam os dias que sucedem uma morte, em que o ar fica estagnado e nos envolve num cobertor protetor. A quietude que diz: *Acabou de acontecer uma coisa importante*, e a atmosfera vai permanecer imóvel até que haja espaço no universo para que outras coisas possam acontecer. Vimos todos os filmes em que a Cher participou que conseguimos encontrar em DVD. *A Minha Mãe É Uma Sereia*, *As Bruxas de Eastwick*, *O Feitiço da Lua*. Encomendámos duas pizzas grandes e comemo-las lentamente durante o fim de semana, aquecendo as fatias na frigideira.

O Carey ligou-me duas vezes no sábado. Não atendi nenhuma das vezes. Ligava-me em busca de um ligeiro alívio, uma distração da doença, e eu não lho podia conceder. Sabia que, se atendesse o telefone, iria querer ficar com o bebé e contar-lhe tudo.

Foi a única vez que o James me deu qualquer tipo de diretriz.

— Não o castigues — pediu-me. — Conta-lhe ou não lhe contes, mas não o ponhas de parte. Ele já está a passar por um mau bocado.

Falámos no domingo à noite.

— Como estás, minha linda? — perguntou ele, como se tivesse estado ao sol. — Ouve, estive a pensar.

— Em quê?

— Sexo ao telefone.

Foi a primeira vez que me ri durante todo o fim de semana. Ele era uma pessoa tão tonta, não fazia ideia de que eu estava grávida, e eu, de repente, só queria passar umas férias dentro daquela conversa telefónica.

— Porque é que te estás a rir? Acho que seríamos bons! Somos ambos suficientemente verbais, não somos?

— Não sei se conseguiria levar isso a sério.

— Vá lá, dá-lhe uma hipótese.

— Agora?

— Não, vamos conversar durante uns minutos e depois podes surpreender-me. Anuncia que as tuas roupas te caíram do corpo, ou

assim.

Voltei a rir-me e falámos sobre o que se passava em Derry. A sobrinha mais velha dele começara o secundário. Ele queria saber quando seria a cerimónia da minha formatura.

— Não sei, em meados deste mês, por aí.

— Não me parece que estejas preocupada.

— Parece que já foi há tanto tempo — retorqui, e estava a falar a sério. — A faculdade. Parece-me não fazer qualquer sentido. Não sei no que estava a pensar quando decidi tirar o curso de Inglês.

— Arrependo-me muito de nunca te ter ido ver à faculdade.

— Para me ver? Porquê?

— Oh, não sei. Ver-te a escrever os teus pequenos ensaios. Seguir-te até aos corredores de livros. Sempre tive uma fantasia com a biblioteca, desde pequeno.

Perguntei-me se aquilo não seria a janela a abrir-se para o sexo telefónico.

— Qual era a fantasia?

— Oh, tu sabes. — Ouvi um ligeiro ranger do colchão, e percebi que se deitara. — Uma bibliotecária linda, com mamas grandes, a tentar encontrar-me um livro raro.

Nos últimos dois dias, eu passara tanto tempo nos meus próprios mundos imaginários interligados que era incrível visitar o de outra pessoa.

— Continua.

— Então, podias subir para um daqueles escadotes — disse ele, ainda num tom descontraído. — E eu...

Era evidente que ele já fizera aquilo. Nunca fui pessoa de perguntar sobre ex-namoradas, preferindo presumir que os homens estavam pura e simplesmente a dormir antes de eu os conhecer. Falou sobre olhar para a minha saia justa («Saia-lápis?», perguntei, estragando o ambiente por um segundo), de me passar a mão pelas pernas, de me sentir húmida até às coxas. Pressenti que era a minha vez de assumir o controlo, fechei os olhos e falei do corpo dele. Foi fácil. Já pensara tanto no corpo dele.

Apesar de tudo, consegui perder-me nele. O facto de estar grávida quase contribuiu para a experiência. Eu não era apenas uma bibliotecária. Eu era uma bibliotecária... *com um segredo*. Tocámo-nos,

falámos um com o outro e foi magnífico até ele começar a falar em vir-se.

— Caramba, quero vir-me dentro de ti — começou ele, toda a narrativa atirada pela janela.

Não parava de o dizer. Eu conseguia ouvi-lo a aproximar-se do clímax. Fiquei gelada. Afinal de contas, ele viera-se dentro de mim. Era por isso que eu me encontrava naquela situação. Fiquei em silêncio. Nessa altura, já ele estava completamente entregue a si próprio.

Quando terminou, repetiu em contínuo o meu nome.

Foda-se, foda-se, Rachel, Rachel, foda-se.

Perguntei-me se seria normal agora despedir-me e desligar o telefone, mas a sua voz voltou por completo.

— Desculpa, não consegui esperar — explicou ele.

— Esperar pelo quê?

— Bem, por ti.

— Oh, não faz mal.

Eu sabia que haveria algo de estranho na minha voz e que ele perceberia.

— Estás bem?

— Sim. Foi divertido.

— Achas que temos um novo passatempo à distância?

— Acho que sim — respondi, e tentei manter a sensualidade na voz. — Tenho saudades tuas.

Desligámos o telefone pouco depois. Quando saí do quarto, encontrei um *post-it* na porta; nele encontrava-se o número de telefone da Marie Stopes International.

Foi uma semana de conversas telefónicas invulgares.

Liguei para a Marie Stopes na segunda-feira de manhã. Informaram-me de que precisava de fazer uma consulta antes e forneceram-me uma lista de clínicas onde poderia marcar, na Irlanda. Havia duas em Cork. Depois de ser vista por um médico, encaminharam-me para uma clínica privada no Reino Unido.

Nos anos que se seguiram, passei tanto tempo a relatar, entrevistar e editar as experiências de várias mulheres irlandesas no que toca ao aborto que a minha mente fundiu a minha própria experiência com as delas. Os nossos roteiros são demasiado semelhantes. Tudo começa

sempre com um telefonema, seguido de uma consulta, e depois seleciona-se uma clínica, não tanto tendo em conta a segurança ou as capacidades médicas, mas o destino para onde a Ryanair está a fazer descontos nesse mês. Por vezes, Manchester é mais barato, outras é Londres.

Há um campo limitado de opções — e um campo limitado de emoções para as acompanhar. Assustada, triste. Zangada por ter de viajar. Zangada comigo própria por ter sido irresponsável. Zangada com o médico por me ter perguntado se tinha a certeza de que queria uma interrupção da gravidez, o que, suponho, é uma pergunta sensata, mas que me irritou, ainda assim. Será que me irritou? Será que li tanto sobre esta experiência em particular que os meus sentimentos se ligaram a um centro nevrálgico global do pensamento das mulheres irlandesas acerca do aborto?

É impossível dizer.

As únicas memórias claras são aquelas em que o James aparece.

Fomos juntos à clínica em Cork na quarta-feira, onde fiz outro teste, e onde o médico confirmou que eu estava grávida de nove semanas. Expliquei que haviam passado apenas seis semanas desde que eu e o Carey tínhamos tido sexo sem proteção, mas aparentemente isso não importava. A gravidez era, surpreendentemente, contada a partir da data da última menstruação. Depois, ele saiu da sala e informou que a seguir viria uma enfermeira para discutir «as nossas opções».

— Oh, meu Deus — disse o James. — Aposto que ele pensa que eu sou o pai.

— Ainda bem. Espero que sim — respondi-lhe. — Não quero que ele pense que engravidei por ser uma oferecida. Quero que ele saiba que há quem goste de mim.

Foi a primeira vez que o James pareceu chocado com algo que eu tivesse dito. Se não estivéssemos ali para marcar o meu aborto, ele ter-me-ia compreendido.

Olhou para os folhetos das clínicas em Inglaterra.

— Não tens de sentir vergonha de nada disto — murmurou.

Ri-me. Fiz um pequeno som enojado, como quem limpa a garganta, como se fosse uma loucura sentir-me assim.

Mas o que há de irlandesa em mim levou a melhor.

— Mas é ilegal.

— Sim. — Ele ergueu uma sobrancelha. — E a sodomia também, até, tipo, 1993 ou isso. Portanto, somos ambos basicamente criminosos.

Franzi o sobrolho.

— Sim, como a Bonnie e o Clyde.

Sorrimos, porque tínhamos visto o filme da Faye Dunaway não há muito tempo. O James pegou-me na mão, adotando o seu sotaque sulista.

— Chamam-lhes assassinos a sangue-frio, dizem que não têm coração e são maus. Mas eu digo com orgulho que conheci o Clyde em tempos...

O meu amigo encostou os lábios aos nós dos meus dedos e pressionou-os com força, olhando-me de seguida nos olhos para terminar a deixa.

— ... e ela era honesta, reta e limpa.

A enfermeira entrou no quarto no momento em que o James ainda me segurava a mão, e ele não a largou enquanto ela se nos dirigiu. Explicou-me que poderia marcar uma interrupção voluntária da gravidez no Reino Unido para dali a duas semanas, o que me levaria às onze semanas, e que eu poderia escolher entre uma interrupção farmacológica e uma cirúrgica. A farmacológica passava apenas por tomar um comprimido, mas era doloroso, e fazia-se em dois dias, o que significava reservar duas noites em Inglaterra. A cirúrgica era mais comum junto das mulheres irlandesas em viagem. Assenti com a cabeça. Se a cirúrgica era o que a maioria das mulheres irlandesas fazia, então optaria por isso.

Saí da divisão enquanto a enfermeira ainda estava a falar. Imaginei o meu regresso à Irlanda, toda esvaziada e raspada.

— Desculpe — disse o James, fazendo-me regressar ao quarto. — Disse *quinhentos* euros?

— Quinhentos? — guinchei. — Está a falar a sério?

— Não temos essa quantia — disse ele.

— Pois não, não temos — ecoei.

A enfermeira fez um aceno de cabeça, com uma empatia praticada. Provavelmente, tinha aquela conversa uma dezena de vezes por dia.

— Parte desse valor é o preço da consulta que vai pagar hoje — explicou, sem ser de grande ajuda. — Que é sessenta e cinco euros. O resto pagará quando lá estiver.

Ficou combinado que eu ligaria mais tarde nesse mesmo dia quando tivesse decidido o que pretendia fazer. Paguei os sessenta e cinco euros e saímos da clínica. Inclinei o corpo sobre o gradeamento do rio Lee, tentando respirar o ar húmido.

— Não te atires, por amor de Deus.

— Como é que vou pagar aquilo, James? — perguntei. — E depois há a questão dos voos.

— E o hotel — disse ele suavemente.

— E a merda do hotel — acrescentei.

Ele sentou-se junto ao gradeamento.

— E, para sermos realistas, há que contar com os transportes públicos, os táxis, o almoço e o jantar para os dois. Podemos levar sandes, mas não para todas as refeições.

— Os dois?

— Não te vou deixar ir *sozinha*. — Contemplou o rio. — Temos quinhentos e cinquenta e sete euros na nossa conta.

— Metade disso é teu.

— É o *nosso* dinheiro. Havemos de o recuperar. Teremos de deixar para mais tarde o momento de emigrarmos.

Abracei-o, os braços a rodear-lhe a cintura, os dele em volta dos meus ombros. Parecíamos mesmo um casal. Senti o seu corpo magro a ficar tenso e amei-o, não porque fosse fácil para ele dizer adeus àquele dinheiro, mas porque lhe era incrivelmente difícil.

— Precisamos de mais duzentos, pelo menos, para os voos e tudo o mais — observei. — E temos de os reservar para breve, por isso vai ser ainda mais caro.

— Duzentos! — zombou ele. — Trezentos, pelo menos.

Quando chegámos a casa, fomos ver os voos. Os para Londres estavam todos na casa das muitas centenas; encontrámos alguns para Manchester por sessenta e cinco euros cada, desde que não levássemos bagagem.

— Achas que a Ryanair faz grande parte do dinheiro com abortos? — perguntei, frouxamente. — É um modelo de negócio espantoso se pensarmos nisso.

Voltei a ligar para a clínica para confirmar que optara por Manchester. Reservámos os voos com o cartão da nossa conta poupança.

— Temos de ir mendigar — disse ele, com um suspiro. — Vamos fazer uma lista.

Eis a lista que elaborou:

Pais da Rachel

Carey

Pais do James

Ben?

Call center

Harrington-Byrnes

— Os meus pais não têm dinheiro — disse eu. — E não lhes vou contar, de qualquer forma. O meu pai é pró-vida.

— E o Carey?

— Definitivamente não tem. Está desempregado e a cuidar dos pais. — Olhei para a lista. — E não posso pedir aos *teus* pais; não os conheço.

Risquei os três primeiros, juntamente com o Ben, que era uma ideia estúpida.

— Podia pedir um adiantamento ao *call center* — disse, sentindo, logo de seguida, uma vaga depressiva a apoderar-se de mim. Não queria ficar a dever um favor ao *call center*. Já fazia todas as viagens de autocarro a caminho de lá com esperança de que tivesse ardido na noite anterior. — Talvez só cem euros, do meu próximo ordenado.

— E podias pedir ao Fred e à Deenie mais cem — sugeriu o James. — Ou talvez duzentos. Eles adoram-te. Dar-tos-ão de bom grado.

Contorci-me.

— Não sei. Não quero que eles... saibam isto sobre mim.

Imaginei-me a contar à Deenie e ao Dr. Byrne sobre a minha situação. Sobretudo, tendo em conta o que sabia acerca do seu insucesso no que tocava a assuntos de gravidez. Ela iria odiar-me por isto. Eu caíra, ébria, num estado em que ela andava a tentar entrar há anos.

— Podias pedir ao Fred — propus. — Para a Deenie não saber. Ele mordeu o lábio.

— Não sei. Acho que acabámos, outra vez.

Endireitei-me.

— Porquê?

O James era sempre tão minucioso relativamente a tudo o que envolvia o Dr. Byrne. Era um ato de graça notável que não tivesse partilhado aqueles novos problemas comigo enquanto eu planeava o aborto.

— Não está a atender as minhas chamadas. Não sei. Se calhar, a Deenie andou a vasculhar-lhe o telemóvel ou assim. Embora eu conste na lista telefónica como «dentista». Talvez ela tenha decifrado o código.

— Não me digas! Achas?

Ele assentiu tristemente com a cabeça.

— Acho, sim.

— Bem, ela não me disse nada.

— Sim, mas porque o *faria*?

No dia seguinte, pedi para falar a sós com a minha supervisora.

— Sei que não trabalho aqui há muito tempo, mas queria saber se poderia pedir um adiantamento do salário deste mês. É uma emergência. Juro que não estaria a pedir se assim não fosse.

Ela riu-se.

— Boa tentativa.

Mais tarde, nesse mesmo dia, recebi a visita da funcionária de recursos humanos responsável pelas folhas de pagamentos e presumi que a minha supervisora tivesse mudado de ideias.

— Rachel Murray? — chamou ela, enquanto eu ainda estava ao telefone. — Ainda não recebemos o seu P45^[3].

— Oh. — Não sabia o que fazer. Nunca tivera um novo emprego. A O'Connor havia sido o único. — Como é que eu...?

— Tem de telefonar à sua antiga empresa e pedir-lhes que lhe enviem a carta.

— Está bem. Faço isso hoje.

Ela começou a afastar-se.

— Mas, ainda assim, serei paga no dia certo, não é?

— Hum?

— Se eu receber o meu P45 amanhã. Vou receber o salário na mesma? No último dia útil do mês?

— Não, é provável que seja colocado no imposto de emergência.

— É provável?

— Não tenho a certeza — disse ela. — Mas é provável.

Sai do edifício e sentei-me na relva junto à estrada, com a cabeça nos joelhos.

Recebi a confirmação por *e-mail* da minha consulta em Manchester e apercebi-me de que o dia do aborto seria 26 de outubro, o da minha formatura na UCC. Nessa tarde, recebi um telefonema do meu pai a perguntar-me pela data da formatura.

— Oh, não vou — informei-o, o mais despreocupadamente possível. — Eu e o James vamos fazer uma viagem a Manchester. Vamos divertir-nos.

— Porque é que não vais?

— É caro para o que é — respondi. — Sabes, o aluguer do traje e tudo isso. É uma espécie de fraude. E nunca me senti muito ligada ao curso. Acho que seria estranho. Não tinha amigos.

— Acho que devias ir, Rachel — disse ele. Parecia desapontado. Afinal de contas, eu era a sua filha mais velha e tenho a certeza de que a formatura é um momento pelo qual um pai anseia. Já tinham tão poucos dias de lazer. — Acho que te vais arrepender, quando olhares para trás.

Fechei os olhos e engoli como se estivesse a tomar um comprimido.

— Tive de *trabalhar tanto* durante a faculdade — expliquei. — Acho que não iria aproveitar assim tanto.

Aquilo bastou. Eu sabia que sim. Agora, o meu pobre pai sentia-se repleto de culpa pela experiência universitária que eu não tive, fruto do facto de ele não me ter podido pagar as propinas.

— Bem, se tens a certeza.

— Tenho a certeza.

Não queria desligar imediatamente. Não tão pouco tempo depois de o ter desiludido.

— Pai... — disse eu, de forma hesitante. — Como estás?

— Acho que a tua mãe quer dizer alguma coisa — respondeu ele, e passou-lhe o telefone.

Não sei bem como, chegou o fim de semana outra vez e tinha o jantar em casa dos Harrington-Byrnes. Era demasiado cedo na

gravidez para que o meu corpo o revelasse. Porém, ainda assim, andava paranoica. Todas as roupas que experimentava pareciam realçar a minha barriga, e o meu peito estava a chegar à fase sensível, pelo que os *soutiens* me magoavam.

O James sentou-se na minha cama e ficou a ver-me a experimentar roupa.

— Sinto-me um pouco estranho por ires lá — anunciou. — Ao jantarzinho de luxo deles, enquanto eu fico em casa, a Cinderela com os ratos.

— Desculpa — pedi, enfiando outro vestido.

— Não me podias levar? Como teu acompanhante?

— Em primeiro lugar, é demasiado tarde para introduzir um acompanhante na equação. Eles já cozinham. Em segundo lugar, *não*. Tu e o Dr. Byrne passariam a noite a fazer olhinhos um ao outro.

Optei por um vestido comprido, de manga curta e em tons de verde-menta. Eu e a minha mãe tínhamo-lo comprado há anos para a festa de batizado de uma prima, e eu não o usara desde então.

— Como estou?

— Como se nunca tivesses tido um dedo no cu.

— *James*.

Ele deitou-se e olhou para o teto.

— É estranho ires jantar com o meu namorado quando não o vejo há uma semana.

Fui a pé para casa deles, levando uma garrafa de vinho de nove euros e praticando conversas para adultos. Tinha de tratar aquele jantar como a oportunidade que era. Tinha de me fazer visível diante daquelas pessoas. Agora que já não ia ser mãe, precisava de resolver a questão da carreira, com ou sem recessão.

Bati à porta, ouvindo vozes e música alta do outro lado. Parecia que eu estava à espera de ser sugada por um portal para um mundo adulto.

Uma mulher que eu nunca antes vira abriu a porta. Tinha cerca de trinta anos, um elegante rabo de cavalo loiro-acinzentado e um macacão preto sem costas.

— Oh, olá! — disse ela, esperando ansiosamente que eu me apresentasse.

— Olá — respondi timidamente. — Sou a Rachel. Trabalho com a

Deenie...

— Certo! — respondeu ela. — Entra, entra, desculpa, a Deenie está a tratar das vieiras, e eu estou de serviço à porta. Já agora, chamo-me Ciara. Fiz a revisão do manuscrito.

Pendurei o casaco, pensando: *Julgava que tinha sido eu a rever o manuscrito.*

Estavam dez pessoas na cozinha e quatro sentadas no sofá da pequena sala de estar. A Deenie olhava ansiosamente para as vieiras e parecia não me ter ouvido chegar. Eu não via o Dr. Byrne em lado nenhum. A Ciara apresentou-me a toda a gente, um bando de pessoas dos livros que acenaram educadamente com a cabeça quando lhes expliquei o meu papel.

— Sou uma espécie de assistente — disse eu. — Ajudei com as autorizações e esse tipo de coisas.

— Uma espécie de estágio? — perguntou um homem de cabelo cor de areia, cortado rente. Era outro editor da editora da Deenie e parecia o tipo de homem que fazia *surf* no inverno. É evidente que nunca ouvira falar de mim.

— Sim, mais ou menos.

— Caramba, ouviste dizer que agora há pessoas com mestrados a fazer estágios em Dublin? Tens um mestrado?

— Não — respondi, sentindo-me profundamente incompetente. — Na verdade, acabei agora a licenciatura. Vou receber o diploma em breve.

— Oh, uau! — exclamou o homem com a cabeça arenosa. — Imagina ter toda essa experiência antes mesmo de te licenciares. Vais ser uma ótima candidata para o próximo estágio para o qual fores entrevistada.

Não consegui perceber se ele estava a ser sarcástico ou apenas sincero. Eu achava que se fazia um estágio e depois se arranjava um emprego. E eu fizera um estágio.

— Onde está o Dr. Byrne? — perguntei, corrigindo-me logo de seguida: — Onde está o Fred?

— Oh, foi buscar mais vinho, acho eu — respondeu a Ciara. — Vem para a sala de estar. Está muito cheio e abafado aqui dentro.

Eu ainda não cumprimentara a Deenie, mas fui conduzida para a sala de estar. Havia três pessoas da universidade, que reconheci como

sendo do departamento de Inglês. Apenas uma delas me reconheceu. Chamava-se Anne Sheehan e lecionara vários módulos de cinema que eu frequentara. Era mais ou menos da idade do Dr. Byrne, mas eu nunca pensara que pudessem ser amigos, ou que os professores socializassem juntos.

— Oh, olá! — disse ela alegremente. — Eu conheço-te. Rachel, não é?

— Sim — respondi. Sentia-me do tamanho de um dedal. — Rachel Murray. Fiz o seu seminário de cinema *noir*.

Um homem, o namorado dela ou marido, parecia muito entusiasmado com o facto.

— Oh, meu Deus! — exclamou, envolvendo-a com o braço. — Vamos jantar com uma das tuas alunas?

— Ex-aluna — precisei. — Vou receber o diploma em breve.

— Isto é um sonho tornado realidade — continuou o namorado ou marido. — Estou sempre desesperado para assistir a uma das aulas da Anne, mas ela nunca me deixa, diz que ficaria ansiosa. Sempre quis saber até que ponto ela é boa professora.

— Oh, bem — respondi, sem saber ao certo o que ele queria de mim. — Ela é muito boa.

— Deixa-me testar-te — pediu ele. — Deixa-me ver se a Anne é realmente boa.

A Dra. Sheehan contorceu-se um pouco.

— Não lhe faças isso, Con. Ela não quer ser questionada na sua noite de folga. — Olhou para mim com uma expressão apologetica. — Não lhe liguês, Rachel.

O Con estava ligeiramente ébrio. Parecia esse tipo de homem, o homem que chega demasiado cedo a uma festa e bebe tudo o que encontra pela frente. Conhecia esse tipo, das festas a que eu fora, e fiquei surpreendida por ver que não mudavam na vida adulta.

— Está bem, não te vou interrogar; diz-me só o que sabes.

— O que sei sobre o quê? — perguntei, confusa.

— *Noir*. O cinema *noir*.

Senti-me como uma criança a quem pedem para cantar. Estava desesperada para que o Dr. Byrne viesse salvar-me.

— Bem, hum — comecei. — As imagens do cinema *noir* baseavam-se muitíssimo na pintura expressionista alemã, na utilização

da luz para transmitir um determinado ambiente.

— Oh, Annie, tu és boa! — exclamou o Con. — Pintura expressionista alemã!

Eu só queria morrer. Olhei para a Dra. Sheehan. Parecia partilhar do meu sentimento. Pela primeira vez numa semana, eu não estava a pensar no facto de me encontrar grávida.

— Já chega. Como estás, Rachel? Senta-te.

Ouvi a porta da entrada a bater e depois os passos pesados do Dr. Byrne.

— Trago bebidas — anunciou ele. — Podem ficar todos descansados. Temos o suficiente para adormecer um elefante bebé.

— Isso não são modos de te referires a ti, Fred — gritou a Ciara.

— Mesmo a tempo. As entradas estão prontas — ouviu-se a Deenie a dizer.

— Vamos sentar-nos?

— Sim, vamos.

Eu, a malta da UCC e o terrível Con dirigimo-nos para a cozinha. A mesa perto da janela fora aberta e coberta com uma toalha branca. Algumas pessoas vieram do jardim das traseiras, onde haviam estado a fumar. Toda a gente teve de se encostar à parede para encontrar o respetivo lugar. Havia cartões a anunciá-los e alguns tinham alcunhas, como «Botas», «Maricas» e «O Nariz». Outros limitavam-se a anunciar um nome, como «Anne».

Perguntei-me se a Deenie teria uma alcunha para mim, que eu desconhecasse, porque não conseguia encontrar o meu nome. Eu era a última pessoa de pé numa sala cheia de gente sentada. Foi então que os Harrington-Byrnes me viram finalmente. Grávida de dez semanas, num vestido comprido em tons de verde-menta, que, pensando bem, não era tão elegante como deveria.

— Rachel — disse o Dr. Byrne. Estava a abrir uma garrafa de vinho, com a cara paralisada pelo choque.

A Deenie servia as vieiras e olhou para cima. O seu rosto branco ficou escarlata, a sua expressão imobilizada, as mãos estáticas.

— Rachel — repetiu ela.

— Olá. — Só me encontrava ali há dez minutos e já fora alvo de tanta humilhação. Só me apetecia chorar. Depois, com o máximo de jovialidade que consegui reunir, perguntei: — Enganei-me na noite?

Toda a gente na mesa me escrutinava, confusa. Eram catorze convidados e duas cadeiras para os anfitriões. Não havia nenhuma para mim.

O editor de cabelo claro falou.

— Iam obrigar a vossa estagiária a comer no jardim, malta?

— Não — respondeu o Fred, num tom robótico. — Que bom verte, Rachel. A Aideen... esqueceu-se de me dizer que te tinha convidado.

— Bem — disse eu, sem jeito —, aqui estou eu.

Ele entrou no escritório e arrastou uma cadeira para a cabeceira da mesa. A Deenie começou a passar os pratos de vieiras com morcela.

Esforcei-me por disfarçar o meu horror. A cadeira de escritório destacava-se das outras e, se me sentasse nela, ficaria exposta durante toda a refeição.

— Rachel, fica com o meu lugar — pediu o Dr. Byrne, com uma falsa alegria. — Eu sento-me no trono.

Pelo menos metade dos convidados sentia uma imensa vergonha alheia. Ocupei lentamente o lugar do Dr. Byrne. Mentalmente, repeti a conversa telefónica com a Deenie. Ela *tinha-me* convidado, não tinha? Será que eu já estava a passar pelas alterações neurológicas típicas da gravidez?

As pessoas retomaram uma espécie de conversa estranha, demasiado educadas para perguntar o que se passava.

A Deenie convidara-me mesmo. Caso contrário, como é que eu saberia que havia um jantar? Se calhar, falara-me do jantar, mas mencionara-o de passagem, e eu interpretei-o mal como um convite. Talvez ela me tivesse contado, mas tivesse encontrado uma forma delicada de me pedir ajuda para o *catering*, e eu tivesse pensado que era um convite.

Mas eu estava certa, tão certa como o feto de dez semanas no meu ventre, de que a Deenie me telefonara a convidar-me para aquele jantar. Até tinha dito que eu poderia fazer alguns contactos. Explicara-me que eu fazia parte da equipa responsável pela edição de *Pequenos Fogos*. Eu tinha o livro em casa. Com o agradecimento por lhe ter policiado o tom.

Naquele momento, eu estava a dar cabo do ambiente. Na cozinha, teve lugar uma matemática avançada com vieiras e passaram-me um

prato com uma, enquanto todos os outros tinham duas.

O cheiro a peixe misturava-se com o fumo terroso da morcela. O meu estômago revirou-se e eu bebi um longo gole de água, querendo desesperadamente engasgar-me.

— Desculpa — disse a mulher ao meu lado —, acho que esse é o meu copo.

— Desculpe, desculpe — murmurei, e peguei no meu, o copo que era suposto ser do Dr. Byrne.

O homem ébrio começou a balbuciar que achava que daria um ótimo professor e que sentia que perdera a sua oportunidade. Aquilo aliviou um pouco a tensão e o grupo começou a falar sobre todas as coisas parvas que cada um iria ensinar.

— Consigo sempre que uma caneta volte a funcionar depois de seca — disse a Ciara. — Podia dar um curso sobre isso.

— Vi todos os episódios de *Keeping Up Appearances* — disse outra pessoa. — Podia dar um curso sobre as tensões de classe na Grã-Bretanha do pós-guerra.

É evidente que já tinham pensado no assunto.

— Qual era mesmo o nome do cunhado? Algo estranho. Otto.

— Onslow.

— Onslow!

A Deenie e o Dr. Byrne estavam a conversar educadamente com as pessoas sentadas ao lado de cada um, mas nenhum deles olhava para mim, nem um para o outro. Eu queria desesperadamente ir-me embora, mas tinha noção social suficiente para saber que sair seria a única coisa pior do que ficar.

Por isso, fiquei, esmaguei a vieira com um garfo e pensei: *Por muito mau que isto seja, terá de acabar. Os jantares acabam sempre, eventualmente. É essa a natureza dos jantares.*

O prato principal saiu do forno, e cada um de nós recebeu um prato limpo e quente. O aroma a peixe foi substituído pelo cheiro intenso a carne, cebola e vinho.

A Ciara levantou-se para ajudar a Deenie. Era evidente que eram muito amigas e que tinham uma espécie de estenografia física, que reconheci. A Ciara olhou a Deenie nos olhos, perguntando-lhe sem palavras «Estás bem?». Aquilo pareceu animar a amiga.

— *Coq au vin!* — anunciou, aproximando-se da mesa. — Sei que é

um *cliché*, muito anos setenta, mas pode ser feito com antecedência, por isso...

— Divino!

— Fantástico!

— Deenie, és incrível.

— O *cheiro*, D, não consigo lidar com isto. Estou a salivar.

Surgiu o puré de batata, e o coro recomeçou.

— Puré!

— Oh, meu Deus, *puré*.

— A minha comida preferida: puré. Bom quente, bom frio. É versátil.

— Como é mesmo a deixa da Laurie Colwin? Sobre as pessoas só quererem comida de creche em jantares?

— Sim, ninguém gosta de comida complicada, para sermos sinceros.

— Puré!

Nos anos que se seguiram, sempre comparei as reações dos meus convidados às dos amigos da Deenie Harrington. Nunca ninguém ficou tão entusiasmado com o meu puré. O meu marido não o apreciava mesmo nada e acha o puré uma papa semelhante a comida de prisão. É, no entanto, louco pelas minhas batatas assadas.

Tenho-me perguntado muito se gostariam assim tanto dos cozinhados dela, ou se teriam apenas percebido que ela estava a sofrer e queriam fazê-la sentir-se bem. Acho que se tratou da segunda hipótese. Gostavam demasiado dela.

[3] No Reino Unido, e anteriormente na República da Irlanda, P45 é o código de referência de um documento intitulado «Detalhes Sobre a Saída do Funcionário do Trabalho». O termo é usado na gíria britânica e irlandesa para referir a rescisão de um contrato de trabalho. (*N. da T.*)

Um homem com uma grande cabeça — tipo, anatomicamente grande — finalmente falou comigo.

— Tenho estado a tentar descobrir de onde é que te conheço — disse-me. — Trabalhas na O'Connor, não trabalhas?

Sorri. Era a primeira vez que alguém me dirigia uma pergunta que não me fazia sentir como uma experiência científica.

— Sim, até há pouco tempo. Tiveram de reduzir imenso o pessoal, por isso já não trabalho lá. A recessão, sabe como é.

Ele assentiu com a cabeça.

— Sim, é isso. E estavas lá no lançamento do livro do Fred, não estavas?

A Deenie deixou cair o garfo, que chocalhou no chão. Toda a gente ergueu o olhar e depois olhou para mim.

— Sim — anuí. — Sim, ainda estava a trabalhar lá nessa altura.

— Correu bem — concluiu ele apressadamente, sentindo que cometera uma gafe. — Ficámos no bar até altas horas, depois.

A Deenie decidira que já estava farta e saiu dali. Era a desculpa de que eu precisava. Segui-a, o silêncio atrás de mim. Encontrei-a sentada na cama.

Quando me viu no vão da porta, soltou um grito. Como se eu fosse um fantasma, ou uma assombração.

— Sai do meu quarto — ordenou ela, a voz aguda e alterada pelas lágrimas. — Sai da minha *casa*!

— Deenie, o que se passa? — Tentei conter as lágrimas. — Convidou-me para vir ao jantar. Ligou-me para o trabalho e convidou-me.

— Isso foi antes — rosnou ela. — Isso foi antes de eu saber.

— Saber o quê?

Ela estava chocada. Ofendida por ser tomada por idiota.

— Que andavas a *foder* o meu marido.

— Deenie, porque é que pensa isso? Eu não fiz sexo com o Dr. Byrne.

— Oh, não te incomodes, Rachel. — Ela começou a enxugar as lágrimas de forma agressiva, como se quisesse arrancar uma parte da pele. — Já falámos sobre o assunto. Ele contou-me tudo. Também tentou mentir.

O Dr. Byrne apareceu à porta e pousou-me a mão no ombro.

— Acho que é melhor ires embora, Rachel.

— Não, quero ouvir o que ela tem para dizer. — A Deenie parecia a mulher do *Shining*, com os olhos vermelhos e o cabelo preto. — Meu Deus, haverá alguma forma de ter esta conversa sem parecer tão *aborrecida*? — prosseguiu, a voz inchada de nojo. — É tão aborrecido ser *esta* personagem. É a pior para se ser, sem dúvida. O marido mulherengo pode divertir-se imenso. A jovem assistente ordinária tem toda uma nova experiência de vida para escrever no seu diário. Mas eu limito-me a estar presa aqui, a sentir-me uma *idiota* por ter deixado esta pessoa entrar na minha *casa*.

— Não percebo. — Eu começara a chorar copiosamente. — Alguém me explique o que se está a passar.

— Vi as faturas — respondeu ela ferozmente. — Os recibos. Ele manda coisas para tua casa, Rachel. Manda vinho. E queijo.

— Oh, não.

— Sabia que ele andava a tramar *alguma*, mas nunca pensei que... Tu trabalhavas para mim, Rachel. Depois pediste-me para te levar a *casa*. Era para a *tua* morada que ele estava a enviar aquelas coisas. A morada da Rachel? A *minha* Rachel...

— Não andamos a fazer sexo — repliquei, mantendo-me fiel à verdade. — Deenie, eu não ando a fazer sexo com o seu marido.

— Ele admitiu-o, Rachel; mais vale admitires também.

Isto atingiu-me como um aríete. Ele *admitiu* ter dormido comigo?

A Deenie olhou para o edredão como se ponderasse enfiar-se debaixo dele.

— Fred, chama a Ciara.

Ele fez o que ela lhe pedira e a Ciara apareceu.

— Estás bem, querida? — A linda Ciara, no seu macacão sem costas, lançou uma olhadela à divisão e entesou-se, como um mordomo. — Queres que mande as pessoas para casa?

— Sim.

— Está bem.

Depois, desapareceu.

— Agora, também vou ter de lhe contar — disse a Deenie. — Embora toda a gente já tenha adivinhado. Isto será notícia em Cork amanhã de manhã. Espero que estejas satisfeita.

Quando proferiu aquelas palavras, a Deenie não estava a ser egocêntrica. A notícia andaria pelas bocas do mundo em Cork no dia seguinte de manhã porque Cork é, de facto, pequena a esse ponto. Esfregou os olhos.

— Porque é que não lhe ligaste a dizer que tinha acabado, seu parvalhão? Podias pelo menos ter-me poupado a humilhação de a receber na festa do livro do meu pai.

Fiquei sobressaltada ao ouvir a Deenie a praguejar daquela maneira. «Parvalhão» não era um vocábulo que eu estivesse à espera de a ouvir proferir.

— Nem sequer sabia que a tinhas convidado — replicou o Dr. Byrne frouxamente. — Nunca mo disseste.

— Não, claro. Afinal, ela é a minha amiguinha. Meu Deus, esta merda é tão... tão *Tudor*, Fred. Arranjas-me uma dama de companhia para ficares de olho nela?

Eu só queria gritar: *Não é comigo, é com o James que ele anda a foder!* Mas far-me-ia isso menos culpada? Eu aproximara-me dela, apesar de o meu melhor amigo andar a comer-lhe o marido. Bebera o vinho da infidelidade, comera o queijo da infidelidade. Além disso, será que ela teria sequer acreditado? Não fazia ideia de quem era o James.

— Só tenho uma pergunta, Rachel — disse ela, fixando o olhar em mim. — O Carey era mesmo real?

— O quê? — A pergunta atordoou-me. — Claro que o Carey é real.

— Toda aquela choradeira abraçada a mim — continuou. — Estavas a chorar por causa do *meu* marido? Abraçada a *mim*? Só

conseguia pensar nisso a semana toda, sabes? Perguntava-me: *Será que ela inventou um namorado? Será assim tão sociopata?*

A bela singularidade do Carey, a minha dor, o coração desolado que eu lhe mostrara tão abertamente. Será que ela pensava que tudo aquilo não passava de um jogo?

A analogia da dama de companhia era estranhamente adequada, porque a Deenie parecia de facto uma rainha. Sentada de pernas cruzadas na cama, a fazer declarações aos presentes ali.

— Quando te conheci — disse ela —, com aquela balela estúpida de a livraria querer fazer o lançamento do *horrível* livro que ele escreveu, percebi que algo não batia certo. Não fazia sentido. Depois, quando te vi de facto... — Permitiu-se soltar uma gargalhada seca. — Pensei: *Meu Deus, que parvoíce, ela é só uma aluna gorducha com uma paixoneta.*

De todas as coisas que a Deenie Harrington proferiu naquela noite, esta é a frase a que regresso mais. Nos meus dias maus, nos encontros que não correram bem, nas entrevistas de emprego que não tiveram o resultado previsto.

Só uma aluna gorducha com uma paixoneta.

Surgiram grandes manchas no pescoço e nos braços da Deenie. Já não irradiava nenhum brilho perlado. Estava desgrenhada, a transpirar, rubra. Pela primeira vez, a sua estrutura *petite* não me pareceu feminina. Parecia-me infantil.

— Então, de repente... ele sabia uma série de coisas sobre ti. Coisas que eu não lhe disse. Coisas que ele não saberia se se tratasse... apenas de uma aluna normal. Eu sei. Fui eu a primeira, lembras-te?

Eu queria tanto ir-me embora, mas ainda conseguia ouvir as pessoas a sair e não conseguia encará-las. Por aquela altura, já todos teriam somado um mais um. Temia que me apedrejassem até à morte.

O Dr. Byrne estava imóvel, como se fosse uma pintura de si próprio. Parecia acreditar que, se aguentasse as vagas de abuso, tudo aquilo terminaria, e ele teria a sua mulher de volta. Ele ajudara-me com tanta coisa no curto espaço de tempo em que o conhecera, mas não voltaria a ajudar-me.

— Vasculhei-lhe os *e-mails*, depois de te ter deixado em casa naquele dia. — A Deenie coçou os braços, e as marcas ficaram ainda mais vermelhas. — Ele libertou-te dos trabalhos? Escreveu cartas para

o departamento e conseguiu-te adiamentos de prazos? Mas isso já tu sabes.

Agora pusera-se a coçar os dedos. A mão esquerda a escarafunchar a direita, a raspar o espaço entre os nós dos dedos e as articulações.

— Sabes, há um mundo onde o teu diploma nem sequer é *válido*, Rachel. Eu podia telefonar-lhes amanhã e fazer com que ele fosse despedido e as tuas notas anuladas porque, literalmente, *fodeste* para conseguir o adiamento de prazo. Será que ao menos foste tu que fizeste os trabalhos? Ou ele também os fez por ti?

As provas eram convincentes. Parecia que todos os momentos desde que o Dr. Byrne entrara na O'Connor em janeiro conduziam àquele. Destinado desde o momento em que eu mentira sobre as encomendas de *A Dieta de Kensington*.

— Por favor, não faça isso — limitei-me a pedir. — Por favor, não me anule o curso.

— Ela não vai fazer isso — interveio o Dr. Byrne calmamente. Denunciar-me significaria denunciá-lo, e isso significaria o divórcio, bem como o seu despedimento. Parecia que, pelo menos naquela noite, eles tinham planos para permanecer casados.

— Na mesma noite... — prosseguiu a Deenie. — *Na noite* em que ele me enviou um *e-mail* a falar sobre ti. Eu lembro-me. Estávamos sentados no sofá e ele disse: «Tenho uma aluna que precisa de um estágio; aquela rapariga alta e simpática que conheceste. Acabei de te enviar um *e-mail* sobre isso.» De portátil aberto. Mais calmo do que um monge.

Ela passara dias a tentar metabolizar aquela informação e, mesmo assim, não estava a conseguir. Os factos, ou o que ela acreditava serem os factos, continuavam a surgir como bólis.

De certa forma, eu compreendia porque é que o Fred preferia que a mulher pensasse que ele andava a dormir com uma mulher mais nova em vez de com um homem mais novo. Ele escondera essa sua faceta durante muito tempo. Ao que me dava a entender, nunca se assumiria.

Preferia ser um professor abusivo e corrupto a ser bissexual. Preferia que a Deenie o julgasse um sociopata, capaz de pôr a namorada a trabalhar com a sua mulher, do que ser corretamente identificado como *queer*.

— Eu só queria que a Rachel tivesse uma oportunidade — explicou ele. — Não pensei...

Não havia sítio para onde a frase pudesse ir. Olhou-me com uma expressão que, provavelmente, para a Deenie, seria a de pena por parte de um amante, mas cujo significado percebi imediatamente. *Por favor, Rachel. Por favor, não digas nada. Estou a implorar-te.*

Só me restava uma coisa a fazer.

— Estou grávida.

Era uma daquelas situações cuja única saída era seguir em frente sem olhar para trás.

Os Harrington-Byrnes permaneceram em silêncio.

— Estou grávida — repeti.

— Rachel — disse o Dr. Byrne. — Não, não estás.

— Tenho um *e-mail* da Marie Stopes.

A Deenie parecia ter levado uma bofetada.

— Não — repetiu. — Não, não estás.

— Estou, sim. De dez semanas.

Fiz um pacto comigo mesma de que não mentiria à Deenie. Mesmo agora, estou impressionada comigo própria por ter conseguido passar por todo aquele incidente sem realmente mentir.

— Há uma embalagem com um teste de gravidez na vossa casa de banho — disse eu. — E está vazia. Porque eu roubei o teste na última vez que cá estive.

A casa já estava vazia. Eu conseguia sentir o silêncio das outras divisões a aproximar-se daquela em que nos encontrávamos, a embater contras as paredes.

A Deenie levantou-se da cama e pegou no seu portátil. A raiva fora lançada porta fora com os restantes convidados. Parecia, naquele momento, a cientista num filme que acabou de descobrir que um asteroide está prestes a atingir a Terra.

— Mostra-me — ordenou. — Mostra-me o *e-mail*.

Era uma loucura estar sentada a seu lado na cama, como se fosse novamente sua assistente. Entrei na minha conta de *e-mail* e mostrei-lhe a confirmação da marcação para o dia 26.

— Bem — disse a Deenie —, aqui está.

Fechei a tampa do portátil.

— Dois mil — anunciei.

— O quê? — exclamou a Deenie.

O Fred teve finalmente a graça de parecer chocado.

— Rachel, o quê?

— Dois mil euros. — Cerrei os punhos com tanta força que senti as unhas a cravarem-se-me nas palmas das mãos. — Dois mil euros e nunca mais me verão nem ouvirão falar disto.

— Dois *mil*?

— Para o aborto — expliquei. — Para os voos, a cirurgia, o hotel. E quero que um amigo me acompanhe. Não vou passar por isto sozinha. — Aclarei a voz. — O meu amigo James.

Eles olharam um para o outro, e eu perguntei-me se o Dr. Byrne se sentiria grato por se encontrar novamente na mesma equipa que a mulher. Eu estava a fazer-lhes um favor. Antes, eram um casal em crise. Agora estavam a passar por algo juntos, e esse algo era uma extorsão.

— Vou esperar no corredor — declarei, com a voz clara. — E vocês podem discutir o que pretendem fazer. Nem sequer queria fazer isto. Não estava planeado.

Deixei-os ali.

Compreendo o instinto de me julgarem. Extorquir dinheiro à Deenie Harrington para avançar com uma interrupção voluntária de uma gravidez de um filho que não era do seu marido foi a pior coisa que fiz, e espero sinceramente que seja a pior que algum dia farei.

Mas, embora a dádiva da retrospectiva tenha mudado muito esta história, pelo menos na minha cabeça, continua a ser difícil ver que mais poderia eu ter feito.

Sentei-me numa cadeira de madeira no corredor, junto à mesa do correio, e aguardei. Passados dez minutos, eles saíram do quarto. A Deenie trazia um livro de cheques na mão.

— Como é que saberemos que não ficaste com o bebé? — perguntou ela. As mãos tremiam-lhe.

Pensei na questão.

— Não vão saber.

Por essa altura, já a Deenie Harrington me lançava olhares ferozes há quase uma hora, mas aquela foi a primeira vez em que me olhou nos olhos. Tinha os lábios feridos e as narinas cor-de-rosa.

— Rachel — murmurou ela. — Não foste... Não podes ter sido

esta pessoa o tempo todo, pois não?

Estudei cada um dos meus dentes com a língua.

— Eu não sou má pessoa — disse-lhe, e a mim própria. — Só... não tenho dinheiro, Deenie.

Ela franziu o sobrolho.

— Não é só isso.

— Mas é — frisei. — Garanto-lhe que é.

— Eu...? Fui má patroa, ou algo do género? Isto é uma vingança?

Arrancou o cheque do livro e deu-mo.

— Deenie — respondi-lhe, pousando a mão na porta —, eu era a sua assistente.

A Deenie pareceu ainda mais confusa. Nessa altura, odiava-a. Odiava-lhe os amigos, a beleza de filha de um poeta, as suas falsas preocupações com dinheiro. E odiava-o a ele. Odiava a sua cobardia, a forma como fingia amar o James, a forma como era um turista nas nossas vidas. Odiava o facto de ele ser mimado e de ter sempre o que queria.

— E então? — perguntou a Deenie. — Eras a minha assistente, e então?

— E nunca me *pagou*.

Não me orgulho da forma como lidei com o jantar. Mas conseguira sair de uma situação profundamente lixada. Independentemente do que fizesse, estava destinada a perder a estima dos Harrington-Byrnes. De qualquer forma, precisava de pagar o aborto. Fora não só prudente juntar estes dois problemas, mas também uma dádiva para eles: estavam agora a trabalhar em conluio. Havia pago para que um problema desaparecesse, e esse problema era eu.

Cometi, porém, um erro. E foi na forma como contei ao James.

Entrei de rompante pela casa dentro, a espumar de raiva. O James estava deitado no sofá, a ler uma revista e a fumar com a janela aberta.

— Chegaste cedo a casa — comentou ele. Então, viu a minha cara.

— Oh, caraças, o que aconteceu?

— Acham que era eu — explodi. — Acharam que era *eu* quem andava a foder com ele.

Comecei pelo fim: expliquei ao James que tínhamos dois mil euros e só depois lhe contei que nunca mais podíamos falar com os Harrington-Byrnes. Quanto ao resto da história, ele foi obrigado a arrancar-mo por entre os meus momentos de lágrimas, hiperventilação e risinhos súbitos e nervosos que acabavam comigo a agarrar-me aos meus próprios braços e depois aos dele. De início, ficou confuso e fez-me centenas de perguntas, obrigando-me a contar a história outra vez. Falei da disposição dos lugares, da Ciara e dos amigos que claramente nunca tinham ouvido nada sobre mim, mas que agora se iriam lembrar para sempre de quem eu era.

Engasgava-me nas palavras à medida que me ia apercebendo de

novos dados: que a Dra. Sheehan e os restantes membros do departamento de Inglês contariam aos colegas, que, por sua vez, contariam aos seus alunos de doutoramento, que, por sua vez, contariam aos seus alunos de mestrado, que, por sua vez, contariam aos de licenciatura. Que eu provavelmente nunca mais poderia andar pelo *campus* da UCC sem sentir que me estariam a observar. Este facto, que poderia não significar nada se eu vivesse numa cidade maior, revestia-se de imensa importância em Cork. O *campus* é quase parte integrante da cidade. É lá que se assiste a exposições de arte, a projeções de filmes, que se conhece pessoas.

Por fim, o meu diploma. O meu diploma, embora ainda válido, estaria para sempre maculado.

E eu também.

Deixei que aquilo me inundasse. Afoguei-me. A erradicação dos últimos três anos, que agora pareceriam sempre um prelúdio deste evento. Cada aula e palestra, cada ensaio que o Carey considerara digno de Chomsky, cada café ou cerveja casual na associação de estudantes. Tudo ficara maculado. Eu iria ser sempre Aquela Rapariga.

Mergulhei tanto naquela ideia de mim como a mulher escarlate da University College Cork que nem vi o coração do James a partir-se diante de mim.

— Ele disse-lhe que te andava a comer — declarou. — Que andava a dormir contigo. Que estava apaixonado por ti.

Paralisei.

— Ele... não mencionou amor. Não disse nada, para dizer a verdade.

O James caminhou pela sala e sentou-se. Depois, levantou-se novamente e repetiu o gesto. Parecia um cão inquieto.

— Disseste-lhe que, por dois mil euros, ele nunca mais ouviria falar de ti.

— Sim.

— E ele aceitou.

— Eu...

Como é que eu não pensara naquilo? O James apoiara-me desde o momento em que eu descobrira que estava grávida. Durante quase um ano fomos inseparáveis, e na última semana eu só pensara nele como um depósito para as minhas ansiedades. Não tinha, por um

único segundo, considerado o que aquele meu gesto significava para ele. Que eu acabara definitivamente com o Dr. Byrne por ele.

Andei às voltas.

— Não havia nada que eu pudesse fazer. Estávamos lixados, de qualquer forma. Estava tudo acabado, James. Ele já não te ligava há uma semana, lembrás-te? Tinha acabado tudo. Ele foi apanhado.

O James afastou-se de mim, de olhos alucinados. Pegou no telemóvel.

— Preciso de lhe ligar — disse. — Preciso de falar com ele.

— James, não faças isso. — Tentei tirar-lhe o telemóvel, arrancando-lhe os dedos da capa. — Não lhe ligue. Definitivamente, não lhe ligue *esta noite*.

— Não — replicou ele. Começou a marcar o número. — Vai-te lixar, Rachel. Isto não tem nada que ver contigo.

— Infelizmente, *tem* — contrapuse, ainda a tentar tirar-lhe o telemóvel. — Ele arrastou-me para isto. É um homem egoísta e mimado que pensava que podia ter o melhor de dois mundos, e, quando foi apanhado, escolheu a saída mais cobarde. Tu não queres *falar* com ele, James.

— Quero, sim — rosnou ele. — Rachel, sinceramente, preciso que me deixes em paz.

Agarrei o James e, tal como no dia da nossa discussão na livraria, senti-me como um ogre sobre o seu corpo franzino. Não queria que ele se humilhasse. Mas também não queria que estragasse tudo. A Deenie ainda podia cancelar o cheque. Eu não podia estar prestes a dar cabo da minha reputação e perder os dois mil euros.

— Ouve — disse-lhe —, na segunda-feira podemos depositar o cheque. Provavelmente, serão necessários dois dias para o dinheiro sair da conta dela. Isso dá-te até quarta-feira para te acalmares e falares com ele. Para poderes encerrar o assunto ou assim. Liga-lhe para o trabalho. Dessa forma, ele não será apanhado.

O James dirigiu-se para o pátio, ainda com o telefone junto ao ouvido.

— Se calhar, ainda podiam... Não sei, continuar, acho eu. Se quisesses, mas porque haverias de querer? James. James. JAMES.

Voltei a agarrá-lo. O telemóvel voou-lhe da mão, batendo no muro do quintal e caindo ao chão. Abriu-se, a bateria a saltitar pelas lajes.

Agarrei no telemóvel.

— Rachel. Dá-me isso.

— Não.

— Não estou a brincar. Devolve-mo.

Recuei, entrando de novo em casa, mantendo os olhos bem abertos e atentos, como um animal que se encontra num caixote do lixo.

— Rache, juro por Deus.

Imaginei um mundo em que tivesse de passar por tudo o que acabara de passar, mas, ainda assim, tivesse de usar todas as minhas poupanças para pagar o aborto. Não só usar todas as minhas poupanças, mas contar aos meus pais e pedir-lhes dinheiro que eles não tinham para um procedimento contra o qual eram, a nível moral. E, com esse pensamento horrível, entrei em casa e atirei o telemóvel do James para a sanita.

Ele olhou para mim, depois para a sanita e de novo para mim.

— Rachel — anunciou ele, baixinho —, se não me for embora já, acho que ainda te bato.

Afastei-me do seu caminho. O James saiu porta fora e só voltou no dia seguinte.

Não dormi nada nessa noite. Deitei-me na cama com o telemóvel ao lado da almofada, desejando que qualquer pessoa no mundo me ligasse e dissesse que me amava. Foi o único momento em toda a gravidez em que pensei seriamente em ficar com o bebé. Pensei: *Bem, aqui está alguém que não poderia partir, pelo menos durante dezoito anos.* Momentos houve, naquela longa noite, em que tive a certeza de que iria pegar no dinheiro e fugir. Para começar uma vida nova como mãe solteira com os dois mil euros, as nossas poupanças e os poucos cêntimos que me restavam na conta corrente após o imposto de emergência.

Pensei no Carey. Até ponderei ligar-lhe para fazer sexo por telefone. Tudo para me distrair um pouco. O que é que ele pensaria de tudo aquilo? Que eu acabara de usar o nosso filho para roubar dois mil euros a um casal?

O nosso filho.

O *nosso* filho.

Esfreguei a barriga uma e outra vez, como vira mulheres grávidas a fazer na televisão. Não havia nada para acariciar, na verdade, exceto a barriga de álcool que eu ganhara no último ano. Era sábado. Dentro de dez dias, estaria a apanhar o avião para Manchester, um voo às seis da manhã para uma consulta às duas da tarde.

Apesar de tudo o que tinha lido sobre o aborto, não havia muita informação acerca de qual seria, efetivamente, a sensação. As pessoas descreviam-no frequentemente como um aspirador de pó para as entranhas. As minhas entranhas.

O James voltou. Passava pouco das sete, e eu desistira de dormir. Estava sentada no sofá, embrulhada num cobertor, a ver novamente *Frasier* na televisão.

— Olá.

— Olá.

Ele cheirava a cigarros e a álcool entornado.

— Foste sair? — perguntei. — Sair *mesmo*?

— Tentei ir a casa do Fred a pé — explicou ele. — E depois apercebi-me de que não sabia a morada.

— Oh.

O James sentou-se ao meu lado. Ajeitei-me de forma a arranjar-lhe espaço. Ele massajou as órbitas oculares com as palmas das mãos.

— Eu só. Foi tudo a fingir, não foi?

— Tu e ele?

— Eu e ele.

— Não, não me parece. Não acho que tenha sido tudo a fingir.

— Era como se ele fosse um turista, não era?

Foi engraçado que ele tivesse escolhido a palavra «turista» tão facilmente, porque fora a que eu escolhera na noite anterior. O Dr. Byrne queria visitar a nossa juventude, a nossa pobreza, a nossa vivacidade. Mas não queria viver lá.

Passou a mão pela cara.

— Fiz sexo ontem à noite.

— Com quem?

Ele encolheu os ombros. Não porque não soubesse, mas porque não importava. As lágrimas corriam-lhe pelo rosto, os seus olhos grandes molhados e verdes como relva jovem.

— Desculpa pelo teu telemóvel — disse eu.

— Não faz mal.

— Eu compro-te um novo.

— Com que dinheiro? — perguntou ele automaticamente. — Ah, sim. *Esse* dinheiro.

— Devia ter pedido mais — ripostei, aproximando os dedos dos pés da perna dele.

O James assentiu com a cabeça, engolindo a tristeza em grandes goles.

— Eu valho cinco mil, pelo menos.

— Tu vales um milhão.

Ele sorriu, grato, embora o que eu acabara de dizer fosse piroso.

— Mas eles não tinham um milhão — rematei.

— Certo.

Ouvimos Shandon Street a acordar. Havia uma loja de comida nigeriana na esquina que recebia entregas de carne de manhã cedo; ouvimos o som da carrinha a fazer marcha-atrás, a persiana de metal a abrir-se, as caixas a serem passadas de mão em mão.

— Não me parece... — disse o James. — Não me parece que eu seja uma daquelas pessoas que conseguem ser felizes nesta área.

— O quê? Que área?

— Sabes — mexeu nos fios na orla do cobertor —, pessoas como eu. Sou engraçado. Sei escrever piadas. Consigo sempre dar uma queca. Consigo sempre ganhar dinheiro. Consigo sempre arranjar um emprego. Isso é muito, sabes? — Entrançou os fios. — É muito para se ter. Acho que não faz mal se eu nunca chegar a ter, tipo, amor romântico.

Eu era tão insegura, na altura. Nunca pensei que alguém pudesse ter uma insegurança em que eu própria não tivesse pensado. O James estava convencido de que não era possível amá-lo. Talvez tenha sido por isso que decidiu aceitar as sobras que o Dr. Byrne lhe oferecia.

— Acho que és uma pessoa que quer uma vida fora do normal, sabes? — comecei. — Como a cena da televisão. Como o agente. Não conheço ninguém que persiga as coisas como tu. Acho que só queres uma vida excecional, e provavelmente vais ter um amor imenso e excecional a condizer com essa vida.

Ele beijou-me a rótula.

— Tudo o que consegui foi um sacana imenso e excecional.

Sempre que penso em outubro de 2010, lembro-me dessa altura como um mês de espera. Mas houve movimentos e eras dentro dessa espera. Os primeiros dias da gravidez, o fim de semana em que aguardámos pela primeira consulta, os dias imediatamente a seguir, durante os quais pensámos no aborto, isso foi uma era; os dias que se seguiram ao jantar foi outra.

O James fora o meu grupo de apoio e o meu pai durante a primeira era; na segunda, estávamos completamente à deriva. O James estava a sofrer muitíssimo com o fim do relacionamento com o Dr. Byrne. Julgo que presumira que, porque ele e o Dr. Byrne já se terem separado uma vez e terem voltado a juntar-se, continuariam a juntar-se e a separar-se para sempre. Começava a aperceber-se, naquele momento, de que ele e o Dr. Byrne nunca teriam um terceiro ato e nunca se despediriam. O número dele fora bloqueado. Usou o meu telemóvel. O meu número também fora bloqueado. O cheque tinha cobertura, e agora contávamos com perto de três mil euros na conta poupança.

Fui trabalhar. O meu desempenho estava péssimo, e eu apercebia-me de que a minha supervisora estava quase a despedir-me. Seguia, de forma robótica, o guião que me fora fornecido e passava muitas vezes um dia inteiro de trabalho sem conseguir que ninguém se compromettesse a aumentar os seus débitos diretos. Os piores dias eram aqueles em que tinha de angariar dinheiro para pessoas noutros países. «Não temos já problemas suficientes aqui?», era a resposta mais frequente quando eu lhes falava de crianças que precisavam de andar quilómetros para ir buscar água suja.

— Parece ser uma rapariga inteligente e compassiva — disse uma mulher. — Porque é que não trabalha para uma causa que nos seja mais próxima? Porque é que não trabalha para os surdos?

Os olhos marejaram-se-me, uma combinação de hormonas da gravidez e o facto de me chamarem «compassiva» quando eu enganara e extorquir a uma mulher com problemas de reprodução que — pese embora alguma exploração — só havia sido simpática comigo.

— Não somos esse tipo de organização — expliquei, com as lágrimas a pingar-me a secretária. — Tenho de aceitar o que me é dado. É uma causa nova todos os dias.

A mulher do outro lado da linha enteneceu-se, comovida com a minha falta de convicção.

— Oh, querida. É a recessão, não é?

— Sim.

— Devia tentar arranjar um emprego melhor.

— Sabe de algum?

— Não.

A minha supervisora, que se encontrava ao meu lado, tirou-me o auscultador das mãos e terminou a chamada. Depois levou-me para o seu gabinete e informou-me de que, se não comesse a entrar na linha, perderia o emprego.

O James estava a trabalhar seis dias por semana na livraria. Nessa altura, quase todos os outros funcionários haviam sido despedidos. Nunca percebemos porque o mantinham a ele, exceto pela teoria, ainda por comprovar, de que o Ben também estava no armário. Quando chegávamos a casa, ao fim da tarde, falávamos um com o outro, pobres recipientes para a infelicidade mútua, porque nos sentíamos ambos a transbordar desse sentimento.

Foram apenas alguns dias, apercebo-me agora, mas pareceram-me um ano.

Eu tomara a decisão de não contar ao Carey. Sabia que isso o iria deixar devastado e suspeitava de que — apesar de nunca termos falado sobre o assunto — ele não teria coisas totalmente positivas a dizer sobre o aborto. Havia nele algo de antiquado e católico, um vestígio puro e desafiador da Antiga Roma que corra forte na sua família e se mantivera vivo por habitar no Norte. Usava uma medalha milagrosa. Conhecia os santos.

Eu não queria discutir com o Carey sobre o aborto, mas também não o queria sobrecarregar com isso. Parecia-me que arruinara inadvertidamente a vida de tantas pessoas, e não lhe queria estragar a dele também. Já estava a passar por demasiada coisa.

Por isso, ignorei os seus telefonemas. Respondia de forma sucinta às suas mensagens de texto. Resolvi que, depois do aborto, e quando a névoa se dissipasse, voltaria a ser a sua namorada à distância. Mas, mesmo nessa altura, sabia que a relação estava condenada. O Carey poderia ter de passar meses, talvez anos, em casa. Apercebi-me, com uma dor lancinante no peito, de que talvez nunca mais o voltasse a ver.

E então, na quinta-feira, encontrei o coágulo.

Estava a trabalhar quando aconteceu. Levantei-me da secretária e fui telefonar para a clínica. Acabaram por transferir a chamada para a enfermeira que falara comigo e com o James. Expliquei-lhe o que acontecera.

— Ficou com ele? — perguntou ela.

— Não, eu... — Fiquei estupefacta com a pergunta. — Estava a pensar livrar-me dele.

— O coágulo. Ficou com o coágulo?

— Não. Deitei-o na sanita.

Ela resmungou, como se eu tivesse cortado a etiqueta de um vestido que planeava devolver.

— Como é que era? Como fígado?

— Sim. — Anuí com a cabeça, lembrando-me da substância escura e brilhante. — Sim, como fígado.

— Muito bem. Então, é melhor marcarmos uma consulta.

— Na clínica?

— Não, no hospital.

Ela estava a avançar demasiado depressa nos passos a serem dados, e aquilo assustou-me. Pedi-lhe uma e outra vez que abrandasse e me explicasse as coisas, mas ela já passara para a fase seguinte do plano.

— Posso fazer-lhe a marcação para amanhã de manhã? Às dez?

— Estou a trabalhar.

— Bem, é a única vaga — replicou ela.

— Estou a abortar?

— Não posso diagnosticar uma coisa dessas pelo telefone. Se não conseguir vir à consulta, terá de ir às urgências.

— Mas um aborto seria assim? Se estivesse a perder o bebé, seria isto que aconteceria?

Ela demorou um pouco a responder.

— Sim, seria mais ou menos isso. Quer a consulta ou vai para as urgências?

— Vou aceitar a consulta — respondi debilmente, e desliguei o telefone.

Deixei-me ficar na berma da estrada, envergando um *blazer* com umas calças de ganga, num *look* que a minha mãe descrevia como «elegante informal», mas que me fazia parecer uma agente imobiliária.

Tentei não ficar zangada com a enfermeira. Na Irlanda, as clínicas de saúde sexual nunca foram particularmente bem financiadas ou bem providas de pessoal, e ela provavelmente estaria a pensar no aborto que teria de cancelar e na outra rapariga que poderia ser encaixada na hora do meu aborto.

Perto do *call center*, havia uma bomba de gasolina. Comprei uma embalagem dos pensos *Kotex* mais grossos que consegui encontrar e voltei ao trabalho.

Gostava de ter mais a dizer sobre os coágulos, ou sobre a consulta que no dia seguinte confirmou o fim da gestação, ou sobre os dias de hemorragia intensa que pareciam não ter fim e que foram sempre uma sombra estranha e fria na minha memória. Há alguns anos, perguntei ao James como haviam sido esses dias e como é que eu estava nessa altura.

— Estavas a quilómetros de distância — contou-me. — Tive medo de que o teu cérebro se tivesse estragado para sempre.

— Como assim?

— Barravas manteiga numa torrada e afastavas-te dela sem a comer. Enganavas-te a abotoar os botões. Estavas toda tagarela e hiperativa num minuto e, no minuto seguinte, sombria e distante.

— Meu Deus.

— Para quem não te estivesse a observar atentamente, parecias estar bem.

— Certo.

— Mas eu estava atento. Portanto...

Parecia não haver uma forma correta de sentir. Eu estava ciente de que me safara daquela situação e de que deveria estar grata. Não teria de fazer uma viagem assustadora a Inglaterra, nem ir à falência no processo. Sabia que estava perante um resultado globalmente positivo. Mas não conseguia libertar-me da sensação de que o filho do Carey morrera dentro de mim porque eu estava podre e fizera coisas horríveis. Sangrei durante tanto tempo que comecei a pensar em mim como alguém que tinha feito um mau pacto com as fadas. Obtivera o meu ouro e agora estava a pagar por ele.

Depois, a minha mãe ligou-me.

— Achemos mesmo que devias reconsiderar esta situação da formatura, Rachel — disse ela severamente.

Senti-me como se me estivesse a afogar e alguém me perguntasse nesse momento pelo meu IRS.

— Hum?

— Seria muito importante para o teu pai — continuou ela. — Ele está muito em baixo. Precisa de um dia de lazer.

— De qualquer modo, é demasiado tarde, mãe. Todas estas coisas são combinadas com meses de antecedência. Os lugares e o aluguer dos trajes e tudo o mais.

— Não te preocupes com isso — tranquilizou-me ela. — Se conseguires arranjar o traje, eu trato do resto.

Não via como. A minha formatura seria na segunda-feira, na data planeada para o meu aborto.

— O que queres dizer com «arranjar o traje», mãe? — perguntei. — Como é que eu poderia resolver esse assunto? Não tenho nenhuns contactos na loja. Não faço sequer ideia onde é que se arranja. É tudo tratado através da faculdade.

— Andas muito irritadiça — comentou ela.

— Só estou a tentar ser realista.

— Ouve, vou ligar para a faculdade. Vamos buscar o diploma, tiramos umas fotografias, almoçamos. Trazes o James. Qual é o problema?

Já tirara dois dias, para a consulta e por causa do meu aborto, e sabia que estava a pisar o risco no *call center*. Telefonei à minha supervisora e pedi-lhe a folga.

Ela suspirou.

— Rachel, acho que é melhor não voltares. Não me parece que este seja o lugar certo para ti.

— Vou receber na mesma os meus dias de baixa?

— O quê? Não.

Desliguei o telefone.

A minha mãe conseguiu o que queria. Bem, grande parte do que queria.

Passou o dia a chatear os serviços administrativos. Inventou vários problemas para explicar o motivo pelo qual eu não respondera e não reservara o aluguer do traje, insinuando fortemente uma doença mental, ruína financeira e má saúde em geral. Era incrível como acertara em cheio na situação enquanto mentia ostensivamente. Por fim, foram-lhe atribuídos três passes para convidados para a cerimónia, mas informaram-na de que não havia nenhum diploma preparado para a Rachel Murray e que eu teria de ficar apenas a ver todos os outros a formarem-se. A minha mãe agradeceu e voltou a ligar uma hora mais tarde. Como é que poderíamos agilizar a preparação do diploma? A mulher disse que não tinha nada que ver com os diplomas. A minha mãe pediu o número de telefone do pessoal responsável pelos diplomas.

Ao fim de oito horas de insistência, suborno e conversa fiada, muitíssimo bem elaborada, a minha mãe ligou-me, informando-me de que, afinal de contas, eu iria receber o diploma. Teria de me sentar na secção dos convidados e seria autorizada a recebê-lo no palco depois de todos os outros terem levantado o seu. Se não conseguisse arranjar um traje, teria de usar «roupa formal escura e larga».

— Tenho um vestido preto — anunciou a minha mãe, triunfante, e começou a falar em esticar-me o cabelo.

Pareceu-me que aquele era o pior de todos os mundos possíveis. Uma pessoa podia ir à sua formatura ou não, mas aquele estado intermédio era humilhante. Era tarde demais para fazer o que quer que fosse. A minha mãe já se esforçara demasiado e a única coisa que eu podia fazer era aceitar penosamente.

— Como é que conseguiste? — perguntei. — Com o pessoal dos diplomas?

— Prometi a toda a gente com quem falei uma higienização dentária gratuita — explicou ela.

Eu não estava em posição de me queixar da minha falsa formatura. Mesmo que metade das pessoas com quem a minha mãe falara não aceitasse a higienização gratuita, continuava a ser uma despesa enorme que ela não podia suportar.

Os meus pais apareceram na Shandon Street às onze da manhã do dia seguinte, a minha mãe com batom, o meu pai com um fato cinzento. A formatura fora-me vendida como algo que o meu pai queria e de que precisava desesperadamente. Nessa manhã, porém, era óbvio que ele preferiria estar em casa. Estava completamente carrancudo, um estado de espírito que se coadunava com o ambiente em minha casa nessa altura, e comecei a questionar-me se a depressão não estaria a sair das paredes.

O meu pai sentou-se no sofá e pareceu afundar-se nele.

— Eu espero aqui — anunciou —, enquanto fazes as tuas abluções.

Desde que o Chris ali aparecera, meses antes, eu encarara a depressão do meu pai como uma tarefa a tratar. Não pensava nela como algo que lhe estivesse a acontecer, a pesar-lhe sobre os ombros, a prendê-lo a cadeiras.

— Queres um chá, pai?

Ele olhou para uma revista já com meses, com a Leona Lewis na capa.

— Está bem.

Fiquei a saber — mais tarde, claro — que a minha mãe insistira em celebrar o dia da minha formatura porque o último dos investimentos do meu pai — um complexo comercial em Killarney — fora à falência. Todo o dinheiro dos meus pais se encontrava aplicado em propriedades e investimentos, e havia grandes dúvidas acerca do que teriam para a reforma.

Levei o chá ao meu pai.

— Suponho que vás para fora — disse ele.

— Quem é que te disse isso?

— Vão todos — replicou ele. — Os mais novos vão sempre.

Pensei nos três mil euros que tínhamos na conta poupança e perguntei-me se deveria contar-lhe. Talvez o confortasse saber que alguém tinha dinheiro.

— Mas não te ponhas a fazer asneiras, nem nada de estúpido.

Apesar de tudo, ri-me.

Eu e a minha mãe encaminhámo-nos para o andar de cima e eu pus o vestido de lã preto que ela trouxera, juntamente com uns *collants* pretos grossos e uns sapatos de salto alto. Parecia que me estava a arranjar para um funeral. Ela perguntou-me como estava a correr o emprego e eu contei-lhe que fora despedida outra vez.

— Oh, não importa — disse ela, decidida a pôr toda a gente de bom humor. — Assim como assim, acho que não é bom para ti estares sentada o dia todo.

Sabíamos que estacionar seria um pesadelo, pelo que fomos a pé até à faculdade, o que só serviu para acentuar o estranho tom fúnebre do dia. Dava a sensação de que estávamos a seguir um carro funerário, e eu ainda estava fraca por causa do aborto. Sentia-me com oitenta anos.

Quando vivia com o James, era mais fácil congratular-me pela minha autossuficiência e pelo facto de não ser um fardo para os meus pais em dificuldades. Embora isso pudesse ser parcialmente verdade, também não mudava o facto de eu nada ter feito para os ajudar. A minha mãe precisava de alguém com quem falar; o meu pai, de alguém que o animasse. Os meus irmãos provavelmente precisariam de algo, mas as suas vidas estavam demasiado distantes da minha para que eu compreendesse o que poderia ser.

Certa vez, disse precisamente isto à minha mãe. Pedi-lhe desculpa por ser egocêntrica, por não ter feito mais perguntas. Foi anos mais tarde, quando ela estava doente, e, apesar de ter acabado por melhorar, pareceu-me ser uma altura para Grandes Verdades. A afirmação assustou-a. «O que é que poderias ter feito?», perguntou-me ela. Eu disse-lhe que poderia ter sido melhor ouvinte. Ela abanou a cabeça, como quem diz: *Que raio poderia eu ter desabafado contigo?*

Sentei-me ao lado dos meus pais na secção dos convidados, com filas e filas de lugares vazios à nossa frente, todos à espera dos licenciados que haviam confirmado a presença na cerimónia. Dava a sensação de que estávamos à espera há imenso tempo, enquanto vários grupos de pais e parceiros conversavam educadamente. Senti-me atordoada, como se as minhas mãos e os meus pés estivessem presos ao meu corpo por um fio muito lasso.

— Fiz uma reserva no Isaacs — anunciou a minha mãe. —

Lembras-te de que costumávamos ir sempre lá, quando andavas na escola?

Era o tipo de sítio a preço mediano, fiável e chique, famoso pelos seus bolinhos de caranguejo, e ficava mesmo ao lado da minha escola secundária. A minha mãe almoçava lá frequentemente com as amigas, nos velhos tempos, e eu, de vez em quando, ia lá ter com ela.

O meu pai olhava para um casal algumas filas à nossa frente.

— O que se passa, pai?

— Fiz-lhe as facetas — disse ele. — Há cerca de cinco anos.

— Ah.

A minha mãe sorriu, contente por ele ter dito alguma coisa. A música começou e os professores entraram.

Nunca tinha ido a uma cerimónia de formatura, nem voltei a ir desde então. O que não me ocorrera é que seria um dia importante para os professores e para os alunos, e que normalmente os primeiros se encontram presentes.

Lá estava o Dr. Fred Byrne, vestido com um manto vermelho, como um feiticeiro.

Agarrei-me ao braço da cadeira, e os meus ossos começaram a vibrar. Toda a gente na sala se levantou. Eu fui a única que permaneceu sentada.

— Rachel, levanta-te — ordenou a minha mãe.

Levantei-me. Cerrei os dentes, uma linha reta a desenhar-se dos meus molares às minhas orelhas. O Dr. Byrne parecia perfeitamente descontraído, sorrindo abertamente enquanto tomava o seu lugar atrás do pódio junto dos restantes membros do corpo docente. Reconheci a Dra. Sheehan, que me dera lições sobre o cinema *noir* e a pintura expressionista alemã.

Dois mil euros e nunca mais me verão ou ouvirão falar disto.

Estaria eu a quebrar a minha promessa por me encontrar ali? Nunca me ocorrera, até àquele momento, devolver o dinheiro. Serviria especificamente para fazer o aborto e, quando se verificou que não seria preciso, encarei-o como um suborno para o meu silêncio. Dinheiro pelo que eu passara. Dinheiro pela mentira em que eu participara sem o querer. Ver o Dr. Byrne ali fez-me sentir como uma fugitiva. Como se devesse ir ao multibanco e enfiar-lhe os dois mil euros nas mãos.

Os licenciados entraram com os seus trajes pretos e fitas verdes. O curso fora demasiado vasto para que eu reconhecesse toda a gente, mas conhecia algumas caras. Pessoas com quem tivera aulas, a quem pedira canetas emprestadas, a quem emprestara os meus apontamentos. Faziam parte da mesma ameoba em movimento, e eu estava sentada, com um vestido de lã preto, com os meus pais ao fundo da sala. De certa forma, era perfeito. Condizia totalmente com a minha vida académica. Sentia-me sozinha, de olhos esbugalhados, como se a vida fosse um lugar que acontecia noutro sítio.

O chefe do departamento deu-nos as boas-vindas em irlandês, depois em inglês, e falou inglês durante o resto da cerimónia, que passou por mim como a paisagem do lado de fora da janela de um carro em andamento. Só conseguia pensar no facto de estar na mesma sala que o Dr. Byrne, de quem jurara manter-me afastada para o resto da minha vida.

Por fim, foi pedido aos licenciados que se virassem e dessem uma salva de palmas às suas famílias e entes queridos por os terem apoiado na sua formação. Estes assim o fizeram, com sorrisos rasgados, felizes por serem o centro das atenções e cederem magnanimamente essa atenção a outrem. Os olhares de alguns dos meus colegas caíram sobre mim e apercebi-me de algumas expressões confusas, como se não se lembrassem bem de onde me conheciam.

A entrega de diplomas começou. Durou uma hora, e eu conseguia ver o tédio a apoderar-se dos meus pais. A minha mãe parecia ter percebido que aquilo fora uma má ideia. Sentíamo-nos casos de caridade, enfeitados de um mundo que outrora havíamos ocupado tão facilmente. Dei-lhes a mão. Foi terrível, abismal em todos os sentidos, mas também me senti muito próxima deles. Como se estivéssemos os três na mesma equipa, quer enquanto família, quer como indivíduos. Nunca mais me senti assim em relação aos meus pais, nem sequer no dia do meu casamento.

Por fim, quando parecia nunca mais acabar, quando o sol que entrava pelas longas janelas nos queimara a todos, quando o chefe de departamento estava a ficar rouco de chamar os nomes de tantos alunos, chamaram o nome de Rachel Murray. Levantei-me, passando pelos pais confusos, e fui buscar o meu diploma.

Enquanto caminhava pelo corredor, não pude deixar de me cruzar

com o Dr. Byrne. O seu rosto estava repleto de pânico e confusão. Ele deveria, de alguma forma, esperar ver-me ali. Mas não assim: separada de toda a gente e sem sequer estar de traje.

Se não houvesse nada de errado com o meu percurso académico, se eu fosse apenas uma aluna que não tivesse dado os passos necessários para participar na cerimónia de formatura e que tivesse arranjado maneira de ainda assim comparecer, tenho a certeza de que toda a sala o teria sentido. Toda a gente teria instintivamente compreendido ou presumido que eu estivera doente, ou ausente, ou que tinha qualquer outra razão igualmente plausível e correta para ser tratada de forma diferente.

Mas há um instinto dentro do nosso corpo que metaboliza a atmosfera rapidamente. Todos sabiam que algo de errado se passava e que a cerimónia de graduação parecia um casamento forçado entre uma criança e um cadáver, qual rito horrível a que todos tinham de assistir para garantir que haveria um novo período de boas colheitas.

Peguei no diploma e senti, pousados em mim, os olhos de todos os membros do departamento. Quantos deles saberiam da Rachel Murray e do terrível jantar?

Depois disso, o meu pai quebrou o silêncio.

— Eras muito próxima dos teus professores, Rachel?

— Não. Porquê?

— É que, quando pegaste no diploma, eles não conseguiam parar de olhar para ti.

Chegámos ao Isaacs, confusos e sem saber o que dizer uns aos outros. Recebi um telefonema do James. Era suposto ele encontrar-se connosco lá.

— Ouve, não vou poder ir. O Ben não me pode dispensar.

— O quê?!

— Mandeí um substituto.

— Um substituto? Quem? James, o que é que andas a tramar?

— Vais ver.

Um minuto depois, o James Carey chegou, com um *blazer* azul-marinho e a sorrir como um apresentador de um *talk show*.

— Olá, minha querida — disse, pousando-me as mãos nas ancas.

— Caramba, estás deslumbrante. Parabéns.

Os meus pais, desesperados por algo novo com que se entreter, ficaram imediatamente entusiasmados.

— Rachel, quem é *este*?

Eu não o via desde agosto e, durante esse tempo, tinha carregado e abortado um filho dele. Fiquei sem palavras, os olhos a piscar e nervosa.

— Prazer — disse ele, estendendo a mão ao meu pai. — Sou o James.

— Outro James? — exclamou a minha mãe.

— Bem, a Rachel trata-me por Carey, mas é a única pessoa que o faz. Não me atreveria a tentar substituir o outro James. Receio que não haja concorrência possível.

— Oh, bem o sabemos! — retorquiu a minha mãe, já encantada.

— É o James isto, o James aquilo desde o Natal passado. Não ouvimos

falar de mais nada.

De repente, os meus pais e o Carey estavam a trocar de mim. O meu caso amoroso com o James Devlin, que aparentemente os divertira, estava a ser exposto para gáudio de todos.

— Mas ele é ótimo — contrapôs o Carey. — Disse-me onde estavas hoje. Telefonei-lhe quando a Rachel me disse que não queria fazer alarido por causa da formatura. Por isso, vim de Derry.

— De Derry? — perguntou o meu pai. — Hoje?

— Comboio para Dublin ontem à noite, comboio para Cork esta manhã.

— Que fantástico! — A minha mãe estava genuinamente impressionada. Nunca tinha gostado do Jonathan.

— Bem, ela esforçou-se imenso, não foi? Já leram os ensaios dela?

Constou-me que foi um almoço muito agradável. Não me lembro se disse uma palavra, se comi alguma coisa, ou se sorri. Só sabia que me sentia satisfeita por ele estar ali, mas não o suficiente para me sentir feliz. A felicidade parecia-me muito distante e algo a que só os inocentes tinham direito.

O Carey fez toda a diferença naquele dia para os meus pais. Parecia compreender que eles precisavam de diversão, leveza e bolinhos de caranguejo. Falou com reverência da mãe doente, mas não se deteve no assunto. Tinha histórias engraçadas sobre o pai e o resto da família. Disse que não se importava nada de estar de volta a Derry, e que, na verdade, tudo lá era muito parecido com Cork.

O almoço prolongou-se por muito tempo, até que o restaurante teve de fechar para o serviço de jantar. Os meus pais despediram-se de mim à porta e o meu pai entregou-me um envelope.

— São apenas cinquenta — disse ele. — Não é muito, mas podem sair para beber mais uns copos.

Eu e o Carey descemos a rua e falámos de bares. Encostei-me a ele, a cabeça no seu ombro. Quanto mais nos afastávamos dos meus pais, mais eu me encostava a ele, mais para me manter direita do que por amor.

— Ei, ei, ei o que se passa? Já estás sem força nas pernas?

Agarrei-o com firmeza, como se me estivesse a acorrentar a corrimões. O tom dele mudou.

— Estás bem, Rache? — perguntou-me. — Oh, céus, eu tinha

razão para vir, não tinha?

— Sim — murmurei.

— O que se passa, então? Porque é que ficaste tão estranha?

— Aconteceu tanta coisa, Carey. Tanta coisa que tu nem sequer sabes.

— Bem, vá lá, nem posso saber se não me contares. Quão mau pode ser?

Levei-o a um bar e contei-lhe. Expliquei-lhe como me apercebera de que estava grávida depois de ele ter partido para Derry. Como não o quisera sobrecarregar com os meus problemas quando ele já tinha tantos seus com que lidar. Como planeara fazer uma interrupção da gravidez, mas que, no final, não fora necessário. Não mencionei o caso Harrington-Byrnes. Era demasiado complicado e parecia irrelevante.

Não o era, como é óbvio. Era profundamente relevante. Só queria salvar a cara no que pudesse.

— Não percebo — disse ele finalmente. — Porque é que não me contaste nada disto? O bebé, Rachel. Como pudeste não me contar?

— Já tens tanta coisa em que pensar — guinchei. — Com a tua mãe, a tua família e tudo o mais. Queria que pensasses em mim como uma pessoa divertida.

Ele ficou horrorizado.

— O que é que isso quer dizer? Uma pessoa divertida?

— Sabes, sempre que ligavas, namoriscávamos e falávamos de tretas, não era? Não queria atolar-te com mais um problema. Não me queria tornar outro problema. Outra pessoa a depender de ti

Saiu-me tudo mal. Ele parecia mais ofendido do que nunca.

— Não tomo conta da minha mãe porque ela seja um problema ou dependa de mim — replicou ele. — Faça-o porque a amo.

Aquilo confundiu-me.

— Eu sei.

— E também te amo. Quando se ama alguém, está-se presente para tudo. Mesmo que esse alguém esteja mal-humorado, estranho, doente ou *grávida*, Rachel. Não importa quantas preocupações já te ocupam o espírito. Tu amas a pessoa toda. — Ele olhou para a caneca cheia e suspirou. — Acho que nunca percebeste isso.

O Carey já estava a falar no pretérito perfeito, o que me aterrorizava.

— Eu percebo isso! — exclamei, a voz a subir uma oitava. — Tive foi sempre medo de que me deixasses outra vez.

— Deixar-te? — retorquiu ele. — Há meses que ando doido por ti. Tu é que tens andado a ignorar os meus telefonemas. Os meus convites. Os meus... sentimentos.

— Já me deixaste uma vez — respondi, mais concentrada em ganhar a discussão do que em ser adorável. — Em maio. Desapareceste sem uma palavra.

— Isso foi uma vez.

— Mas durou *semanas*.

— Bem, não me parecia que fosses ficar assim tão preocupada, não é? — De repente, mostrou-se chateado. — Estavas sempre a pisgar-te para ires ter com o maldito James. E aparentemente nada mudou. A opinião dele é a única com que te preocupas *de facto*, Rachel. Todos os outros são só a merda da paisagem.

Se ao menos o Carey soubesse as horas, os dias que passei a queixar-me ao James da falta de interesse que o meu namorado revelava por mim. Se ao menos soubesse como lhe dissecava os movimentos, as palavras, os gestos. Tentei dizer-lhe algo do género: confiava no James para descodificar o Carey porque o Carey era demasiado insistentemente indecifrável.

— Não acredito nisso, Rachel. Eu fui bem claro — observou ele, abanando a cabeça. — Tenho sido sempre claro em relação a ti. Mas tu queres que as coisas tenham um determinado aspeto, receber um certo número de mensagens, que a tua vidinha com o James se mantenha tal como está. Consigo ver-te, sabes? Consigo ver-te a observar-me, a anotar tudo como a Gestapo, pronta a reportar para desconstruíres tudo. E isso torna-se *irritante*. Às vezes, não me apetece fornecer-te o material.

Eu passara tanto tempo a construir o Carey como um mistério ingovernável e, aparentemente, eu é que fora intangível e distante o tempo todo.

— Isto é estúpido — anunciou ele, olhando para o colo. — Não me disseste que ias ter um filho meu. Sinto-me como se estivéssemos numa telenovela.

— Bem, eu não ia *ter* o bebé, pois não? — balbuciei.

Ele parecia mais magoado do que nunca.

— Nem sequer pensaste em tê-lo?

Não conseguia regressar àquele mundo, o recreio imaginado de viver em Derry com ele e ser mãe de um de muitos filhos ruivo-aloiados. Esse sonho desaparecera e já não era uma fantasia, mas um universo morto, que ruína sobre si próprio.

— Não — respondi. — Sou demasiado nova, Carey, sabes disso.

— Eu sei — concordou ele, o rosto a contorcer-se num esgar. — Só achei que pelo menos tivesses pensado nessa hipótese? Limitaste-te a marcar logo o aborto?

— O corpo é meu — repliquei, frouxamente. — A escolha é minha.

— Sim, eu sei que a escolha é tua. Mas eu devia ter sido consultado, não achas? De alguma forma?

— Não interessa o que eu queria, pois não? — Irritei-me. — Porque o perdi... Tê-lo-ia perdido sempre, independentemente do que fálássemos ou não.

Continuámos assim, os estados de espírito e as conversas a alterarem-se rapidamente e com frequência. Ele saltitava de uma ternura notável para um estado em que se lembrava de que estava furioso comigo, e depois voltava a sentir pena por eu ter passado por tudo aquilo sozinha. Exaurimo-nos. Eu perguntava-me se ele não se arrependeria de ter vindo a Cork.

Quando finalmente saímos do bar, ele não me tocou.

— Estou a tentar compreender, Rache. A sério que estou. Estou a tentar perceber isto. Mas é como se não te conhecesse de todo. É uma coisa tão grande para se esconder de quem amamos. É a maior coisa que existe. E eu podia ter ajudado.

— Como? — perguntei. — Como é que tu podias ter ajudado?

— Com o dinheiro. Com... Não sei, consolo.

Por essa altura já ele me conhecia o suficiente para saber o que eu estaria a pensar.

— Mas tu tinhas o James para isso — acrescentou.

— Bem. Sim, tinha.

Ele revirou os olhos.

— Não me podes *culpar* por isso — repliquei. — Ele é o meu melhor amigo.

— Eu sei que é o teu melhor amigo. Isto não é sobre o James.

— Parece que é — contrapús. Contava apanhar o Carey com uma acusação de homofobia, libertando-me, desse modo, da acusação de egoísmo e estupidez.

— Não percebes até que ponto isto é condescendente — disse ele —, o facto de alguém que amas não te contar a coisa mais importante que lhe está a acontecer na vida porque não te quer incomodar. Porque acha que não consegues lidar com isso.

— Eu só queria deixar-te fora disto. Porque te *amo*. Tu sabes disso. Estou sempre a dizê-lo.

— O que fizeste não foi um ato de amor, Rache. Foi um ato de... Não sei, ambivalência. Foi um ato de distância.

— A tua mãe estava doente.

— Não me interessa se toda a minha família foi atirada para um vulcão, Rachel. Se vou ter um filho com alguém, quero *saber*.

Há um mundo paralelo em que eu disse as coisas certas ao Carey naquele dia. Fiz as demonstrações certas de afeto, mostrei mais sinais de arrependimento, chorei e lamentei o aborto nos moldes em que ele queria. Talvez nesse mundo eu tenha apanhado o comboio para Dublin com ele e depois para Derry. Mas eu não tive nem a força nem o carácter. A minha mente ainda estava na cerimónia de licenciatura, com o Dr. Byrne e as suas vestes vermelhas. Com os olhares de centenas de pessoas, que sabiam passar-se algo de errado comigo, sem poderem identificar ao certo o quê.

Eu era uma pessoa bastante alegre por natureza. Emocionalmente fiável, como um bom cavalo. Talvez, se fosse uma rapariga mais melancólica, tivesse sido capaz de reconhecer que estava a lidar com um trauma, uma palavra que ainda me parece ser para outras pessoas. Porém, encontrava-me muito longe de mim, e nenhuma importância tinha que um homem que eu amava estivesse a tentar trazer-me de volta. Ele chegou tarde demais e não foi suficiente.

Acompanhou-me a casa. Sentou-se na minha cama e eu comecei a beijá-lo, sentindo-lhe o rosto e o peito. Não podíamos ter sexo. Eu ainda continuava a usar os pensos grossos que o médico me dera. Estava desesperada para chegar à parte do Carey que só eu era capaz de alcançar, o lugar pegajoso e apaixonado que transcendia a vida real. Tentei convencê-lo de que o meu desespero era uma tesão legítima, e, durante cerca de três minutos, ele esteve pronto a

acreditar em mim.

Escondi a cara entre as pernas dele, entregando-me a um broche excessivamente emocional que ambos sabíamos ser um ato de penitência. Olhei para ele rapidamente e reparei que tinha o rosto voltado para a janela. Os malditos iluminados pelo candeeiro, os olhos como uma taça de vidro vazia.

Partiu para Dublin na manhã seguinte. Não o voltei a ver.

De alguma forma, a vida continuou.

Consegui arranjar trabalho num bar, o que não tinha tanto que ver comigo como a livraria, mas que me agradava muito mais do que o *call center*. Havia um bar na Washington Street que me aceitou, perto do restaurante de pratos pequenos que, entretanto, fechara. Era fácil e, por vezes, divertido, embora eu já não me sentisse fácil ou divertida.

Estava rígida e fora de ritmo. O James também não andava bem. A nossa relação alterara-se, ajustando-se ao peso que agora carregava. Continuámos a ver televisão, a jantar juntos e ligávamos um ao outro para sabermos quando é que o outro iria chegar a casa. Mas havia uma mudança que só se via de dentro. As nossas conversas desenrolavam-se no mesmo sentido — «Porque é que a Glenn Close não ganhou um Óscar?», «Porque é que não põem batatas fritas nas sandes do Subway?» —, mas o fluxo, o som e o eco eram diferentes. Tinha a sensação de que estávamos a tocar *covers* das nossas próprias conversas. Já não desfrutávamos um do outro da mesma maneira.

Por detrás de tudo, jazia a raiva, creio. Estávamos ambos silenciosamente desconfiados de que o outro nos arruinara a vida. Eu passava dias zangada porque o caso do Dr. Byrne com o James arrasara todas as minhas hipóteses de um bom emprego, bem como toda a percepção que eu tinha de mim própria. Não conseguia parar de pensar no que o Carey me dissera: que fora a minha codependência do James que o levava a distanciar-se.

O James, suspeito, cismava em como a minha gravidez e a subsequente burla aos Harrington-Byrnes lhe haviam cortado a ligação ao amor para sempre. Eu era mazinha para o James, fazia piadas sobre o facto de ele não ter frequentado a faculdade ou mandava-lhe bocas sobre as suas qualidades mais femininas. Coisas de que nos teríamos rido antes agora mexiam de maneira diferente por haver um muro ali. Ele ficava irritado com a minha desarrumação, saindo-se

com alguma tirada paternalista sobre como eu era inútil, não sabia usar um aspirador, encher um ferro de água, enfim, fazer o que quer que fosse de útil.

Depois, os sentimentos mudavam, alterando a direção do seu fluxo. Sentia-me culpada pela minha contribuição para a tristeza do James e, de repente, enchia-o de afeto e de guloseimas. Ele fazia o mesmo: chamava-me linda, apontava para celebridades das revistas que ainda comprava compulsivamente e dizia: «Pareces-te um pouco com ela, não achas?»

Nunca conseguimos ser compatíveis nestes momentos. O James nunca estava com vontade de ser amado quando eu o queria amar, e vice-versa.

Começámos a passar mais tempo com outras pessoas. O James tinha um grupo de três outros rapazes homossexuais e iam juntos ao Chambers Bar nas noites em que eu estava a trabalhar. Terminada a faculdade, era-me mais fácil encontrar-me com os amigos do secundário. As pessoas estavam a voltar para Cork, depois de terem feito os seus cursos noutros locais, à exceção dos alunos da Trinity, que nos provocavam um certo ressentimento e que nunca voltavam. Brincávamos aos adultos, íamos tomar café e lanchar durante o dia. Todos nos sentíamos igualmente sem esperança no futuro e lamentávamos juntos os nossos diplomas inúteis.

A minha melhor amiga da escola era uma rapariga chamada Gemma Dwyer. Estava a fazer o seu primeiro estágio de ensino em Cork, pelo que, por norma, tinha as tardes livres. Criámos uma rotina agradável, embora um pouco aborrecida, de nos encontrarmos num café na French Church Street, por volta das quatro da tarde, onde eu comia uma sandes enorme antes de começar o meu turno às seis. Ela contava-me longas histórias nas quais os seus alunos faziam lembrar os meninos de *The Railway Children* e que a faziam parecer uma deusa benevolente que lhes ensinava a bondade e a compaixão.

Certa tarde, a Gemma inclinou-se, aproximando-se de mim.

— Rachel, há duas mulheres atrás de ti que não param de olhar para nós.

Virei-me. Duas mulheres na casa dos quarenta estavam de cabeças coladas e não faziam segredo do facto de estarem a falar de nós.

— Oh, meu Deus.

— O que devemos fazer? — perguntou a Gem.

— Não sei. Ignoramo-las.

— Elas continuam a olhar.

— E então?

— É má educação.

— As pessoas são mal-educadas!

Quando nos levantámos, a Gemma dirigiu-se a elas enquanto eu estava a vestir o casaco.

— Desculpem... conhecemo-nos?

— Não, acho que não — respondeu uma delas.

— Bem, têm estado a olhar para mim e para a minha amiga durante toda a refeição. Pensei que talvez tivessem algo a dizer.

Uma das mulheres parecia tímida, mas a outra olhou-me nos olhos.

— É a Rachel Murray — disse ela.

— Sim — respondi. — Olá?

— O meu marido trabalha com a Aileen Harrington. — O seu tom era como uma lâmpada despida numa sala de interrogatório. A mulher não estivera na festa, o que era a coisa mais aterradora. Limitava-se a conhecer-me, como muita gente se conhece em Cork. Conhecia-me pela reputação. Conhecia-me de vista.

Senti que me caía tudo ao chão. Aguardei uns segundos para que o sangue me regressasse à cara, após o que saí.

— O que foi aquilo? — perguntou a Gemma. — Quem era?

Limitei-me a despedir-me dela e estuguei o passo, entrando no bar para o meu turno, cabisbaixa.

Depois disso, comecei a reparar cada vez mais nas reações dos estranhos. Sentia-me nua, despojada de uma concha, uma coisa suave cor-de-rosa-bebé. Quando trabalhamos atrás do balcão de um bar, é difícil saber quem está a olhar para nós e quem está a olhar para as bebidas alinhadas atrás de nós. O contacto visual intenso é muitas vezes apenas alguém a tentar concentrar-se na tequila que temos na mão. Mas a mim tudo me parecia o mesmo: os que olhavam para a tequila e as pessoas que sabiam quem a Rachel Murray era e o que fizera.

Numa outra noite, uma rapariga ébria veio ter comigo e informou-me de que tínhamos frequentado a mesma aula de Literatura

Americana.

— Fixe — respondi. — Tens boa memória. Essa turma era enorme.

— Sim — disse ela, inclinando de seguida a cabeça, num gesto conspiratório. Senti-lhe o aroma sintético de um *Red Bull* com vodca no hálito. — Sabes, sempre me perguntei se a pila dele seria tão grande quanto ele. — Soltou uma gargalhada e deu-me um beijo na cara. — És uma lenda, miúda — anunciou, e senti o estômago a apertar-se-me quando reparei numa mesa com as amigas dela a seguir a nossa conversa como se tivessem planeado a frase de abertura.

Este tipo de interações não acontecia todos os dias, nem sequer todas as semanas. Mas eu comportei-me como se estivessem prestes a acontecer. Estava sempre consciente de que me encontrava a minutos do meu próximo encontro relacionado com o Dr. Byrne, mantendo-me sempre em alerta. Não queria ser apanhada a fazer algo que me cimentasse ainda mais como A Vadia na consciência de Cork.

Círculos vermelhos, do tamanho de moedas, apareceram-me nos seios e braços.

— Oh, meu Deus! — exclamou o James, abafando uma gargalhada. — Estás *mesmo* com sarna?

Sarna. A primeira coisa de que falámos, e acabara de passar um ano sobre essa conversa.

Não estava com sarna. Tinha uma coisa a que o médico de família chamava «psoríase gutata». Perguntaram-me se teria surgido algum *stress* novo na minha vida.

— Oh, não sei — menti. — A economia?

As nossas poupanças eram mais importantes do que nunca. Eu deixara de sair. Nunca mais saí porque trabalhava à noite, e nunca gastava nada durante o dia porque estava a dormir ou a preparar-me para ir trabalhar. O James também estava atento e ambos poupávamos cinquenta euros por semana.

— Temos de sair daqui — disse eu ao James.

— Temos de sair daqui — confirmou ele.

Uma pesquisa no Google, em dezembro de 2021:

Dr. Fred Byrne UCC cork

Dr. Fred Byrne UCC cork doente

Dr Fred Byrne UCC cork doente coma

Aideen Harrington

Aideen Harrington marido doente coma

Deenie Harrington marido doente coma

E finalmente:

Alistair Harrington filha marido doente coma

Procuro-os a todos, como se fossem telegramas enviados para o éter. Por estranho que pareça, Alistair Harrington revela-se frutífero. Uma pequena entrevista no *Evening Echo*, publicada no início de outubro.

POETA DE CORK RECEBE RETROSPETIVA NA GALERIA DE ARTE CRAWFORD

Os meus olhos saltitam pela página, assimilando frases sem sentido, como «o regresso a casa que o poeta laureado de Cork merece» antes de finalmente aterrar numa citação da Deenie.

Falando em nome do património do seu pai, Aideen Byrne disse estar «encantada» com o facto de o evento se realizar finalmente, visto que o seu trabalho de arquivo foi adiado várias vezes devido a doença na família.

Tem havido um grande interesse renovado no trabalho do pai ao longo dos anos. A poesia está de novo na moda e parece-me que o público mais jovem está a começar a aperceber-se do eco que o seu trabalho ainda tem.

Alistair Harrington: Cinzas ao Fogo, Galeria de Arte Crawford, 10 de outubro a 15 de dezembro, bilhetes 8 euros

Eis o meu primeiro pensamento: devia marcar o voo agora mesmo, enfrentar as multidões de Natal em Stansted e surpreender os meus pais com uma visita da sua filha muito grávida. Passear pela Crawford, as nádegas apertadas, tentando não deixar sair os gases nervosos da gravidez enquanto olho para as cartas e fotografias em

que em tempos toquei na cozinha banhada pelo sol dos Harrington-Byrnes.

Ou dos Byrnes.

Ela agora só se chama Byrne. Deenie, porque é que ficaste com o apelido do teu marido quando estavas tão à vontade com o Harrington antes? Depois de tudo o que ele me fez a mim e ao James, depois de tudo o que ele deve ter continuado a fazer depois de eu ter desaparecido completamente da sua vida? Regresso à pergunta que fiz a mim mesma centenas, se não milhares, de vezes ao longo dos anos: como é que ela fez com que o casamento funcionasse? Quanto é que engoliu e perdoou? Quanto é que ele mudou e prometeu?

Sou boa em algumas coisas, mas sou ótima no que respeita a estar casada. Conforme aprendi nesse ano em Shandon Street, não há nada que faça a minha personalidade ou o meu humor medrar mais do que poder ver a mesma pessoa à mesma hora todos os dias. Eu adoro a sobre-exposição, as piadas elaboradas, a mitologia privada.

Sou uma grande defensora do casamento e, no entanto, continuo a não perceber como é que a Deenie manteve o seu.

Devia ir, penso, enquanto vejo *sites* de comparação de preços de voos, para *confirmar a mim própria que tudo aconteceu*. Que, no verão de 2010, existiu uma pessoa chamada Rachel Murray, cheia de sexo e livros, rodeada pelos homens por quem estava apaixonada.

E depois o bebé dá um pontapé e parece um terramoto por dentro.

A distância entre mim e o James, que era desagradável, mas orgânica, começou a transformar-se noutra coisa.

Acordei certa manhã de novembro invulgarmente cedo. Acordei com o pescoço torto, o nariz entupido e comecei a questionar-me por que raio é que vivia naquela casa. As formigas no verão, o frio gélido no inverno. Nada de divertido acontecia em Shandon Street desde o êxodo do Carey e do Dr. Byrne. Bebíamos, mas não com alegria; comíamos comida de plástico, mas nunca com um sentido de pecado partilhado — sempre porque era a coisa mais quente e rápida para enfiar corpo dentro. Estávamos destroçados. De vez em quando, informávamo-nos mutuamente de que tínhamos «dado a volta à situação», que já tínhamos «ultrapassado» a tristeza. Não era verdade. Não tínhamos ultrapassado o que quer que fosse.

Naquela manhã de novembro, desci as escadas para beber um copo de água. Eram dez da manhã, mas parecia madrugada. Saíra do trabalho às três e tinha ficado acordada, vigilante, até bem depois das quatro. O James já estava acordado, diante do portátil e a falar ao telefone.

Quando me viu no cimo das escadas, desligou, como se eu o tivesse apanhado a masturbar-se.

— Quem era?

— Hum?

— Ao telefone. Quem era?

— Ninguém. O que estás a fazer acordada?

— Água.

— Ah.

— Está frio.

— Eu sei.

— Posso levar um aquecedor?

— No meu quarto. Leva também um *hoodie*, se quiseres.

Aconcheguei-me na cama e adormeci. Ter-me-ia esquecido daquilo se a mesma coisa não tivesse voltado a acontecer uma semana depois. Outra chamada telefónica subitamente desligada, outro sorriso e uma oferta de roupa, ou comida, ou uma ida ao McDonald's. Andava sempre a apanhar o James no meio de alguma coisa, mas não sabia que coisa era essa.

Comecei a suspeitar de que ele andava a dormir outra vez com o Dr. Byrne. Não parecia haver outra explicação. Andariam a trocar *e-mails*? Será que o Fred Byrne não aprendera a lição da primeira vez?

As ausências do James tornaram-se mais longas, o seu discurso mais reservado, a sua linguagem corporal mais retraída. Era suposto emigrarmos juntos em janeiro, dali a apenas seis semanas. Seria aquela a altura certa para recomeçar a namorar com o homem que nos traía de forma tão irrefletida?

Não queria perguntar-lhe sobre isso. Se o fizesse, ele contar-me-ia, e, como eu nunca conseguia dizer não ou ficar zangada com o James, acabaria por me ver arrastada novamente para o mundo deles. Já era uma fugitiva na minha própria cidade. Nem pensar em tornar-me cúmplice da traição do Dr. Byrne à Deenie outra vez.

— Estás bem? — perguntou o James um dia. Estávamos a montar uma árvore de Natal artificial que a mãe lhe oferecera. A colocar ramos num poste verde, as agulhas de plástico a picar-nos o rosto.

— Sim — respondi. — E tu?

— Parece... — Examinou um dos ramos. — Espinhosa.

— Boa. Isso vai para o guião?

— Hum?

— Ramos. Espinhosos.

— Ah. Certo. Hum. Não. — O James parecia enjoado.

Pensei em como me sentiria se fosse o Carey quem eu estivesse proibida de ver, apesar de ele viver a apenas um quilómetro de mim. Senti uma pontada de solidão por ele, o desespero de saber que ele andava no mundo, ainda a viver a sua vida, sem sequer ter a decência de estar morto, pondo consequentemente um ponto final gracioso à

nossa relação.

Só me enviara uma mensagem desde que voltara a Derry, dizendo que precisava de pensar acerca de nós. Nunca mais me disse nada. Entrei em contacto, perguntei-lhe pela saúde da mãe, mas fiquei sem resposta.

Fingi que estava a desembaraçar as luzes.

— Queres ir lá a casa no *Boxing Day*? — perguntou ele.

— No Dia de Santo Estêvão^[4] — corrigi. Ele conseguia continuar tão inglês às vezes. — Onde? A Fermoy?

— Sim. A minha mãe vai dar uma festa.

— Vens-me buscar?

— Claro.

— Claro.

Recuámos, surpreendidos, vendo como toda a sala parecia encantadora. Sempre me ensinaram a pensar que as árvores artificiais eram foleiras, que os cães grandes eram melhores do que os pequenos, que *waffles* de batata eram uma coisa comum. Muitas das minhas crenças sobre o mundo haviam sido premeditadas com base no facto de, em tempos, termos tido dinheiro. Agora sabia que uma árvore verdadeira por quarenta euros era um desperdício, sobretudo porque só pode ser usada uma vez. Que os cães pequenos se dão melhor em casas pequenas. Que os *waffles* de batata são um bom revestimento para o estômago quando não se tem muito mais.

Ali, na nossa sala de estar, com as luzes de Natal a refletir no arbusto verde e ceroso, apercebi-me de que não havia nada de errado com uma árvore artificial.

— Devíamos limpar a casa — propus. — Deixá-la um pouco mais natalícia.

Varremos o chão, passámos o aspirador entre as almofadas do sofá, fomos buscar velas aos nossos quartos. Havia alguns frascos vazios na reciclagem e pusemos-lhes velas dentro. O James foi à loja de conveniência e trouxe uma garrafa de vinho quente, um pouco de rum com especiarias e uma embalagem de chocolates da *Cadbury's*.

Misturámos o vinho quente e o rum no fogão, a janela da porta das traseiras a embaciar. O James estava tão bonito, tão diferente do que fora um ano antes. Era como se tivesse encontrado o seu rosto, atingido as proporções ideais para o seu nariz, encontrado tons de

cinzento para os seus olhos verdes.

Verteu a mistura na nossa melhor caneca e deu-ma. A nossa ordem de canecas era a seguinte: a caneca grande dos Flintstones, a caneca cinzenta normal, a caneca pequena com um mapa de Espanha, a caneca bonita com um cavalo e uma pequena racha e, finalmente, uma caneca onde um ovo de Páscoa *KitKat* repousara em tempos e que queimava os dedos quando segurávamos nela demasiado tempo. O Carey bebia sempre da caneca com o mapa de Espanha. O Dr. Byrne tinha a do cavalo. Eu e o James alternávamos entre a dos Flintstones e a cinzenta.

— Agora odeio a de Espanha — anunciei, soprando a mistura. — Deixa-me triste.

— Odeio a do cavalo. — Ele disse-o com tanta convicção que comecei a duvidar da minha teoria de que ele andaria a encontrar-se com o Dr. Byrne outra vez. Bebemos em silêncio por um momento.

— Vamos atirá-las do telhado.

Havia um taco de *hurling* no quarto do James, que parecia existir apenas para que ele pudesse dizer às pessoas com quem dormia que jogara *hurling* no secundário. Saímos pela janela, ele passou-me o taco, juntamente com a panela de vinho.

— Eu atiro — anunciou. — Tu bates.

O taco atingiu a caneca de Espanha, partindo-a ao meio, pelo que Gibraltar ficou de um lado da estrada e San Sebastian do outro.

— Foda-se! — gritei, o alívio a atravessar-me. — Sim! Foda-se!

— OK, também quero — pediu o James.

Lancei a caneca do cavalo ao ar e ele acertou-lhe na base, despedaçando-a sobre as nossas cabeças. Cobri a cara com a manga quando os cacos caíram.

— Isto soube bem — disse ele. — *Merda*.

— Sinto-me tão forte agora. Era tão bom se tivéssemos mais coisas para partir.

— Não temos — respondeu ele. — Só nos restam umas quantas canecas.

— Odeio a do *KitKat*. Queres que a vá buscar?

— Tens a certeza de que queres fazer isso? Depois, só ficamos com duas canecas — alertou ele. — Nada de convidados.

— Sim — garanti. — Não há mais convidados... nem cabrões.

Ele lançou a caneca e eu bati, falhando por pouco a caneca, que saltou para o passeio e se espatifou.

— Hum — murmurei. — Foi um pouco anticlímax.

— Porque a caneca do *KitKat* não tinha nenhum significado — explicou o James, sagazmente. — A caneca do *KitKat* limitava-se a estar na sua vidinha.

— Coitadinha.

Bebemos no telhado até ficar demasiado frio. Quando voltámos para dentro, as velas estavam acesas e toda a cozinha cheirava a especiarias. Parecia o convés inferior de um velho navio, tosco e acolhedor, a nossa única segurança contra o mar.

— Acho que já os exorcizámos — comentou o James. — Acabou-se. Foram-se embora.

Abracei-o e adormecemos debaixo do cobertor, lá em baixo. Acordei umas horas mais tarde, com um novo pensamento assustador a desenrolar-se como uma cobra.

Se não era o Dr. Byrne que o James estava a esconder de mim, então o que seria?

Ainda bem que passámos aquela noite no telhado, porque pouco nos vimos durante o resto do mês de dezembro. Trabalhei todas as noites até à véspera de Natal, com a época das festas a ficar cada vez mais caótica à medida que nos aproximávamos do Ano Novo. «Fairytale of New York» passava constantemente, e pasmava-me o facto de, apesar de ser um *cliché*, as pessoas ainda se deixarem comover. «Já não aguento 2010», diziam-me muitas vezes no bar. «Que venha 2011, porra! Morte a este ano de merda!»

Fiquei aliviada por ir passar uns dias a casa. O Chris estava fora a maior parte do tempo. O Kev, que ainda só tinha dezasseis anos, passava o dia comigo. Víamos as repetições da *Buffy* no canal Syfy, comíamos queijo diretamente do frigorífico, encontrando um ritmo que não existia antes. Estava a começar a emergir uma pessoa, ou talvez já estivesse a emergir há muito tempo. Ele era engraçado, apercebi-me. Delicado a falar, mas seco.

— O que é que o teu amigo James vai fazer no Natal?

— Vai para casa, em Fermoy.

— Ele é *gay*, não é?

— Sabes bem que sim.

O Kev ficou calado. Continuámos a ver a *Buffy*. O James Marsters falava furiosamente sobre «a caçadora» e o que faria com ela, o cabelo descolorado penteado para trás.

— És *gay*? — perguntei-lhe.

— Não sei — respondeu ele, por fim.

— Bem, se fores — disse-lhe, sentindo-me muito intensamente a irmã mais velha —, sabes que isso não tem mal nenhum, certo? Não precisas de o esconder.

— Eu sei — respondeu ele. E parecia saber mesmo. — Ainda estou a apalpar terreno.

Depois disso, não voltámos a mencionar muito o assunto. Fiquei com a sensação de que ele não pretendia discuti-lo com a irmã mais velha, e eu não o culpava. Estivera afastada da vida dele durante muito tempo, mas senti-me aliviada por ele conseguir falar sobre aquilo. Por não ter mentido ou fechado o assunto dentro si. Não iria acabar por levar a vida dupla do Dr. Byrne, ou ter de mentir, como o James sentira ter de fazer. Talvez as coisas estivessem mesmo a ficar mais fáceis.

— Vou deitar-me — disse eu, e não consegui deixar de lhe dar um beijo na têmpora.

O James veio buscar-me no Dia de Santo Estêvão, no carro da mãe. O código de vestuário, informara-me, era semiformal. Usei um vestido de lantejoulas pretas com decote em «V» que comprara em segunda mão, mas que era da *French Connection*.

— Meu Deus! — exclamou ele, buzinando em sinal de agrado. — Rachel Murray, essas tuas pernas vão até ao teu olho do cu!

— Não é aí que as pernas costumam acabar?

— É uma figura de estilo. Entra.

Falou incessantemente até Fermoy, sobre os seus presentes de Natal (uma pilha de livros sobre escrita de guiões, um *aftershave Comme des Garçons*, um *hoodie* da *Hollister* que tencionava trocar), os das irmãs e o plano da mãe para arranjar um cão. Não sei dizer se foram os dias passados em casa que o haviam deixado nervoso, mas pareceu-me agitado.

Quando chegámos, a Nicola estava à porta a distribuir flutes de champanhe com morangos. A ilha da cozinha encontrava-se repleta de

aperitivos de luxo da Marks & Spencer, e eu percorri-a alegremente, mergulhando tostas de camarão estaladiças em molho *sweet chilli*. As pessoas encheram o espaço rapidamente e eu gostei de desempenhar o papel de jovem encantadora que ouve com atenção e ri com facilidade.

Fiquei surpreendida quando encontrei a Sabrina a fumar lá fora com uma das irmãs do James. A Sabrina, que se mudara para Nova Iorque naquele verão, e que o James pensara em tempos ser eu.

— Olá! — cumprimentei-a, já com uns quantos copos a mais e fazendo menção de a abraçar. — Caramba, que bom voltar a ver-te! Vieste a casa para o Natal?

— Rachel! — Ela abraçou-me de volta. — Sim, sim, cheguei no dia 23. Como estás?

Perguntei-me como é que o James alguma vez poderia ter achado que eu e a Sabrina éramos parecidas. Ela era mais baixa do que eu, para começar. Tinha cabelo curto e loiro, enquanto o meu cabelo era comprido e de um loiro mais cor de água da loiça. A Sabrina tinha um rosto pequeno e aguçado, um queixo pontiagudo, olhos astutos. O meu rosto era mais cheio. «Como uma pintura clássica», dissera o James certa vez, gentilmente.

A segunda coisa que me espantou foi o facto de a Sabrina estar ali. Saíamos um pouco com ela, quando trabalhávamos juntos, mas dávamo-nos com toda a gente que tivesse vagamente a nossa idade. Concordávamos que a Sabrina era simpática, se bem que um pouco arrogante. Na verdade, mal me lembrara dela desde que emigrara. Por que raio viera ela a Fermoy, no meio de nenhures, quando aquele dia era a melhor noite do ano na cidade?

— Como está Nova Iorque? — perguntei, quando o que queria mesmo saber era: *Por que raio estás aqui?*

— Oh, já sabes. Um gelo. Mas é bom. Os americanos são tão amigáveis. Sinto que há algo a acontecer todas as noites.

— Sempre ouvi dizer que os nova-iorquinos eram mal-educados.

— Ouve-se isso, mas são só mal-educados quando comparados com outros americanos, acho eu. São simpáticos em comparação com os europeus.

— As pessoas dizem que os irlandeses são simpáticos. Eu não acho que o sejamos. Acho que somos apenas barulhentos.

— Certo!

Continuámos a conversar nestas linhas e, ao cabo de algum tempo, tive a estranha sensação de que a dinâmica não estava a funcionar. Sempre havíamos sido amigáveis, e ainda o éramos, mas tive a sensação de que éramos uma atual e uma ex-mulher a lutar por território. Eu via-lhe os olhos a saltitar e senti a necessidade de provar o meu lugar na vida do James, dizendo-lhe que já estivera naquela casa uma série de vezes.

— A Nicola cria gatos naquele barracão — expliquei. — Nicola é o nome da mãe dele.

— Eu sei. Conheci-a quando cheguei.

— Faz umas sandes ótimas — continuei, demasiado entusiasmada, reafirmando a minha longevidade em casa dos Devlins. — Certa vez, fez-me uma sandes de fiambre.

Embora as minhas reações fossem estranhas, sabia que os meus instintos estavam certos. Algo se passava, relacionado com a vinda da Sabrina àquela festa.

O James apareceu no jardim com outra bandeja de bebidas. Esboçou um sorriso rasgado, mostrando todos os dentes. Um sorriso que eu sabia significar «merda» e não «olá».

— Olá, às duas! — disse ele, alegremente.

— Olá! — respondemos ambas em uníssono.

— Não me contaste que a Sabrina vinha! — observei logo de seguida.

— Sim! — disse ele. Depois instalou-se um breve silêncio. — Rachel, queres ajudar-me com as bebidas lá dentro? Os reformados estão a beber xerez demasiado depressa, e a minha mãe pôs-me a tratar do reabastecimento.

— Tudo bem.

Havia uma despensa ao lado da cozinha e eu segui-o até lá.

— O que se passa?

— Vou mudar-me para Nova Iorque — explicou-me ele.

A sua expressão era tão séria que até me ri.

— Não vais nada mudar-te para Nova Iorque — ripostei. — Isso está fora de questão. Nem sequer é um assunto.

— É um assunto, sim.

Agachei-me, envolvendo a barriga com os braços. Incapaz de

acreditar que, num ano em que tudo mudara, as coisas tinham conseguido mudar de novo.

— Desculpa.

— É por causa disso que tens andado tão reservado, não é?

— Sim.

— Preciso de ir para casa. Preciso de chamar um táxi.

— Não podes chamar um táxi.

— Posso, sim.

— Não vais conseguir nenhum táxi, e, mesmo que conseguisses, iria custar-se cinquenta euros voltar para Douglass.

— Bem, não posso ficar aqui — respondi, já a chorar.

— Anda — disse ele, segurando-me na mão. — Vem comigo.

Eu tinha o rosto lavado em lágrimas e não queria ver ninguém.

— Não — respondi, afastando-me.

— Anda lá. Vamos dar um passeio.

Ele conduziu-me pela casa e saímos pela porta principal, de mãos cerradas em punhos, ambos cabisbaixos, como um casal à beira do divórcio. Descemos o caminho de acesso da casa dos pais dele e metemo-nos pelo campo. Em breve, estávamos rodeados tão-só de relva e estrelas.

— Continua — disse ele.

— Continuo o quê?

— Grita comigo, ninguém te vai ouvir.

— Não quero — repliquei, querendo muito gritar com ele. — Só quero saber porque é que participaste nesta *ficção* de Londres quando te vais mudar para Nova Iorque para viver justamente com a Sabrina? Gostas dela sequer? Vocês são *amigos* sequer?

O campo cheirava a animais e a humidade, e senti-me engolida pela sua vastidão.

— Não pensei que isto fosse acontecer — explicou ele. — Olha, andei a dar voltas às casas com os agentes de Londres, e com as empresas de produção, e todos eles me dizem que eu devia dar a cara como comediante, fazer festivais de comédia, entrar no teatro, e... Não sei, isso parece-me bem, mas não é *a minha cena*. Comecei a procurar outras coisas e encontrei este estágio.

— Um estágio? — zombei. — Vais mudar-te para a América por um estágio?

— É uma coisa a sério. Um dos programas do *Late Night*, aqueles filmados em Nova Iorque, fazem estes estágios para pessoas de grupos sub-representados que estão a tentar entrar na comédia. Começa-se como assistente de escrita e eles têm toda uma infraestrutura para te ajudar a subir na carreira.

Eu nunca o ouvira a usar a palavra «infraestrutura». Imaginei-o em entrevistas telefónicas com alguém elegante da televisão, alguém real, mas que, no entanto, nunca me fora mencionado. A mim, que era suposto saber tudo sobre ele.

— E isso já é a tua cena? — perguntei. — És um grupo sub-representado?

— Sou um homem gay. E da classe trabalhadora. Portanto, sim...

Nunca pensara nos factos da nossa existência. Fiquei surpreendida com o quanto isso me perturbou. Não queria que me lembrassem mais de que eu e o James éramos duas pessoas muito diferentes.

— Mas e então? Quando é que te candidataste a isto?

— Em junho.

— Junho!

— Nunca pensei que fosse dar em alguma coisa! Era mais um exercício de escrita. E depois chamaram-me, e eu tive uma entrevista e disseram-me que tinha passado para a segunda fase, e depois para a terceira. Ligaram-me no mês passado e disseram-me que eu tinha conseguido entrar.

— Porque é que não me contaste?

— Oh, Rache, estavas a passar por tanta coisa. O Carey e... tu sabes. Além disso, nunca me passou pela cabeça que fosse conseguir.

— Não acredito que me tenhas andado a mentir, James. Temos estado a poupar e a falar sobre Londres há meses. E tu já te tinhas candidatado a esse maldito concurso para viver em Nova Iorque.

De alguma forma, chamar-lhe concurso fazia-me sentir melhor.

— Em junho, preenchi literalmente um formulário. Em fevereiro, preenchi um formulário para ir viver em Paris, mas também nunca mencionei isso porque nunca deu em nada. Eu só... Olha, não sei... Tu também te candidatas a coisas, não é?

— Não! — explodi. — Eu não me *candidato* a nada!

Ele deu um pontapé num torrão de terra.

— Bem, não, Rachel, porque não precisas, pois não?

— Que raio é que isso quer dizer?

— Tu *sabes* o que quer dizer. — Ele estava farto de se sentir humilhado. — Quer dizer que o teu pai é dentista, o teu avô era bancário e tu tens um diploma universitário. O campo de jogo não está *nivelado*, Rache.

Hoje, provavelmente, eu teria aceitado aquela resposta com toda a naturalidade. Já li muitos artigos sobre os privilégios da classe média, e até escrevi alguns. Mas estávamos em 2010 e eu era demasiado impertinente.

— Estás *com a moca*, James? — gritei. — Olha à tua volta. — Fiz um gesto para a casa atrás de nós, para os campos de cultivo que o padraço dele possuía. Era ele quem conseguiria obter dinheiro de emergência da mãe. Era ele quem pedia emprestado o carro da família. — Tu estás melhor do que a minha família, e sabes disso.

Era suposto que aquilo fosse uma discussão sobre Londres e Nova Iorque. Sobre secretismo e sobre mentiras. Porque é que estávamos a falar de estatuto social e de quem era neto de um bancário?

— Querida, andei a pular de casa de merda em casa de merda até aos nove anos. Mudei demasiadas vezes de escola para aprender a fazer contas de dividir bem. *Mal* consegui terminar o décimo segundo ano, não tenho hipóteses de ir para a universidade e não tenho contactos. A menos que queira arranjar um emprego numa pocilga, estou lixado. Vou trabalhar no atendimento ao público para sempre. *Talvez* arranje um emprego num *call center* e vá subindo até chegar a supervisor. Mas tu podes fazer qualquer coisa, Rache. Podes dedicar-te a qualquer carreira. Verdadeiramente. É *por isso* que não tens de entrar em concursos.

Revirei os olhos. Para mim, aquilo era tudo melodrama, tudo táticas para me distrair da verdadeira questão, que era o facto de o James me ter mentido.

— Achas que só estou para aqui a dizer disparates — continuou ele, com as narinas muito dilatadas. — Mas vais ver, amiga. Essas pequenas graças que obtiveste da tua família, da universidade, têm significado. Ouvir «Homer» e saber quando alguém não se refere a «Simpson». Saber de que parte do animal vem o patê. Tudo isso contribui. Tudo isso significa alguma coisa.

Não sei se as palavras do James foram uma previsão, ou um

feitiço, mas ele estava certo. Significava, e significaria, alguma coisa. Depois de me mudar para Londres, descobri que o meu sotaque, as minhas boas maneiras e a minha vaga capacidade de fazer referência a Trollope me ajudaram a construir uma imagem junto dos meus colegas ingleses que se tornou mais do que a soma das suas partes. «Tens uma daquelas vozes irlandesas *agradáveis*», disse-me alguém certa vez. «Suave.»

Pensaram que eu tinha um passado boémio, ou talvez fosse uma prima distante da aristocracia. Todos acreditavam que eu frequentara a Trinity, que conhecia pessoalmente muitos poetas e pediam-me dicas sobre cavalos de corrida. Certo dia, convidaram-me para ir a Ascot e pediram-me que apresentasse algum jóquei ao grupo. Achei tudo hilariante, claro, e contei ao James, mas raramente corrigi quem quer que fosse. A diferença entre a verdade e a realidade era demasiado marginal. Qual é a diferença, de facto, entre classe média-alta e média-média?

— Não consigo acreditar que me vais deixar — disse eu. — Depois de tudo.

O James abraçou-me com força, ali, no meio do campo do padraço.

— Eu também não te quero deixar — respondeu, começando a chorar. — Rache, tenho tanto medo.

Ficámos assim, abraçados, durante muito tempo. Tentei imaginá-lo nas grandes ruas de Nova Iorque, com o seu corpo magro e a sua cabeça ligeiramente grande a balançar enquanto ia buscar cafés, almoços e roupa à lavandaria. Pensei num mundo em que só o veria algumas vezes por ano. E perguntei-me o que faria a seguir.

Voltámos para a festa, os braços em volta da cintura um do outro, e eu disse-lhe quão orgulhosa estava dele e que o Michael e a Alice iriam continuar a viver juntos mesmo que nós não vivêssemos. Eles iriam ganhar os Emmys e nós estaríamos na passadeira vermelha, a receber estatuetas em nome deles.

A casa estava iluminada, a festa ainda em pleno andamento. É tão difícil saber que música passar numa festa do Dia de Santo Estêvão. A música de Natal já estava a aborrecer, por isso alguém pôs Elton John. Elton, que é Natal sem ser Natal. Disse-o ao James, e ele riu-se, achando a deixa engraçada.

Parou junto ao portão.

— Vou ter de ver a nossa conta poupança — explicou. — Vou somar todos os meus depósitos e tirar esse valor.

A conta rondava agora os quatro mil euros. Os dois mil que os Harrington-Byrnes me tinham pagado para desaparecer eram meus, suponho. Nunca teria passado pela cabeça do James reclamá-los para si. Fora a minha gravidez, o meu aborto. O meu pedaço de carne.

Quando comecei a escrever tudo isto, disse-vos que eu e o James só tivemos uma discussão, oficialmente falando. Aquela na O'Connor, em que o empurrei contra uma parede. Em que ele quase precisou de pontos. Houvera mais duas, e foram na noite em que lhe contei sobre a chantagem que fizera ao Dr. Byrne e na noite em que ele me falou de Nova Iorque. Dito isto, porém, nunca penso na Noite de Santo Estêvão de 2010 como uma briga.

Penso nela como a noite em que decidimos dividir o dinheiro e fugir.

[4] Designação, na Irlanda, para o *Boxing Day*, feriado inglês de 26 de dezembro. (*N. da. T.*)

Cheguei a Londres a 15 de janeiro de 2011, num dia em que o elevador da estação de metro de Elephant & Castle avariara.

Arrastei a maior mala do meu pai pelos cento e vinte e quatro degraus, sem fôlego e a sonhar ferozmente com um cavalheirismo que nunca chegou. Quando emergi no ar gelado, descobri que o meu novo bairro era uma rua de mercado junto a uma estrada movimentada e barulhenta. Havia petiscos e roupas nos carris e ossos de galinha no chão. Tudo cheirava a pipocas, a peças de roupa de poliéster e a fumo de escape de automóveis.

Ia viver com desconhecidos. Havia outras opções disponíveis, é claro. Assim como o James falara com a Sabrina, o seu único contacto em Nova Iorque, eu poderia ter procurado na minha lista de amigos do Facebook por pessoas que se tivessem mudado para Londres e pudessem ter um quarto vago. Porém, quanto mais pensava nisso, mais imaginava a minha cidade natal como uma sombra rastejante. As raparigas continuavam a dirigir-se-me no bar, a fazer-me perguntas estranhas e a lançar olhares de relance às amigas. Estava demasiado assustada para ir a qualquer sítio onde pensasse que os Harrington-Byrnes poderiam estar, e isso incluía livrarias, eventos com música ao vivo e o English Market.

Terá sido assim tão mau? É difícil dizer. Eu era o centro do meu mundo, pelo que me parecia natural presumir que toda a gente em Cork sabia quem eu era e falava de mim. Mas será que estava a imaginar tudo aquilo?

Quer os olhares estranhos fossem reais ou não, eram-no para mim e afetaram todas as escolhas que fiz a seguir. Nunca procurei ninguém

da minha terra: nem antes de me mudar, nem depois.

Encontrava-me, pela primeira vez na vida, completamente sozinha.

Fizera uma entrevista por Skype para um apartamento partilhado na Old Kent Road. O senhorio era estranho. Insistiu em fazer-me um mapa astral antes de eu me mudar, a fim de verificar se estaria em harmonia com a casa, pelo que me foi pedido a data e a hora exata do meu nascimento. Fiquei muito encantada com aquilo, claro. Parecia mesmo o tipo de coisa que aconteceria a uma jovem heroína que se muda sozinha para Londres. Além disso, queria histórias engraçadas para contar ao James. Não suportava a ideia de ele estar a fazer histórias e eu não ter nenhuma.

O apartamento ficava num décimo primeiro andar, sem elevador, pelo que arrastei de novo a mala. Cheguei, bati à porta e encontrei o meu novo senhorio de camisola de alças de rede e *boxers*.

— Sol em Touro! — exclamou em jeito de saudação. — Lua em Escorpião! Olá!

— Olá.

— Sensual e impetuosa — continuou ele. — Apaixonada. Espero que não me estragues o sono ao trazeres rapazes para aqui a todas as horas do dia e da noite.

Chamava-se Justin. Não era homossexual, como aquele tipo de linguagem poderia insinuar, apenas um pervertido.

O meu quarto tinha a forma de uma velha moeda de cinquenta *pence*, um *futon* enrolado e um guarda-roupa pesado sem gavetas. Durante três meses, pendurei o que podia ser pendurado e guardei todas as cuecas e meias na mala.

Na primeira manhã que passei no apartamento, o Justin seguiu-me constantemente, como um cão com um distúrbio de ansiedade. Falou-me da sua rotina de exercício físico, do seu trabalho a vender eletrónica no aeroporto, da altura em que aos vinte anos fora bailarino em Berlim, do seu sonho de voltar a dançar nos Jogos Olímpicos de Londres — que, em breve, estariam a realizar audições — e do seu amor pelo espiritualismo e pelo oculto. Falou sobre o meu mapa astral, explorando extensivamente o alinhamento dos planetas e terminando com uma imitação do Austin Powers: «Isto deixa-te excitada, querida?»

Eu nunca tinha conhecido alguém tão estranho que, ao mesmo tempo, pudesse ser tão desprovido de charme. Mesmo agora, sinto que falho nesta tentativa de o fixar com palavras. Sempre pensara que gostava de pessoas estranhas, mas talvez agora as odiasse.

Fui tomar banho e ele seguiu-me até à porta da casa de banho, sentando-se do lado de fora e continuando a falar enquanto eu me lavava.

— Justin! — gritei, sob o jato fraco de água tépida. — Podes, por favor, ir bugiar?

Ele desamparou-me a loja. Quando saí do duche, desaparecera, mas deixara num prato no chão um *wrap* de tortilha com fiambre e alface. Colara-lhe um *post-it*. Dizia: «Para ti.»

Peguei no prato e comi no *futon*, ainda encharcada, desatando a chorar. Era precisamente o tipo de coisa que o James poderia ter feito — uma versão, pelo menos —, e agora era um excêntrico qualquer que o fazia.

No entanto, mesmo por entre lágrimas, conseguia sentir algo a acontecer dentro de mim. Mandara um estranho bugiar, e estava a falar a sério. Traçara os meus limites a alguém. Nunca o tinha feito antes.

Inglaterra não era exceção para a recessão, mas Londres sim. Ou melhor, estava a dar-lhe resposta mantendo o número de empregos e limitando-se a pagar menos a toda a gente. Aquilo pode ter sido um alívio para alguns, mas, para mim, constituía um quebra-cabeças matemático. Não compreendia como é que um emprego de assistente de dezoito mil libras por ano podia exigir uma licenciatura e mais de um ano de experiência.

Um enigma maior era o meu CV. Fizera um bom estágio de cinco meses com a Deenie Harrington. Lançara um livro com ela. Até constava dos agradecimentos. Mas e se lhe telefonassem?

— Põe apenas «referências disponíveis mediante pedido» — aconselhou o James, quando falámos sobre o assunto pelo Skype.

— Mas e quando mas pedirem? — retorqui. — Que número lhes darei?

— O meu. Faça-me passar por ela.

— Isso nunca vai resultar.

— Espera — pediu ele. Levou o portátil para o patamar do prédio.

— Desculpa. A Sab está a tomar o sétimo duche do dia e só a ouvia a ela a cantar.

— Canta alguma coisa de jeito?

— *Não*.

Para minha felicidade, o James e a Sabrina não se estavam a dar bem como colegas de casa. Ele achava-a rígida e crítica, e, apesar de ela lhe ter vendido as delícias da vida social de Nova Iorque, queria passar todas as noites a fazer trabalhos manuais. «Fico a vê-la a fazer tricô», queixara-se ele. «Tenho vinte e três anos, estou na melhor cidade do mundo, e fico a ver esta cabra estúpida a ver televisão e a *tricotar*.»

No local de trabalho, ainda ninguém sabia o nome dele. Interessaram-se brevemente por ele no primeiro dia, quando tentaram localizar o local de nascimento das suas avós, repetindo simplesmente a palavra «Louth?» e «Não, Longford?», mas ninguém falara com ele desde então. O seu sotaque, fortemente de Cork, com laivos de um nativo de Manchester, não era particularmente difícil de entender, mas era invulgar e difícil de situar, pelo que as pessoas não conseguiam concentrar-se no que ele tinha para dizer quando se lhes dirigia.

— Hoje uma pessoa disse-me que era «bom» eu não querer estar em frente da câmara — contou-me ele. — Que raio quer isso dizer?

— Pelo menos tens um emprego a sério.

Eu não tinha um emprego a sério. Também não tinha um número de Segurança Social, motivo pelo qual estava a trabalhar num bar que me pagava em dinheiro até que eu pudesse trabalhar legalmente no Reino Unido. Conseguira esse emprego percorrendo todas as ruas do centro de Londres e entregando o meu CV em bares, certificando-me de que carregava o mais possível no sotaque.

— Consegues fazer a espuma? — perguntou um gerente de bar.

— Desculpe?

— O trevo na espuma? Na *Guinness*?

— Sim.

Não conseguia fazer o trevo na espuma da *Guinness*. Quando o pedido acabou por surgir, esbocei uma expressão triste e expliquei que

aquele barril tinha «viajado mal» da Irlanda e que o trevo não iria assentar. Por incrível que pareça, acreditaram em mim.

Passava por muitos marcos históricos a caminho do trabalho. Atravessava a Tower Bridge de autocarro, como uma criança num desenho animado sobre Londres, e via a Torre de Londres e a Catedral de São Paulo. Aquilo ajudava. A paisagem não se paga, por isso ajuda sempre. Mas o que me acontecia muito frequentemente era perguntar-me o que estava eu a fazer ali ao certo. Londres não era o meu sonho. Era o sonho do James. Eu nunca quisera assim tanto deixar Cork, até que viver lá me começou a parecer um ataque de pânico à espera de acontecer.

Eu e o James falávamos da possibilidade de eu me mudar para Nova Iorque, mas o visto era demasiado complicado, pelo que o James sugerira que eu ficasse na Irlanda e tentasse dar andamento ao pedido. Para mim, era óbvio que essa era a opção mais patética de todas. A única coisa digna a fazer consistia em mudar-me para Londres e tentar a minha sorte sozinha. Já perdera tanta dignidade em 2010. Precisava de recuperar alguma.

Acabou por me ser atribuído um número da Segurança Social e arranjei um trabalho temporário num escritório. Continuava sem amigos. Ninguém fala com gente com vínculos precários num escritório. O Justin estava sempre lá quando eu chegava a casa, falando sem parar.

A primavera chegou. Eu continuava a não ter com quem conviver ao fim de semana e, por isso, fazia longos passeios por Londres, sem gastar nada, comprando ocasionalmente um *nikuman* de duas libras numa padaria de Chinatown. O dinheiro estava a acabar. Certo dia, senti-me tão cansada da solidão que me sentei em plena Chinatown, ao lado de uma mesa com panfletos de protestos pró-democracia. Esperava que as pessoas julgassem que eu ali estava em solidariedade, como uma rapariga branca que, de alguma forma, «percebia». Uma mulher pediu-me um donativo e, quando lhe disse que não tinha nada para lhe dar, pediu-me educadamente que saísse dali.

Nesse mesmo dia, encontrei uma livraria. Há muitas perto da Charing Cross Road. Mas aquela era diferente, porque era a minha.

Era enorme e movimentada, mas silenciosa, com uma pequena cafetaria no canto, com bancos de bar para beber um expresso. Vendia

livros novos, em segunda mão e edições raras. Podia comprar-se música, mas só se fosse *jazz*, e o homem responsável pela secção de *jazz* transmitia um entusiasmo espantoso. Depois de por lá ter andado uma hora sem comprar nada, sentei-me num dos bancos junto da montra, com a sensação arrebatadora de que encontrara o primeiro sítio em Londres de que gostava. Decidi que iria arranjar um emprego ali.

Demorou um mês. Um mês para que aceitassem que precisavam de alguém para ajudar nos fins de semana, coisa que fiz em adição ao meu trabalho temporário, e depois mais três meses para que o tipo que estava a explorar a cafetaria se fosse embora, ficando eu com o trabalho dele também. De seguida, transferiram-me para a ficção. Eu era jovem e estava desesperada por fazer amizades, tratando toda a gente com quem trabalhava como uma celebridade. Estudava-os como se fossem tema de mestrado. A Sofia, que comia uma sandes de salmão fumado do Pret todos os dias, mesmo naqueles em que não estava a trabalhar, e cujo pai trabalhava com o presidente da câmara de Londres. Que, na altura, era, claro, Boris Johnson, e que, na altura, achávamos hilariante. A Philippa, que bebia *Lilt* e tinha alguma espécie de ligação familiar distante à princesa Anne, pelo lado da família Tindall. O Byron, que tratava do *jazz*, e era responsável por uma noite, todas as sextas-feiras, em Shoreditch, que eu agora frequentava todas as sextas-feiras. Ele teria já uns bons quarenta e tal anos, mas adorava uma festa e ficava feliz por me apresentar a pessoas de quem eu viria a tornar-me amiga e/ou com quem acabaria por ir para a cama. A Radhika, que tratava das edições raras e se formara com distinção em Oxford, onde também, segundo palavras suas, tinha «apanhado» anorexia. Isso já passara, dizia ela. Aconselhou-me a nunca invejar ninguém de Oxbridge porque eram todos ou rufias egoístas ou cobardes e cheios de medo de si próprios.

Tornei-me a rapariga que detestava ir para casa, que convidava sempre toda a gente para um copo depois do trabalho, que aceitava todos os convites, que os perseguia até. Algumas semanas depois, a Radhika confessou-me que nunca tinham socializado como um grupo antes de eu ter aparecido. Suponho que não precisassem de o fazer. Eram todos de Inglaterra. Tinham redes de contactos, antigos colegas de escola, passatempos. Mas sentiam-se todos sós, à sua maneira.

Londres devora toda a gente. A minha solidão tornou-se uma força galvanizadora. Fazia com que as pessoas se mantivessem na noite, mais uma bebida, outro bar, Soho para os G-A-Y-S, depois os horríveis casinos em Leicester Square. O facto de ser irlandesa ajudou. As pessoas estavam dispostas a acreditar que eu era divertida.

Era estranho, porque aquelas que agora eu considerava as minhas melhores amigas em Londres viam-me, na altura, como uma amiga satélite. Porém, aquelas raparigas da livraria eram tudo para mim. Havia algo de arrebatador no facto de estar de regresso ao mundo das mulheres, e não de alunas ou estudantes, mas mulheres. Elas eram elegantes e exóticas, e tinham um conhecimento inglês feminino que me parecia secreto e estranho. Certo dia, passei pela Rigby & Peller com a Sofia e ela contou-me que eram os fornecedores oficiais de roupa interior da rainha. Julguei tratar-se de algo que só ela poderia saber, mas depois descobri que a rainha tinha todo o tipo de fornecedores. Ela riu-se enquanto mo explicava, e entrelaçou o braço no meu, dizendo-me que nunca ninguém se mostrara tão interessado no que ela tinha para dizer. Era apenas uma rapariga elegante, como tantas outras em Londres. Talvez fosse suposto eu não gostar dela, por razões políticas, mas a distância entre nós fez-me apreciá-la ainda mais.

Convidou-me para a festa de Natal que deu em Earl's Court, e, quando lhe disse que ia passar o Natal a casa e que não podia, ela abraçou-me.

— Não, não pode ser — gemeu ela. — Tens de vir. Cancela, está bem?

Eu ri-me, a boca junto do cabelo dela, e disse que não podia e que o meu melhor amigo também iria passar o Natal a casa e que eu tinha de o ver. Ela largou-me e concordou, embora aborrecida.

Quando estava a fazer as malas para ir a Cork nesse Natal, olhei em volta e apercebi-me de que tinha uma vida.

O James estava em Nova Iorque, e era agora um membro permanente do programa noturno que lhe oferecera o estágio. Quase não escrevia, mas postava as suas piadas no Twitter, e estava a ganhar seguidores. Entrei no Twitter para ver o que andaria ele a fazer. Comecei a twittar em nome da livraria. Depois, fiz resenhas de livros para o blogue da livraria. Tratava-se de um estabelecimento bastante famoso, em moldes londrinos, e, por isso, acabaram por me pedir para enviar críticas de livros para revistas de *lifestyle* muito volumosas e que saem quatro vezes por ano. Uma irlandesa escreveu um livro que se saiu bem e o *The Times* perguntou-me se gostaria de a entrevistar. Oportunidades como aquela iam e vinham, nunca com grande regularidade, mas, ainda assim, permitindo-me fazer currículo. Criei um *site*, algo cujos anúncios diziam ser fácil de fazer, mas não era, e chorei três vezes enquanto tentava pô-lo a funcionar.

Comecei a frequentar o apartamento da Sofia em Earl's Court. Era dos pais dela. Contou-mo timidamente, com medo de que eu a odiasse por isso, mas eu estava demasiado feliz por ter uma amiga. Se os meus pais tivessem propriedades em Londres, eu também viveria nelas; portanto, para quê ser uma cabra sem qualquer motivo? Ela ficou encantada com isso e convidou-me a partilhar casa com ela.

A Sofia era minúscula e delicada, o que me fazia sentir-me estranha, pelo que cortei o cabelo bem curto e o descolei. Decidi ser uma rapariga alta, imponente e *sexy*. Lembrei-me do que o Carey me dissera, acerca de eu ter o corpo da Mulher-Maravilha. Depois de me ter mudado para Londres, não voltámos a falar. Havia acontecido demasiadas coisas. Porém, a forma como ele me via deixou uma

marca. Mudou para sempre o modo como me passei a ver.

O que não quer dizer que não fosse insegura. Havia tantas mulheres bonitas em Londres, e as dietas eram inúteis. Se não comesse hidratos de carbono três vezes por dia, não conseguiria acabar uma frase, ponto. Mas os homens nunca foram um problema. Namorei muito, fiz bastante sexo, o meu longo período de monogamia foi quebrado. Vestia-me como não teria coragem de me vestir na Irlanda: grandes estampados, cores berrantes, acessórios loucos. «As tuas roupas têm sentido de humor, não têm?», disse-me uma editora de moda certa vez.

Um jornal na Irlanda deixou-me escrever uma coluna de moda por cinquenta euros por semana, sobretudo para ridicularizar as tendências, que ainda hoje escrevo. Ajustaram o pagamento à inflação; ganho setenta e cinco euros por semana. Mas divirto-me e, por vezes, uma marca envia-me um cachecol. Portanto...

Deixei a livraria dois anos depois de ter começado a trabalhar lá, quando a única pessoa do meu grupo original era o Byron. Tinha a meu cargo a ficção, mas recaíam sobre mim demasiadas responsabilidades; os novos contratados eram mais jovens do que eu e senti que chegara a altura de seguir em frente. Tornei-me redatora numa revista chamada *The Chelsea Buyer*, dirigida por uma mulher que comia cavala diretamente da lata e cujo escritório era a cave da sua casa em Notting Hill. O James conseguiu a sua primeira piada na televisão. Tinha que ver com o fato em cores claras de Obama. Vi-a no YouTube, na manhã seguinte. Chorei e deixei-lhe uma mensagem de voz no telemóvel a dizer que estava orgulhosa.

Esse foi o primeiro ano em que tive dinheiro suficiente para o ir visitar a Nova Iorque. Levou-me a uma festa num armazém num bairro demasiado caro para ele lá poder viver, mostrando-me as coisas fixes que conhecia em Nova Iorque. Alugámos bicicletas e andámos na Ponte de Brooklyn. Perguntei-lhe se fazia aquilo com toda a gente que o vinha visitar e ele respondeu que sim. Eu sabia que ele estava cansado e que teria preferido ficar no sofá, mas que passara tanto tempo a queixar-se da Sabrina que se viu obrigado a provar que era divertido.

— Alguma vez tiveste saudades de Cork? — perguntou, na minha última noite. — E de conhecer pessoas?

— Eu conheço pessoas.

— Quero dizer, conhecê-las mesmo.

Eu pensava neles a toda a hora. Quando avistava homens altos com mulheres de cabelo escuro, quando encontrava antologias de poetisas irlandesas em segunda mão, quando alguém me perguntava sobre a universidade. Nunca falei a ninguém sobre os Harrington-Byrnes. De início, porque a ferida estava em carne viva, depois porque a história era demasiado complicada e, por fim, porque era tão irlandesa que me embaraçava. Não havia maneira de a narrar sem a parafrasear como um romance de Maeve Binchy. Uma jovem brilhante. Uma cidadezinha insular. Uma vida quase destruída por uma gravidez, mas não totalmente. Era humilhante. Depois de me instalar em Inglaterra, já não gostava assim tanto da Irlanda. Estava zangada com o aborto que me obrigara a extorquir os meus amigos e furiosa com o facto de o meu país me ter colocado nessa situação. Estava sempre à espera de voltar a ter notícias deles. Seria fácil contactarem-me. Tinha um *site*.

Comecei a cobrir histórias de abortos irlandeses para a imprensa inglesa, fiz algumas coberturas de férias no *Guardian*, consegui um emprego numa outra revista, com um escritório a sério. Não estava a ganhar muito mais do que na livraria, mas também não andava a gastar. Havia sempre algum evento onde se podia beber de graça.

Chegou às redações inglesas uma história sobre uma mulher irlandesa que morrera depois de tomar comprimidos abortivos ilegais.

— Porque é que ela não se limitou a apanhar um avião? — perguntou alguém.

— Porque custa dinheiro — respondi.

— Quanto?

Fiz as contas. Tentei que parecesse um cálculo mental e não um número que me habitara a cabeça nos últimos seis anos.

— Escreve sobre isso — pediu-me o editor. — «O Verdadeiro Custo de um Aborto Irlandês.» Hotéis, comboios, tudo.

Voltei a percorrer cada etapa, aquelas por que passara com o James anos antes, refazendo com clareza os meus passos. Perguntava-me se seria a altura certa para falar do assunto. Havia tanta gente a juntar a sua voz ao debate pró-escolha, mas eram todas mulheres melhores. Mulheres casadas com anomalias fetais fatais. Esse tipo de

coisas. Mesmo as mulheres que se assemelhavam mais a mim, as raparigas na adolescência e nos vinte e poucos anos que simplesmente não tinham prestado a devida atenção ao seu plano de controlo de natalidade, relatavam histórias semelhantes. Eis o arco tradicional do aborto: irem sozinhas para o aeroporto, passarem pelos manifestantes à porta da clínica, sentirem-se doridas e estranhas no *hostel* e depois no avião de regresso. Era mau, mas familiar, como um conto de fadas no seu estado mais selvagem e transcrito do original dinamarquês.

Além disso, a minha história não era a de uma interrupção voluntária da gravidez. A minha história era a de um aborto espontâneo, mas eu também não tinha lugar junto das mulheres que tinham perdido o bebé e que queriam ter filhos.

Escrever «O Verdadeiro Custo» provocou-me uma dor de cabeça tão lancinante que tive de pedir ao meu chefe para ir para casa. Outra pessoa acabou por fazer o artigo.

Um mês antes do referendo sobre o aborto na Irlanda, em 2018, o pulso começou a paralisar-me enquanto escrevia. Continuava a trabalhar num jornal, mas fazia trabalhos *freelance* à noite. Todos os jornais do Reino Unido queriam ter um artigo perturbador sobre uma mulher que recebera os restos mortais do seu feto num frasco de compota, e era minha função entrevistá-la. Primeiro, foi o pulso que me paralisou, depois os dedos começaram a ficar temporariamente presos numa posição de garra. Um dia, ao lavar o cabelo, descobri que não conseguia fazer espuma com os dedos e tive de espalhar o champô com a palma da mão. Comprei uma ligadura na farmácia, com tiras de velcro que me envolviam os nós dos dedos e às quais se colavam migalhas de comida e cotão.

Um dia, o meu editor viu-me a debater-me para vestir o casaco, a minha mão ligada a colar-se ao forro.

— Rachel, por amor de Deus — exclamou ele. — Vai a um fisioterapeuta.

Eu tinha quase a certeza de que a lesão fora provocada por teclar em más posições, na bancada da cozinha, na mesa de centro e na cama. Marquei uma consulta com um fisioterapeuta, mas só depois de o meu editor me confirmar que a pagariam. Arrastei-me a mim e à minha mão de velcro até Pimlico e sentei-me numa sala de tratamento com um modelo em fibra de vidro da coluna vertebral humana.

— Rachel Murray?

Olhei para cima, ainda com a mão aninhada na outra.

E ali, oito anos depois de me ter deixado em Shandon Street, estava o James Carey.

O James Carey, com trinta e cinco anos e rugas na testa.

O James Carey, com a estrutura de um *terrier* e igualmente vulgar, de algum modo mais largo e mais quadrado do que eu alguma vez o conhecera, o cabelo ruivo-aloiado mais curto, mas igual a si por inteiro, todo ele o Carey.

O James Carey, que certa vez me dissera que eu não compreendia o que era amar as pessoas, que dizia que, quando se amava alguém, se amava inteiramente.

O James Carey, o primeiro parceiro sexual com quem eu legitimamente tivera um orgasmo. Ei-lo ali, a segurar uma prancheta onde se lia que eu estava com problemas no pulso, não tinha historial de coágulos sanguíneos e não era alérgica à penicilina.

— Carey — disse eu.

Era como se a palavra tivesse aberto um portal e ele estivesse a decidir se o queria transpor ou não. Lembrei-me de que eu era a única pessoa a tratá-lo assim. Ele transpô-lo.

— Rachel — respondeu. — O teu *cabelo*.

Ainda estava curto, um pouco mais comprido do que um corte *pixie*, e de um loiro acinzentado.

— Cortei-o — disse.

— Quando?

— Hum... — Pensei cuidadosamente no assunto. — Em 2013?

Ele pousou a prancheta e começou a rir-se. Também me ri, por constrangimento. Não sabia ao certo do que nos estávamos a rir, se do meu cabelo se do ano de 2013.

— Bem, então, dá-me um abraço, sua tosca.

Ele cheirava a alguém que toma duche todos os dias e põe perfume, e quer a limpeza quer o cheiro eram-me tão estranhos que me perguntei se aquele seria mesmo o James Carey que me partira o coração. Mas o abraço continuou, e o meu nariz apanhou aquela fragrância terrosa ténue que habitava sob o corpo limpo.

Perguntei-me se ele estaria a fazer o mesmo, se essa seria a razão pela qual o abraço estava a durar mais uns segundos do que o de

velhos amigos. Perguntei-me se ele conseguiria encontrar a Rachel por baixo da paciente que acabara de lhe entrar no consultório.

Quando nos separámos, não conseguíamos parar de rir.

— Mas que raio vem a ser isto? — perguntei. — Porque é que estás a fingir ser o meu fisioterapeuta?

— Porque eu *sou* o raio do teu fisioterapeuta.

— Desculpa. Da última vez que vi o James Carey, ele trabalhava numa banca de pão.

Quase mordi a língua. Não, pensei. Da última vez que vi o James Carey, ele estava a olhar pela janela da Shandon Street, a pensar se restaria alguma coisa da rapariga que ele julgava amar.

— Nem sequer sabia que te interessavas por este... — fiz um gesto para o modelo da coluna vertebral humana — tipo de coisas.

— Eu sei, eu sei. Mas ou era isto ou a prisão, não era?

— Na verdade, imaginava algo mais glamoroso e sórdido; que irias beber até morrer debaixo de uma ponte.

— Era mesmo um caso assim tão desesperado?

— Pergunta-me o homem que roubava sal do Paul Street Shopping Centre.

— Meu Deus, Rache, quando fazia isso, sabia: esta rapariga ainda vai pôr isto num livro.

Sorri, felicíssima por vê-lo.

— Carey — disse —, o que estás a fazer aqui?

— Bem, de acordo com esta tabela, tenho de ver uma mulher com LER.

— O que é isso?

— Lesão por esforço repetitivo. De digitares, presumo? És escritora agora, ou algo do género? Trabalhas com livros, como querias?

— Jornalista — respondi. — Estou a fazer horas extraordinárias neste momento, a cobrir a reversão da lei.

Ele anuiu com a cabeça.

— As minhas irmãs estão a fazer muito por isso lá na Irlanda. Estão a conseguir que entre no Norte, sabes como é.

— As mulheres do Norte tendem a ser ignoradas neste debate — repliquei, parecendo que estava num painel para mulheres nos *media*.

— Sim, e ainda lhes dizem quão ignoradas são.

Rimo-nos de novo, espantados por podermos ser tão adultos um com o outro.

— Desculpa, mas *como* é que isto veio à baila? — perguntei.

— Pois é! Olha — disse ele —, tenho de ver o raio do teu pulso. Saio às seis. Queres ir beber um copo depois?

Eram quatro horas. Será que eu podia esperar duas horas pelo James Carey? Será que ainda era essa Rachel Murray?

— Na verdade, tenho de voltar ao trabalho — expliquei. — Mas posso encontrar-me contigo este fim de semana? Para pormos a conversa em dia?

Ele pareceu desapontado.

— Sim. Sim, sim. No fim de semana. Olha, dou-te o meu número e depois combinamos isso. Vamos ver o pulso, está bem? — Ele apontou para a minha horrível luva de velcro. — Tira essa coisa.

Perguntei-me se seria casado, se teria filhos ou uma namorada. Era um homem na casa dos trinta, e os homens na casa dos trinta nunca são solteiros, a menos que haja algo de errado com eles. Já o ouvira de muitas fontes fiáveis.

Ele sentou-se na cadeira diante da minha e pegou-me no pulso, o círculo quente dos seus dedos como uma pulseira.

— Ora bem, diz-me onde sentes a tensão — pediu-me ele.

Fui avançando pelos meus muitos padecimentos. Os dedos gelados, a dor no pulso, o polegar preso.

— Trabalhas demasiado — explicou, e era difícil dizer se se tratava da opinião de um fisioterapeuta ou da opinião do James Carey. — Relaxa o pulso — pediu, e eu fi-lo, os dedos apontando para baixo como num gesto homofóbico. Ele colocou a mão aberta diante da minha, a palma encostada aos nós dos meus dedos. — Agora faz força na minha direção.

Empurrei a minha mão contra a dele, as pontas dos meus dedos a roçar as linhas da palma da sua mão.

— Com mais força, vá lá. Com toda a força que conseguires.

Corei e perguntei-me se deveria pedir outro fisioterapeuta. Aquilo era demasiado estranho. Como um sonho que eu contaria ao James.

— Mais força. Vá lá, não estás a tentar.

O meu pulso estava a ficar cansado.

— Eu *estou* a tentar.

Ele passou o polegar da outra mão pelo meu braço, pressionando com força e massajando ligeiramente.

— Aqui — exclamou finalmente, triunfante. Pousou o polegar num ponto abaixo do cotovelo. — Este músculo aqui. Está inflamado.

Mergulhou mais o polegar, massajando o músculo que encontrara. Senti uma estranha libertação, como se algo tivesse sido quebrado, amassado e me inundasse o resto do corpo. O sangue subia-me e descia-me pelo braço até ao ombro, ao peito. Não conseguia olhar para o Carey, pelo que olhei para o modelo da coluna vertebral humana. *Beija-me*, pensei violentamente. *Fode-me no teu consultório esquisito*.

— Vais precisar de fazer exercícios — explicou ele. — Para fortaleceres os músculos nessa zona. E se puderes usar o comando de voz para escrever, será uma ajuda. Descansa a mão o mais que puderes.

— Nada de masturbar ninguém para arranjar *crack*, então — repliquei, e quis imediatamente atirar-me de uma ponte. Aquele tipo de deixas era do tempo em que eu o conheci. Uma piada do *South Park*, numa altura em que o *South Park* tinha alguma importância.

Ele riu-se, desta vez por divertimento, mais do que pela coincidência cósmica que nos juntara de novo.

Estraguei tudo, pensei. *Estraguei tudo, outra vez*. O Carey mostrou-me os exercícios e eu contei os minutos até poder sair dali e ligar ao James.

Mas, mal me levantei, o Carey, o fisioterapeuta, desapareceu.

— Vá lá, Murray — disse ele —, passa aí o teu número de telefone.

O Carey sugeriu que nos encontrássemos em South Bank no sábado ao meio-dia, o que me deu a entender que não estaria a viver em Londres há muito tempo. Encontrei-me com ele na banca de livros à porta do British Film Institute, onde ele estava a ler a autobiografia da Cher.

— Sabias que ela teve um caso com o Warren Beatty quando ainda era adolescente? — Foi a primeira coisa que ele disse.

— Ele não teve um caso com toda a gente?

— Eu sei, mas *mesmo assim*.

— Vais comprar isso?

— Não, vamos embora.

A minha consulta de fisioterapia fora na quarta-feira. Tivera muito tempo para pensar no James Carey. Tinha tido outros namorados desde então e seria fácil dizer que nunca significaram tanto para mim como o Carey, mas é claro que significaram. Significaram uma série de coisas, mas agora já não me lembrava de que coisas seriam. Naquele sábado, parecia que a minha vida amorosa fora mantida num protetor de ecrã durante anos. Eu estava a caminhar ao lado do Carey, o Carey, e sentia o coração a expandir-se e a ser esmagado ao mesmo tempo.

— Nem conseguia acreditar quando te vi no consultório — disse ele. Mãos nos bolsos, os olhos no chão. — Rachel. Foi como... Não sei, uma espécie de sonho lúcido.

— *Deves* ter sabido que eu estava em Londres — contrapus. — Eu é que fiquei surpreendida. Tu, que dizias que nunca irias querer viver em Inglaterra.

— Eu nunca disse isso.

— Ah, disseste sim. «Come Out, Ye Black and Tans» no metro. Disseste isso.

— Não me lembro.

— Mas *disseste* — frisei, um pouco enfaticamente demais. — *Disseste*.

— Bem, tu é que és a jornalista.

— E tu és fisioterapeuta? — Eu continuava perplexa com aquela reviravolta.

— És fisioterapeuta, ponto final, Sr. Carey. Não é «és fisioterapeuta», ponto de interrogação. Sei que a pontuação é tudo para vocês.

— Desculpa. Mas... desde quando?

— Julgavas que eu estava no meu cantinho em Derry, não era?

— Não — repliquei. Ele ergueu as sobrancelhas. — Mais ou menos — admiti.

— Olha, não te censuro. — Subíamos nesse momento por South Bank, onde um círculo de pessoas se juntava em volta de um homem a fazer *beatbox* a um microfone, e ambos nos esforçávamos por conseguir ouvir o outro.

— Quando é que começaste a formação? Deve ter demorado algum tempo.

A mãe dele morrera um ano depois de nos termos visto pela última vez. A seguir, ficara a viver com o pai. O pai, que era geralmente «enfermo», mas não particularmente doente, precisava de muita atenção para se manter flexível. O Carey levava-o à fisioterapia e trabalhava com ele os movimentos em casa. Descobriu que os seus sintomas de lúpus estavam a manifestar-se menos em resultado da fisioterapia e decidiu ir tirar um curso nessa área na Universidade de Ulster, fazendo o percurso casa-universidade várias vezes por semana. Em três anos, obtivera o diploma. Em quatro, estava a trabalhar em Derry. Passados cinco anos, começara a estudar acupunctura e, ao cabo de seis, o pai morrera, na sequência de complicações de um AVC.

— Lamento imenso, Care — disse eu. — É muita coisa.

— Sabes que mais? — respondeu ele, pensativo. — Quando se põe as coisas nestes termos, parece tudo terrível. Mas não foi assim tão mau, Rachel. A sério. Éramos muitíssimo felizes a viver juntos e nunca nos chateávamos. Divertíamos-nos muito. E Derry é linda. As minhas irmãs ajudavam-me, os meus sobrinhos são brilhantes e tinha muitos dos meus velhos amigos por perto. Namorei com uma rapariga simpática durante alguns anos. Uma nova profissão. Era muito...

— Consolidador? — terminei, com a respiração suspensa por causa da rapariga simpática, perguntando-me onde estaria ela agora.

— Consolidador — concordou ele. — Sim.

Estava um dia frio de primavera, e eu vestira-me para ser apreciada. Minissaia com padrão de leopardo, camisola preta justa de gola alta, casaco de cabedal. Estava a gelar, junto ao rio. Ele apercebeu-se.

— Vamos aqui? — perguntou ele, apontando para o Giraffe.

Ri-me.

— Ao *Giraffe*?

— O quê? Não é bom?

— Não. — Ri-me de novo. — Não sei. Nunca lá estive. É que... Não sei, é uma cadeia.

Mas o facto de o Giraffe ser uma cadeia de restaurantes não era razão suficiente para me negar a lá entrar, como teria acontecido com os meus amigos.

— Não posso acreditar — exclamei, pegando no menu — que estou no Giraffe, em South Bank, com o James Carey.

— Porque não?

— Porque é um sítio aonde se vai com um primo distante que está de visita — expliquei. — Não onde se vai com o ex-namorado que se tornou fisioterapeuta.

Havíamos chegado a meio de um *brunch* com bebida à discrição e estávamos rodeados de mulheres nas primeiras horas de uma despedida de solteira ou de uma festa de trigésimo aniversário, cheias de Bloody Marys e mimosas.

— Bem, caraças — disse ele —, se não as consegues vencer, junta-te a elas. O que é que achas, Rache?

— Há oito anos que não me vês e queres ir comigo a um *brunch* com bebida à discrição?

— Vais escrever sobre tudo o que fizemos hoje? — perguntou, mas de uma forma simpática.

— Não.

— Sempre a tomar notas — comentou ele.

— Como a Gestapo? — retorqui, uma frase que me andava na cabeça há cerca de oito anos.

Ele sorriu, e eu não sabia dizer se se lembrava de a ter proferido ou não.

— Como a Gestapo, sim.

Conversámos, comemos e bebemos *prosecco* regado com sumo de laranja. O Carey estava a viver em Londres há oito meses. Não sabia se queria ficar. Era uma cidade tão pouco amigável, dizia ele. E pretensiosa.

— Não, não é — ripostei com firmeza. — Londres é ótima. É fabulosa.

— Sim, mas isso vindo de ti. És demasiado londrina para comer no Armadillo.

— O que é o Armadillo?

— Não é onde estamos?

— Giraffe!

Contei-lhe o que o James andava a fazer e fiquei surpreendida por ele precisar de ser informado. Presumi que toda a gente sabia o que o James andava a fazer. Por aquela altura, era produtor sénior no programa onde começara a estagiar, leal até ao fim, apesar de ter recebido ofertas de outros sítios. A época entre temporadas era

suficientemente longa para que pudesse voar para Los Angeles e trabalhar em guiões, incluindo várias grandes comédias de que certamente já ouviram falar. É amiúde um dos cinco argumentistas por detrás de um grande filme com uma mulher engraçada e tem tantos seguidores no Instagram que por vezes faz anúncios.

— Meu Deus! — exclamou o Carey, recostando-se na cadeira de plástico. — Bem, ele iria sempre acabar por ser famoso, não é?

— Sempre julgaste isso? — perguntei, já a formular a informação mentalmente, como se fosse uma mensagem escrita para o James. — Suponho que sempre foi muito engraçado. E dedicado.

— E consegue enfeitiçar facilmente as pessoas, não é? — comentou o Carey.

O James, que tem tido inúmeros amantes na última década, nunca enfeitiçara ninguém de forma permanente. De tantos em tantos anos, faz uma tentativa pouco crente de relacionamento, mas normalmente cansa-se rapidamente da pessoa. Tem um grupo enorme de amigos em Nova Iorque e é tão dedicado a cada um deles como a mim. Está sempre a telefonar-me de um carro alugado, no qual invariavelmente está a ir para o norte do estado a um casamento, um funeral ou uma orgia de milionários.

— Como assim?

— Bem, tu.

— Achas que eu estava «enfeitiçada»?

— Sim.

— É uma forma engraçada de ver a questão — repliquei, ligeiramente ébria com as bebidas doces. — Não diria que estava «enfeitiçada». Apenas que ele era o meu melhor amigo. É.

Agora tinha a certeza de que o Carey se estaria a lembrar da nossa última ida ao bar, no dia da minha formatura.

Olhou para a ementa.

— Sou capaz de beber uma cerveja, agora, para quebrar com o açúcar.

Falámos da minha vida em Londres e do que ela me trouxera, mas o seu comentário sobre o James deixou-me um sabor acre na boca.

Como o James era agora bastante rico e famoso, por vezes convencia-me de que me ultrapassara e que eu era um parasita carente na sua vida, o tipo de pessoa triste que é levada a festas como

consolação e não porque pertença lá. Via o James nas redes sociais, a usar um fato numa festa da GQ e a falar com a Jenny Slate, e pensava: *Oh, acabou*. Fazia o luto da nossa amizade, em privado, e decidia não ficar magoada. Depois, inevitavelmente, ele telefonava-me a perguntar se eu achava que o Ben da livraria sempre fora *queer*, e eu apercebia-me de que estava louca.

Certa vez, confessei a um amigo do James, um belo rapaz gay chamado Phil, que muitas vezes não me sentia suficientemente boa para o meu melhor amigo.

— Oh, nenhum de nós se sente — replicou ele, descontraído. — O James pensa secretamente que deveria estar com um professor de Harvard ou algo do género, não é?

Aquilo surpreendeu-me. Pensei que significasse que o Phil sabia do Dr. Byrne, mas não. O Phil vira apenas a sombra do Byrne: a sensação errante do James de que um namorado deveria ser uma pessoa importante que nos dava lições sobre livros.

Ficámos no Giraffe durante muito tempo, até nos sentirmos inquietos, regressando à rua. Ainda não tínhamos falado sobre a única coisa que realmente interessava ao outro, e que era a dúvida sobre se ambos seríamos solteiros.

— Ainda não estou pronto para ir para casa — anunciou o Carey.
— E tu?

— Também não.

Ele pousou o braço em volta do meu ombro. Eu calçara sapatos rasos nesse dia, para não ficar muito mais alta do que ele. O Carey nunca se importara com esse tipo de coisas, mas talvez tivesse mudado e agora se importasse.

— Que raio — exclamou ele. — Nem acredito que estás aqui.

— Sempre estive aqui! — repliquei, rindo. — Estou cá há anos.

— Achas que estou muito diferente? — perguntou ele, e parecia quase ansioso com isso. Levei a pergunta a sério.

— Não sei. Sim. Acho que sim. Ou talvez seja eu quem está diferente. Não sei, agora tenho menos medo de ti.

— *Medo* de mim? Quando é que tiveste medo de mim?

— Sempre tive medo de que estivesses prestes a pisgar-te.

Ele empurrou-me, e eu oscilei, embatendo contra o corrimão junto do rio.

— Ei! O que é que foi isso?

— Eu nunca me pisguei. Estava contigo para a vida, Murray. Era obcecado por ti.

— Care, tu desapareceste literalmente.

— Isso foi da primeira vez. Nunca da segunda. Se considerares a totalidade da nossa relação, Rachel Murray, verás que, juntando tudo, eu é que andava sempre atrás de ti.

Abanei a cabeça.

— Não podes fingir que a primeira vez não aconteceu. Aquilo destruiu-me.

— Como é que eu poderia saber isso? — retorquiu ele. — Era tudo «eu e o James, eu e o James, eu e o James». Não parecias muito interessada em ter um namorado. Já tinhas um James. Foi a primeira coisa que me disseste.

Já ouvira aquilo antes, ou uma versão, mas nunca estivera em posição de acreditar.

— Era mesmo assim que te sentias? — perguntei.

— Eu não minto. A ti, nunca.

Muitas vezes passara semanas sem pensar no James Carey, mas nunca meses. Ele estava sempre algures em pano de fundo, um «e se» empilhado em cima de tantos outros «e ses». E se eu nunca tivesse engravidado; e se eu nunca tivesse perdido o bebé; e se os Harrington-Byrnes não me tivessem expulsado de Cork com o seu dinheiro e a sua rede de mexericos, quer reais quer imaginários.

Passeámos pela Parliament Square, e o Carey opinou sobre cada uma das estátuas. Tinha-as em bastante má conta, considerando que muitas das figuras haviam tido um historial terrível na Irlanda.

— Henry John Temple — anunciou. — Desalojou uma série de agricultores das suas terras, sabias, Rachel? Na altura da grande fome.

— A sério? — perguntei, olhando para a estátua. — Que idiota.

— Um homem terrível — disse ele. — Posso beijar-te?

— Estás a perguntar?

— Não sei, talvez tenhas um namorado, ou algo do género. Passei o dia a querer saber, e tu não disseste nada sobre isso.

— Bem, não tenho.

— Ainda não me disseste se te posso beijar.

— Achas que isso iria irritar o Henry John Temple? — inquiri,

olhando para a estátua.

— Oh, ele ficaria furioso.

— Bem, nesse caso.

Ele pousou-me as mãos nas ancas, tímido, de repente. Por um segundo, sentimo-nos dois adolescentes num encontro combinado pelos amigos na discoteca da escola. Trocámos um olhar de *bem, olhem para nós!*, e ele inclinou a cabeça, muito ligeiramente, para me beijar.

O beijo foi como... Como é que foi?

Foi como encontrarmos o nosso par de botas preferido debaixo da cama. Foi como encontrá-las no último dia do nosso contrato de arrendamento, com as caixas já na carrinha, tendo presumido que as tínhamos deixado em casa de um ex-namorado, ou que simplesmente tinham desaparecido por descuido nosso. *Oh, estas. Oh. Oh. Adoro estas.*

Quando finalmente parei de o beijar, passei os braços em volta da sua cintura e deitei a cabeça no ombro dele. O meu nariz escavou fundo para encontrar o cheiro antigo, as minhas mãos na ganga áspera do seu casaco. Sentira tantas saudades dele e nem sequer me apercebera.

— Carey — disse eu. — Carey, Carey, Carey.

— Querida — respondeu ele —, acho que já és um pouco velha para me chamares pelo apelido.

E assim, agora, toda a gente que eu amo se chama James.

Abril de 2022

Não chamámos James ao bebé, apesar de o James Devlin achar que era o único nome que fazia sentido.

— Eu só acho — disse ele — que deveria haver um *continuum* interminável de James a olhar por ti. Uma irmandade. Um pacto.

— Não.

— Uma alcateia de James. Um bando de James. Um *consórcio* de James.

Acabámos por lhe chamar Shay, diminutivo de Séamus, que era o nome do pai do James Carey. Assim que contei ao James Devlin, recebi a seguinte captura de ecrã da Wikipédia.

Séamus (pronúncia irlandesa: [ˈʃeːmˠəsˠ]) é um nome próprio masculino irlandês, de origem latina. É o equivalente irlandês do nome James. O nome James é a variante inglesa do Novo Testamento para o nome hebraico Jacob.

«Está bem», respondi. «Ganhaste.»

«A irmandade dos James dá as boas-vindas a mais um membro», respondeu ele.

Pratiquei centenas de vezes na minha cabeça contar-lhe sobre a doença do Dr. Byrne e, apesar de ter revisto uma miríade de formas — com muitas escolhas de palavras cuidadosas e delicadas —, ainda não lhe contei. contei ao Carey, o que marca uma estranha e importante estreia na nossa história: a primeira vez que lhe contei algo que não partilhara com o James. Aconselhou-me a esperar. Esperar até saber mais, esperar até que o James venha visitar-me no verão. Não é o tipo

de coisa que se queira vir a saber pelo telefone, diz ele, e eu concordo, sobretudo porque me permite fugir ao assunto.

E, entretanto, escrevi tudo. Disseram-me que escrever à noite me inflama a síndrome do túnel cárpico, mas ignorei este conselho, porque nos é permitido ignorar o fisioterapeuta quando estamos casadas com ele. De início, escrevi primeiro para o James, depois para a Deenie, com uma espécie de ideia de que o daria a um ou a ambos. Nunca o farei, claro — conseguem imaginar? O vosso marido em coma e alguém a dar-vos uma confissão de trezentas páginas?

Pergunto-me para que é que fiz isto. E depois olho para o James Carey, um homem amado com quase quarenta anos, e questiono-me: *Será que és capaz do mesmo tipo de traição? E se fores — será que eu mereço?* Tenho quase a mesma idade que a Deenie Harrington-Byrne tinha quando nos conhecemos, e que terá sempre na minha cabeça. A idade adulta incrível que ela e o Dr. Byrne ocuparam, a sofisticação fácil que ainda me parece estranha, mas que certamente deve ser observada pelas mulheres mais jovens do meu escritório. Serei a Deenie delas? Serei a Deenie de alguém?

Olho para o meu bebé e tenho a certeza de que é feito de veludo. Parece que se esqueceu de como se adormece e, por isso, estamos, inevitavelmente, os dois sozinhos à noite. Agarra-se aos meus cabelos, às minhas joias ou à alça do meu *soutien*. «Shhhh», digo, quase a articular o seu nome e a formular um pedido de silêncio. «Shhhh, Shay, Shay.»

Penso muito, na verdade, se o Shay será parecido com o bebé que eu teria tido em 2010, caso o meu cérebro ou o meu corpo estivessem à altura da tarefa de o manter.

Lembro-me, com uma clareza que me escapou durante anos, de como foram aqueles tempos. Quando os primórdios da minha primeira gravidez passaram por mim em coágulos e me senti como um animal que precisava de se arrastar para um sítio e morrer. A dor espalhava-se-me do ventre até às costas, passando-me por cada entalhe da coluna, ferindo-me na base do pescoço. Os dias na cama, o deitar os lençóis para o lixo porque estavam estragados, o dinheiro retirado do depósito da casa por causa do sangue que se infiltrara em profundidade no colchão, manchando as molas. O James Devlin, que entrava e saía com *waffles* de batata, *nuggets*, feijão em torradas. O

James, com o seu próprio coração partido, a cuidar de mim.

Esquecemo-nos da dor do parto. Mas também nos esquecemos de outros tipos de dor.

O Shay vai a Cork pela primeira vez. As irmãs em Derry estão tão habituadas a novos bebés que nem lhe dão grande importância. Mas, para a minha mãe e para o meu pai, para o Chris e o Kev, isto é novidade. Os rapazes ficaram ambos em Cork, licenciando-se mesmo a tempo de o dinheiro voltar, e ambos têm empregos na área da tecnologia. O Kev é agora bissexual e nunca se assumiu aos meus pais. Nem o escondeu. Toda a gente parece perceber sem que lhe seja dito, e, para ser justa com os meus pais, acho que eles se encolheriam se tivessem de discutir a vida sexual dos filhos.

Escrevo uma coluna sobre o que vestir ao bebé para conhecer os avós — devemos resistir à tentação de lhe pôr um chapéu estranho, ou será que isso irá parecer que estamos a compensar alguma coisa? — e dirigimo-nos para o nosso voo, vergados pelo plástico.

O meu pai vai ter connosco ao aeroporto e chora quando vê o Shay, dizendo: «Oh, meu Deus, olha para ele, olha para o pequenote, todo corajoso, meu Deus, Rachel, quem diria?» Informa-nos de que a minha mãe preparou uma grande festa lá em casa e que foi a Dunnes, mas, à parte elegante de Dunnes, pois hoje em dia compram-se coisas absolutamente fantásticas em Dunnes, certo?

Os meus pais acabaram por conseguir manter o consultório. Fizeram uma ótima linha de *botox*, enchimento, Invisalign e aparelhos de branqueamento dentário, que eu deveria *mesmo* ponderar usar. «Usa-o quando fores dormir durante duas semanas, Rachel», aconselha o meu pai. «Nem vais acreditar na diferença.»

Há, de facto, muita gente em casa. A minha mãe chora quando vê o Shay. O Kev e o Chris também estão emocionados. Por algum motivo, ainda lhes é permitido tratar o meu marido por Carey, ao passo que eu só lhe posso chamar James. Ele estava a falar a sério acerca disso, desde o início.

— Não podemos fazer isto — explicou —, a menos que seja uma relação completamente nova. Temos de nos conhecer de novo. Agora somos diferentes.

— Eu não sou diferente. E acho que tu também não.

— És muito diferente, Rachel, não te iludas. Só vais ficar

desapontada.

— Sou diferente em quê?

Ele apontou para as almofadas do sofá, de momento no chão.

— A Rachel Murray que eu conhecia não tinha almofadas no sofá.

— Não vou ficar desapontada.

Aquele olhar preocupado de novo.

— Isto não é um passeio pela estrada da memória, Rache. Para mim, pelo menos.

— Eu sei.

— Sabes *mesmo*?

— O James é muito inseguro. O Carey era um tipo muito descontraído, sabes?

— És tão glamorosa agora; nunca vou conseguir estar à tua altura.

— Pára! — pedi, e depois aconcheguei-me no sofá. — Vá, continua.

Eu não conseguia perceber porque é que ele era solteiro. Ao mesmo tempo, percebia perfeitamente porque é que ele era solteiro. Ele ainda não tinha noção do tempo. Continuava a não ser muito limpo, no fundo, embora tivesse mais jeito a manter uma fachada. Continuava a ter dificuldade em manter o interesse em qualquer coisa que lhe parecesse minimamente aborrecida. Saía de repente das festas, ou das conversas, por vezes de conversas que eu ainda estava a ter com ele. «Porque é que te foste embora?», perguntava-lhe mais tarde. «Oh, parecia que já sabias o que pensavas», respondia ele.

Ainda tem convicções profundas sobre o que é o amor e como este funciona.

Fomos viver juntos rapidamente, numa casa alugada, em Chalk Farm. Éramos melhores como namorados que vivem juntos do que alguma vez fomos enquanto apenas saíamos. Éramos pessoas de feijão nas torradas, de dois charros num sábado à noite, de ficar de vigia enquanto o outro mijava à vontade num passeio pelo campo. Era instantaneamente acolhedor, mesmo que ele continuasse irritante. Certa noite, não voltou para casa depois do trabalho e tinha o telemóvel desligado. Era o tipo de noite de verão que deveria ter sido passada a beber vinho no bar de um jardim, e ele estava a estragar tudo. Sentia-me ansiosa perante a possibilidade de ele ter perdido o

interesse e estar agora a fazer pouco da minha fidelidade. Encaminhei-me, infeliz, até à loja de conveniência, pronta para afogar a minha tristeza numa garrafa de vinho australiano, e encontrei o Carey sentado na rua, junto de uma caixa de livros grátis, com uma lata aberta de *Bulmers*. Eram quase nove da noite.

— Que raio estás a fazer aqui? — perguntei.

— A ler? — limitou-se ele a responder, tirando os olhos de um livro sobre polvos.

— Traz os livros para casa, então? São de borla. Estava preocupada!

— Temos livros suficientes em casa — disse ele. Levantou um saco de plástico preto com latas da loja da esquina. — Queres uma?

Então, sentámo-nos no passeio, bebemos sidra e vasculhámos os livros da caixa até ficar demasiado escuro para ler. O Carey podia ser aéreo e pouco fiável, mas não vivia com segredos. Não como eu vivia.

Contei-lhe a história toda: o exílio de Cork, todo o guião com os Harrington-Byrnes, o dinheiro do aborto que guardámos para emigrar. Vivíamos juntos há seis meses quando consegui reunir coragem para lhe falar sobre o assunto. Não por achar que ele me deixaria, mas porque não queria que odiasse o James.

— Meu Deus! — exclamou ele, maravilhado, como se eu estivesse a descrever o final de um programa de televisão que ele desistira de ver. E depois: — Gostava de ter sabido.

— Eu nunca te deixei saber nada.

— Não — concordou ele, puxando-me para junto de si. — Não, não deixaste.

Vamos estar na Irlanda por uma semana. Saímos com o carrinho de bebé e cruzamo-nos com todo o tipo de pessoas. Pessoas que foram para fora e voltaram, pessoas que insistem que a Irlanda tem as melhores escolas primárias e que não sujeitariam os filhos às escolas de Inglaterra. Ainda por cima com o horrível exame do quarto ano, que surpreendentemente é um tema de conversa comum entre os irlandeses.

É a primeira viagem que faço a casa em que não me preocupo com o facto de me poder cruzar com os Harrington-Byrnes. Ele está doente. É possível que esteja até morto. A Deenie não vai andar a vaguear pelas ruas de Cork. É a mulher de uma pessoa doente. Fazem coisas

diferentes.

Dois dias antes de partirmos para Londres, recebo um *e-mail*.

Querida Rachel,

Espero que não te importes que eu entre em contacto contigo. Sei que já passou muito tempo e que a última vez que nos vimos não foi em termos agradáveis. Também sei que isto é um eufemismo.

Talvez já saibas que o Fred não tem estado bem neste último ano. Tem sido um período difícil para ambos, e, embora eu tenha andado extremamente ocupada a cuidar dele, tenho tido tempo — decididamente demasiado tempo — para refletir.

Não quero preocupar-te nem incomodar-te, mas gostaria muito de encontrar uma maneira de falar contigo. Vi na tua coluna (muito engraçada) desta semana que estás a planear uma viagem a casa — talvez gostasses de te encontrar comigo nessa altura?

Parabéns pela tua carreira, que parece que tem sido emocionante. Li muitos dos teus artigos durante o referendo. Sinto-me orgulhosa por te ter conhecido.

Espero que este *e-mail* te encontre bem,
Deenie Byrne

Quando extorqui os Harrington-Byrnes, fi-lo com a convicção de que era a única coisa a fazer. O Dr. Byrne traíra-me a mim e ao James terrivelmente, e eu precisava do dinheiro para o aborto. Mas depois já não precisava dele para isso. Precisava dele, ponto final.

Foi essa desonestidade fundamental que me levou a acreditar que merecia os olhares estranhos na rua, as raparigas que me abordavam nos bares, o incidente na formatura. Que merecia o ódio dos Harrington-Byrnes. Portanto, rastejei para fora do país, envergonhada. Evitei pessoas de Cork e, por segurança, de toda a região de Munster. Durante anos, não houve no meu círculo um único irlandês, e eu acreditava que isso seria o castigo adequado pela forma como me comportara aos vinte e um anos, em 2010.

E agora sou editora de um jornal sobre os irlandeses em Londres, e

a Deenie Byrne quer falar comigo.

No momento em que decido que vou mesmo encontrar-me com a Deenie, o meu marido está a jogar golfe com os meus irmãos e os meus pais encontram-se a trabalhar. Isso significa que não tenho outra hipótese senão levar o Shay comigo.

Não sei como tem sido o percurso de fertilidade da Deenie Byrne desde a última vez em que estive com ela, mas algo no seu *e-mail* me diz que ainda não tem filhos. Mencionou que andava a «refletir» muito, o que suponho que qualquer pessoa possa fazer em qualquer altura, mas que me parece improvável se tiver uma ninhada de crianças com menos de dez anos.

Vejo-a a uma mesa, com um manuscrito diante de si, e estou novamente desempregada em 2010 e irada com ela por não me pagar mais de cinquenta euros por semana.

Está na casa dos quarenta e tem o mesmo aspeto. As raízes um pouco grisalhas, os seus olhos vitorianos com algumas rugas, mas ainda assim a Deenie. Pequena e robusta como uma joia. Eu ainda estou volumosa da gravidez, e as palavras *aluna gorducha com uma paixoneta* regressam-me à memória.

— Olá — cumprimento, fazendo uma cuidadosa marcha-atrás com o carrinho junto à mesa.

— Rachel — diz ela, levantando-se. — Oh, meu Deus, estás tão adulta!

— Obrigada.

Ficou pasmada com o Shay, e consigo ver o medo e a confusão a passarem-lhe pelo bonito rosto. Apesar de saber que agora tenho um filho, durante uns três segundos também ela está de volta a 2010. Fiquei com o bebé que lhe pertence, e aqui está ele. Pisca os olhos com força. E desperta.

— E quem é *este* homenzinho?

— É o Shay.

— Que idade...?

— Dez semanas!

— Oh, meu Deus! Ele é tão comprido.

— Eu sei, eu sei, é o maior da turma.

Sento-me enquanto a Deenie interage educadamente com o meu

filho, que está a dormir.

— Parabéns, Rachel. É lindo.

— Obrigada — respondo. — Lamento pelo Fred.

Da última vez que vi aquela mulher, ela estava a entregar-me um cheque de dois mil euros, e eu prometi-lhe que nunca mais me veria.

— Sim — diz ela, já habituada à empatia. — Tem sido difícil. Queres um café?

— Vou só beber uma água com gás ou qualquer coisa do género.

— Eu vou buscar.

Levanta-se rapidamente e regressa com a minha água.

— Durante anos, não me permiti pesquisar-te no Google — conta ela. — Mas depois vi o teu artigo no *The Irish Times*, durante o referendo. A entrevistar os prestadores de serviços de interrupção voluntária da gravidez ingleses sobre as mulheres irlandesas.

Assinto com a cabeça.

— Esse foi difícil.

Ela assente com a cabeça, em concordância.

— Estava muito bem escrito. Fico muito contente que as coisas te tenham corrido bem.

Quero ser paciente com a Deenie Byrne, mas não vou comparar LinkedIns com ela.

— Teria sido mais fácil se pudesse ter usado a minha experiência editorial — digo sem rodeios. Depois sinto-me mal. Afinal de contas, ela julgou que eu estava a ter um caso com o marido dela. E quem sabe até que ponto essa experiência teria sido útil? Será que o nome da Deenie teria significado alguma coisa para um editor inglês, quando tão poucas coisas irlandesas significam o que quer que seja para os ingleses?

Ela anui de novo, com os olhos a saltarem-lhe para o manuscrito.

— Tu...? — começa ela, depois detém-se. — Cobriste toda a questão do aborto por causa da tua própria... experiência?

— O quê? Não. Foi só... Era importante.

— Claro.

— E eu sou uma jornalista irlandesa em Inglaterra. Só há uns quantos temas sobre os quais querem mesmo que falemos.

— O tema do aborto?

— O tema do aborto, o do abuso de crianças, o ocasional «Dez

razões pelas quais as mulheres irlandesas estão na moda neste momento». São esses os principais temas.

Ela ri-se.

— Como é que ele está? — pergunto.

— Hum, bem, já saiu do coma.

— Oh, uau!

— Sim. Desde janeiro.

— E como é que ele...?

— Está muito diferente. — Di-lo como uma mãe que explica a timidez do filho a um novo professor. — Não o reconhecerias, julgo que não.

— Lamento, mas não sei bem o que aconteceu.

— Claro. É, ah, é uma coisa bastante rara. Estávamos a nadar.

— *A nadar?*

— Estávamos na Carolina do Sul, no ano passado. Para o nosso aniversário de casamento. Quinze anos. Fizemos uma viagem pelos estados do Sul. E estávamos num belo riacho, num grande parque nacional. Mais tarde, voltámos para o hotel e ele começou a vomitar. Julgámos tratar-se de uma insolação.

— Oh, meu Deus.

— Bem sei. — É óbvio que já tinha contado aquela história muitas vezes. As frases seguintes saíram num ápice. — Há uma espécie de ameba que vive na água, em qualquer água, a Carolina do Sul não tem nada de especial, e que entra na nossa corrente sanguínea através dos ouvidos e do nariz, e pode provocar uma infeção cerebral. Ora, foi isso que aconteceu. Ele foi hospitalizado e ficámos presos na Carolina do Sul durante semanas. Pensámos que ele ia morrer, e estar doente na América é, financeiramente, como ficar no Ritz Carlton e pedir tudo no serviço de quartos todas as noites, mas ele não morreu. Conseguimos trazê-lo de volta para a Irlanda. Havia momentos em que estava consciente, mas depois voltava a cair no coma. E piorava, e depois melhorava, a seguir piorava outra vez. Agora está consciente.

De todos os castigos que imaginei para os Harrington-Byrnes ao longo dos anos, nunca teria permitido que aquilo entrasse nem sequer nas minhas fantasias mais sombrias. Era demasiado cruel, demasiado invulgar.

— Deenie — digo —, lamento imenso.

Sentindo a dor no ar, o Shay acorda e começa a gemer. Aguardo um minuto, esperando que o som seja apenas reflexo de uma má posição e que ele encontre uma forma mais confortável de dormir. Mas ele não quer dormir. Quer estar comigo. Geme mais alto, pelo que o tiro do carrinho.

— Oh — diz a Deenie. — É tão pequenino.

— Não. — Rio-me, contente por ele estar a aliviar a tensão. — É muito comprido, lembra-se?

As mãos dele começam a fechar-se em punhos, e percebo que ele quer comer.

Será que posso mesmo tirar a minha mama cá para fora à frente da Deenie Byrne?

— Desculpe — digo, debatendo-me com a camisola e o irritante *soutien* de maternidade. — Importa-se que eu...?

— Não, por favor, Rachel. Está à vontade.

Sempre disse que não seria uma daquelas mães que põe um pano branco na cabeça do filho enquanto ele mama. Achava o gesto pudico e estranho. *Todos sabemos o que se passa lá debaixo!* Agora, odiava-me por não ser essa mãe. A Deenie Harrington conseguia ver o meu mamilo enorme e roxo.

Os lábios dele colam-se a mim. É embaraçosamente barulhento, e sinto-me a corar.

— És tão natural — comenta ela. — Uma mãe natureza.

Nunca ninguém diz «mãe natureza» a mulheres pequenas.

— Deves estar a perguntar-te porque é que eu queria falar contigo.

— Um pouco.

Ela permite-se olhar diretamente para o Shay, assim como para a minha mama.

— Tenho pensado muito em ti.

— Eu também pensei muito em si.

— Nunca aconteceu, pois não, Rachel?

Os meus braços imobilizam-se. O Shay sente-me a entesar e move os braços e as pernas em protesto.

— O que quer dizer com isso?

— Nunca foste para a cama com ele, pois não?

— Porque é que diz isso?

Encontro-me, uma vez mais, numa situação impossível com a

Deenie Byrne. Como é que o posso admitir agora sem lhe contar tudo? Será que ela já sabe do James Devlin?

— Traí-o — conta ela. — Anos mais tarde, traí-o. Com um homem que trabalhava comigo. Acho que o conheceste. Cabelo cor de areia?

— Sim, lembro-me. Aquele jantar.

Ela solta uma gargalhada.

— Sim, aquele jantar terrível.

— Mas o Fred apercebeu-se logo porque a forma como eu falava do Dominic mudou — continua ela. — Estava ali mesmo, à vista, na textura ou algo do género, como se cada frase tivesse novas saliências e ranhuras. Um mês depois ele disse-me: «Deenie, andas a dormir com ele, não andas?» E eu cedi completamente e assumi.

— Uau. Muito bem. Então, ficaram mais ou menos quites.

— Mais ou menos — responde ela. — O Fred não era um psicopata. Não é. A maneira como falava de ti, Rachel, quando estávamos em casa sozinhos. Todos aqueles meses em que tu andavas por lá. Era óbvio que gostava muito de ti, mas não é assim que alguém fala de um amante, mesmo de um amante secreto.

— Como? — pergunto.

— O que o atraíçooou foi o modo como gostava de ti. Estava sempre a dizer: «A Rachel é uma rapariga fantástica, a Rachel vai longe.» «Deviam dar uma oportunidade à Rachel.» «A Rachel escolhe os homens errados.» Era demasiado saudável. Se ele andasse a dormir contigo, nunca falaria comigo daquela maneira, pois não?

— Não — respondo. — Suponho que não.

Sinto-me como alguém que esteve no corredor da morte durante anos e experimenta um estranho alívio ao ouvir finalmente o seu número a ser chamado.

— Fizemos terapia. Trabalhámos no nosso casamento. Tornámo-nos pessoas melhores. Ele era tão bom com a minha mãe, Rachel. Não irias acreditar. — A voz quebra-se-lhe um pouco, impressionada com o marido no seu antigo papel de cuidador, e não como paciente. — Mas passados tantos anos, numa relação com abertura e a falar sobre os nossos medos, nem uma única vez obtive qualquer esclarecimento sobre o Incidente Chamado Rachel.

— O Incidente Chamado Rachel? — pergunto. — Foi isso que lhe chamou?

— Foi o que lhe chamei. — Ela encolhe os ombros. — Tem sido como o meu Triângulo das Bermudas, Rachel. Sei que ele desapareceu lá dentro, mas não sei como, nem porquê, nem o que significou para ele.

Anuo novamente com a cabeça.

— E agora não posso perguntar-lhe. Tantas recordações desapareceram. Tanta linguagem. Posso nunca vir a saber. Odeio o facto de te estar a perguntar, mas estou a perguntar-te.

— A perguntar-me o quê?

A Deenie passa o dedo pela circunferência do seu pires de café.

— Dormiste com o meu marido e foste amante dele?

Não tenho qualquer intenção de mentir à Deenie, mas não me sinto com forças para desconstruir esta realidade alternativa que aceitei para proteger o lado *queer* do Dr. Byrne e o anonimato do meu amigo.

— Não, nunca dormi com ele.

— Mas estavas grávida.

— Sim, estava.

— Do... Quem era o rapaz? Aquele que te acusei de teres inventado?

— O Carey — respondo. Então, lembro-me das regras, sobre não o tratar pelo apelido. — O James Carey. É meu marido agora.

Ela olha para o Shay.

— E ele...?

— Sim. É o pai do Shay.

— Ficaram juntos? Todo este tempo? Depois de...?

— Não, voltámos a encontrar-nos há uns anos. É uma longa história. Mas nunca estive grávida do Fred. Eu só estava... Estava a ser encurralada, e ele queria que a Deenie acreditasse que andávamos a dormir juntos, por isso decidi tirar o melhor partido da situação.

O corpo oscila-lhe para a frente, como se tentasse acenar com a cabeça, mas só conseguisse curvar-se. Um mundo inteiro desfeito num só fôlego. Graças a Deus, o telemóvel dela toca. As letras DOM surgem no ecrã. Ela franze o sobrolho e silencia a chamada.

— O Dom — digo. — É...?

— Sim — responde ela. — O Dominic. Aquele que conheceste.

— Então, ele ainda...?

— Sim. Mais ou menos. Estamos juntos.

Quero manter um olhar desprovido de qualquer juízo de valor. Afinal de contas, o marido mentiroso e traidor esteve em coma durante algum tempo e não voltaria a ser quem fora. Eu não fazia ideia daquilo com que ela estava a lidar.

— Ele ama-me, sabes? Na altura, também já me amava. Esteve casado antes, mas agora já não. Reencontrámo-nos, um pouco como tu e o teu Carey.

— E o Dr. Byrne? — Eu não estava em posição de o perguntar, mas já tínhamos passado por demasiadas coisas juntos. Precisava de saber.

— Bem, ainda somos casados. E eu sou a sua cuidadora, oficialmente. Mas eu e o Dominic vivemos juntos.

Não consigo resistir a querer saber mais.

— Filhos? — pergunto, sem muito tato.

— Ele tem dois. — Ela sorri. — Um rapaz e uma rapariga. São lindos. — Parece, por um momento, genuinamente feliz. O alívio inunda-me as entranhas, porque a Deenie deve ser uma boa madrastra. E, céus, como seria terrível ela ficar sem nada.

— Preciso de saber, Rachel. — Aguarda pela informação. — Rachel, por favor.

O Incidente Chamado Rachel. A ideia de ser uma figura nas suas vidas, da mesma forma que eles eram fantasmas na minha.

— Os recibos — insiste ela. — Eram de entregas para a tua casa.

— Sim. Mas não era eu — respondo com hesitação. — Era... era outra pessoa.

A inclinação lenta e oscilante outra vez. Qualquer cor que a Deenie tivesse no rosto pálido esvaía-se.

— Quem?

Recuo de novo doze anos, e estou sentada no sofá de Shandon Street, a chorar pelo meu coração partido. O meu velho professor aceita amavelmente a minha raiva por se ter atrevido a enviar-me um *e-mail* a alertar para o facto de me retirar pontos por atrasos nos trabalhos quando andava a usar a minha casa para ter sexo. O James encosta-se à parede da sala de estar, pedindo severamente ao Dr. Byrne para ser mais amável comigo. *Porque é que ninguém me ama assim?*, pensara eu. *Porque é que eles conseguem fazer com que as coisas*

funcionem, e eu não?

Mas aquilo não era conseguir nada. O que veio depois é que seria. O que quer que a Deenie e o Dr. Byrne fizeram, disseram ou prometeram no longo casamento que se seguiu a mim e ao James. Uma história que eu nunca saberei.

Volto a pôr o Shay no carrinho. Brinco com as correias, as presilhas, o pequeno chapéu.

— Não lhe posso dizer isso — explico. Abro a minha mala, tiro uma caneta e um papel. — Não é a minha história.

Anoto o nome dele e o seu endereço de correio eletrónico. Também sei como fazer com que as coisas funcionem.

Profiro a frase que tenho vindo a dizer há anos, cada vez com mais orgulho. Rasgo o pedaço de papel do bloco de notas e dobro-o num quadrado.

— O meu melhor amigo chama-se James Devlin — digo, fazendo deslizar o pedaço de papel na direção dela. — É um escritor que vive em Nova Iorque.

Agradecimentos

Este livro foi escrito durante a altura mais fria e triste do confinamento de 2021, e enquanto eu estava a tentar cumprir o prazo de entrega de outro livro. Dizem que nunca se deve abandonar um projeto a meio em benefício de outro. Pois bem, às vezes, é preciso. Este é um exemplo disso.

O Ryan Farrell não é o James Devlin, mas têm alguns aspetos em comum: obrigada por me deixares escrever sobre esses aspetos.

Obrigada à Ella Risbridger, que leu todos os rascunhos deste livro, mesmo quando este se intitulava *Frogger*. Não sei mesmo como conseguiria acabar um livro sem ti.

Obrigada à Dolly Alderton, que me ensinou que os momentos menos grandiosos podem ser cinematográficos.

Obrigada aos dois únicos grupos de WhatsApp a que alguma vez responderei: The Tub e Monica's Ass.

Obrigada à Sarah Savitt por me ter deixado escrever este livro em vez do outro que prometi escrever, mas não escrevi. Obrigada à Bryony Woods e ao Andrew Mills por representarem este livro como se fosse o seu primogénito. Obrigada à Clare Gordon por ter sido a parteira de última hora deste livro. Obrigada à Jenny Jackson por ter visto o seu potencial.

Obrigada, como sempre, a toda a equipa da Virago. Obrigada também ao Page Boy, cujas notas inteligentes sempre me ajudaram a ver o meu próprio trabalho com mais clareza e, por vezes, resultaram em algumas alterações de última hora. Obrigada à minha família por estar sempre presente. Obrigada a todos os que fizeram com que aqueles anos de Cork valessem a pena: todos os que trabalhavam na

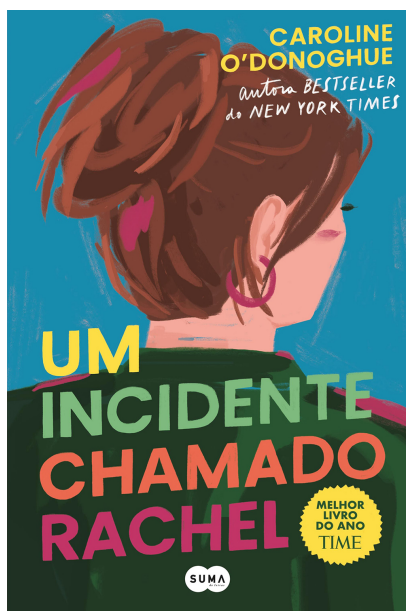
HMV, todos os que vieram visitar a nossa estúpida casinha, todos os que trabalhavam no The Bróg, todos aqueles a quem roubei uma bebida.

Obrigada ao Gavin Day por ter sempre tempo para me dizer o que existe na cabeça de uma baleia.

Os agradecimentos são a parte do livro em que se deve realçar tudo o que foi necessário para a criação da história. Um facto triste deste livro é que ele gira em torno do acesso — ou da falta dele — aos cuidados de saúde reprodutiva. Com isto em mente, por favor, considere doar o seu tempo ou dinheiro à Planned Parenthood, à BPAS ou a qualquer instituição de caridade que ajude esta causa.

Sobre este livro

Uma história genuinamente engraçada e perspicaz sobre um amor inesperado, os segredos que nos unem e os limites a que chegamos por aqueles que amamos



Rachel é uma estudante de vinte e um anos que trabalha numa livraria quando conhece James, com quem desenvolve uma intensa amizade. James convida, então, Rachel para partilhar uma casa consigo e os dois dão início a uma amizade que mudará o rumo das suas vidas para sempre.

Quando Rachel se apaixona pelo Dr. Fred Byrne, o seu enigmático e casado professor de Inglês, James ajuda-a a conceber um plano com o

objetivo de ela o seduzir. Mas, à medida que as vidas de Rachel e James se entrelaçam cada vez mais com as do Dr. Byrne e da sua glamorosa mulher, eles serão confrontados com escolhas impossíveis, e um segredo chocante ameaça tudo o que lhes é querido.

Sobre a autora

Caroline O'Donoghue é uma autora *bestseller* do *New York Times*, com livros de ficção para adultos e jovens adultos publicados em mais de vinte países.

Começou a sua carreira como jornalista, tendo escrito para o *The Times*, o *The Guardian* e para a maior parte da imprensa irlandesa. É também argumentista e tem um *podcast* de enorme sucesso — *Sentimental Garbage* —, que já foi premiado e cujo número de *downloads* já ultrapassou os cinco milhões.

Um Incidente Chamado Rachel tem sido amplamente elogiado pela crítica, foi traduzido para catorze línguas e os seus direitos televisivos já foram comprados pela Universal Studios e pela Page Boy Productions.

Caroline nasceu em Cork, na Irlanda, e vive atualmente em Londres.

Saiba mais sobre a autora:

www.czaroline.com